MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

Tabitha King

AS MINIATURAS DO TERROR



Francisco Alves

Miniaturas do Terror - Tabitha King

O mundo de Dorothy Hardesty Douglas vinha encolhendo constantemente desde o dia em que, acompanhada por seu pai, o presidente, brincara pelos aposentos históricos da Casa Branca. Agora, na meia-idade e viúva, ela vive dentro da hermética redoma de seu próprio legado, recriando obsessivamente em miniatura aqueles aposentos perdidos. A única coisa que a réplica perfeita da Casa Branca de Dolly carece são moradores. Surge Roger Tinker, cientista herético e sexualmente inexperiente, que tem o poder de dar a Dolly o que ela quer e algo mais que ela achava que poderia dispensar. O decorrer de seu estranho caso de amor inclui a pilhagem de um museu, o roubo de um monumento nacional e o seqüestro e maltrato de Leyna Shaw, encantadora jornalista da tevê.

Leyna esquecera-se por que Dolly a odeia, mas logo descobre que o ódio de Dolly é

capaz de matá-la. Aprisionada na Casa Branca em miniatura, Leyna descobre que, além de sua vida, outras coisas estão em perigo.

Dolly ainda nutre algum interesse pelo mundo maior. Seus dois netos estão sob a custódia de sua ex-nora, Lucy, a qual se apaixona pelo ex-amante de Dolly, Nick Weiler. Dolly determina que eles também devem ser prisioneiros de seu pequeno mundo. Só que Roger Tinker pensa diferente.

TABITHA KING vive no Maine e é mulher do autor de best-sellers, Stephen King. As Miniaturas do Terror é seu romance de estréia.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Miniaturas do Terror

Tabitha King

(esposa do escritor Stephen King)

para o Lobisomem, com amor

Gostaria de agradecer a valiosa assistência de minha irmã Catherine Graves e seu marido, David; de Chris Lavin, dos escritórios do então Senador Edmund Muskie, de minha irmã Stephanie Leonard; de Kirby McCauley e sua irmã Kay

MeCauley; e de meu marido, Stephen King.

O Dalton Institute também tem minha eterna gratidão pela atenção de seus funcionários.

O único meio de descobrir os limites do possível é ir além deles através do impossível.

- Segunda Lei de Clarke

Qualquer tecnologia superficialmente avançada é indistinguível da magia.

- Terceira Lei de Clarke

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Sumário

Sumário..... 3

Capítulo 1 6

Capítulo 2 24

Capítulo 3 43

Capítulo 4 57

Capítulo 5 73

Capítulo 6 87

Capítulo 7 108

Capítulo 8
..... 123

Capítulo 9
..... 155

Capítulo 10
..... 172

Capítulo 11
..... 191

Capítulo 12
..... 207

Capítulo 13
..... 227

Capítulo 14
..... 246

Capítulo 15
..... 272

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Em todos os anos trabalhando na Casa Branca, todos os anos bancando o irmão, o pai, o padrasto, o titio e o vovô, ela era, pensou Leonard Jakobs, a criança mais infeliz que ele já encontrara. Como muitos dos ricos e brancos, a criança parecia não saber como ser feliz. É bem verdade que a mãe bebia às escondidas e o pai não tinha tempo algum para ela, mas e daí? Não eram apenas os brancos e ricos que não amavam seus filhos o bastante. Mas algumas crianças superam isso e outras não.

Essa puxou a ele. Ela era uma coisinha atraente, mas jamais sendo de uma beleza sincera. Não, parecia-se com seu pai e, mais cedo ou mais tarde, provavelmente quando fosse uma mulher velha, o pai que tinha em si acabaria aparecendo. Entretanto, era rija e obstinada como ele e isso não era ruim de todo. Um pouco de obstinação abre caminho nesse mundo.

A desesperança possui-o. A sensação de que essa pobre coisa já estava perdida quase antes de ela ter começado, como uma cria estúpida e magra cuja mãe nunca lhe dá leite suficiente, mas sim muitos pontapés e que provavelmente é atropelada por um enorme caminhão na primeira vez em que se aventura a sair.

Havia muito pouco que ele pudesse fazer por ela: brincar com ela, fazê-la sorrir quando a encontrava no decorrer de seu trabalho. E poderia fazer por ela o que fizera por uma dúzia de garotinhas durante esses anos: usar os dons que o Senhor lhe dera para fazer para ela uma lembrança de seus tempos ali, naquela grande casa.

Ele nunca antes havia construído algo assim, de modo que estudou sobre a coisa em um dos guias da Associação Histórica, que sempre continham velhas plantas. Leu repetidas vezes uma passagem:

E uma clara visão do século XVIII, baseada na então visível e divina ordem do universo. O quadrado da construção é quebrado simetricamente pelos pórticos: o arco sensual do sul, um alpendre frontal de austeridade clássica ao norte, ambos compostos por colunas lisas e autoritárias. O detalhe que perturba as linhas severas é, por seu turno, purificado pela cor branca que a idade suavizou em um creme. E um sonho materializado da República.

As caprichosas palavras mostravam-se difíceis de serem compreendidas, ele pensou, sentindo que aquilo era especial, único, quase vivo. Era um lugar triste; casa de ninguém para todas as pessoas que lá viveram em seu tempo. Eram oito os homens que haviam morrido sob seu teto simbólico; ele não era o único funcionário antigo que sentia a fria presença deles nos quartos.

Durante todos os meses de trabalho paciente antes do aniversário da criança, ele refletiu sobre essas questões e confiou no Senhor. Essa casa, essa imagem da Grande Mansão, sempre daria alegria, prazer e deleite para as crianças que brincavam com ela, pois são essas coisas que o Senhor acha que as crianças aprendem coma brincadeira., Miniaturas do Terror - Tabitha King

No final, o Senhor humilhou-o por seu orgulho no trabalho e fez com que a criança rejeitasse a casa de bonecas que ele construíra para ela. Leonard Jakobs sufocou seu desapontamento decidindo que se, em seu infortúnio, a criança rejeitasse seu presente, ele não rejeitaria o do Senhor: Talvez, o Senhor abençoasse a tempo sua filha Dorothy, com Ele o abençoara.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 1

O QUE ACONTECEU À PRINCESA DOLLY?

... desapareceu na terça-feira passada. O outrora notório retrato nu feito por Sartoris de uma filha de Presidente na idade de quinze anos tomou-se um instantâneo nostálgico do álbum de família...

28/3/80

- *VI Perpetrações, VIP*

Sinos repicavam um toque suave. Roger Tinker estava sozinho em uma cela de três lados, um componente num labirinto de favos de divisões que mostravam a coleção do museu. Entrando pelas clarabóias, a luz tinha a opulência de mel do fim da tarde.

Partículas de pó flutuavam através de difusas correntes douradas e desapareciam nas angulosas sombras das paredes. Os murmúrios dos visitantes que iam embora e os "bons dias" dos funcionários penetravam o silêncio eclesiástico qual orações abafadas.

Agarrando com mãos suadas a carteira, Roger sussurrou sua própria oração de graças levemente blasfema. Encarara a pintura da moça durante tanto tempo, que a imagem dela dissolvera-se diante de seus olhos em várias manchas ácidas. A umidade gotejava em suas axilas que coçavam impiedosamente.

Ele deu alguns passos para trás tencionando olhar outros quadros. Com saltos que ainda eram um pouco duros e apertavam no dorso do pé, ele sentia-se como que caminhando no espaço. Hesitou em fazer uma pausa em frente de uma enorme moldura dourada que cercava comicamente quase 1 metro quadrado do retrato rudimentar de um cachorro.

Roger tinha certeza de que ele mesmo poderia fazer um cão melhor, com uma mecha de algodão entre seus dedos.

O ar subiu furtivamente por suas pemas não depiladas, como um rato que galga o relógio. Ele estremeceu. O náilon murmurou entre suas pernas quando ele

mudou seu peso de um pé para o outro. Mordeu os lábios, provou o batom e afligiu-se com o que estava vestindo. Merda. Deu-se uma sacudidela mental.

Os sinos tornaram a repicar. Uma rápida olhada em volta do teto confirmou que nenhuma câmara brotara ali desde a última vez que inspecionara, havia cinco minutos.

Um punhado de guardas de cabelos brancos, com enormes barrigas encerradas em uniformes escarlates e com a aparência de um bando de Papais Noéis fora de época, andou através do labirinto pela última vez. Sua atenção estava fixada na saída principal e nos relógios de pulso.

Roger moveu-se descuidadamente para o lugar de vigília diante do Princesa Dolly.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Tornou a mirar fixamente os olhos de pálpebras pesadas. A boca era larga, porém mesquinha. De lábios estreitos. De repente, Roger viu o quadro com os olhos do pintor.

Desapareceu o fundo do seu estômago. Ele fechou os olhos em um espasmo de autodefesa. Tarde demais. Ele sentiu-se endurecendo.

Os sinos interromperam o transe. Terceira vez, hora de fechar. E hora de Roger. Ele sugou uma funda e trêmula respiração. Levantando a bolsa à cintura, ele apalpou-a por dentro, como que procurando um tecido.

- Queijo - sussurrou.

Fora um choque a primeira vez em que estivera diante do espelho de corpo inteiro de sua mãe. Não parecia-se com Roger Tinker em atração. Ele era algo diferente, uma outra pessoa. Uma mulher. Não bonita, apenas uma desalinhada e comum matrona, mais para o masculino. Mas mesmo assim, uma mulher. Mesmo depois de tantas vezes, era embaraçoso vislumbrar seu próprio reflexo. No entanto, ele tinha de olhar, tinha de ver esse outro Roger.

Uma hora após roubar o quadro, ele encontrava-se novamente diante do espelho. Ainda estava excitado. Mas logo sua mãe estaria em casa e ele tinha de ser ele mesmo de novo.

Ele tirou a jaqueta e a saia longa, a blusa e a combinação. Dobrou-as cuidadosamente, guardando-as na caixa da loja de departamentos onde as comprara.

A vendedora do departamento de roupas era magra, de idade avançada e ansiosa por fazer uma venda. Não havia nenhum fingimento nas maneiras desajeitadas de Roger.

Ele a deixara tagarelar, confortar e admirá-lo por ser tão cuidadoso com seu mutismo de mulher de meia-idade. E ela não teria adorado essa roupa de três peças, que caía tão bem na silhueta de uma mulher velha e que também era tão chique? Roger se fora com um sorriso malicioso nos lábios e a caixa de roupa debaixo do sovaco suado, após ter sido manobrado pela velha boneca para comprar justamente o que queria.

Durante um curto lapso de tempo, ele admirou o seio artificial no vidro. Sua própria criação de espuma. Experimentando o sutiã de sua mãe, ele descobrira que era impossível encaixar e desencaixar a abertura traseira. Ou havia algum truque especial, algum segredo da irmandade, ou as mulheres tinham uma junção extra entre os braços.

Havia sido um grande alívio encontrar um abridor frontal.

Ele livrou-se dos saltos altos com um chute e tirou a meia-calça. Finalmente, chegou à

calcinha azul de náilon com um segunda-feira escrito no quadril esquerdo com linha cor-de-rosa. Na verdade não era segunda-feira; era terça-feira. Mas Roger gostava mais da azul do que da calcinha da terça-feira (que era amarela com a escrita em laranja), e de certo modo a mãe de Roger nunca pensara em dizer-lhe que dava má sorte usar a calça do dia errado.

Após vesti-la, ele teve certeza de que as mulheres deviam pensar todo o tempo em seu púbis. Não era de se admirar que nenhuma delas pudesse somar e subtrair sem a ajuda de uma calculadora. Na primeira vez, ele dera uma terrível mancada. Acostumara-se à

sensação depois de algum tempo, mas a lâmina de náilon sobre suas partes sensíveis Miniaturas do Terror - Tabitha King

estava sempre ali... uma pele secreta de excitação.

A mulher jovem e bem sisuda do departamento de lingerie estava acostumada com homens embaraçados fora de seu meio. Ela batera pesadamente os olhos empoados em cima de Roger e seus longos e delgados dedos com unhas pintadas de modo extravagante deslizaram por todas as coisas sedosas com um som que o fizera estremecer. Ela sorrira astutamente para ele, enquanto Roger preocupara-se, com a excitação da culpa formando um nó em seu ventre, de que ela sabia.

Ele jamais deveria ter comprado todo o salário de uma semana. Foi um impulso nervoso, uma idéia maluca de que era mais plausível que estivesse comprando para alguma esposa mítica ou namorada se comprasse todo o pacote ao invés de apenas um par. De modo que agora ele tinha uma calcinha branca, com o domingo em rosa; e uma rosa, com o quarta-feira em amarelo; tinha a calcinha quinta-feira em verde, com letras em branco; e a sexta-feira negra com o escrito em vermelho e o contrário, letras negras sobre vermelho, para o sábado. Toda essa idéia de mudar a roupa de baixo a cada dia era tão feminina e tinha sua graça, assim como escrever os dias da semana delicadamente em cada par. Talvez isso as ajudasse a se decidir.

A peruca cinzenta foi para sua própria caixa. Tivera uma dor de cabeça para colocá-la, teve de dar uma risadinha, de qualquer modo aquilo não era ele. Será que a vendedora do salão de perucas não teria dito justamente isso, de modo bem sarcástico? Roger vira de imediato que ela não acreditara numa palavra de sua história sobre a festa a fantasia.

Ela lançara-lhe uma olhada e, aparentemente, classificara-o como alguém com tendências sexuais questionáveis, que provavelmente cantava menininhos para o almoço. Roger sofrera a desaprovação colérica dela até obter o que queria.

Sua mãe costumava dizer com referência às brigas das novelas da tardinha que "os medrosos nunca vencem as donzelas belas". Roger dissera para si mesmo que "o medo tampouco torna alguém belo" e pronunciara com afetação e maldosamente, piscando os olhos claramente para a puta velha, enquanto ela se transformava em uma satisfatória sombra de gerânio, bem vermelhinha.

A maquilagem foi um puro esfrega-esfrega. Borrou em volta dos olhos e manchou os lábios com um vermelho fantasmagórico. Ele não poderia dar-se ao luxo de que a mãe percebesse aquilo. Ela haveria de urinar-se. Ele sorriu ao

pensar em sua mãe descobrindo suas mamas de borracha e sua coleção de calcinhas.

Por fim, seu rosto estava limpo, com exceção de algumas chagas em volta dos olhos e lábios. Era uma desconcertante visão nua. Ele atirou em uma bolsa de papel a velha maquilagem e os sujos chumaços de algodão que usara para a limpeza e enfiou-os na caixa da peruca, junto com os sapatos de salto alto e a meia-calça.

Suas roupas estavam empilhadas desordenadamente em cima da cama de sua mãe. Já

estava a meio caminho delas, pescando sua roupa de baixo, quando compreendeu que ainda estava vestido com a calcinha azul da segunda-feira. Possuído de repentina fúria, ele livrou-se com um chute de sua bermuda. Puxou vigorosamente a calcinha, agarrou-a em um pé e, durante um instante, ficou dançando qual um pássaro perneta para manter o equilíbrio. Era enfurecedor isso de estar levando rasteira de uma tira estreita de náilon.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Uma vez fora dela, ele amarrotou-a e empurrou-a para dentro da caixa de roupa.

Com urna sensação quase física de alívio, vestiu suas calças usadas e a camiseta de super-homem. Deu sumiço nas roupas ilícitas, enfiando-as em um armário de seu estúdio no sótão. Sobrava apenas o tempo suficiente para uma rápida inspeção no quarto de sua mãe e no banheiro, para assegurar-se de que não deixara nada incriminador, no momento em que ouviu o carro dela na estrada. Ele ligou a televisão na sala de estar e arrastou os pés até a cozinha para cumprimentá-la quando ela abriu a porta dos fundos.

- Olá, mamãe - disse ele segurando a sacola de mantimentos que ela trazia.

Ela ofereceu-lhe uma face suave, lisa como um pêssego e de cheiro doce.

- Bem - disse ela alegremente - temos ou não temos o olho vivo e o rabo espesso?

Roger beijou-a e esvaziou os mantimentos em cima da mesa da copa.

- Claro - concordou ele abrindo a geladeira - claro que temos.

Após a janta, Roger instalou-se diante da televisão. A mãe trocou a cinta por um confortável robe e reuniu-se a ele. Sentaram-se com um silêncio tranqüilo, fixados na luz azul da televisão parecida a algum análogo sobrenatural de âmbar.

Roger deu a mínima atenção necessária às notícias da noite. O mundo estava indo para o inferno em uma cestinha de mão. Havia sido assim toda a sua vida. Não tratava-se de nenhum milagre de verdade, pelo que ele podia ver. Era uma questão de voto da maioria, não era? A maior parte da população tanto podia estar morta como não.

A moça que o atendera no magazine de descontos era um desses zumbis. Ele não precisava preocupar-se com sua esmerada lista, que terminara em Tampax por causa da verossimilhança. Ela teria retirado todas as suas bolinhas de gude liquidando o jogo antes mesmo de Roger haver ido ali. Ela olhara para ele, para qualquer um que entrasse, como se já fossem fantasmas. Assim como a lista dele era um embuste pela omissão, o mesmo era a vida dela. Não importava para ela se ele era um pervertido que molestava crianças, o presidente ou Jesus Cristo em cima de um carrinho de rolimã, de qualquer modo teria se divertido com a coisa.

O último item das notícias locais interrompeu suas lembranças amargas. Parecia que naquela mesma tarde havia ocorrido um outro de uma série de roubos de arte. O locutor falara bem animadamente sobre isso, como se ele tivesse inventado pessoalmente o que chamara de "um outro furto chocante". Descobriu-se que havia desaparecido da Coleção Appt, instalada no Museu Feero de Arte Moderna, uma famosa pintura de Leighton Sartoris, por muitos considerado o maior dos artistas vivos do mundo. Ninguém testemunhara o furto ou havia visto o criminoso. A polícia descreveu a segurança do museu como "frouxa" e o administrador do museu avaliara a obra em três quartos de milhão de dólar. Claro, era o retrato pintado por Sartoris em 1950 de Dorothy Hardesty Douglas, filha do então presidente Michael Hardesty.

A mãe de Roger emitiu um "tsk-tsk" ao ouvir a avaliação. Proferiu uma porção de "tsks"

durante as notícias. Roger não prestou mais atenção. Quando alguém emitia esse "tsk"

de impaciência tanto para a fome quanto para um ato de apropriação indébita, Roger recusava-se a levar essa interjeição a sério. Ele reclinou-se no assento saboreando a palavra "furto".

Até esse momento, ele pensara na coisa como uma travessura. A verdade era que o ponto mais difícil havia sido a compra. Levara dois dias para encontrar os sapatos e bolsa certos. O caixeiro cabeludo de uma sapataria divertira-se com sua história da festa a fantasia e fizera uma busca minuciosa no depósito para descobrir um par de escarpins negros de couro envernizado, que se ajustasse aos pés curtos e largos de Roger. A carteira havia sido um achado, um tesouro escondido debaixo de uma pilha de bolsas encalhadas, que saíram de moda havia muito tempo, em uma loja de descontos.

Seus pés doeram de tal maneira que ele não pôde experimentar todo o traje de uma só

vez. Enquanto banhava os pés e assistia a espetáculos de passatempo, Roger refletira sobre o que havia aprendido. As mulheres eram mais resistentes do que ele imaginara; elas penetravam no incrível caos do universo dos retalhos, obtinham o que desejavam e saíam dali com vida. Aparentemente, até mesmo gostavam disso.

E então ele provou o novo guarda-roupa. De repente, vendo-se no espelho, ele descobriu que havia algo mais naquilo, mais do que apenas roupas e maquilagem. Havia uma postura, uma maneira de manter o corpo, a expressão do rosto, uma maneira de se mover. A própria idéia de disfarçar-se de mulher revelou-se como um complexo perigoso.

Ele sentira-se desesperadamente ignorante. As roupas haviam sido sempre apenas roupas, algo com que cobrir os lugares onde degradara-se o gosto de Deus. E as mulheres... bem, havia sua mãe e esse era o âmbito de suas relações com a outra metade. Entretanto, ele mergulhara de cabeça no projeto, na sua travessura, e tinha de avançar, movido pela curiosidade e excitação perversa.

Quando o noticiário acabou, Roger escapou para seu refúgio no porão. A mãe lhe havia dado o sótão quando ele tinha quinze anos e não havia estado lá a não ser umas duas vezes em todos os trinta anos em que vivera na casa. A última vez em que espiara o porão, ele era um úmido calabouço de cimento adornado com teias de aranha e cheiros de fungos e cocô de ratos. Quando Roger pedira um

lugar para si, ela interpretou a coisa como sendo algo do tipo da sede de um clube, bruto e masculino e apinhado de revistas em quadrinhos e muitos cinzeiros. Quando consentiu, sentiu-se bem orgulhosa de seu maternalismo tolerante.

O porão tornara-se mais do que um simples quarto de coisas velhas. A escadaria era iluminada, como sempre havia sido, por uma única lâmpada fraca suspensa no teto pelo próprio fio. Visto da plataforma no alto da escada, o porão parecia-se muito com o que era quinze anos antes. Do outro lado do turvo círculo de luz emitido pela velha fixação empoeirada, havia uma divisão de madeira compensada. Roger a pintara de marrom desbotado para encorajar a impressão geral de tristeza e decadência. Colocara uma sólida porta na extremidade mais escura e instalara uma boa fechadura da qual somente ele tinha a chave. Havia muito tempo, ele gravara à mão na porta a inscrição Fortaleza da Solidão.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Além dessa primeira divisão, ele colocara uma segunda. Um dos lados estava riscado com infinitas prateleiras que iam do chão ao teto. Continham a coleção de revistas de ficção científica de Roger, assim como seu modelo do Enterprise, uma nave espacial, e um caça Klingon. Entre as duas divisões havia o quarto que Roger imaginava ser seu estúdio.

Ele equipara o aposento com andrajosos móveis empilhados na garagem: uma monstruosa cadeira, que vazava enchimento através das feridas de seu estofamento de crina de cavalo com cheiro. de tabaco; uma mesa de pintura espessa e extremidades lascadas; um abajur de pé feio o bastante para paralisar qualquer pessoa que fosse bem imprudente para olhar direto em sua direção. A mãe contribuíra com um genuflexório laranja, no qual ela guardava antigamente suas revistas religiosas. Ele ficara marcado com uma mancha fundida em sua cobertura de vinil quando um dia, sem pensar, ela repousou uma bandeja quente de bolinhos de chocolate com nozes sobre ele, enquanto mudava o canal da televisão. Roger utilizava-o para guardar o tipo de livros que ela não sabia que ele lia.

Roger construíra sua oficina no outro lado da segunda divisão. Era equipado de modo notável e curioso, na maior parte às custas involuntárias dos contribuintes. Havia uma série de armários trancados, que continham itens interessantes, inclusive o guarda-roupa de contrabando de Roger.

Atrás de uma porta encontrava-se o computador feito em casa de Roger, municiado por uma ligação ilegal no entroncamento telefônico da rede de computadores do governo e na metade dos computadores dos bancos da Califórnia. Teria sido fácil penetrar nos computadores dos bancos, mas Roger estava convencido de que esta também seria uma maneira bem fácil de ser agarrado. Não foi a consciência, mas sim as vantagens que fizeram com que ele preferisse um financiamento alternativo para suas pesquisas.

Ele não era um ladrão profissional. Havia sido uma surpresa descobrir que pelo menos em essência ele não era um ladrão desequipado. Isso tornou a vida interessante e divertida, como não era havia tempos.

Ele pôs-se a trabalhar, reprimindo o impulso de retirar a pintura e admirar seu próprio gênio. Um bom começo era apenas isso: um ponto de partida. Não estava a ponto de afrouxar. Não agora que estava entrando na parte divertida.

Para Roger, trabalho e diversão eram a mesma moeda. Merecera essa moeda após, durante toda a sua vida adulta, ter trabalhado para o governo. Estivera empregado em uma série de projetos de natureza secreta. Na verdade, eles tratavam-se apenas de um único projeto, várias vezes sacrificado no altares de ídolos pouco democráticos, para erguer-se depois com novas iniciais, com uma hábil dança de pessoal e plantas, assim que se tornava político.

Como conseqüência dessas paralisações periódicas, Roger vivera os períodos correspondentes de desemprego. Sofria principalmente com a privação do trabalho que era toda sua vida. Solteiro e desimpedido, não era tão prejudicado quanto os homens e Miniaturas do Terror - Tabitha King

mulheres com família, atirados à tormenta cada vez mais acirrada da economia do setor privado. Entretanto, tinha mais razões para sentir-se amedrontado, já que não dispunha de nenhuma credencial ou folha de serviços, que encorajassem os empregadores privados.

Alguns manda-chuvas anônimos do governo encaravam a súbita saída de Roger da Universidade, examinavam sua rejeitada tese de Ph.D. e olhavam-no não como o herege maluco que seus professores diziam ser, mas sim como um homem de aptidões práticas.

O governo tirara-o da geladeira e deixara que se pusesse a trabalhar. Ele jamais pedira que o tornassem um homem de respeito. Bastava que lhe permitissem

trabalhar.

Seu último serviço havia sido no sexto andar de um prédio de projetos, conhecido como

"a cozinha". Tratava-se apenas de uma metáfora. A comida de verdade era estritamente proibida ali, regulamento esse que Roger Tinker violava regularmente. O que Roger fazia ali era uma espécie bem exótica e não comestível de "arte culinária", como a comida envernizada fotografada para as revistas especializadas em culinária. Não se tratava exatamente de experiências, pois sete em cada dez vezes Roger chegava aos resultados que previra. Era mais uma progressão ordenada de combinações ao acaso, semelhante à designação de todos os nomes de Deus.

Roger estivera trabalhando várias semanas em um nome especial. Com isso, ele fizera uma porção de coisas interessantes e, finalmente, adquiriu um grau de intimidade com seus atributos. Estava começando a compreender uma certa informação básica sobre a coisa.

Seu estômago roncara e, como de costume, ele respondera ao chamado. Ele inclinara-se sobre o console do computador, observando a amostra de um gráfico. Com um canivete na mão esquerda, descascou a maçã da direita. Como era de se esperar, ele ficou mais interessado no gráfico do que no ato de descascar a maçã. A ponta do canivete escapou no seu polegar.

- Maldição, merda, bosta, foda! - exclamou Roger, mais espantado do que com raiva, enquanto o sangue pingava sobre as chaves do console. Deixando cair faca e maçã, ele enfiou o polegar na boca. Durante alguns instantes, resumira sua infância, uns trinta e dois anos e duzentas libras no passado. Fechou bem os olhos, pois não apenas odiava a visão de sangue, como também conservava uma certeza infantil, de que ao não olhar para ele estaria contribuindo para uma coagulação rápida.

Abriu os olhos, gemendo e com o polegar latejando. Isso foi vários segundos antes da mudança no registro do gráfico. O gemido tornou-se um vômito no momento em que, involuntariamente, ele enfiou o polegar na garganta. Retirou-o, esquecendo-se por completo da dor. O talho continuou a sangrar durante vários segundos mais a uma taxa cada vez menor. Pequenas gotas espalharam-se com os movimentos de Roger - todas caindo sobre o console do computador e

em delicadas bolinhas em cima de seu guarda-pó branco.

Dois dias depois o corte tomou a chamar sua atenção. Estava sentado no carro no estacionamento após o trabalho, o envelope de seu pagamento e seu conteúdo sobre o colo: um cheque verde e uma delicada folha de demissão azul anexada a ele - as doces Miniaturas do Terror - Tabitha King

desculpas do governo. O polegar começara a latejar em contraponto às batidas de suas têmporas. Roger fitara o vergão vermelho, inchado e com uma infecção evidente, e o torpor de seu cérebro transformara-se em raiva.

Pensara que caso se manifestasse agora eles assumiriam sua descoberta. Caso acreditassem nele. Era possível que não acreditassem; ele seria encarado como um sonhador, sempre além dos limites do aceitável. Podia levar meses até que tivesse suas provas.

Roger trabalhara outras seis semanas no projeto antes de o envelope azul tornar-se cor-de-rosa. Durante esse período, a maior parte de seus pensamentos e esforços fora dirigida ao roubo de uma série de equipamentos. Cada um deles poderia ter sido comprado no comércio nas mesmas fontes em que o governo comprava (e provavelmente por um preço mais barato), mas então haveria registros dessas compras.

Ele disse para si mesmo que não importava; roubara do governo antes para montar alguns dispositivos em seu porão e dessa vez a coisa fora quase legal. Seu trabalho era uma extensão clandestina do projeto; em tempo devido o governo obteria os frutos dele.

Na verdade, ele adiantara-se para apresentar o projeto completado para os antigos superiores.

O primeiro invento fora do tamanho de um guarda-roupa. O segundo, quatro meses depois, do tamanho de um aparelho de tevê a cores. O terceiro, completado num frenesi de seis semanas, era um pouco menor do que uma máquina fotográfica manual.

Foi testado exaustivamente. Por mais de três semanas, Roger usara até duas dúzias de ratos, comprados aos pares em várias lojas de animais de estimação dos shopping-centers. A vizinhança viveu um série de intrigantes sumiços de animais. Os Lutzes perderam seus dois gatos; após algumas semanas pareceu

que eles haviam mudado para trouxas mais estúpidos. O poodle miniatura dos Treats desapareceu de sua bolsa do jardim de inverno. Entre os desaparecidos encontrava-se o gatinho de rabo curto de Eunice Gold, visto pela última vez vestido com a camiseta impermeável e o bracelete que a avó de Eunice lhe dera com as letras E-U-N-1-C-E (para o chá que Eunice planejara para essa tarde). O beagle Gilligan de Andy Stevens, gordo e bamboleante aos seis anos, deixou de comparecer ao jantar durante três noites corridas. A mãe tentou não ouvir o choro de Andy em seu quartinho.

Para Roger, foi uma época ocupada e satisfatória. Os resíduos orgânicos eram bem divertidos. Roger brincava com eles por horas antes de, com relutância, atirá-los na privada.

A alegria passou logo. Chegou o outro momento. Possuído de súbita certeza, Roger sabia que o projeto estava acabado, não apenas sua parte nele, ou seu projeto secreto do porão, mas sim o projeto, o período. O governo não iria chamar de novo. E caso o contratassem novamente, ele estaria liquidado enquanto cientista em atividade. Ele sabia o que isso significava no setor privado para sujeitos com papéis. Com seus antecedentes, ele seria invisível.

Não ligou para o invento, que iria fazer com ele? Seu trabalho nunca havia sido decidir Miniaturas do Terror - Tabitha King

que destino teria uma peça específica de um trabalho. Será que poderia usá-lo para si mesmo e, se pudesse, como? Foi um alívio voltar ao invento. Ele havia sido seu passado durante tanto tempo, era inconcebível que não fosse seu futuro. E era exatamente isso.

Chegar a essa conclusão não solucionava o outro problema. Ele não poderia continuar tornando o invento menor. Mais cedo ou mais tarde teria que fazer algo com ele.

Sua mãe trouxera para casa a resposta em uma caixa de revistas antigas do consultório do ginecologista, no qual trabalhava como recepcionista. Ela o fazia todos os meses, quando chegavam os novos exemplares. Era um pouco embaraçador para Roger, mas freqüentemente sua mãe lhe parecia embaraçadora.

Era embaraçador deixá-la no trabalho e buscá-la, porquanto isso significava entrar em um consultório cheio de mulheres com incumbências bem íntimas e a

equipe cuidadosamente despreocupada em seus afazeres. Ele podia encontrar o próprio ginecologista, um homem pequeno e de cabelos cinzentos, com um tremor no olho, convenientemente sempre tirando ou colocando um par de luvas de borracha. Então Roger teria de decidir-se se ofereceria ou não a mão ao aperto do bom médico. De nada lhe ajudaria pensar se o médico gostava ou não de seu trabalho e, então, se este suspeitava dos pensamentos de Roger.

Como estava desempregado, Roger tinha certeza de que as colegas de trabalho de sua mãe, essas mulheres inflexíveis, bem lavadas e sorridentes, pensariam que ele era um indolente inútil, satisfeito por viver da mãe e por ler as velhas revistas de segunda mão.

Em parte isso era verdade, mas elas não perdiam muito tempo discutindo sobre Roger e seus pecados. As infinitas repetições de sua mãe, dos chavões e dos detalhes mais estúpidos de sua própria vida, caíam em seus ouvidos, assim como faziam com Roger, como barulho de pano de fundo, chuva em telhado fino. A mamãe de Roger era querida por seu bom humor e bondade, mas ninguém a levava a sério.

Entretanto, ele ficou deliciado ao virar uma edição passada de YIP na caixa. Não era tão velha assim, do final do mês. Reconheceu de imediato a mulher da capa, Leyna Shaw, sua locutora favorita. Estava bem alta em seus calcanhares que pareciam letais, curvada para entrevistar um homem em um carro. Roger concedeu ao homem do carro apenas um rápido exame de olhos, que bastou para identificá-lo como o chefe do departamento de energia do governo, um pomposo asno fumante de cachimbo de primeira grandeza que, havia algum tempo, fora o desconhecido patrão de Roger. Roger estava mais interessado na maneira como a blusa da mulher abrira-se no momento em que ela se curvara sobre a limusine, empurrando um microfone em direção ao secretário Cabeça de Bagre. A blusa era branca contrastando com a jaqueta escura e ameaçava a todo momento despejar para fora os peitinhos de concha rosa da moça.

O secretário estava tendo uma boa visão, que Roger invejou do fundo da alma. O

polegar de Roger deslizou sobre a imagem lustrosa da beleza de pétala dela e instalou-se ali. Ele fechou os olhos. Seu polegar continuou girando suavemente. Ele nunca tocara um de verdade.

- Roger? - perguntou sua mãe.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ele abriu os olhos e sentou-se erecto. O sofá protestou contra a mudança de peso.

- Sim? - respondeu ele tentando falar de um modo claro e assexuado.

- Você quer um bolinho?

- Claro.

Ela afastou-se com a cabeça cheia de bolinhos. Roger sorriu alegremente para ela, soltando o estômago para o lugar adequado, pensando em quão maravilhoso era o fato de as mães não poderem ler pensamentos.

Voltou à revista. A fotografia era de primeira, praticamente em terceira dimensão. Ela era uma moça tão grande, grande demais para ser modelo ou dançarina, e dura como uma rocha. Havia uma foto dela correndo na alameda em Washington. Roger estivera lá

muito tempo atrás, em uma viagem da universidade. Não se lembrava de muita coisa além de um bombardeio de balões cheios de água pelas janelas do hotel (porque esteve bêbado todo O tempo), mas o lugar lhe agradara e ele poderia reconhecer alguns prédios. Os edifícios públicos erguiam-se por trás da suave silhueta de Leyna Shaw e então ela pareceu em escala, reduzida a algo que ele poderia segurar na mão.

Leu o artigo avidamente. Como todos os artigos de VIP, aquele era uma espiadela e promessa. Somente as fotos tinham solidez.

Ele folheou a revista. Havia um artigo sobre um show de homossexuais que o perturbou incrivelmente. Um outro tratava de um velho pintor que vivia em uma ilha na costa de Maine. O nome aderiu à mente de Roger como uma excrescência em roupa branca. Não havia nada que lhe interessasse nos artigos sobre um cantor de rock, um famoso selo, ou sobre o caso de um adolescente em coma, cujos pais divorciados estavam empenhados em uma batalha pela custódia para saber quem ficaria com a criança e o respirador. Em seguida, a coluna de fofocas da última página para se ler às pressas e o quebra-cabeça no espaço inferior. Roger chegou a um ponto morto.

VOCÊ NÃO PODE TIRAR DOLLY DA CASA BRANCA

MAS

VOCÊ PODE TIRAR A CASA BRANCA DE DOLLY

A nação apaixonara-se pela princesinha de Mike Hardesty quando ela era um duende de menina levada florescendo em um botão de moça. Nós a observamos crescer, ferir alguns corações e casar-se com Harrison Douglas, o filho do auxiliar mais antigo de seu pai, em um casamento de contos de fadas.

Vinte e cinco anos depois, Dolly estivera em toda parte, tinha de tudo.

Mas nem todos foram momentos de felicidade. A mãe dela morreu pouco depois de Mike Hardesty ter sido desalojado do posto. Dolly enviuvara doze anos depois com o suicídio de Harrison Douglas. Seu Miniaturas do Terror - Tabitha King

filho único, Harrison III, morrera em um trágico acidente de aviação quatro anos antes. A perda do neto pesara grandemente sobre o angustiado ex-presidente e, nesse ano, Dolly perdeu seu amado pai.

Assim, que irá fazer a saudável e ainda bela mulher com a perspectiva de uma longa vida e de opções ilimitadas, sem ninguém com quem dividi-la? A imprevisível Dolly e a viúva de seu filho, Lucy Douglas, envolveram-se em um novo hobby, que tornou-se não apenas uma terapia, mas também um negócio e um modo de viver.

A VIP convida você a espreitar na próxima semana o MUNDO DE

DOLLY e a explorar a germinação das paixões em miniatura.

22/2/80

- VI Pré-estréias, VIP

O cheiro dos bolinhos frescos e quentes invadiu o estado quase de êxtase de Roger.

Levantou os olhos em direção à mãe, que estava a sua frente com uma bandeja

de bolinhos de nozes e chocolate, a testa franzida de preocupação.

- Está tudo bem? - perguntou ela.

Roger suspeitou que ela estava pronta para sentir a testa dele para ver se estava com febre. Ele estava quente. Ele pegou um bolinho na bandeja e encheu a boca.

- Sim. Tudo ótimo - murmurou entre o bolinho. - Tudo legal.

A mãe de Roger colocara a bandeja perto dele e cruzara os braços sobre o enorme peito.

Pelo menos Roger estava comendo. Não poderia estar muito doente, ou poderia? Ela sorriu suas bênçãos a ele.

A próxima edição estava nas bancas. A capa era a bela casa de bonecas de Dolly Hardesty Douglas. Roger mal conseguira ler o artigo, suas mãos tremiam de tanta excitação.

Aparentemente, a filha de Mike Hardesty nunca superou por completo a Casa Branca. Durante os vários anos passados, Dolly despendeu um tempo considerável, energia e dinheiro na restauração do modelo em escala da Casa Branca, que lhe foi dado de presente quando seu pai ainda era presidente.

- Eu tinha treze anos - disse ela rindo. - Achava que era velha demais para uma casa de bonecas.

E assim, o presente bem-intencionado de Leonard Jakobs, um zelador

negro que trabalhou trinta anos na mansão do Executivo, foi desconsiderado e ficou esquecido por uns vinte anos.

Foi depois das mortes de seu filho e pai que Dolly tropeçou na decrépita casa de bonecas que havia entre os bens de seu pai. Era natural que ela fosse levada imediatamente para a viúva de seu filho (Lucy), que já estava adquirindo fama como miniaturista.

- No início, pensei em fazer com que Lucy a consertasse para Laurie, minha neta - confessa Dolly - mas depois me apaixonei por ela. De qualquer modo, Laurie é

pequena demais para a casa.

A casa de bonecas é uma imitação fantasmagórica da verdadeira mansão do Executivo, cuja mobília foi quase tão cara quanto a do original de verdade, cem vezes maior.

Lucy Douglas calcula cuidadosamente que sua sogra tenha gasto cem mil dólares na restauração da casa de bonecas. Essa quantia daria para comprar para a pequena Laurie uma porção de casas de bonecas um pouco menos espetaculares. Levantando Laurie, de sete anos, e Zachary, de quatro, seus filhos com Harrison, filho de Dolly, a Sra. Douglas diz que seu relacionamento com a sogra finca-se em alicerces firmes e límpidos de negócios. Ela confia tanto em Dolly quanto nos outros clientes desse tipo de trabalho, embora admita que ela tenha ficado com um pouco mais de trabalho durante o período em que esteve ocupada com a Casa Branca de Dolly. Especialistas do ramo encaram-na como uma das duas ou três melhores miniaturistas dos Estados Unidos; um colecionador bem informado que prefere permanecer anônimo, afirma que pelo menos Lucy Douglas cobrou um preço inferior pelos seus serviços.

- Dolly Hardesty obteve uma tremenda pechincha. Essa casa de bonecas vale hoje um quarto de milhão por causa da assinatura de Lucy Douglas - afirma o colecionador.

No entanto, Lucy Douglas obteve aparentemente um lucro inesperado na ocasião, quando a Casa Branca restaurada de Dolly chamou a atenção de Nicholas Weiler, o diretor do Dalton Institute, pois quando este estava montando uma exibição de casas de boneca, Dolly apresentou-o à nora. O boato que corre em Washington é que logo Lucy poderá retirar Weiler de sua longa posição como segundo solteiro mais disputado, depois do presidente, do distrito de Colúmbia.

29/2/80

- VI Personalidades, VIP

Miniaturas do Terror - Tabitha King

A reportagem estava prodigamente ilustrada com fotos da casa de bonecas cheia dos seletos enfeites simples que Lucy Douglas fazia. Os closes fizeram com que os artigos parecessem bem reais e felpudos - bem mais bonitos do que o

mobiliário das lojas de desconto da sala de estar da mãe de Roger. As fotos de Dolly Hardesty Douglas e da talentosa Lucy não foram difíceis de serem tiradas. Dolly era mais velha do que se recordava Roger, mas ainda possuía uma aparência pecaminosamente bela. E Lucy.---bem, esse tal de Weiler estava ganhando um belo pedaço. Na parte da história que mencionava o Dalton Institute, ele estava mostrando-se como predizível belo aristocrata que, provavelmente, tinha uma língua superlonga de tanto lamber o creme de seus bigodes. Com toda probabilidade, suas glândulas sudoríparas se atrofiaram por falta de uso.

Era mais divertido olhar para as mulheres. Roger relaxou-se, deixando que a revista se espalhasse por sua barriga como um pequeno teto. Começou a ver as possibilidades.

... Sartoris atingiria a estatura de legenda entre os habitantes locais, pessoas difíceis de serem impressionadas. Isolado em sua ilha de cento e dez acres, situada a onze milhas do Porto de Margarite (que se pronuncia Mar-gar-right), ele sobrevive em essência sem ser afetado pela pressão exercida pelo elevado custo do combustível e do petróleo para a calefação e pela renda marginal disponível, oriunda da economia tradicional local, baseada na exploração da lagosta, na pesca e na agricultura. A alimentação está esvaziando gradualmente a ilha costeira de seus habitantes, que simplesmente não podem mais dar-se ao luxo de viver em sua terra ancestral.

Os locais creditam a boa saúde e a idade avançada do pintor ao trabalho bem duro da existência de volta-à-terra de Sartoris, os fabulosos sessenta anos de auto-suficiência que viveu desde que se deslocou para a ilha quando tinha quarenta anos.

- A culpa é de Ethelyn - brinca Sartoris, referindo-se a sua governanta-companheira de muitos anos, Ethelyn Blood.

A Sra. Blood, uma mulher do Porto de Margarite e viúva de um pescador de lagostas local, retorna rapidamente:

- A culpa é do demônio - diz ela - que acha que vai obter seu quinhão com esses velhos borocoxôs, e do bom Deus, que quer fazer de mim uma santa.

22/2/80

- *VI Personalidades, VIP*

O velho viu as possibilidades. Cutucou com o dedo do pé ò pedaço de vidro quebrado.

O sol caiu em cima dele. O caco cintilou verde. O velho bebericou no copo de chá frio, Miniaturas do Terror - Tabitha King

fazendo barulho.

O telefone soou. Ele xingou-o e olhou para a areia sob seus pés desnudos e para o pedaço de vidro quebrado. Surdo a seu xingamento, o telefone tornou a tocar.

- Ethelyn! - vociferou ele. - Ethelyn!

A casa estava imersa em silêncio. O telefone provocou-lhe uma outra expressão irônica.

- Que está fazendo ela? - resmungou ele. Arrastou os pés pela porta dupla, foi em direção ao seu quarto de dormir e agarrou o telefone logo depois do quinto toque.

- Alô? - perguntou.

A pessoa que chamava perguntou se ele era Leighton Sartoris. O velho não poderia dizer se estava falando com um homem ou uma mulher; a voz saía borrada pelo barulho de estática na linha. Como teriam obtido o número?

- Sim, sou eu mesmo. Que é que você quer? - perguntou furioso.

A pessoa que chamava afirmou ser um fulano de tal da revista VIP e perguntou se o Sr.

Sartoris tinha algum comentário a fazer sobre o furto de sua pintura Princesa Dolly, de um museu da Califórnia.

Sartoris gargalhou deliciado.

- É a primeira vez que estou ouvindo isso - disse. - Que bom que me livrei dela!

Deixou o fone cair no gancho. Enfiou o telefone dentro da fronha e chutou-o

para baixo da cama. Agora sabia onde o sujeito obtivera o número. Os pulhas provavelmente o tinham em arquivo. Havia sido um tremendo erro permitir que aquela nariguda da desgraçada da coluna de fofocas fosse à ilha. Preferia não saber por que o permitira; seria mais fácil pensar que estava ficando senil, mais do 'que achar que estava fazendo coisas malucas por puras razões sentimentais.

Apanhou o copo de chá e tornou a sair com os pés arrastando. Havia uma confortável moita de grama por perto e ele sentou-se para olhar o vidro verde. Um velho gatinho cinzento saiu pela porta do quarto de dormir e foi enrolar-se por perto dele. Ele começou a acariciar como quem não quer nada a parte de trás do pescoço do animal.

Era divertido pensar naquele quadro especial sendo surrupiado de algum maldito museu por um ladrão ianque empreendedor. Isso levou, um pouco contra a vontade, de volta ao quadro, do mesmo modo como tudo queria levá-lo de volta ao passado agora.

Era seu undécimo ano na ilha. Então, ele parecia mais do que um simples hóspede, sofrendo. ainda em uma terra estranha. Quando o grupo presidencial que veraneava ao sul do Porto de Margarite, na mais elegante Hurd's Reach, convidou-o para um jantar, ele foi, dizendo para si mesmo que seria descortês não comparecer.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Mas isso não era tudo. Ele acabara de fazer sessenta anos e sabia que perdera algo.

Começara a beber mais durante o inverno - de puro tédio e, pensou com seus botões, para espantar o frio. No verão, ele parecia para si próprio um balão no fim de uma corda bamba, flutuando em um éter alcoólico. Havia uma terrível urgência de fuga e um tremendo pânico de que pudesse fazê-lo finalmente. E assim ele pediu para pintar essa moça boba e travessa (que concordou por total vaidade), sabendo que o hábito dos anos se reafirmaria; ficaria sóbrio o tempo que levasse para fazer a coisa direito.

E ficou. Mas o verão implacavelmente quente tornara-se mais quente à luz da úmida carne fresca que, masoquisticamente, tinha diante de si. Trabalhou febrilmente, com o cheiro de gin chegando às suas narinas como gelo.

A jovem Dorothy reclinara-se meio fora e meio dentro em um lugar sombreado num buraco na areia,, fora da visão de seus guarda-costas, que espreitavam em um bosque de pinheiros, onde soprava ocasionalmente a brisa marinha. Vestido apenas com bermudas largas, Sartoris ficara exposto ao sol pleno, com a larga aba de seu velho chapéu fazendo sombra em seu rosto, e o cavalete protegido dos raios solares por um estranho conjunto de sombrinhas. Ela falara pelos cotovelos como um papagaio durante todas as seis semanas e sempre de modo esperto e indecente, mas pelo menos mantivera o corpo quieto. Ele jamais falara com ela; não havia nada que não pudessem dizer um ao outro apenas com os olhos.

Na tarde em que o trabalho terminou, ela ficou calada pela primeira vez. Seus olhos estiveram ocupados, como sempre, especulando e, de certo modo, furtivos, enquanto a língua ficava saindo por entre os lábios, expondo-se. Seu corpo estava lustroso, banhado em suor, e as pequenas mãos sôfregas faziam um barulho ao passar por seu peito. Ele observara por entre uma cobertura vitrificada de suor, enquanto ela fazia o amor consigo mesma. No final, seu corpo arqueara procurando sua autoliberação e ela rira. Foi um chiado satisfeito de criança, mais doce e quebradiço do que o murmúrio gutural do gozo de uma mulher.

De repente, o velho voltou a si de novo, assustado ao descobrir que estava levemente inchado. Riu asperamente, como se estivesse rindo de alguma brincadeira suja, mas sabia que era de si mesmo. E desejou do fundo do peito ter alguém com quem compartilhar isso. Não Ethelyn Blood, que viera morar com ele na ilha no inverno após ele ter pintado aquela putinha, nem Nick, que naqueles dias freqüentava tanto seus pensamentos. Era Maggie quem ele queria ter a seu lado, nesse exato momento, e eia teria rido. Ninguém ria como Maggie.

Ele iria descobrir se ela ainda estava viva e telefonaria para ela. Devia ter seu nome de casada escrito em algum lugar, o único que ele nunca - provavelmente por razões óbvias demais - fora capaz de recordar-se, e o número de telefone.

Mas não, ele não iria chamar Maggie Jeffries. Isso já fazia parte da história e ele contentava-se com isso; já não tinha mais nenhum tempo para o passado, para ficar sentado em devaneios inúteis com coisas mortas e passadas havia muito tempo.

Nostalgia, uma emoção desprezível; recordação, tanta pele morta, vestígios de

emoção.

Era algo para o qual ele já não tinha mais nenhuma energia.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Havia muitas possibilidades a serem compreendidas na maneira como o sol batia naquele pedaço de vidro. A luz na areia. A luz.

... O único herdeiro da considerável fortuna de Sartoris é Nicholas Weiler, o diretor do Dalton Institute em Washington, D.C., que, embora use o nome com o qual nasceu legalmente, é filho natural de Sartoris com a senhora da alta sociedade inglesa Maggie Jeffries Weiler.

A Senhora Eugenie Walters, conhecida como Pinkie por seus amigos, revela em suas memórias sobre essa época que sua cara amiga Maggie Jeffries jamais amou alguém de verdade a não ser Sartoris.

Ela continuou seu caso com ele após ter se casado com Lorde Weiler, aparentemente com o consentimento do marido. Entretanto, foi uma surpresa quando teve o bebê que Sartoris prontamente reconheceu como sendo seu. Nessa época, ela estava com quarenta e dois anos e o relacionamento acomodara-se em uma conveniência confortável e ocasional. "Pinkie" diz que a irrepreensível Maggie nunca podia resistir a uma oportunidade de chocar; não foi por ela ter tido o bebê

de Sartoris, ou a confusa aceitação do fato de parte de seu marido, mas o que escandalizou foi a tranqüila afirmação de Maggie de que Sartoris era um grande mentiroso e que a criança era filha de seu marido. Foi somente após a morte de Lorde Weiler em 1964 que ela parou com o fingimento. "Pinkie" sugere que a farsa era uma maneira curiosa de Maggie desculpar-se com seu tão golpeado marido...

22/2/80

- VI Personalidades, VIP

Maggie Weiler, que não usara o nome Jeffries durante meio século, riu tão fortemente que chegou a soltar o News of the World, deixando-o cair na geléia. Sua governanta, Connie, limpou-o com um guardanapo e devolveu-o a ela, assim

que esta recuperou a respiração.

- Oh, sinto muito, querida - ofegou ela vendo a suave reprovação por trás das grossas lentes de Connie. - As coisas que continuam.

Connie jamais conseguia ficar realmente zangada com a Senhora Maggie. Ela ria dos jornais quase todos os dias. Uma vez ela ficara zangada, antes de saber o quão a Senhora Maggie era, de fato, tão boa que a fazia pensar que esses velhos escândalos não deviam passar de grandes mentiras, mas agora ela defendia a velha senhora para si mesma, pensando que as pessoas tanto podiam gargalhar como rir.

- As coisas que continuam - a Senhora Maggie repetiu com ênfase.

- Por Deus, nenhum de seus amigos morreu? - perguntou Connie. Parecia que a Senhora Miniaturas do Terror - Tabitha King

Maggie gargalhava mais forte dos obituários de seus amigos do que de qualquer outra coisa.

A Senhora Maggie levantou as mãos para gritar deliciada. O jornal voou para cima do ovo cozido. Vagamente embaraçada por haver dito algo intencionalmente engraçado, Connie esboçou um sorriso inseguro. Rezou para que a Virgem Maria intercedesse por ela, para que a Senhora Maggie não fosse ter um dia difícil.

Não era de se esperar que o comandante Morrisey tivesse o carro do lado de fora. Ele havia prometido a sua mulher usá-lo apenas em shows de carros, paradas e na fazenda, em baixa velocidade. Sendo mulher, ela não compreendia que uma máquina como essa precisasse de uma corrida de vez em quando. Assim, quando ela ia a Ventura para ver a irmã no hospital, ele retirava o Villerosi para fora do box da garagem e dirigia-se à

estrada, na direção contrária de Ventura.

Andava uns bons cento e sessenta quilômetros, uma corrida satisfatória, com apenas uma parada perto de um policial, o qual estaria apenas querendo apreciar o carro. O

comandante era liberado com uma advertência e um sorriso e o guarda

continuava sorrindo quando ele acelerava o Villerosi até cento e quarenta bem em frente dele.

Provavelmente, o tira compreendia que um homem que podia possuir e dirigir algo como um Villerosi 1949 não era um desses vagabundos no volante de um Camaro envenenado à procura de um acidente.

Depois de algum tempo, o Villerosi estava sedento e também o comandante Morrisey.

Ele saiu da estrada para encher o tanque em um posto de gasolina. Havia um pequeno bar na outra extremidade das bombas, evidentemente para o divertimento dos choferes de caminhão. O comandante estacionou o carro-esporte perto de um furgão azul do lado de fora do barzinho. Considerando-se a hora do dia, o lugar estava bem agitado; o estacionamento estava quase cheio de pick-ups, furgões e jipes, mas talvez alguns fossem apenas sobras do movimentado shopping center vizinho.

Ele instalou-se confortavelmente no frio assento de vinil de uma cadeira do bar e bebeu algumas Guinnesses. Obviamente que o barman sentiu-se infeliz por servir cerveja quente, isso sem contar que era cerveja quente estrangeira, e olhou com suspeita para as calças amarelo-canário e botas de Morrisey. Mas o comandante não chegara a sua situação na vida prestando atenção aos olhares dos sujos e fracassados. Desfrutou de sua cerveja e também da fumaça e barulho, do ambiente masculino, do lugar subitamente enriquecido pelo silêncio que significava a ausência de sua mulher, bendita seja. Vinte minutos mais tarde, quando saiu ao sol e espreguiçou-se todo, ele sentiu-se positivamente sibarita. Andou com passos largos e confiantes para o furgão azul, ao lado do qual estacionara o Villerosi.

Ficou desnorteado durante alguns segundos. O carro não estava lá. Em seu estômago, formou-se um vago pânico qual um buraco. Cuidadosamente, tentando parecer casual, ele lançou um olhar pelo estacionamento. Aquele era o mesmo furgão azul. Ele recordava-se claramente do letreiro que havia no lado: Jim Owen/Zelador. Não, ele tinha certeza de que o deixara ali. Houve um fugaz meio segundo de alívio; sua memória não estava falhando. E então, ocorreu-lhe que se ele não se esquecera exatamente o lugar em que estacionara o carro, só havia uma explicação.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Com a cor fugindo do seu rosto, o comandante Morrisey ficou olhando para o lugar em que o carro deveria estar - onde deveria encontrar-se um comprido, baixo projétil cor-de-rosa em forma de bala, um vencedor da Targa Miglia e da Targa Firenze, o carro dirigido pela pessoa que fora recordista mundial de velocidade durante vários meses - e viu apenas as efêmeras linhas brancas sobre o fundo negro, manchas de óleo, poeira, um bolo de sujeira, um chiclete de bola deformado, um maço de cigarros amassado.

O suor frio começou a banhar sua testa e a manchar o sovaco de sua camisa. A Guinness subia e descia em seu estômago turvando-lhe a vista. Durante vinte e cinco anos ele pilotava aviões, dezessete anos em jatos enormes: Era assim que se sentia quando uma das malditas rodas não baixava, ou quando um pneu estourava na pista de decolagem fazendo com que todos se cagassem de medo. Era isso que se sentia quando você

acertava uma gigantesca bolsa de ar e os passageiros começavam a gritar e a se mijar, enquanto toneladas de metal despencavam até o próximo piso. Ele disse para si mesmo que aquilo não era tão ruim quanto perder a batalha para a pista de decolagem, em cima de um patim a duzentos e quarenta quilômetros por hora, sem conseguir sair dele. Ou tão ruim quanto não se encontrar esse sólido piso de bom ar. Essas coisas nunca aconteceram com ele, mas às vezes ele pensava nelas nos quartos de hotel, que se pareciam a cadeias de bonecas de papel, e de vez em quando nos momentos em que estava no meio dos exames físicos, aos quais a companhia gostava de submetê-lo e que pareciam intervalos semanais. Não, não era tão ruim assim.

Mas alguém roubara seu Villerosi. Seu belo e clássico carro de corrida. Maureen iria matá-lo. Apenas matá-lo. Ele recostou-se no furgão.

- Podia ser pior - murmurou ele, sem perceber que estava falando em voz alta.

Algo dentro dele moveu-se como uma fita elástica. Oh, meu bom Jesus, pensou ele, vomitando a Guinness quente sobre suas calças amarelas, em cima do brilho polido de suas botas.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 2

- Lucy! - gritou o pai. - Lucy!

Em seguida, ele chegou ao vão da porta. O sol por trás dele transformou-o em um enorme espantalho negro, que lhe brandia um pedaço de madeira. Lucy empurrou os óculos de sol para a cabeça e desviou a broca.

O oficina tornara-se repentinamente quieta, sendo que o som mais alto que se ouvia era a ofegante respiração de seu pai. O ar que Lucy respirava era quente e empoeirado, perfumado com madeira e óleo. Apesar das luzes no alto e da clarabóia em cima de sua bancada, era mais escuro ali do que no lado de fora, onde o sol de primavera desbotava ferozmente todas as coisas. Dando uns passos para dentro, além da iluminação do sol, seu pai tornou-se de novo ele mesmo. Estava sorrindo, excitado, empurrando para ela o bastão que carregava, que abriu-se em suas mãos tornando-se uma revista. De repente, as mãos dela estavam suadas. Ela esfregou-as em seu avental.

- Até que enfim chegou - disse ela com um tom de satisfação na voz. Ela desviou o olhar da revista nas mãos dele para seu rosto. Seus dentes de um branco artificial brilhavam para ela. Relutando, ela aceitou a revista. Seu pai esperou ansioso enquanto ela examinava a capa.

Era o lado norte da Casa Branca, uma visão tão familiar para a maioria dos americanos quanto o rosto de sua própria mãe. Havia sido muito bem fotografado, do mesmo plano do modelo de solo no qual situava-se. A crueza da mata e gramado artificiais, a limusine de plástico no passeio, ilusões gritantes. No entanto, parecia coisa de verdade, como se alguém tivesse colado uma foto da Casa Branca de verdade sobre um fundo falso. Mas ali onde deveria estar o céu, uma fita com letras negras em fundo vermelho anunciava VIP. E onde deveria estar o monumento de Washington, havia um outro bloco de letras menores e em manuscrito anunciando a Casa Branca de Dolly.

Lucy sentiu o estômago como se estivesse em um elevador indo para baixo. O estômago queria permanecer ali onde estava, mas tinha de seguir o repouso dela, embora contra sua vontade.

Ela estendeu a revista de volta ao pai.

- Eu devia ter ido atrás de Zach.

- Oh, ainda há tempo. - Ele ficou enrolando a revista, embaraçado com a

aparente falta de excitação dela.

- Gostaria de lavar as mãos e tirar esse avental. Por que você não bota a sopa enquanto Miniaturas do Terror - Tabitha King

vou fazer isso?

Ele assentiu.

- Não quer ler a história?

- Leia você primeiro. Vou ler depois do almoço.

- Bem - ele sorriu - acho que está bem.

- Alguma outra coisa no correio? - Lucy mudou de posição alguns utensílios e coisas frágeis, levando-as para uma prateleira alta, fora do alcance de Zach.

- Uma encomenda da Sra. Ashkenazy. Acessórios para sua sala de estar. Vou colocá-la na mesa de encomendas hoje à tarde e a confirmarei. O resto eram contas e refugo.

Ela deu um sorriso cansado.

- Obrigada, pai. Vejo você dentro de vinte minutos.

Lucy saiu da oficina antes de seu pai: Sabia que ele iria dar uma olhada em seu trabalho; não o faria enquanto ela estivesse ali. E em seguida, ele serviria a sopa e se sentaria para ler a história na revista. Ele tinha seu orgulho de pai. Com toda certeza, estava mais ansioso do que ela para ver a coisa. Ela sentiu uma pontinha de ressentimento. Não era sua bunda que estava na reta, não era seu trabalho, apenas o de sua filha. O risco não era dele.

Ela fechou os olhos ao inclinar-se sobre a pia. Vá embora, sentimento de merda, desejou ela, enquanto lavava as mãos. Era aquela maldita revista abalando seu equilíbrio.

Criticar seu pobre pai era apenas um sintoma, o fantasma da raiva de adolescente que sentia em relação a ele, que fugia de seu esquife de chumbo, justamente quando ela pensava que ele já estivesse decomposto.

O trabalho de Lucy era tirar os pratos e colocar na geladeira o resto da sopa. Seu pai, curvado sobre a mesa da cozinha com seu café e revista, lavaria os pratos sujos mais tarde.

- Você não quer sentar-se para dar uma olhada nisso agora?

Lucy enxugou as mãos e sentou-se, levantando a cabeça para ouvir Zach, mas nada escutou. Evidentemente que o sono chamara por ele.

- Já acabou com tudo?

- Não há nada mais que valha a pena olhar. - Ele empurrou a revista por cima da mesa em direção a ela e olhou para o relógio de pulso. - De qualquer modo, está na hora daquele maldito e estúpido show. Preciso de umas boas gargalhadas. Desculpe-me.

Levantou-se, agarrou a xícara de café com a mão deformada de dedos grossos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy arrastou a revista para sua frente e baixou o olhar para ela, sorrindo. Ouviu o clique do botão de ligar e a estática, enquanto a imagem aparecia no vídeo. As molas do sofá acomodaram-se ruidosamente enquanto seu pai se sentava.

Ela tornou a examinar a capa da revista durante um breve momento e, em seguida, abriu-a no artigo de fundo. Era o mesmo que olhar para seu anuário da universidade.

Queria arar as páginas rapidamente, fingindo que não estava ali.

A foto maior mostrava o modelo da Casa Branca com a parede norte removida para expor a mobília e a decoração dos aposentos. De um lado. Lucy curvada sobre a casa de bonecas, mostrando a cornija da lareira do Quarto Verde. Não precisava de uma legenda para saber que era uma cópia da cornija do original Monroe Empire. Ela conhecia isso com as mãos, as mãos que fizeram essa minúscula reprodução.

A foto mostrava claramente seus calos e unhas quebradas. Ela reprimiu o rubor que ameaçava seu rosto; era um preço pequeno a pagar por ter feito o trabalho do qual desfrutara. Sua sogra teria algo necessário a dizer sobre isso. As unhas

dela estavam perfeitas, sempre; suas pequenas mãos, imaculadas, macias e com cheiro suave.

Dolly Hardesty Douglas encontrava-se do outro lado da casa de boneca. Parecia uma rainhazinha, coroada com os próprios cabelos de prata. Era delicada, mas erecta como uma vareta, em uma roupa branca de linhas pontudas o bastante para cortar, como o canto de bom papel. Lucy estava levemente divertida; Dolly ficaria furiosa com o trocadilho da capa em torno de seu odiado apelido. Sua sogra exigia ser chamada de Dorothy; Lucy o fazia, na frente dela, mas assim como quase todos os outros que conheciam Dolly Hardesty, voltava ao uso do apelido assim que se encontrava fora de sua vista. Sem dúvida nenhuma, Dolly iria arrasar os editores da VIP de cima a baixo.

Melhor eles do que eu, pensou Lucy.

Na foto, Lucy, achatada e assumindo repentinamente cores erradas pelas tintas berrantes da impressão, parecia para si mesma tudo aquilo que Dolly não era, sendo que na maior parte coisas negativas. Um dia seu pai lhe chamara de minha reguinha, uma das suas palavras ianques, que significava uma coisa de tamanho fora do comum e desajeitada.

Ela sentia-se assim, era reguinha perto de Dolly. Com rosto limpo, de peito grande, de bunda grande, uma caipira vestida com jeans e jaqueta, ela encarou-se na página como que encarando algum desses espelhos de casa de diversão.

Sentiu uma onda momentânea de irritação com Nick. Aquilo era obra dele. Lucy não quis ser incluída na sessão de fotografias. Ela e as crianças compareceram ao convite de Nick para assistir à pré-estréia da exibição no dia anterior à abertura, dia em que normalmente o Dalton Institute restava fechado para os visitantes. Nick a persuadira a isso, exatamente da mesma maneira que persuadira Dolly a emprestar a casa de bonecas para a exibição do Dalton. Nick era um convencedor profissional; não era de se esperar que Lucy lhe oferecesse resistência, quando a própria Dolly não conseguira.

Lucy passou para a próxima foto na página de cobertura. Nesta, seus filhos admiravam a cópia da Casa Branca. Ela sabia que a foto era uma ilusão. Zach e Laurie haviam visto a casa de bonecas várias vezes, em vários estágios da montagem, e viram cada um dos Miniaturas do Terror - Tabitha King

elementos que Lucy criara para ela. A casa não era mais alguma coisa que os

impressionasse. No entanto, o rosto deles na foto estava animado, os olhos iluminados, as bochechas bem ruborizadas, coloridas pela excitação.

Isso vinha de sua súbita e total posse do Dalton; seus amplos espaços, as coleções que abrigava, as pessoas, muitas das quais eram amigas e conhecidas, tudo naquele dia pertencia às crianças. Elas gritaram pelos saguões e foram iniciadas nos mistérios do sistema de rádio por técnicos amigos. Não era de se espantar que, quando Nick lhes pediu para tirar uma foto delas com a casa de bonecas da avó, tenham aceitado com tanta firmeza.

A outra avó, a mãe de Lucy, devia estar adorando a foto. Ela iria comprar meia dúzia de exemplares da revista para mandar aos amigos e parentes. "Olhe na página onze para ter uma surpresa", ou algo parecido estaria escrito em uma ficha de arquivo presa com um clipe à capa. Isso fez com que Lucy se sentisse um pouco melhor com relação à coisa.

Aquilo iria dar prazer à sua mãe, a quem Lucy havia dado tão pouco.

Lucy tirou a página e encontrou uma foto de página inteira do Hall Principal do Dalton, tirada da sacada do terceiro andar. Era de um ângulo que abrangia todas as casas de bonecas da exibição em uma paisagem de chão de mármore, uma visão pitoresca de uma estrada secundária em um vale estranho. E Nick estava bem no meio disso, marcando a escala das casas em contraste com o tamanho do saguão.

Aparentemente, o fotógrafo teria tanta relação com o Dalton quanto Lucy. Ela olhou instintivamente para ver o momento em que entrou no Hall Principal, onde o Dalton elevava-se ininterruptamente .em quatro pavimentos, qual um bolo de casamento às avessas. Os sucessivos pavimentos retraíam-se para dentro à medida em que subiam, como um zigurate, e eram encimados por um pequeno quarto em forma de rosquinha, uma versão eduardiana do céu. Dali se podia olhar para fora e ver os grandes edifícios públicos tornados um pouco menores. Ou se podia olhar para baixo, para o Hall Principal, visão esta um pouco mais ameaçadora ao estômago.

Um dia, um pouco alto, Nick lhe dissera que queria reunir uma coleção de prismas para refratar a luz que entrava através da abóbada. Agora, Lucy não conseguiria olhar para cima, sem antever as cores em forma de gêiser esparramando-se sobre as sacadas e colunas ornadas.

O dia da abertura, o dia seguinte em que o fotógrafo tirou as fotos, foi intermitentemente chuvoso. O crepúsculo turvou a luz e os pavimentos superiores do saguão estiveram tristes e escuros. Os candelabros fizeram poucos progressos contra o úmido crepúsculo do dia inteiro.

Lucy marchara pelo passeio com Laurie e Zach, dizendo para si mesma que mais três pessoas se somariam à freqüência, um conforto para Nick, e admitiu secretamente que teria de ver alguma reação do público. Os edifícios em volta do passeio foram ficando distantes e a chuva que soprava tornava-os não muito sólidos. Seriam tão românticos quanto templos ou castelos em ruínas. A grama e o lodo úmidos tomavam-se lisos sob os pés. De vez em quando, o intrépido grupo tivera seu lento avanço estimulado por um súbito escorregão para a frente e por uma frenética luta momentânea para recobrar o Miniaturas do Terror - Tabitha King

equilíbrio.

Eles encontraram o dinossauro em uma correnteza de nevoeiro. Seu corpo era liso e de réptil, a água condensada pingando de sua cara em enormes lágrimas de escárnio. A mão de Zach apertou Lucy um segundo antes de Laurie gritar "olha!". Seus passos arrastaram-se enquanto eles passaram e ela olhara para trás imersa em admiração, enquanto a névoa o engolfava.

O tempo não desanimara centenas de outras crianças e adultos. O chão de mármore do Dalton estivera escorregadio e arenoso com a lama impressa nele. Até mesmo o ar estava chuvoso. Capas amarelas tornaram a multidão tão colorida quanto um campo de narcisos silvestres. As vozes excitadas das crianças, as vozes autoritárias dos adultos que as levavam, os estalidos dos botões de rádio, os cliques de insetos dos guardas-chuvas fechando-se, formaram para Lucy uma ampla tapeçaria de barulhos.

A primeira voz que falou nos rádios, que Lucy e as crianças obtiveram na entrada, era conhecida.

- Bem-vindos - disse a voz, enquanto Zach gritava "Nick!" - aos pequenos mundos do Dalton Institute r- as pessoas em volta deles viraram para sorrir para o garoto que saltava em suas galochas - uma exibição de casas de bonecas da época colonial até o presente - concluiu a voz amarrada de Nick. Laurie girara os olhos flutuando numa onda de embaraço.

De mãos dadas, os Douglas moveram-se de bando a bando, olhando as casas de bonecas que haviam visto no dia anterior enquanto eram montadas.

Então, eles não tinham os aparelhos de rádio, aqueles receptores em forma de telefone, que revelavam magicamente todos os segredos, embora tivessem testemunhado enquanto os técnicos os testavam. No dia anterior, seus guias eram o folheto ilustrado e Nick, assim como Lucy, cujo conhecimento nesse campo era considerável. Seu trabalho estava em meia dúzia das coisas expostas, mas °m nenhum lugar fora tão extenso quanto na Casa Branca da avó. Por causa da distração do fotógrafo e da presença intimidante da própria Dolly, nenhum deles examinou-a em detalhes. Mas naquele dia o fizeram, dando a volta na casa para vê-la de todos os lados.

Lucy ficara aliviada por Laurie e Zach terem mantido a boca fechada; ela esperara mais ou menos que um deles anunciasse: "foi minha mãe que fez isso!" Talvez tenha sido a voz da avó saindo do aparelho de rádio que os tenha atemorizado um pouco, envolvendo o corpo conhecido da casa de bonecas com um certo fascínio.

Após algumas horas, eles arrastaram-se pela chuva. Tanto Laurie quanto Zach caíram no sono dentro do carro. O resto do dia foi lavado pela chuva, de forma tão sonial quanto o dinossauro, ou os prédios em volta do passeio.

O telefone soou e Lucy deu um salto. O relógio da parede a repreendeu. Ela devia estar na oficina quinze minutos antes.

Da sala de estar, o pai declarou:

- Bosta!

Isso fez com que Lucy sorrisse. Um dos passatempos principais dele era fazer críticas a seu sabonete favorito.

Ela tirou o fone do gancho no segundo toque. Sabia quem era.

- É você a Lucy Douglas da VIP? A gostosa? - perguntou Nick.

Lucy soprou uma vaia no fone e ouviu a gargalhada de Nick.

- Olha, algumas pessoas têm de trabalhar para viver - interrompeu ela - portanto, me desculpe.

- Ei, espere - suplicou ele.

- Estou esperando, mas somente por causa do extremo respeito que tenho para com as pessoas mais velhas.

- As fotos estavam geniais - apressou-se ele - e você estava linda. Escuta, você tem mesmo vinte e nove anos?

- Obrigada. Não, tenho catorze, só que pareço mais velha. E por causa disso você

também está metido em encrenca, mas bem que merece. Você podia ter me avisado, de modo que eu pudesse vestir algo mais de acordo do que os jeans que me fazem tão grossa e grande quanto o prédio do FBI.

- Eu estava por fora - refletiu ele. - Achei que você estava ótima. Além disso, se eu avisasse, você não teria vindo.

- Você é um torturador!

Ele deu uma risadinha malvada. - Não se esqueça, minha gracinha, que sou o credor da hipoteca do seu pai.

Lucy riu.

- Te vejo à noite, seu sem-vergonha.

- Olha aqui, minha querida, você precisa se liberar dessa obsessão puritana com o trabalho.

- Pois eu sou puritana e classe média. E além disso tenho essas crianças puritanas e pequeno-burguesas que têm um apetite feroz. Você iria alimentá-las?

Houve uma curta pausa de satisfação de parte de Nick.

- E então? - perguntou ela, desfrutando da sensação inesperada de tê-lo encurralado em Miniaturas do Terror - Tabitha King

um canto.

- Estou pensando no assunto - disse ele. - São crianças limpas, só não sei se poderia aceitar as respostas malcriadas da mãe delas.

- Aprendi com você tudo que sei.

- Puxa! Durante um minuto, pensei que você fosse cuspir tudo no telefone e acabasse eletrocutando-se.

- Seria melhor se você fosse brincar com o seu museu - insistiu Lucy e me deixasse voltar ao trabalho.

- Que pena! Só queria perguntar se você queria jantar comigo hoje à noite.

- Então pergunte! - Lucy examinou o relógio. Se Nick não deixasse que ela terminasse algum trabalho, ela iria discutir a saída da noite.

- Oito horas?

- Hum-hum.

- Já teve notícias de Dolly?

- Não.

- É por isso que você está tão ansiosa para voltar ao trabalho - acusou

- Olha aqui, você é muito espertinho. Mas está esquecendo-se de papai. Além de seus outros belos atributos, ele também responde aos telefonemas.

- Mas Zach está dormindo agora. Você vai tirar o fone do gancho. Fiquei surpreso por ter conseguido, mas imaginei que você podia estar arrebatada com sua própria imagem nessa gloriosa revista.

Lucy riu.

- Te vejo à noite, seu sem-vergonha.

Ela desligou e, imediatamente, tirou o fone do gancho, pendurando-o na borda do tampo da mesa, perto do aparelho.

- Pai - perguntou ela, virando a cabeça para a sala de estar - será que podia servir

de babá hoje à noite, depois das oito?

- Claro. -, Ele agitou a mão enorme em direção a ela, sem tirar os olhos do vídeo.
- Esse show não passa duma grande bosta, sabia disso, Lu?

Ela assentiu.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Estarei na oficina, pai.

Nick Weiler cofiou a barba e, durante alguns segundos, ficou ouvindo o zumbido da linha ocupada. Ouviu a ausência de Lucy, relutante em deixá-la ir embora.

No fim, desligou e fitou a revista aberta em sua escrivaninha. Lucy estivera enervada durante a tomada das fotos com Dolly. Toda aquela história da publicidade a surpreendera e depois ela estivera quase sempre na defensiva ao lado de Dolly. Na foto ao lado dos filhos, ela se controlara.

O fotógrafo captara a curiosa inclinação para cima de seus olhos sobre o osso malar, o qual não era um osso côncavo e de fome do estilo da moda, mas sim bem carnudo e modelado, como que esculpido em alguma madeira descorada, de granulação fina. Era seu lado tártaro, assim ela explicava os olhos e a estrutura facial, zombando tanto de sua ancestralidade quanto de seu temperamento.

Em seguida, ele pensou nas mãos dela com seus calos, que mais pareciam cascas espessas, como se ela ainda estivesse sofrendo alguma metamorfose mítica, sendo apenas Galatéia, ou então transformando-se em Dafne. Mas no centro da palma e entre os dedos, na base, a pele da mão era lisa e sedosa.

Quando o telefone tocou e um dos números iluminou-se, ele afastou relutantemente os pensamentos em Lucy e agarrou o aparelho.

- Sim?

- Aqui é a Sra. Douglas, Dr. Weiler.

Não Lucy, ele disse com seus botões, subitamente irritado consigo mesmo por ter esperado que ela o chamasse de volta, por ter sido desapontado porque sabia que não se tratava de Lucy, era Dolly, ele queria ser mico de circo se não fosse.

- Obrigado, Roseann. - Ele ouviu o clique do botão sendo desligado por Roseann. - Alô, Dorothy.

- Você viu essa maldita revista?

- Hummm. - Ela estava a ponto de iniciar um discurso bombástico. Ele ficaria de bico calado e esperaria a tormenta.

- Nunca mais vou fazer coisa nenhuma com esses degenerados de novo.

- Você não devia levar a coisa tão a sério - arriscou ele sem qualquer esperança de que ela estivesse lhe dando ouvidos.

Uma maldição pornográfica foi arremessada em seu ouvido esquerdo seguida de: Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Você gostaria de ser chamado de Nickie ou de qualquer apelido detestável, que sua família tivesse colocado em você quando ainda era jovem demais para se defender?

- Nickles - ele disse distraído. - Mamãe sempre me chamou de Nickles.

A explosiva gargalhada gutural de Dolly balançou a linha.

- Nickles? - perguntou ela.

- Até a época em que fui embora para a escola.

Dolly fez uma pausa.

- Bem... sua mãe sempre foi uma bolha.

Durante alguns instantes, Nick lutou entre a instintiva defesa de filho e a consciência de adulto de que sua mãe era, nos momentos mais difíceis, uma bolha mesmo. Venceu o amor de mãe.

- Ela me amava - protestou ele.

Dolly ficou em silêncio. Seu pai lhe havia imposto o apelido, sua mãe sempre a chamou de Dorothy, ou Dorothy Ann. E Nick Weiler sabia disso tudo, sabia que ela odiava as pessoas que a chamavam de Dolly, porque esse era o nome que seu

pai a chamava, um nome de amor. Dela. E do velho Mike.

- De qualquer forma - disse ela de modo petulante - sinto muito ter-lhe emprestado minha casa de bonecas. Não posso esperar para tê-la de volta. Estou sentindo a falta dela.

- Olha, você é bem-vinda para visitá-la a qualquer momento.

- É, talvez eu vá mesmo.

Nick sentiu-se repentinamente contente por ter conseguido escapar do terreno traiçoeiro do nome de Dolly.

- Está chamando uma tremenda atenção. Nunca tivemos uma exibição de tanto sucesso.

- É verdade? - Dolly estava satisfeita.

- Juro - assegurou ele.

- Você está tomando conta direitinho dela, não está? Os jornais estão cheios de ladrões de arte. É bem desconcertante.

- Dolly - disse Nick solenemente - você é a única pessoa que conheço que seria capaz de roubar uma casa de bonecas.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ela riu.

- É melhor do que roubar o fabricante da casa de bonecas - disse ela.

- Não se pode roubar o que não pertence a ninguém. - Nick reanimou-se ligeiramente.

Gostaria de repreendê-la. Ela devia procurar outra coisa para fazer e não ficar criticando-o por causa de Lucy. Mas não ganharia nada mostrando sua raiva.

- Posso não ser a dona dela, mas pelo que parece sou o meio para fazê-la, e isso em mais de um sentido - disso Dolly de modo rude.

- Nossa! Como a gente é gozada, não?

- Muito gozada - concordou Dolly. - Que tipo de idiota você pensa que sou? Foi você

quem bolou essa sessão de fotos. Estou perfeitamente consciente de que você me usou para promover não apenas esse seu museu duma figa, mas a Lucy também. Graças a mim e a você, é claro, ela teve um montão de publicidade gratuita e ganhou de cara a reputação como melhor decoradora da casa de bonecas do país.

- Você está insinuando que ela não é?

- Ora, não seja bobo - Dolly descartou a pergunta. - Ela está trabalhando para mim, não está?

- Ah, eu pensei que você estivesse fazendo isso para ajudar o sustento de seus netos - ele soltou a frase como uma farpa.

- Por isso também. - Ela ignorou ou não sentiu seu ataque de sarcasmo. - De qualquer modo, você está me devendo por causa da casa de bonecas, queridinho. Seja gentil com Lucy. Sei que ela é gentil com você. Ela pode ser uma perfeita puta, mas você até que consegue se virar com um pouco de putaria e ela precisa mesmo de um homem. Nunca esperei que ela fosse viver sua vida como uma espécie de monumento virginal à

memória de Harrison.

- Fico muito contente por prestar esse serviço.

- Encantador de sua parte, queridinho. Mais tarde falarei com você. Tome conta da minha preciosidade.

Aludindo com isso à sua casa de bonecas e não a Lucy, nem Laurie, ou Zach. Nick achou que ela estava trincando os dentes. Condescendente, miserável... Foi Lucy quem atraiu a sogra para as miniaturas quando Dolly estava desolada, era graças a Lucy - não importava que preço Dolly estivesse pagando por isso - que as multidões estavam sendo levadas para a exibição dos Pequenos Mundos. Ele sentiu-se um pouco enjoado por recordar-se que outrora conhecera o duro garotinho de Dolly Hardesty, do mesmo modo que conhecia Lucy agora.

Havia a questão de seu museu duma figa, como ela o chamara, que precisava andar e a maldita casa de bonecas dela para ser cuidada. Havia uma reunião sobre segurança no Miniaturas do Terror - Tabitha King

fim da tarde. Ele não tinha tempo para ficar furioso com Dolly ou para meditar sobre Lucy. Ele atirou a revista para o lado e abriu a grossa pasta sobre segurança de museus.

No meio da tarde, ele estava caminhando pela exibição do Hall Principal. Ele era uma das poucas pessoas no lugar com uma altura superior a um metro e vinte e, na presença de mais de duzentos escolares e todas as casas em miniatura, ele sentia-se como Gulliver em Lilliput.

Ele visitava as exibições com freqüência. Adorava captar as respostas ao acaso do público visitante, mas principalmente porque gostava da visão, assim como de tudo mais. Os comentários das crianças e de seus acompanhantes chegavam a ele como peças de um quebra-cabeças, ou mais corretamente, como peças de dois quebra-cabeças, enquanto o rádio derramava suas conferências.

A cadenciosa e alegre voz de Connie Winslow, sua assistente para acontecimentos especiais, aderiu-se a seus ouvidos.

- ... construído em 1876, os traços de suas gavetas na base para armazenamento...

- Brian, não toque nisso. - A voz estridente de uma atormentada professora.

E um garoto com bom olho para perspectiva:

- ... a boneca é grande demais para os móveis.

- Não, foi feito assim mesmo - diz seu acompanhante adulto.

O garoto não desiste:

- Mesmo assim, continua sendo grande demais...

- ... o capacho à Aubusson* da sala de visitas foi feito por Elizabeth... - a voz de uma funcionária no rádio, uma das moças do departamento de restauração, pensou ele.

* Tapete à Abusson: pequeno tapete ornamental de fina tapeçaria, tecido originalmente no século XVI, na cidade de Aubusson, na França Central (N.T.).

- ... gostaria de ter essa casa de bonecas... - uma criança ávida.

os corredores extremamente estreitos. Muito danificados em um incêndio... - Eddie Bouton, seu funcionário de relações públicas.

- ... oooh, olha só esse urinolzinho! Eu não poderia meter meu dedo mindinho dentro dele! - Uma moça alta, com a aparência desajeitada da pré-adolescência.

- ... típica casa de bonecas da era vitoriana, dividida em dois andares com dois aposentos em cada... - de novo Connie. Nick persuadira Connie e vários outros funcionários com boas vozes de locutores a gravar a informação manuscrita. Isso envolveu-os mais profundamente na exibição específica, expondo-os a outras áreas do trabalho de museu, fora de suas estreitas especialidades, e poupando as custas de Miniaturas do Terror - Tabitha King

locutores profissionais, jeitinho esse plenamente satisfatório.

- ... feito um abajur como esse que antes era um pote de café dos negros - uma senhora de meia-idade informava uma outra. Elas deveriam ter suas próprias casas de bonecas, devotadas hobbystas que eram.

- É mesmo? - um grito estridente de deleite.

as primeiras casas de bonecas em miniatura... - Eddie Bouton em dueto com sua própria voz, saindo de dois aparelhos ao mesmo tempo - ... criadas pelo marceneiro Joseph Pinkham, na Filadélfia, em 1830...

- ... é igualzinha à casa de bonecas da minha tia Theresa, uma que tem elevador que funciona de verdade, você sabe, quando você puxa o barbante... - duas mocinhas tagarelando excitadas.

Ele não poderia escapar nesse dia.

- ... as janelas em arco nas portas são de um traço único e incomum... - ele ouviu a própria voz.

- ... gostaria de fazer umas cortinas como essa, se tivesse o endereço da fábrica...

- um outro aficionado, um colecionador.

- Brian, não toque nisso. - Um garoto trabalhando e sendo supervisionado.

- ... o bordado é primoroso, não é mesmo? Todo ele da mesma bordadeira, L. Douglas, é

o que está dito aqui. Tenho certeza de que o jogo de quarto de Harriet Mushrow foi feito por ela, esse que tem o acolchoado na cabana de toras de madeira... - o assunto da conversa entre os colecionadores atraiu-o de volta.

- Senhorita Porteous, a Casa Branca se parece mesmo com isso? Fui lá no mês passado e não me lembro dela assim - perguntou uma criança observadora, perto da Casa Branca de Dolly.

- Não exatamente. O que diz o folheto? - a professora.

- ... puxa, gostaria de ser a filha do presidente para alguém me dar uma casa de bonecas... - uma garota bochechuda de lábios espichados.

- ... a restauração que durou de 1948 a 1952 foi marcada por um presente do rei Jorge VI, apresentado pela princesa Elizabeth. Foi um antigo espelho do século XVIII, aqui copiado...

É você que diz isso, Dolly, pensou Nick ao passar e ouvir a informação gravada por ela.

Ele inclinou-se para dar um tapinha no ombro de um garoto.

- Brian - disse ele - toque nisso aí - apontando para uma enorme casa de bonecas de Miniaturas do Terror - Tabitha King

marcenaria da era vitoriana, com janelas de tamanho descomunal, a melhor que havia para ser espiada e mobiliada com peças bem firmes. Brian arreganhou um sorriso e foi direto à casa de bonecas. Nick pegou o olhar aliviado da professora, assentiu e dirigiu-se para sua conferência sobre segurança.

O pai de Lucy abriu a porta quando Nick bateu.

- Olá, Sr. Novick - disse Nick apertando a mão do velho.

- Entre - foi a saudação que recebeu. - Ela ainda está se arrumando. Logo descerá.

Ele seguiu-o até a sala de estar onde Laurie e Zach assistiam à tevê.

- Sente-se - convidou-o o Sr. Novick.

- Obrigado. - Ele sentou-se no braço do sofá. - Laurie está precisando dumas cosquinhas, não está?

O pai de Lucy bufou amavelmente:

- Acho que sim.

Nick estendeu a mão como quem não quer nada em direção à garota de sete anos, que se esquivou dele dando uma risadinha, ao mesmo tempo em que tentava manter os olhos grudados no vídeo da tevê. Zach lançou uma olhada longa o suficiente para sorrir para eles e, em seguida, virou-se para examinar a tristeza crescente do Snoopy.

No intervalo comercial seguinte, Zach escalou o colo de Nick sem dizer uma palavra e ficou sentado ali, equilibrando-se tão precariamente quanto o homem na pirâmide do circo, com um polegar enfiado na boca, enquanto a outra mão brincava com a abertura da calça do pijama. Nick moveu o braço esquerdo para sustentar o garoto. Laurie olhou para cima e fez cócegas nas pernas de Nick para chamar a atenção. Ele seguiu o olhar dela para a mãe de Zach e os dois trocaram um sorriso.

Lucy encontrou-os ajeitados em um confortável silêncio diante da tevê. Tirou Zach do colo de Nick e colocou-o ao lado de Laurie no sofá. O braço de Laurie deslizou para baixo da cabeça do garoto em um gesto maternal. Lucy beijou-lhes o topo da cabeça.

- Olha, depois do Snoopy é hora de dormir - ela disse para o pai. - Boa noite, pai.

- Você escreveu o número para papai? - ela perguntou a Nick, enquanto ele parava para anotar rapidamente o número do telefone do restaurante em um pedaço de papel.

O Sr. Novick seguiu-os até a porta.

- Passem bem - vociferou ele.

- Como está seu pai? - Nick perguntou a Lucy quando a porta foi fechada atrás deles e Miniaturas do Terror - Tabitha King

eles caminhavam para o carro.

- Acho que está muito bem. Teve uma discussão com minha mãe à noite, logo depois da janta. Ela havia visto a revista. Chamou por causa disso.

- Não sabia que eles estavam se falando.

- Não há mais nada para ser conversado. As crianças. - Lucy riu. - A maior parte da conversa que tiveram girou em torno da insinuação de papai de que mamãe estaria perdendo os netos, aos quais ele é bem ligado, he, he, e ela insinuando que ele está se impondo a mim e que, provavelmente, também estaria bebendo meu xerez escondido de mim.

- Ela gostou do artigo da VIP?

- Mais ou menos. De qualquer modo, gostou das fotos das crianças. Ela disse que achou você...

- Oh, oh.

- ... achou que você parecia distinto, mas mais velho do que esperava. Depois, ela deu uma fungadinha e reconheceu que eu não era mais sua filha.

- Oh! - Nick não podia ver sua expressão. Ela encontrara algo para onde olhar pela janela. - Não - disse ele pensativo - acho que você não é mesmo, não?

Lucy não respondeu. Aparentemente não queria continuar com o assunto. Nick queria que ela se abrisse com ele, mas ela mantinha hermeticamente seu passado para si mesma. Ele sabia que os pais dela se haviam divorciado quando ela estava no início da adolescência e que ela jamais se recobrara por completo da sensação de ser um resto embaraçador, a única barreira de verdade para que o casamento dos fois fosse riscado do mapa para sempre. Sua mãe casara-se de novo e tivera filhos; levava uma atarefada vida de subúrbio, que girava em volta de sua carreira no magistério e de sua segunda família. Parecia ter sobrado pouca energia para algo mais do que um relacionamento superficial com a filha

crescida e viúva.

Nick lançou um olhar furtivo para Lucy no momento em que pararam diante de um sinal vermelho. Os cabelos dela estavam para cima, no elaborado estilo quase oriental que acabara de entrar na moda. Isso acentuava a estrutura bárbara de seus ossos, que convidava ao toque, do mesmo modo que a curva de uma madeira polida e lisa.

- Você está linda hoje.

Ela olhou para ele séria.

- Obrigada. Você é bem...

- Distinto?

Ela riu com ele.

- Dolly telefonou? - perguntou ela.

- Ah, claro. Entre a sua vaia via eletricidade e o infinito encontro sobre segurança.

- Ela também me chamou.

- E o que foi que ela disse e você disse?

- Eu falei o mínimo que pude. Fiz uns barulhos compassivos sobre o sacrilégio que a revista cometeu. Pelo visto, os editores foram bem cruéis quando ela os repreendeu.

Nick bufou.

- Ela queria saber como estavam seus queridinhos. Eles não estavam adoráveis na foto, apontando para a casa de bonecas da avó? - zombou Lucy. - Quase vomitei.

- Você não se preocupa por eles se parecerem com ela?

Lucy esboçou um débil sorriso.

- Eu os examinei muito bem no berço. Se tivessem a menor semelhança, eu os estrangularia na hora, com minhas próprias mãos. O que, a propósito, ela me mostrou que seria obsceno, bem divertido nas fotos.

- Ela deve ter sido uma sogra maravilhosa, não?

- Foi. Já mereci meu lugar no paraíso. Nós sempre vivemos em bases militares. Não tínhamos dinheiro para visitá-la e ela não queria nos ver. A casa era relaxada e isso a ofendia. De qualquer modo, eu disse a ela que Zach estava botando gesso na escova de dentes dele e desliguei, antes que ela pudesse me repreender por estar deixando o material em lugares onde ele podia alcançar:

- Eu não sabia que você vive mentindo.

- Pois eu não minto. Ele estava mesmo botando gesso na escova.

- Droga! Não é venenoso, é?

- Acho que não. Mas também não é muito nutritivo, você sabe, não?

- Minha conversinha com Dolly também foi engraçada.

- Foi mesmo? - Lucy esboçou uma risadinha. - Me conte tudo.

- Aquela coisinha fofa me acusou de estar usando o nome e a fama dela, assim como também a casa de bonecas, para me promover, a você e ao Dalton.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Ela fez isso?

- Ah, se fez! E depois danou a falar sobre...

- Posso adivinhar. Merda! - A voz de Lucy sumiu. - Há quanto tempo você conhece Dolly, Nick?

- Desde a época de criança. Foi meu pai que pintou um quadro dela.

- Eu me lembro. O mesmo quadro que foi roubado tempos atrás.

- No verão seguinte, acho que foi, depois de seu pai ter sido mandado pra rua, Dolly e sua mãe passaram algum tempo na Inglaterra. A mãe usou o contato que tinha com Sartoris para apresentar-se a mamãe. Você sabe que mamãe é a típica doçura. Não tem nada de baixeza e ela não enxerga isso nas outras pessoas. Acho que levaria um tempão para explicar como ela foi capaz de amar Sartoris, que é um tremendo bastardo em várias coisas, e porque meu padrasto a amava. Bem, seja como for, ela os hospedou durante vários meses. Fui de férias para casa e lá estavam eles, aboletados na casa como realezas exiladas. Minha mãe me instruiu o máximo que pôde para ignorai a pesada mão da Sra. Hardesty na garrafa de conhaque e para suportar o que mamãe chamou de

"animação de Dolly".

- Seja um bom escoteiro, não? - acrescentou Lucy.

Nick sorriu para ela. Gostaria de poder abandonar aquela reminiscência, mas Lucy continuou.

- Puxa, não me deixe nesse suspense. Conte-me o que Dolly aprontou. Me dê uma arma, pelo amor de Deus, para a próxima vez que ela me disser que estou deixando seus netos crescerem como dois selvagens.

Houve um momento de silêncio e, depois, Nick confessou em um tom de funeral:

- Além de ser uma tremenda mal-educada, ela molestava todos os machos do lugar, inclusive meu pobre padrasto, que nessa época era um velhinho treme-treme de setenta anos.

Lucy assoviou.

- Esse é o tipo de arma cujo tiro pode acabar saindo pela culatra. Acho que não vou usá-la. Você também?

- Hem, o que? Ah, sim. Embora eu fosse apenas um rapaz na puberdade.

- Mal deu para conseguir uma ereção de você, não? - cutucou Lucy cheia de malícia.

- Você está bem engraçadinha hoje. - Nick fez uma pausa. - Coisa gozada. Ela

parou com a coisa de repente, sem mais nem menos. Tomou-se uma colegial bem séria. Acho que mamãe pós um freio nela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Mas achei que você tinha dito que sua mãe não havia percebido.

- Ah, ela sempre percebe. Só que não reconhece a idéia do pecado, ou uma pessoa que seja deliberadamente má. Não, é tudo uma questão das maneiras dela. Não tenho dúvida de que ela pensou que Dolly tivesse recebido uma má educação e que bastavam boas maneiras de sua parte para dar um jeito na besta que ela escondia em seu íntimo. De qualquer modo, ela tentou.

Lucy estremeceu.

- Dolly tinha maneiras grandiosas. Quando a encontrei na primeira vez, pensei com meus botões: que maravilha. Uma senhora de verdade, nos dias de hoje. Depois descobri que ela usava suas maneiras para vestir-se. - Em seguida, Lucy pulou para um outro assunto. - Você conheceu Harrison?

- O seu Harrison?

Lucy assentiu quase que timidamente, como se jamais tivesse sentido posse por seu falecido marido.

Nick balançou a cabeça.

- Lembro-me dele apenas como um garotinho. Eu não tinha idade para estar me interessando pela prole dos outros. Sinto muito. Não posso dizer que sempre o conheci como adulto.

- Ele jamais cresceu. - O tom de voz de Lucy saiu frívolo, embora amargo. - Viveu e morreu como um garoto. Não era mesmo muito parecido com Dolly, com exceção de que estava sempre querendo obter as coisas, não importando a que preço. Todos nós somos um pouco assim, não somos?

Era óbvio que ela estava aflita. Bem que Nick queria que ela falasse das coisas que eram importantes para ela, mas naquele momento isso era demais para ela. Ele não respondeu, fingindo estar concentrado na travessia da rua, saindo da estrada interestadual.

- Quanto trabalho você ainda tem de fazer para Dolly agora? - perguntou ele no fim de algum tempo.

- Já estou no finzinho. - Havia uma satisfação calma na voz dela. Ela se recuperara. - Tenho de fazer alguns acessórios, porcelana e estantes e estou tentando localizar algum papel de parede francês bem pitoresco, de modo a poder executar o aposento de recepção diplomática da maneira que ela quer. E ela me disse hoje que acha ordinário o modelo de chão que o seu pessoal fez no Dalton. - Lucy lançou um olhar de desculpas à

sua maneira.

- Admito que foi um trabalho de primeira.

- Ela quer que eu faça o assoalho.

- Você quer mesmo fazer? Parece um trabalhão dos diabos.

- Não. Eu queria fazer mais alguma coisa na vida além de trabalhar para Dolly. Já é bem chato estar ligada a ela por causa das crianças. Eu podia ter outros fregueses se quisesse e protelasse a conclusão da casa de bonecas dela. Provavelmente, jamais terei um projeto tão grande assim, isso é tudo.

Era tranqüilizador falar do próprio trabalho, pensou Nick. E loucura aventurar-se fora desse atalho. De qualquer modo, ele o fez.

- Dolly falou sobre a preocupação dela de que você fugisse e se casasse comigo e depois sumisse antes que ela tivesse o que queria de você? - perguntou ele alegremente.

- Não. Mas ela não se preocuparia. - Lucy olhou direto em seu rosto sem mostrar nenhuma expressão.

- Não consigo imaginar você sem trabalhar - Nick foi em frente, ignorando obstinadamente o sentido da resposta de Lucy.

Nesse momento, encontravam-se nas ruas da cidade, onde a luz e as trevas alternavam-se nos traços de Lucy.

- Ela acha que eu vou roubar você, ou que alguém irá roubar sua casa de bonecas. Ela sabe muito pouco - continuou Nick com ar distante - que o Dalton está mais seguro do que um carrapato neste momento. Além disso, nunca ouvi que alguém tivesse roubado uma casa de bonecas.

Ele não precisou acrescentar: e você também está bem fechada a sete chaves. Um silêncio desconfortável caiu sobre eles e só diminuiu no momento do vinho da janta.

Eles saíram do restaurante em um estado de leve embriaguez.

Ele parou o carro numa esquina de uma tranqüila rua arborizada de Georgetown. Lucy, enroscada no assento ao lado dele e relaxada pelo efeito do vinho, reagiu lentamente.

Ele agarrou o pulso direito dela, enrolado em sua bolsa de noite.

- Vamos ver o que há dentro de sua carteira - ordenou ele.

O rubor cintilou na face de Lucy. Ela debateu-se um pouco, rindo, e protestou:

- Não!

Ele soltou-a e recostou-se no assento.

- Ora, vamos - ele manteve a mão firme. Ela empurrou a carteira para

- Bela coisa - reclamou ele - quando eu puder levar você para um bom restaurante sem Miniaturas do Terror - Tabitha King

que você roube as costeletas de carneiro e os guardanapos da bandeja de doces.

- Olha aqui, eu até que podia usá-los. E a única coisa que eles fazem é jogá-los fora -insistiu ela.

- Você nunca sabe o que irá fazer com eles, não?

- Ué, fazer algo.

- Você não sabe. E essas nem eram nossas costeletas.

Ele devolveu-lhe a carteira e ligou o carro de novo.

- Você é uma tremenda gatuna, Lucy. Escuta, você não gostaria de dar um pulinho na minha casa?

Ela voltara a enroscar-se nele e fechou os olhos.

- Vou dar para você as caixas de ovos que economizei - disse ele oferecido.

Ela reprimiu um ataque de risadas.

- Meu velho saquinho de chá?

Lucy deu uma bela gargalhada. Nick inclinou-se para dar-lhe um beijo na cabeça.

- Vamos - sussurrou ela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 3

Dolly Hardesty Douglas andava de um lado para o outro na sala de estar. Sentia-se como uma exilada. Não havia nenhum conforto nessa noite nos objetos familiares. Sua mãe observava do retrato em cima da lareira, o foco do aposento. O brilho do cabelo da mãe era a única cor forte no cômodo creme, prata e azul. Dolly fixou o olhar nele, vendo não a beleza sonhadora que adorava, mas sim o fantasma guardado em suas próprias fantasias, que Leighton Sartoris pintara vinte e cinco anos antes.

Ela deu as costas ao retrato para olhar de novo para a cidade. Manhattan era sua escultura de luz geralmente espetacular. Poucas vezes antes aquela visão deixara de deliciá-la. Em geral, ela sentia-se como a rainha disso tudo, sentada no topo de aço e vidro de sua montanha. Mas nessa noite, ela estava despojada, incapaz de sentir qualquer relação com a visão.

Ela esvaziou um cinzeiro cheio numa cesta de junco prateado, apenas para ter algo que fazer. Tentou pensar em alguém da cidade que conhecesse. Foi bem doloroso constatar de repente que não havia mais ninguém. Não do tipo que queria ver. Acendeu um outro cigarro. Com toda probabilidade, não havia

ninguém lá embaixo, na cidade, que a conhecesse, ou que se preocupasse com ela.

No discreto barzinho, ela serviu-se de um copo de ginger ale. Nunca se interessara em beber algo mais forte do que vinho, gosto este - ou falta de que bem podia tê-la preservado do alcoolismo que destruiu sua mãe. Seu único vício de verdade era o cigarro, pensou. Olhou para o que tinha entre os dedos com desgosto. Seu pai sempre afirmara que o vício do fumo era indigno de uma senhora e brigara durante trinta e cinco anos com sua mãe por causa disso.

As lembranças mais antigas que tinha eram de sua mãe fumando furtivamente no quarto das crianças, enquanto lia para Dolly um conto de fadas para dormir. Dolly, com idade bastante para falar aos dois anos e meio, também fora bem comportada para manter um segredo, quando sua mãe fez disso uma brincadeira. O pai jamais entrara no quarto; estava sempre em seu gabinete do andar inferior, pelas noites.

Desde então, ela fizera uma porção de coisas na vida que seu pai não aprovaria. Não que ela fosse agora uma santinha do pau oco. Havia três anos que não tinha nenhum amante.

Com exceção de si mesma. Ela não achava que a masturbação fosse um pecado, nem mesmo um mau hábito. Era ótimo para manter uma boa aparência e dava ao dia um bom começo e, de qualquer modo, poupava seu velho marido. Um macho típico, quando tudo era dito e feito.

Se havia alguma coisa que ela amava, era a casa de bonecas. Ela enchera todos os brancos de sua vida, muito bem, obrigada. Três anos de satisfação. Não eram muitos os Miniaturas do Terror - Tabitha King

casos de amor que rendiam tanto assim, ou durante tanto tempo. E nem se fale em casamento! Só de pensar em Harry Douglas, que o cretino esteja queimando no fogo eterno do inferno, fazia com que ela estremecesse.

De qualquer maneira, ela faria um bom papel na sua idade, entrando no mercado em competição com as mulheres jovens e seus corpos frescos. Olhe só Nick Weiler, não que fosse muito mais jovem do que ela, perseguindo sua nora, uma mulher com dois filhos, a boba da Lucy, que tinha idade para ser filha de Nick. Quase. Não que estivesse com ciúmes dele; Lucy lhe era muito bem-vinda. E ele a Lucy. Afinal de contas, ele era um peixe frio demais para ela. Ela sempre teve

a sensação de que ele estava pensando na frente dela e que o que ele pensava não era bem lisonjeiro. Igualzinho a seu pai, aquele velho réptil do Sartoris.

Para falar a verdade, Nick tinha seus atrativos. Dorothy sentou-se com seu ginger ale e o cigarro soprou a fumaça pensativamente em direção ao retrato de sua mãe. Era perfeitamente previsível. Nick ficando de cabeça mole e baixo-ventre duro por causa de uma mulher como Lucy. Loucuras da meia idade e, naturalmente, uma moça que era a antítese exata das outras mulheres de Nick. Ela não gostaria de conhecer o que Lucy sabia sobre elas? Não muito, já que conhecia o seu Nick. Ele era um consumado mestre de discrição quando isso servia aos seus interesses, coisa que invariavelmente ocorria.

Ela esvaziou o copo e apagou o cigarro. Hora de visita ao aposento da casa de bonecas.

Receava isso, mas seria bom para sua preguiça.

Pareceu tremendamente vazio, apesar de não o estar. Havia os aposentos de madeira e as outras casas de bonecas que possuía, lindamente arrumadas. E o grande espaço vazio no centro, que era o lugar reservado para a Casa Branca de Dolly.

Maldito seja Nick Weiler por tê-la convencido. Relutando em penetrar o vazio do aposento, ela recostou-se na ombreira da porta. Era ridículo ficar arrastando-se pelo apartamento, semeando um caso de câncer pulmonar e especulando sobre a vida sexual de outras pessoas, como uma velha obscena. Tudo isso porque Nick a convencera a compartilhar sua casa de bonecas com o mundo. Enganando-a em seu orgulho. Ela devia telefonar para Lucy e ter uma conversa de mulher para mulher sobre Nick. Furar o balão dela.

Ela discou no telefone mais próximo com dedos quase firmes. Desperdício de esforço, pois quem atendeu foi o velho Novick. Ele disse com sua trêmula voz de velho que Lucy havia saído. Não precisou dizer-lhe com que pessoa.

A garganta dela fechou-se numa raiva súbita. Aqueles dois, sugando-a, tentando afastá-la de sua casa de bonecas. Espremendo seus cerebrozinhos. Seus dedos coçaram de vontade de arrancar os olhos deles. Ela atirou-se na enorme cama vazia e socou os travesseiros até perder a respiração. No descanso da raiva, ouvindo-se arquejar, Dolly começou a rir. Seja generosa, disse para si mesma. Como seria essa música? O que o mundo precisa agora...

Que bom que alguém estivesse divertindo-se. Ela tateou procurando os cigarros. Mais cedo ou mais tarde, seria a vez dela se divertir.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Leyna estava com uma aparência terrível. Sabia disso. A moça da maquilagem lançou-lhe um olhar crítico e balançou a cabeça aprovando, mas isso foi apenas um ritual.

Leyna abanou os imaculados dedos para o diretor e caminhou confiante até a marca no assoalho. Ela e Roddie acotovelaram-se durante um curto lapso de tempo em volta do script. Roddie adorava dirigir Leyna. Ela nunca usava notas ou o teleponto e nunca perdia um furo jornalístico.

Leyna empertigou-se em sua altura de um metro e noventa, mais os dez centímetros dos sapatos de salto alto. Relaxou os ombros e mexeu a cabeça, de modo que seus cabelos se abrissem em volta da gola de sua camisa. Uma pesquisa revelara que os espectadores masculinos tinham fantasias com os cabelos dela. Ela nunca esqueceu-se disso.

Tempo, avisou a luz vermelha; ela olhou diretamente para a câmara.

- Pode parecer com uma festinha de aniversário no meio de uma revolução, mas Washington jamais esteve mais alegre, jamais flutuou em tanta leviandade social, nunca esteve tão brilhante e bisbilhoteira - começou ela. Talvez mesmo nos mais altos escalões governamentais, as pessoas precisem dessa válvula de escape em um tipo de proporção direta à pressão dos assuntos do mundo e da nação.

- Uma das maneiras pelas quais a Washington oficial tem exorcizado suas crises diárias está aqui - e a câmara fechou o diafragma nela e abriu-o numa outra cena - no Dalton Institute do século XIX, outrora conhecido como Museu Penny.

Ela sabia que o público que ouvia sua voz estava vendo o Dalton, iluminado na noite como um bolo de aniversário, o pórtico de entrada aquecido com o pessoal elegantemente trajado. A câmara piscou e retornou a ela.

- Que há ali de tão divertido? - Leyna dirigiu-se a sua audiência como se estivesse falando, cara a cara, com o público sentado em sua cama. - Uma exposição de casas de bonecas - segredou ela.

Um outro olho, uma outra câmara, situada no pavimento superior do saguão, esquadrinhou o hall, filmando a entoucada, becada, vestida de smoking e costurada corporificação da democracia, que se divertia entre cidades de casas de bonecas. A voz de Leyna, clara e um pouco gutural, continuou. A câmara tornou a enfocá-la, como se fosse por acaso, uma linda mulher com um elegante vestido que ia até o chão, de um azul-marinho levemente brilhante, separada do grupo resplandecente apenas pelo microfone que levava na mão, ao' invés da taça de champanha.

- Casas de bonecas - repetiu ela. - As casas em miniatura variam desde o tamanho de ovos de ganso, alinhadas com folhas metálicas e equipadas com bonecas de clipes e mobílias de contas, até a casa de bonecas de marcenaria da era vitoriana e cabanas de plástico e de estanho produzidas em massa, assim como também os extravagantes brinquedos de adulto que valem milhares de dólares A lente da câmara mudava de uma casa de bonecas para outra, enquanto ela falava, Miniaturas do Terror - Tabitha King

conseguindo perambular para ilustrar sua fala e, de vez em quando, captando um senador aqui, a mulher de um senador ali, acolá uma rápida visão do presidente levando a mãe pelo braço, no outro lado um alto funcionário da justiça, um ministro do gabinete, uma grisalha esposa de congressista, ali um trio de moças adolescentes, transformadas em dobras de cristal e favos de marfim, rindo por trás de seus leques.

- Mas a estrela da festa é esta casa de bonecas - Leyna fez uma pausa para permitir que a câmara enquadrasse a Casa Branca de bonecas. - Naturalmente que com toda justiça.

Afinal de contas, esta é Washington. Esta é a casa de bonecas de Dorothy Hardesty Douglas, miniatura da Casa Branca, réplica notável da mansão do Executivo.

Afora, apareceu na câmara uma outra pessoa, uma pequena e delicada mulher de cabelos platinados, envolta numa roupa diáfana de prata.

- É verdade que quando você ganhou a casa, não gostou dela? - perguntou Leyna.

- Não foi bem assim, não é que não tenha gostado. Achei que era velha demais para ela.

Hoje, acho que era jovem demais. - Dolly zombou de si mesma.

- Hoje você pensa diferente?

- Ah, claro. Quando redescobri a casa entre os pertences de meu pai, depois da morte dele, me apaixonei por ela. Tomei a decisão de transformá-la numa Casa Branca perfeita.

- Numa perfeita Casa Branca? - perguntou Leyna. - Ela não é uma réplica exata da Casa Branca?

- Não como é agora ou como sempre foi. A Casa Branca verdadeira parece estar sempre num estado de alteração contínua. As anomalias óbvias e nesse ponto, as mãozinhas quadradas de Dolly voaram em delicados gestos sobre o surpreendente tamanho da casa de bonecas - a falta de alas, que contêm os gabinetes dos funcionários e que não são muito interessantes, de fato, e a ausência dos andares subterrâneos, onde se encontram hoje em dia os escritórios dos empregados. Em sua essência, essa pequena Casa Branca contém os aposentos públicos históricos e os quartos privados, como eram no século XIX.

- E foi você quem a decorou?

- A decoração predominante é de Jacqueline Kennedy, modificada pelo meu gosto pessoal, especialmente nos quartos particulares. Ela entendeu a função histórica da Casa Branca e tinha um excelente gosto. De fato, embora essa Casa Branca seja a Casa Branca que eu teria, se vivesse ali.

Leyna voltou a olhar direto na câmara.

- Leyna Shaw, do Dalton Institute, em Washington - e lançou um curto e divertido olhar sobre a Casa Branca de bonecas - olhando para a Casa Branca de Dolly.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

A luz vermelha da câmara escureceu, apagando-se. Leyna sorriu friamente para Dolly, que permaneceu imóvel, seu rosto tornando-se subitamente uma máscara. A cabeça de Dolly moveu-se rigidamente para cima e para baixo, qual uma serpente exibindo as presas. Seus olhos estavam arregalados e com uma expressão de choque. Ela girou nos calcanhares e afastou-se.

Leyna acenou uma despedida para sua equipe, entregou o microfone dizendo obrigada ao passar por perto. Estava livre para juntar-se à festa. Enquanto examinava a multidão para saber aonde dirigir-se, alguém estendeu-lhe uma taça de champanha. Ela encontrou-se de frente com Nick Weiler.

- Obrigado, querida - disse Nick. - Dorothy mijou em cima da VIP por causa disso e agora vai mijar em você e olha que está bem furiosa comigo.

- Ótimo. Talvez ela se afogue no mijo - disse Leyna deliciada.

- Você não está entendendo a coisa. Ela podia ter doado ao Dalton, podia ter-nos dado a maldita casa de bonecas, o resto de sua coleção. Ela possui vários Sartoris, você sabe.

Leyna deu de ombros num gesto elegante.

- Eu não tinha a menor idéia de que o velho Mike tivesse roubado tanto assim. Sinto muito, não sabia. Pensei que estivesse tudo encerrado. E acho que você está com muita gana nos Sartoris. Não é seu pai que vai entulhar o Dalton quando bater as botas?

- Quem sabe o que meu pai fará?

- Bem, você podia dar uma trepada nela para obter os Sartoris.

- Escute aqui, por que você não fala assim quando está no ar? - Nick não pôde evitar um sorriso malicioso. - Milhares de tarados iriam entrar no maior êxtase.

- Estava guardando isso para você - Leyna inclinou-se para mais perto dele. - Lembro-me de ter escutado que você e Dolly não são mais chegados um ao outro. Você

conheceu a doce Lucy, a brava viúva do herói, não conheceu?

- Pensei que você estivesse defendendo os interesses da República, com um olho em cima dos políticos, e eis que encontro você de ouvidos abertos para as fofocas mais baixas - zombou ele em resposta.

- Dá no mesmo e é claro que também tenho tempo para outras coisas. Opta, daqui a pouco suas orelhas estarão ardendo, queridinho. Acabei de ver sua amiga

Lucy com Dolly. Aposto como estão comparando as anotações. Não que você deva se envergonhar de algo...

- Estava guardando isso para você - disse Nick.

Leyna riu, um riso sufocado na garganta.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Nick Weiler colocou as mãos nas costas. Parecia um gato perto de uma porta giratória.

- Você vai fazer o segmento Domingo no Dalton? - perguntou Nick.

- Roddie está filmando bastante hoje à noite para editar alguma coisa - respondeu ela. - Claro que vamos precisar de um bate-papo com você. Vamos planejar isso depois.

Leyna não foi gentil o bastante para olhar para o lado enquanto Nick lutava consigo mesmo. Ele amaldiçoou em seu íntimo o atrevimento dela. Mas por que ela deveria ser acanhada com ele?

- Estarei aqui mais tarde fechando a loja - disse ele por fim. - Tentarei.

Leyna fez que sim com a cabeça.

- Ótimo - ela acenou para alguém que conhecia.

- Desculpe-me - disse Nick, mas foi Leyna quem se afastou, dando uma pancadinha de leve em seu braço e um leve roçar de lábios em sua boca.

O Dalton estava vazio, com exceção do pessoal, quando Nick encontrou Lucy de novo, enrolada num casaco, no sofá de seu escritório. Ela não estava tão adormecida assim, como descobriu ele ao inclinar-se para beijá-la. Chega de beijos mágicos de príncipe para a noite.

Ele conseguiu ajeitá-la no carro. Ela aconchegou-se o mais distante dele que pôde, despertando do sono semiconsciente para depois adormecer de novo, várias vezes no trajeto para casa. Ele estava pesarosamente consciente da distância que os separava. Era como se um mar vazasse inesperadamente,

deixando-o com a infinita superfície e a distante espiral de água, que captava a luz.

O Sr. Novick também estava dormindo em frente das listras do vídeo da televisão. Nick parou para desligar o aparelho, enquanto Lucy desvencilhava-se dos sapatos com um pontapé. Ela apresentou uma apática face para um tímido beijo e, agarrando os sapatos, subiu os degraus em direção ao quarto, sem dizer uma palavra.

Nick saiu, aliviado por escapar do silêncio dela. Já havia sido bem chato o fato de ela não conversar com ele, pior ainda porque parecia preferir a inconsciência à sua companhia. Ele sentiu-se como um candidato no programa Noivado na Tevê, que não tivesse sido aprovado.

Voltou para as luzes da cidade, consciente de não estar sentindo nenhum sono. Era como se ele fosse a única pessoa entre milhões, que não estava dormindo. Uma rara e súbita onda de raiva invadiu seu intimo. Queria voltar para a casa e fazer amor com Lucy. Só que não queria fazer amor com ela. Ele a queria para ficar quieta e inerte, como um manequim, ou uma boneca de trapo; queria puni-la com o sexo.

Acelerou mais ainda, descarregando a ansiedade que a raiva lhe provocava. Ele podia Miniaturas do Terror - Tabitha King

ser capaz de conversar com o pai sobre essa nova experiência de raiva no amor; o velho jogador iria entender o que isso era. Mas seu pai estava longe, em sua ilha, dormindo o sono dos velhos e justos. O endereço de Leyna não ficava muito fora de seu caminho.

Ela pelo menos faria com que ele voltasse a si.

Ela retirara os sapatos de salto alto e eles ficaram cara a cara. Muito tempo depois, ele conseguiu dormir.

Lucy ficou contente quando o segmento Domingo terminou com uma entrevista com Nick, deixando que ele narrasse flashes da exposição sobre casas de bonecas. Ela não conseguiu assistir à exibição das casas de bonecas e seu conteúdo, separando-a da voz dele, que ainda ostentava um acento típico de aluno de escola pública inglesa.

As garotinhas - e as vezes não tão garotinhas assim - brincavam com casas de bonecas desde os tempos imemoriais. Gerações e gerações de crianças brincam de casa, com suas próprias versões dos utensílios e ferramentas dos pais, móveis e aposentos nos quais colocá-los, do tamanho próprio para crianças e às vezes menor ainda, transformando o aprendizado em brincadeira, como as crianças sempre fazem, exercitando-se com a experiência.

A câmara mostrou: minúsculos potes e caçarolas de louça azul salpicada de esmalte, uma máquina de costura de cobre, um berço, brinquedos de tamanho delicado para os bebês das bonecas.

Os adultos também fazem miniaturas de seus bens e edifícios com propósitos outros que as brincadeiras de crianças. Desde a época dos faraós, em cujas tumbas foram encontrados diminutos modelos parecidos com jóias de todos os tipos de coisas que as pessoas usavam, as pessoas têm feito o que chamamos agora de miniaturas, não apenas com fins religiosos, mas também para a comercialização.

Havia objetos em miniatura que eram amostras de deuses pesados ou volumosos demais para serem transportados, ou que eram modelos futuros de coisas em escala natural (muitas das casas de bonecas, mesmo hoje em dia, são na verdade modelos arquitetônicos de prédios verdadeiros)...

Um altar dourado e esmaltado, numa escala de um sétimo do tamanho do original, estava exposto num fundo de veludo escuro. Um trem de brinquedo, com uma diminuta e surrada locomotiva; um reluzente piano polido; um forno de ferro, demonstrando menos esplendor diante de uma elegante casa de bonecas da era eduardiana; o modelo do arquiteto de uma casa da cidade em Manhattan, já desaparecida.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

... ou eram amostras no sentido da amostra comercial dos dias de hoje, uma tentação para forçar a compra. As casas de bonecas e as miniaturas têm sido usadas como auxilio didático, de modo que as meninas das eras passadas pudessem aprender as complicadas artes dos trabalhos de dona-de-casa...

Uma ferramenta de aparência estranha; roupas dobradas e amarelecidas; facas e colheres enferrujadas dos mais variados tamanhos; um conjunto de copos de cristais e uma garrafa; uma prateleira de secagem; um fole carcomido por traças;

tudo exposto em uma cozinha de tamanho desproporcionalmente grande, tão abarrotada de utensílios e ferramentas que nenhuma boneca que se respeitasse poderia esperar terminar qualquer trabalho que fosse em meio àquela desordem.

... Outras casas de bonecas preservam modos de vida do passado, artes domésticas de outros tempos e, às vezes, aposentos ou casas famosos. São os colecionadores adultos ou os fabricantes de miniaturas que se interessam pela ilustração histórica, claro. Às vezes, encontramos uma casa de bonecas que a paixão e destreza de alguém transformaram em uma obra de arte, em resposta ao instinto humano de transmutar os objetos mais mundanos em algo mais.

O close final da câmara foi em cima da casa de bonecas de Stettheimer, a criação da década de 20 de um trio de irmãs, que é ao mesmo tempo uma obra de arte, a ilustração histórica do estilo de vida de um período e um brinquedo da Terra do Nunca, uma casa de bonecas para meninas não tão meninas assim.

O que nos atrai para as casas de bonecas e seu diminuto mobiliário?

Talvez por uma razão simples, óbvia e apropriadamente infantil... a pequenez: a reprodução do nosso próprio mundo em uma escala reduzida, ao qual estamos ligados, assim como estávamos quando brincávamos de papai e mamãe, pais das nossas bonecas, nos quais nos transformamos.

O pai de Lucy vociferou quando o segmento chegou ao fim.

- Grande esse carrão aí, você não acha, Nick? - ele chamou a atenção para um belo carro de luxo, cuja propaganda estava sendo feita por um astro do tênis sueco. Lançou um olhar preocupado em direção a Lucy, saliente em sua cadeira de balanço. Não tinha a menor idéia do que estava errado, sabia apenas que Lucy sentia-se infeliz e a culpa parecia ser de Nick. Ele gostava de Nick, mas a impassível tristeza de Lucy provocou um forte desgosto em relação ao amigo.

- Você não quer desligar isso, pai? - perguntou Lucy de repente. Ela levantou-se e espreguiçou-se. - Já acabou.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

O velho observou-a subindo a escada, parecendo apenas cansada. Queria saber o que estava errado. Aborrecido e levemente contagiado pela depressão dela, ele baixou o volume e instalou-se para assistir às últimas notícias da noite.

Alguns dias depois, ele aboletou-se em uma espreguiçadeira e pôs-se a ler o jornal à

sombra de seu chapéu de palha. Laurie e Zach brincavam com um punhado de crianças vizinhas perto de seus olhos e ouvidos. De uma mesa de piquenique próxima, um rádio transistorizado transmitia o andamento de um jogo de bola.

Era agradavelmente sonolento aquele dia de primavera que ele desfrutava. Surgiu uma pequena nuvem na forma da pequena Mercedes esporte de Nick Weiler.

O Sr. Novick acenou para Nick e tirou o chapéu o tempo suficiente para apontar para a oficina. Sua cabeça manchada brilhou ao sol, até que o chapéu de palha pousou firmemente sobre ela. Ele arregalou um largo sorriso de dentadura postiça e apertou a mão de Nick quando este passou por ele. Não havia muita coisa mais a ser dita além dos

"como vai". Por causa do belo dia, ele esperou que os dois se reconciliassem.

Caminhando em volta da oficina, Nick foi possuído pelo pensamento de que o Sr.

Novick era menos de dez anos mais velho do que ele. A importância, o alcoolismo e a amargura envelheceram tanto o pai de Lucy que ele parecia ser vinte anos mais velho.

Novick chegara a pôr de lado os próprios fracassos e vivia em contentamento resignado com o que salvara, uma vida estagnada com sua filha. Nick achava que, no final de contas, ele era grato por qualquer tipo de família.

Raramente Lucy falava sobre seu pai, ou sobre a desintegração do casamento de seus pais, sendo que na época tinha idade bastante para recordar-se, ou sobre o próprio casamento com Harrison Douglas Jr. Quanto tempo teriam que namorar até que ela pudesse falar dos filhos sem desculpar-se? Ela era tão enrolada; ele estava começando a compreender que tudo que ela retinha, por reserva ou discreção, ou pela necessidade de privacidade, pesava contra ele. Ele não ganhara sua confiança completa. E Nick sabia que isso era apenas em parte culpa sua.

Ele inclinou-se na ombreira da porta, em silêncio durante alguns momentos,

observando o trabalho dela. Ela levantou os olhos rapidamente para ver quem lançava a sombra sobre ela e tomou conhecimento da presença não convidada, com uma súbita explosão de cor em suas faces.

- Que é que você quer? - disse ela abruptamente. Seus dedos lixavam a madeira com rangido irritante.

- Só um papo.

- Estou ocupada - disse ela. Apalpando as ferramentas da oficina, apanhou um formão e começou a cinzelar o pedaço de madeira a sua frente.

- Não esperava essa atitude de você, Lucy - disse ele tranqüilamente.

- É mesmo? - Lucy não olhou para ele. A desordem em sua mesa de trabalho bem podia ser o conteúdo de uma arca do tesouro, de tanto que prendia a atenção de Lucy. - É

evidente que não nos conhecemos tão bem quanto pensávamos.

- Achei que você seria um pouco mais madura... - ele foi interrompido por um outro furioso ataque de lixa sobre a madeira. Foi quase um alívio; ele achava que estava dizendo as palavras erradas e que de nada adiantaria.

- Não me preocupo com Leyna Shaw. Ou com Dolly. Ou com qualquer outra mulher -disse Lucy de repente, a voz elevada pela raiva.

- Lucy - disse ele, odiando o tom de súplica de sua voz - ninguém foi enganado ou usado. Dormi com algumas mulheres solitárias. E não foram tantas assim. Durante algum tempo, elas não ficaram sozinhas. A coisa é tão má assim?

- E você recebeu dinheiro para o Dalton,, ou para qualquer coisa em que estivesse trabalhando. Ou algo, um quadro, uma escultura, ou um convite para a festa certa - as ferramentas na mesa tilintaram e retiniram, enquanto ela as empurrava furiosamente.

- Que droga, Lucy! Meu trabalho é um pouco mais do que ficar puxando o saco de doadores. Pelo menos sou muito bom no meu trabalho explodiu ele. - É o

meu trabalho!

- Fico muito contente por você. Eu recomendaria que você fodesse o seu trabalho, mas é

isso que você está fazendo, não é mesmo? Existe alguma mulher neste país que não tenha escutado essa lengalenga de "é o meu trabalho"? Isso deveria ser causa para o divórcio. Entre o adultério e a crueldade mental, esse "é o meu trabalho". - As mãos dela mexiam-se sem parar, freneticamente, sobre a madeira. Lucy prendeu a respiração e continuou a investida. - Olha, já é bem chato que você tenha fodido com Dolly. E

depois comigo. Me diga uma coisa, você tem algum cartão para marcar as trepadas, faz isso por diversão, ou está fazendo caridade? Me dá vontade de vomitar.

- Pelo amor de Deus, Lucy! Eu e Dolly já acabamos há muitos anos. Tenho quarenta e três anos. Eu devia me guardar para um amor de verdade?

- Já lhe disse, Nick. Não me importo com quem você dormiu ou deixou de dormir. Mas me preocupo com o porquê. A questão é que você parece não compartilhar dos mesmos critérios. Isso é importante para mim, e pelo visto é muito mais importante do que para você.

- Olha, para mim é importante também. Eu gostava delas. Nunca fui para a cama com uma mulher de quem não gostava. Ora, merda! - disse ele desamparado. Por que ela não compreendia? Como poderia explicar-lhe o que havia sido toda sua vida, as mulheres que vinham a ele, as tristes mulheres ricas com seu terrível vazio? Isso sempre lhe parecera uma coisa cortês a fazer, uma amabilidade.

- Ra, ra - a voz de Lucy saiu como um vidro rachado.

Desesperado, ele tentou recuperar o terreno perdido.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Você esteve dando ouvidos a Dolly, essa bruxa filha da puta do norte, e a Leyna Shaw.

Duas das maiores putas da superfície do planeta Terra.

- Você tem certeza de que nunca dormiu com uma mulher de quem não gostasse? -espicaçou Lucy com selvagem alegria.

- Não dormi com nenhuma delas. Sabe, era mais uma espécie de jogo de guerra na horizontal. Eu ficava contente por escapar com minhas bolas.

- Encantador! Não posso esperar para ouvir o que tem a dizer sobre mim.

- Lucy, você está sendo dura demais - insistiu ele. - Estou aqui tentando me justificar para você. Será que isso não é uma espécie de prova de sinceridade? - Ele passou a mão no rosto num gesto de cansaço. - Estou lhe dizendo que o mundo não é sempre preto e branco - pareceu a Nick que essa afirmação era algo que ele percebera de maneira quase literária já nos joelhos da mãe. Por que era tão difícil para ela compreender?

- Como você se sentiria com relação a mim se descobrisse o mesmo tipo de coisa? -perguntou Lucy baixando o tom de voz.

- Essa é uma pergunta injusta. Eu perguntei primeiro. Nunca pedi que você me provasse nada. - Era verdade, só que lhe convinha. Ele soubera desde o início que ela não viria a ele, que ele teria que procurá-la. Teria sido esse seu erro? Apaixonar-se por uma boa, doce e entediada moça da classe média americana, que acreditava que o amor era sempre puro e fortuito, bastando que a pessoa fosse bem virtuosa, como se fosse uma espécie de lei natural?

Ela estava escapando dele. Nick sentiu que a corda se afrouxara. O rosto dela, duro e pálido, ainda estava virado para o outro lado.

Nick recostou-se na ombreira da porta e olhou para fora, para a clara luz do sol. Podia ouvir Laurie, Zach e as vozes das crianças que não conhecia, brincando lá fora. Parecia que brincavam de pique. Ele perguntou-se quanto tempo demoraria até que não conhecesse mais as vozes deles. Respirou fundo e virou-se de frente a ela.

As mãos dela lixavam a madeira qual mãos de lavadeira. Alguns cachos de cabelos escaparam das tranças e flutuavam no rosto de Lucy.

- Olha - disse ele em voz lenta, cuidadosa - estou tentando lhe dizer que sinto muito.

Está tudo acabado. Com Dolly, com Leyna e com qualquer outra pessoa. Só quero você.

- Você disse aí uma coisa certa - ela encarou-o de cheio pela primeira vez desde que ele chegara à porta. - Está tudo acabado - ela tornou a abaixar rapidamente o olhar. - Tenho muito trabalho a fazer. Sei que você entende. Adeus!

Durante alguns instantes, ele continuou lá em silêncio, pensando "essa é a última pedra"; enquanto as vozes das crianças dissipavam-se e desapareciam. Ele virou-se e afastou-se a passos largos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Finalmente, as mãos de Lucy pararam, mas ela não levantou o olhar. Sentia-se estúpida e, de um certo modo, de maneira indeterminada e informe, errada. Após um longo tempo, ela estendeu a mão à procura do formão, como um cego movendo-se em espaços memorizados. Com cuidado e precisão, ela empurrou-o para cima e para baixo e, em seguida, repetiu o movimento.

De repente, ela atirou-se no chão e apertou as mãos. Brotava na palma de sua mão um diminuto filete vermelho.

- Merda! - resmungou ela enxugando o sangue no avental. Jogou as ferramentas para longe do alcance das crianças e atirou a madeira lascada na caixa de papelão que fazia as vezes de caixa de lixo. Saiu da oficina cabisbaixa.

O miniaspirador zumbia, enquanto Dolly o passava no minúsculo canapé da casa de Joãozinho e Maria que estava tendo o que Dolly achava ser uma bela limpeza. Ela tivera uma dúzia de belas limpezas na ausência de sua vizinha, o orgulho e alegria de Dolly, a Casa Branca de bonecas. A tarefa parecia-se vagamente à jardinagem de um cemitério, na qual se desfrutasse do espírito flutuante do defunto recente.

Dolly refletiu sobre a conversa que tivera com Nick Weiler pelo telefone, nessa manhã.

- ... freqüência recorde - disse ele, do modo que as pessoas dizem: pelo menos ele foi rápido e rasteiro. - Gostaria que você nos deixasse mantê-la por mais tempo.

Ele poderia ter sido um pouco mais delicado, um pouco mais entusiasmado. Dolly tinha que brigar.

- Sim e se eu deixar, você logo vai rne pedir para sair emprestando por aí com o resto da exibição.

Nick desabou como um castelo de cartas.

- Ora, nós conseguimos o solar Fondtland da menina Updegraff para substituí-la.

- Não tem nada de desajeitado nisso agora - ela disse. - De que é que você está se queixando? - ela perguntou, embora achasse realmente que o solar Fondtland não fosse um sucessor digno de sua Casa Branca de bonecas e claro que Nick não se queixara em absoluto.

- Dorothy, apreciei muito seu empréstimo a nós. Gostaria de dizer que ela não foi roubada.

Brincadeira boba e muito sem graça, pensou Dolly. Como podia aquele tolo pensar que não havia nenhuma ameaça à Casa Branca de bonecas, com todos esses gatunos desalmados agindo por aí?

Não, ele não havia sido ele mesmo. Polido, como sempre; essa puta velha da Maggie Weiler saltaria para fora de sua cama antiga e bateria nele com o pânico, se ele não Miniaturas do Terror - Tabitha King

fosse polido. Embora a velha Maggie também o desaprovasse por sua burrice deslavada.

Tudo porque ele e a querida Lucy estavam tendo desavenças. Esse pensamento fez com que Dolly cantasse um pouco mais alto.

A idiotice do homem indo para a cama com Leyna Shaw, para dar uma reprise, e ela vivendo nesse complexo em que vive a metade da Washington oficial, testemunhando o carro de Nick estacionado perto do dela na garagem, um belo símbolo - Dolly deu uma risadinha íntima - de outra coisa que ele estava estacionando e onde. E depois aquele segmento Domingo, com Leyna ronronando para ele, como uma gata ouvindo um abridor de lata, caso alguém ainda tivesse alguma dúvida. Foi muito divertido, os dois preocupando-se um com o outro, da mesma maneira que sempre fizeram tudo: Leyna, fodendo com

qualquer pessoa que soubesse de alguma coisa, além dos executivos da rede que pudessem promovê-la; e o querido Nick, alegre, educado, fazendo a felicidade das mulheres ricas e conseguindo belas doações para seu museu. Coisa essa que levantava a interessante especulação sobre qual dos dois, ou se os dois já haviam fodido um dia com o presidente. Leyna gostava de insinuar que já havia e Matt Johnson não se dignara a desmentir. No entanto, Dolly jamais ouvira algo sobre ele entregando-se a alguma luxúria que não fosse o próprio sexo, e a melhor parte desse segredo oficial era o fato de Nick Weiler ser exatamente o tipo de amigão que Matt sempre procurava.

Ah, bem, Lucy era rápida demais para não perceber os sinais e houve também uma certa fofoca de uma coluna social e a própria Dolly tivera um belo bate-papo com Connie Winslow, que Lucy pensava ser sua amiga. Connie, com sua bela voz metida em um corpo tremendamente feio, sabia muito bem que Nick Weiler nunca faria amor com ela e, assim, mantinha o desejo que sentia por ele bem enterrado em seu íntimo, ao ponto de cultivar amizade com a namorada dele. Connie ficara contente em contar a Lucy, por engano, é claro, que o querido Nick estava sendo um sacana, epa, e isso era bem apropriado, não era?

Só agora ele era um grande sacana, mas será que, depois de algum tempo, todos não o eram? E era agradável pensar que a ordinária da Lucy descobrira que seu amor de verdade não passava de um puto.

A campainha da porta soou abafando o zumbido do miniaspirador. Dolly ignorou o toque, que foi seguido pouco depois pela batida característica de sua criada na porta da casa de bonecas, onde estava trabalhando.

- Entre - cantou ela.

Ruta entrou e empurrou-lhe um pequeno envelope de papel manilha. Dolly examinou-o com olhar inquiridor e, em seguida, desligou o aspirador. Rasgou o topo do envelope.

Ao olhar para dentro, não conseguiu discernir nenhum papel, apenas um quadrado escuro, parecido a uma pequena caixa de fósforos chata. Virou o envelope de cabeça para baixo e deixou que seu conteúdo caísse em sua mão. Era uma caixa de fósforos, de um restaurante da moda. Dolly abriu-a meia polegada e fechou-a rapidamente. Acenou com os dedos, despedindo Ruta, cujo rosto inclinara-se com avidez. A criada saiu de má

vontade.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Dolly fechou a chave a porta através de Ruta e abriu de novo a caixa. Com dedos trêmulos, arrancou o conteúdo da caixa de fósforos. Meia dúzia de rosas minúsculas, da haste às pétalas, os botões com menos de cinco milímetros. As hastes aderiram à sua mão sem furá-la. Era como se estivesse picando-a. Ela balançou com cuidado as rosas na mão fechada em concha. Elas brilharam como frescas gotas de sangue, destacando-se em um campo de folhas verdes e hastes. Dolly levantou-as à altura do nariz. Sentiu um vazio no estômago. O inconfundível cheiro de rosas, de rosas verdadeiras, delicado como uma promessa de amor, chegou-lhe às narinas.

Ela pegou uma lupa de joalheria que sempre trazia no bolsinho do avental. Ao examinar as rosas não conseguiu ver os espinhos, que picaram sua pele, como pequenas carícias.

Examinou a caixa de fósforos, descobrindo um pequeno papel quadrado, escrito core letras diminutas na parte inferior. Usando a lupa de joalheria, foi capaz de decifrar a mensagem contida no papel. Um nome e o número de um telefone.

Dolly deixou a lupa cair cuidadosamente no bolsinho apropriado e dirigiu-se ao telefone mais próximo. Seus dedos tremiam tanto que ela teve de discar três vezes até acertar o número.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 4

Roger tentava relaxar-se. Tinha um hambúrger, e uma cerveja. Entre o mastigar e o biritar, ele dirigia o carrinho rosa pelo tampo de vidro da mesa do café. Ao olhar para cima, pôde ver o relógio digital piscando pacientemente a uma distância de um braço na mesinha-de-cabeceira. Era quase hora do encontro e ele deu cabo do hambúrguer com duas mordidas de encher as bochechas. Com uma das mãos, ele moveu o carrinho em volta da circunferência da mesa, fazendo barulhos agudos e ruídos de aceleração e inclinando-o como se o carrinho estivesse em uma curva em duas rodas numa corrida de verdade. Empurrou-o por entre a lata de cerveja e o envelope de papel manilha.

Roger esvaziou a lata de cerveja e esmagou-a com uma só mão. Com ar de tristeza, atirou-a na cesta de lixo, desejando ter comprado mais cervejas, ou que ainda houvesse tempo para sair e comprar uma outra caixa. Mas não havia. O relógio digital continuou piscando seu calmo mostrador para ele. Ele sacudiu o carrinho com sua famosa pancada de ponta de dedos, aperfeiçoada com uma série de tartaruguinhas que tivera quando criança. Era uma dessas habilidades treinadas no passado, que a pessoa nunca mais esquece.

Pronto ou não, ele deu um salto quando houve uma batida na porta. Lambeu os dentes apressadamente, limpando-os de. algum pedaço de cebola ou outros fragmentos que porventura estivessem em sua boca. Agarrou o carrinho e deixou-o cair no bolso. Isso faria com que o bolso ficasse um pouco inchado, mas Roger não se preocupou. Daqui a pouco seu carro voltaria para a mesa.

Vestiu sua roupa de entrevista, de um verde-azul iridescente, sinal de respeito para com a visita. Sentia-se profundamente desconfortável e estava com saudades da flacidez suave de suas calças velhas e camiseta, com seus buracos convenientes para umas coçadas. Roger não se vestia assim a não ser para um empregador potencial. Era parte da pequena coleção de regras feitas por ele, que achava ser um código.

Sua mão estava por demais úmida de suor para agarrar a porta com firmeza, mas de qualquer modo ele abriu a porta. Estava olhando direto para a famosa senhora. Era surpreendente o quanto ela se parecia consigo mesma.

Em três dimensões, e belas, ele pensou. E em cores naturais. Ela sorriu para ele e a cerveja e o hambúrguer borbulharam na saudação.

- Sr. Tinker? - perguntou ela. Sua voz era tão refinada, pensou Roger, tinha tanta classe.

Ele fez que sim com um vigoroso movimento de cabeça e deixou a mão cair para recebera mão dela. Depois disso, sentiu-se desnorteado e a única coisa que conseguiu pensar foi em enfiar de novo a mão no bolso da calça. Ela estava ali, a expectativa Miniaturas do Terror - Tabitha King

cobrindo todo seu rosto. Em seguida, ela lançou um olhar insinuante para uma cadeira.

O passo seguinte ocorreu-lhe abruptamente. Ele pediu-lhe que se sentasse, coisa

que ela fez de imediato, nesse modo gracioso que ele achava que as senhoras só faziam nos assentos de carro e, em seguida, ele ofereceu-se a chamar o serviço de quarto para encomendar um drinque ou café. Ela disse "não, obrigada" e Roger controlou-se de novo.

Então, ela falou rapidamente:

- Sou Dorothy Hardesty Douglas - disse. Foi embaraçoso naquele momento, já que Roger sabia disso e, então, ele compreendeu que ela estava tentando ajudar de novo a manter as velhas maneiras, deixando-o confortável. Os olhos dela eram - ele procurou a maneira correta de dizer a coisa para si mesmo - gentis, mas havia algo mais.

Divertimento?

- Sabe - ela fez uma pausa e olhou diretamente para ele - as flores eram maravilhosas.

Como você faz?

Roger enrubesceu de orgulho. Deu uma risada.

- Eu lhe conto - disse ele com um tom de voz que esperava estar com um grau adequado de mistério. - Eu não as cultivo.

O calmo sorriso da senhora transformou-se em espanto. Ela apalpou a carteira à procura de algo e Roger reconheceu o gesto, soube imediatamente o que procurava. Ele sacou seus Winstons e ofereceu-lhe um. Ela aceitou-o com um franzir de lábios de gratidão, que fez com que Roger se sentisse vulnerável, e enfiou-o na boca. Roger lembrou-se de que deveria acendê-lo também. Havia uma outra caixa de fósforos do famoso restaurante em seu bolso e, num instante, ele retirou-a e riscou um palito com tanta força no lado da caixa que o quebrou.

- Fraquinho - murmurou ele, enquanto ela assentia. - Olha, na verdade eu não comi ali -confessou.

- Inteligente de sua parte - ela animou-o cordialmente - os pratos são muito caros e ordinários.

Roger sentiu-se inspirado pela confiança dela a tentar um outro fósforo. E dessa

vez ele obteve o palito mágico que acendeu o cigarro da senhora. Roger estava excitado. Ali estava ele, acendendo um cigarro, cuja outra extremidade encontrava-se nos brilhantes lábios de uma mulher famosa e rica, de aparência ainda tremendamente boa.

- Você não as cultiva? - repetiu ela pensativamente, voltando ao assunto. Uma pequenina lufada de fumaça azul borrou o rosto dela. Por um momento, o rosto dela assumiu a beleza cruel da rainha madastra de Branca de Neve. Roger lembrou-se bem do desenho de Disney, que o assustara tremendamente numa idade em que ele já tinha idade bastante para fingir que não sentira medo. Mas jamais se esquecera da vileza, a melhor, pensou ele, de toda a longa linha de bruxas e putas de Disney, muito mais Miniaturas do Terror - Tabitha King

atraente e sexy do que às mocinhas heroínas de risinho afetado.

- Bem - continuou ela - elas não são manufaturadas. São de verdade, malditas sejam.

A praga saiu de seus lábios com a mesma facilidade que um "como vai você". Roger estava por demais espantado para desfrutar desse momento, imaginado havia tanto tempo e que finalmente acontecera. Ele respirou fundo.

- Eu as faço em tamanho pequeno - disse ele calmamente.

Durante uma fração de segundo, os olhos de uma cor cinzenta de água de chuva da senhora arregalaram-se, para logo em seguida estreitarem-se. E ela deu uma baforada no cigarro, como se fosse um touro no pasto.

Roger deslizou a mão como quem não quer nada no bolso do paletó e enroscou-a no frio conforto metálico do carrinho em forma de bala. Deu uma risadinha. Lentamente, retirou-o escondido na mão e estendeu-a a ela. Ela levantou a sobrancelha.

Vagarosamente, um dedo após o outro, ele foi abrindo a mão. Eles foram envoltos por um silêncio secular.

Ela olhou fixa e pensativamente para o carrinho cor-de-rosa que se encontrava na mão dele. Após alguns instantes, ela deixou o cigarro cair em um dos cinzeiros de estanho do hotel, e das profundezas de sua carteira retirou uma lupa de joalheria. Tirando calmamente o carro da mão de Roger, ela colocou a lupa

diante de um olho e examinou o minúsculo veículo durante longos momentos. Em seguida, deixou que a lupa caísse na mão livre, colocou o carro no tampo da mesa e recostou-se na cadeira.

- Algo mais? - perguntou em tom de voz social.

Roger admirou sua frieza. Qualquer outra pessoa ficaria histérica na hora. Como sua mãe. Ele empurrou o envelope de papel manilha para cima da mesa.

Ela abriu-o rapidamente, com um tremor que mal dava para ser percebido, e retirou um pequenino retângulo. Dessa vez, ela ofegou. Uma reação nitidamente satisfatória.

A lupa de joalheiro voltou para seu olho. Ela foi obrigada a segurar o tempo todo com a outra mão o quadro em miniatura. Dessa vez o exame não durou muito tempo. Quando a lupa saiu da frente de seu olho e ela sentou-se bem quieta, o quadro em sua mão, ela encarou Roger tão intensamente quanto encarara os artigos dele. Roger sentiu-se vagamente desconfortável, como se fosse uma laranja muito manuseada numa barraca de feira. Ela bem que podia ter mantido aquele pedaço de vidro na frente do olho.

Finalmente, ela sussurrou:

- Como?

- Eu os transformo em miniaturas - explicou Roger. - Tenho um invento que chamo de miniaturizador.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Estava no armário, em um estojo de couro de máquina fotográfica. Mas ele não iria lhe dizer isso. Podia ser maluco, mas não era bobo.

- Miniaturizador? - perguntou ela. Sua boca contraiu-se numa certa expressão de troça, que não passou despercebida a Roger. Mas então seus olhos cinzentos escureceram-se.

Roger pôde perceber que ela estava tendo problemas com o conceito. Ele tornou a retirar os Winstons. Dessa vez, ele se serviu também.

- Eu costumava trabalhar para o governo - disse ele, oferecendo-lhe os cigarros - em um projeto.

Ela aceitou um e fez que sim com a cabeça.

- Pois bem, os sacanas, desculpe-me a expressão, cancelaram o projeto. Me botaram no olho da rua - ele tornou a acender o cigarro dela, sentindo-se como Hamphrey Bogart.

Ela levantou a mão num gesto peremptório.

- Deixe-me entender direito. Havia um projeto do governo para encolher coisas?

Roger deu de ombros. Ela estava bem perto e também era rápida demais.

- Um pouco mais complicado. Isso era uma das coisas que eles estavam procurando. Era pura pesquisa, mas é claro que eles queriam alguma coisa disso. Sabe o que quero dizer?

Ela deu uma tragada. Deve ter tido um bom sabor.

- As coisas que acontecem - ela disse por trás do cigarro, divertida de novo.

- Isso - concordou Roger. - Na verdade o projeto começou na administração do seu pai.

Fui destacado para ele há, mais ou menos, quinze anos.

Ela já não parecia mais divertida. A elegante sobrancelha arqueou perigosamente.

- Assim, terminei com ele. Zás! Acho que eles não queriam mais a coisa. Acho que isso é uma mina.

A senhora deu uma tragada. Era evidente para Roger que ela entendia sua lógica. O

espólio vai para o usuário. Não foi isso que tornou a América grandiosa?

- E como é que isso funciona? - perguntou ela.

- Genial - disse Roger. - Está vendo? - ele apontou para o quadro na mão dela.

Ela tornou a olhar para o quadro e depois para Roger de novo.

- Estou vendo. Eu estava querendo dizer se você não podia explicar-me o mecanismo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Não - replicou ele de modo insípido. Estava encantado por notar na expressão dela que lhe havia dado um nó no cérebro. Pelo visto, a senhora não ouvia a palavra não com muita freqüência.

- Por que não? - insistiu ela. Seu cigarro estava escapando do fundo emporcalhado do cinzeiro.

- Porque não posso.

- Oh. Tem certeza?

- É muito complicado. Provavelmente, só existem duas ou três pessoas no mundo capazes de compreender como a coisa funciona, supondo-se que tenham a informação teórica adequada. Além de mim, é claro, e às vezes não tenho tanta certeza de que entendi direito.

Roger apalpou cuidadosamente o maço de Winstons. Ela estava acabando com eles rapidamente. Ele hesitou e depois tornou a oferecer o maço a ela.,

- Acho que compreendo o que está dizendo - disse ela lentamente. Ela acendeu um cigarro, tomando a caixa de fósforos da mão dele. - Será que você não pode me contar um pouco da teoria? Darei tudo de mim para não ser burra - ela esboçou um sorriso deslumbrante.

Ele sabia que não importava se lhe contasse ou não. Ela não poderia fazer nada.

Ele sentou-se na cadeira em frente à dela.

- Tem certeza?

- Ah, claro - os olhos dela bem brilhantes e ansiosos.

Ele pensou durante um instante e, em seguida, investiu.

- Bem, quando eu era garoto, costumava pensar que o mundo estava inundado por botões. Acho que ouvia as pessoas falarem em apertar O Botão e imaginava que havia um botão que podia destruir o mundo, então deveria haver outros botões. Talvez até

mesmo botões que fizessem as pessoas funcionarem. A coisa é maluca, mas eu realmente pensava que tudo que acontecia, acontecia porque alguém, em algum lugar, apertara um botão. Algum adulto. Eu costumava sair por aí, metendo a mão embaixo dos braços das cadeiras e nas coisas, procurando os botões. Eu me preocupava mesmo.

Não sabia como podia saber qual botão teria feito tal coisa. Tinha medo de acertar um botão por acaso, que talvez pudesse ser o botão, e pumba, lá se iria o mundo ladeira abaixo. Ou então o botão que matasse minha mãe. Pelo visto, isso lhe está parecendo uma história bem boba.

Ela parecia embaraçada, mas ainda estava escutando.

- De qualquer modo - continuou ele - no decorrer da pesquisa que estava fazendo o projeto, descobri que minha idéia maluca de criança estava correta. Descobri um dos botões. Isso mesmo, esses botões existem de verdade.

Estava empapado de suor, mas sentia-se aliviado de um certo modo, como se tivesse confessado uma travessura de criança para a mãe. Pelo menos, uma outra pessoa sabia agora.

- Um dia - meditou ele - quando tiver ganho bastante dinheiro, vou sair à procura dos outros botões.

O cigarro da senhora apagara-se entre seus dedos. Sua boca estava um pouco aberta, a ponta da língua deslizava nervosamente na margem de seu lábio superior. Ela pigarreou.

- Mas você consegue comandar essa coisa de maneira efetiva?

Roger fez que sim com a cabeça. Ela inclinou-se para a frente, suas mãos

aferraram-se aos joelhos.

- Você quer perguntar se eu consigo diminuir o que quiser até o tamanho que bem desejar, é isso?

- Exatamente.

- Claro - disse Roger como quem não quer nada. Ele acenou para o quadro e o carro que estavam na mesa entre eles. - Quer alguma dessas coisas? Preciso recuperar meu investimento.

Ela assustou-se, aparentemente pensando em alguma outra coisa. Sentou-se um pouco mais empertigada e respirou profunda e tropegamente.

- Não tenho o que fazer com o carro. Minhas casas de bonecas são peças de algum período histórico, você sabe. Não devem ter nenhum anacronismo. Inclusive nenhuma delas tem garagem.

Bela coisa para Roger! Ele tinha um fraco pelo carrinho. Era um amuleto de sorte.

Tivera sorte em estar caminhando para o shopping center no exato momento em que aquele velho se afastava de seu suntuoso carro de corrida. Tivera sorte por estar como o miniaturizador. Não poderia dizer se, quando o tinha na mão, sua sorte mudara de alguma maneira fundamental e misteriosa.

- O quadro - ela fez uma pausa delicada - bem, não posso pendurá-lo em uma das casas de bonecas agora, posso?

As notícias não eram boas, mas Roger compreendeu. Estava preparado para dar a coisa por perdida. Como ele poderia saber de que modo empurrar aquilo? Pelo visto, esse negócio era um pouco mais complicado do que imaginara. Mas pelo menos ele provara para aquela senhora que podia produzir uma miniatura melhor do que qualquer coisa de sua nora.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- No entanto - continuou ela, assustando-o - levarei o quadro. Ele me traz recordações. E

acho que poderia pendurá-lo num lugar secreto.

Roger bateu palmas.

- Genial!

Ela acariciou o cigarro e sorriu para ele. Em seguida, voltou a golpeá-lo.

- Suponho que você não deixaria que eu lhe comprasse o invento, não? - perguntou ela alegremente.

Roger estava embriagado pelo silêncio. Olhou nervosamente para o armário e depois corou ao compreender que ela o teria visto olhando naquela direção. Nesse momento, o sorriso dela confessou que ela compartilhava de seu segredo. Ele entrou em pânico.

- Não! - disse ele de modo intempestivo. - Não!

- Perguntei por perguntar - ela disse calmamente. - Mas vamos ter de fazer alguns acordos financeiros e lhe direi exatamente o que vou comprar ela relaxou-se na cadeira.

- Claro - ele estava ansioso para chegar ao ponto essencial do assunto.

Ela olhou para o relógio de pulso e franziu a testa.

- Está ficando tarde. Talvez o melhor que podemos fazer é ir ao meu apartamento para ver as casas de bonecas que tenho ali. Infelizmente, a melhor não está lá nesse momento

- ela esboçou um sorriso de desculpa. Podemos conversar mais confortavelmente lá.

Podemos jantar. Posso ensinar-lhe um montão de coisas sobre as miniaturas.

O coração de Roger deu um salto. Ela tinha razão. E nunca antes ele jantara com uma linda mulher num extravagante apartamento. Não era o tipo de experiência que ele iria rejeitar. Ela ainda estava sorrindo para ele, como que para estimulá-lo.

Quase sem ter consciência do que fazia, ele foi ao armário e retirou o miniaturizador da gaveta.

- Posso querer tirar algumas fotos, só por tirar - murmurou ele.

Ela levantou-se e pousou a mão no braço esquerdo dele. Roger respirou um ar celestial.

Deixou-se ser conduzido.

Dorothy Hardesty Douglas morava em uma dessas torres de vidro. Olhando para cima ao passar pelo prédio na rua abaixo, Roger perguntou-se quantos limpadores de janela seriam necessários para um trabalho como aquele.

Eles entraram na garagem subterrânea abarrotada qual caixa de ornamentos de natal Miniaturas do Terror - Tabitha King

com Mercedes-Benz, Rolls-Royces e uma pequena quantidade de veículos exóticos, mais caros ainda. Roger pôde imaginar um monte deles encolhidos ao tamanho de uma caixa de fósforos e guardados cuidadosamente em uma caixa de sapato. O lugar tinha cheiro de garagem e parecia-se como tal, mas recordou a Roger os funerais de celebridades em Forest Lown, nos quais havia fileiras de carros gigantescos como aqueles rolando lentamente pela alameda, como se estivessem dirigindo-se para alguma sepultura de piche próxima.

Dois guardas de segurança vigiavam o pequeno vestíbulo lustroso que levava aos elevadores. Os guardas foram corteses, mas não do tipo que Roger chamaria de calorosos. Pareciam ter mais de dois metros de altura. Seus olhos passaram por Roger, vendo-o e não vendo-o, como as fortes lâmpadas dos projetores cinematográficos dos cinemas de uma cadeia. Ou talvez mais parecidos a raios X, procurando doenças, mas não muito interessados em registrar os tecidos saudáveis.

O elevador estava vazio, com exceção de Roger e da senhora. Carregava um passageiro eterno, uma folha de fícus em uma cabine de vidro. A planta parecia bem saudável, mas Roger imaginou que ela devia se sentir entediada, andando para cima e para baixo em uma cabine de vidro, dia após dia. Melhor o fícus do que Roger.

A senhora parecia não estar com espírito comunicativo. Na verdade, estava mais

ou menos tão rígida quanto o fícus. Roger examinou o painel de controle, a única coisa para olhar além da planta e sua retraída companhia. Um dos botões indicava que o prédio tinha sua piscina privada e algum tipo de clube de esportes.

Os ricos vivem diferente dos pobres, era algo que Roger sabia. Tinham apartamentos próprios ao invés de alugados e possuíam também esses clubes particulares. Deviam sentir-se seguros em bandos.

O apartamento da senhora era impressionante. Não era do tipo que sua mãe chamaria de aconchegante. Era... deslumbrante. Mais ou menos como o apartamento no qual ele esperava que sua encantadora mãe vivesse. As cores eram todas tremeluzentes.

Apareceu uma mulher robusta vestida em um uniforme cinzento e a Sra. Douglas instruiu-a para ir buscar uma cerveja para Roger. Em seguida, desculpou-se e desapareceu nos calcanhares da criada. Ninguém disse a Roger para ir sentar-se na cozinha, de modo que ele sentou-se. Supôs que a senhora quisesse arrumar a maquilagem, embora esta lhe parecesse muito boa, ou então estava com vontade de ir ao banheiro, ou algo desse tipo, privado. Ele saboreou o luxo que tinha à sua volta. Uma criada... pelo amor de Deus!

Chafurdando-se no sofá azul-claro, Roger examinou o quadro em cima da lareira.

Reconheceu a mulher, Elizabeth Payne Hardesty, a mãe da senhora, que Deus a tenha a Seu lado, e que provavelmente devia ser uma santa hoje, levando-se em conta com quem se casara. Roger esforçou-se para recordar a débil e fantasmagórica imagem de uma mulher que sorria incessante e dolorosamente, arrastando-se atrás do velho patife, Mike Hardesty. Não recordava-se dela sendo tão bela quanto aparecia no quadro, mas nessa época ele era apenas um garoto. Era uma pintura gozada; apenas a cabeça e ombros da mulher, em tamanho natural, mal dando para se ver uma pincelada. As cores Miniaturas do Terror - Tabitha King

eram translúcidas e cobriam a tela. Isso deu a Roger a sensação de fantasmas.

Ele arrancou-se do suave braço do sofá e foi olhar através de uma imensa janela para a cidade espalhada como um desfile de carnaval, bem abaixo dele.

A criada voltou com a cerveja, encheu um copo e apresentou-o em uma bandeja de prata. Ela fez uma cara de menosprezo. Ele ignorou-a e agarrou o copo. Não tinha o sabor de americana, mas era cerveja e estava tudo bem. Bebericou-a feliz, pensando contente que a criada podia zombar o quanto quisesse. Ela estava servindo a cerveja, ele a estava bebendo.

A senhora voltou vestida com roupas diferentes. Trocara o traje de gala por uma peça estranha que Roger mal conseguia lembrar-se do nome, uma coisa solta e tremeluzente, que mais condizia com o quarto de dormir. Ela perguntou se a cerveja era aceitável e ofereceu-lhe um cigarro de uma caixa de prata com a forma de um caixão de vampiro.

Roger estava divertido; a brincadeirinha de alguém com os pregos de caixão. Sentia-se também aliviado. Seu maço esvaziara-se, já que ele a supria com seus cigarros.

Educadamente, aceitou um sem imaginar que a surpreendia.

Não falaram muito durante algum tempo. Ele terminou a cerveja, ela acendeu um outro cigarro e lá estavam eles.

- Você gostaria de ver minhas casas de bonecas'? - perguntou ela.

Ele levantou-se de um salto, aliviado.

- É pra isso que estou aqui, dona.

- Gostaria que a Casa Branca de bonecas estivesse aqui - exasperou-se ela, indo à frente.

Não era um aposento tão grande quanto a sala de estar. Havia uma parede inteira de vidro e nenhum móvel convencional. Duas enormes casas de bonecas no que pareciam mesas especialmente construídas, enchiam dois cantos. Penduradas nas paredes, meia dúzia de caixas contendo conjuntos de mobília. O centro do quarto era dominado por uma grande mesa vazia.

Dorothy Hardesty Douglas andou ao lado da mesa vazia, evitando até mesmo olhar para ela.

- Essa aqui é a casa de bonecas do bolo de gengibre de Joãozinho e Maria - ela

tocou suavemente o telhado à sua esquerda e depois acenou pelo quarto, como uma aeromoça que aponta para a saída do avião. - Esta aqui é a Casa de Vidro.

A casa de bonecas do bolo de gengibre era uma recriação de um dos contos de fada favoritos de Roger. Todos os natais ele encomendava um bolo de gengibre, geralmente fabricado de plástico ou papelão com uma pequena decoração comestível, de um dos catálogos que vendiam queijos e lingüiças defumadas. Era para ser sua contribuição à

decoração de natal, mas na maioria das vezes ele deixava o bolo na mesa do café até a páscoa.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Essa era a melhor que ele já havia visto. Nem mesmo as cópias das revistas femininas de sua mãe chegavam aos pés dessa. Tinha cerca de um metro e vinte de altura e era construída de madeira, que fora pintada para parecer de gengibre, coberto de açúcar e cristal. A decoração parecia ter sido moldada ou esculpida num arranjo mais agradável e extravagante de açúcar-cande, gomas de mascar e com outras guloseimas.

Havia uma gaiola suspensa perto da lareira. Roger encantou-se ao ver o pequeno garoto de madeira dentro dela, um garoto louro de calças curtas e suéter tecido à mão com um remendo nos cotovelos. Suas pequeninas bochechas estavam iluminadas pelo fogo de imitação da lareira próxima e seus olhos brilhavam. Uma moça acorrentada aos pés de uma mesa estava de pernas cruzadas, o olhar taciturno voltado para o assoalho de lajotas de pedra.

A bruxa não estava em casa, em nenhum dos quatro quartos no andar de cima e no inferior. Tampouco no sótão da cabana, suspenso com ervas enigmáticas e cheio de vidros coloridos com substâncias desconhecidas, ou no quarto de dormir, onde trajes negros e chapéus pontiagudos estavam pendurados em pregos, e o dossel de quatro colunas era emoldurado pelo céu da noite. Tampouco na cozinha, onde as crianças esperavam com bandejas de bolinhos à mão, recém-saídos do forno de tijolos situado ao lado da lareira. Tampouco encontrava-se no quarto menor, cujo nome Roger não saberia dizer, onde o assoalho tinha uns desenhos místicos, e o qual não era mobiliado, com exceção de um espelho giratório.

Roger adorou a casa. Adorou os feixes de lenha na lareira, ao alcance da mão de

Maria, e o caldeirão pendurado no espeto, assim como a mesa posta para uma pessoa, com a faca de aparência feroz cravada na mesa.

- Puxa! - disse ele simplesmente. Dorothy Hardesty Douglas aceitou o elogio com ar sério.

A Casa de Vidro mais se parecia a uma escultura do que a qualquer casa que Roger já

tivesse conhecido ou imaginado. Era como um trabalho em papel formando figuras decorativas, com todos os seus ângulos, faces e lados, assim como as próprias sombras, apenas transparentes. Roger ficou perturbado ao ver que estava vazia, sem móveis, sem decoração. Era apenas a casa com seus jogos abstratos de luz.

A mulher riu de seu embaraço evidente.

- Quem poderia viver aqui? - ele disse sem pensar.

Ela fez que sim com a cabeça. Aquele homem tinha uma queda para ir direto à questão central, ao fundo das coisas, como se diz por aí. Sem dúvida que essa havia sido uma das características que fizeram dele um cientista extraordinário, um inventor, ou seja lá

o que for. Ela balançou a cabeça como que para afastar uma súbita lufada de fumaça.

Tudo era tão inacreditável. Mas ela havia visto mesmo o quadro. Não tinha a menor dúvida do que se tratava.

- Bem - disse ela num jeito lento e aborrecido - imagino que existem dois tipos de Miniaturas do Terror - Tabitha King

indivíduo que podiam viver nessa casa.

Roger examinou a casa. Não pôde imaginar-se vivendo nela. Não era nenhuma Fortaleza da Solidão, não era um banheiro de paredes sólidas.

- Fantasmas ou cabeças-ocas - a Sra. Douglas arreganhou um sorriso malicioso. Eles riram, unidos na zombaria.

Para Roger, a Casa de Vidro era como arte moderna, geralmente incompreensível. Ele preferia a casa de bolo de gengibre de Joãozinho e Maria, a sedutora armadilha pegajosa para as crianças, uma casa habitada pela maldade. Ele ficou excitado pelo desejo de examinar a outra casa de bonecas dela, a Casa Branca em miniatura.

Ela conduziu-o de novo, dessa vez para o jantar. Para os padrões de Roger, aquela era uma festa meio pobre: muitos vegetais crus, pequeninas panquecas sem nenhuma substância, recheadas com molhos de frutos do mar e nenhum pão ou enroladinhos à

vista. Pelo menos, havia cerveja para Roger e uma garrafa de vinho francês para a senhora.

Roger passou a maior parte do tempo comendo e a Sra. Douglas, que começou com um

"chame-me de Dolly, querido", passou o tempo falando e bebendo grandes quantidades de vinho. Roger não gostava muito de vinho. Ele associava-o à acidez do vômito, ao mal-estar das ressacas de seus dias de universidade e, na outra extremidade do espectro, aos esnobes gastrônomos.

Sentia-se feliz por estar ouvindo, enquanto devorava a comida disponível e enxugava a cerveja em um copo que parecia não ter fundo. Ela falava bem, essa senhora de ossos belos e pele de porcelana, que ele não se sentia à vontade para chamar de Dolly. Não era o mesmo que estar ouvindo sua mãe. Ela sabia muita coisa sobre casas de bonecas e miniaturas e estava expondo a ele toda essa informação. Ele reconhecia um seminário quando estava participando de um, mesmo que este apresentasse um rango ao estilo dos restaurantes excêntricos, cerveja holandesa e vinho francês. Quando a refeição terminou, ele já sabia o que Dorothy Hardesty Douglas queria com sua Casa Branca de bonecas.

Saíram da mesa quando ele admitiu que não queria café, chá ou sobremesa e que ficaria feliz se tivesse mais algumas cervejas à mão. Sentiu-se confortável pedindo mais cerveja, flutuando nas que já havia consumido e no resto de vinho que dividira com ela.

Ele ouviu-a dizendo para a criada tirar a mesa e sumir, enquanto ele andava trôpego em direção à sala de estar. Havia um zumbido agradável em seus ouvidos. Ele sentia-se tão bem, estava corado.

- Tenho de ver essa Casa Branca de bonecas - disse para ela, quando Dolly juntou-se a ele.

- Você verá - ela prometeu.

Roger gostou do verbo no futuro. Seria gostoso ver alguma coisa mais dessa mulher simpática e elegante. Um prazer para os olhos e o nariz dele. Era incrível imaginar que Miniaturas do Terror - Tabitha King

ela tinha idade bastante para ter um filho que, se fosse vivo, seria menos de cinco anos mais jovem do que ele, que Dolly tinha netos. Ela tinha idade bastante para ser a mãe dele. Ele meditou confusamente se deveria falar em dinheiro de novo e, logo depois, o pensamento desapareceu de sua mente.

De repente, Dolly estava sentada bem mais perto dele do que Roger imaginara. Teria ele se mexido, ou teria sido ela? Ela suspirou de um modo satisfeito de gata-perto-do-fogo e recostou-se nele, batendo os cílios para ele.

Imediatamente, as mãos e sovacos de Roger ficaram quase tão molhados quanto as pedras que Moisés carregara. Ele deslizou agilmente um braço em torno dela e ficou esperando que ela lhe desse uma bofetada, ou que lhe jogasse no nariz o copo de vinho, ou então, quem sabe, que ela metesse a mão entre suas pernas. Ela apenas aninhou-se mais, dando uma risadinha, para seu espanto total. Ele fechou os olhos. Não podia ser tão fácil assim. Ele, ou ela, ou talvez os dois deviam estar mais bêbados do que pensara.

Com toda certeza o telefone tocaria agora do modo mais obsceno, como as batidas da meia-noite, e a mãe dele o transformaria numa abóbora, como uma velha mocoronga.

Mas ela não poderia, ela não sabia que ele estava ali, não?

Ele deslizou a mão pela tremeluzente roupa de Dolly e estremeceu. Sua garganta ficou seca e, desesperado, ele desejou outra cerveja. Não podia imaginar como desembaraçar-se para ir pegar uma das atraentes garrafas da bandeja. E agora ela estava miando, roçando-se nas ancas e dorso dele.

O pânico desceu sobre ele, qual capuz de carrasco. Ele convenceu-se a abrir os olhos; se ela ainda estivesse ali e ele não estivesse apertado embaraçadoramente nas almofadas do sofá ou na gorda criada dela, então poderia acreditar no que

acontecia com ele.

Desde o momento em que ela batera na sua porta, ele fora possuído pela sensação de estar navegando na borda de um redemoinho. Estava fora de seu ambiente natural, caminhando sobre o fio de uma navalha, arriscando tudo, de um momento para o outro o movimento sedoso da roupa dela prendeu-o, agarrou-o, primeiro pesos pés, e ele sentiu-se dormindo, deixando que ela o lançasse em sua pegajosa força centrífuga. Ele moveu-se rapidamente para o sorvedouro, para o centro do furacão, para o tornado, com uma mulher chamada Dolly.

O sexo não era como ele sempre imaginara. Era menos e era também mais, como um bolo de queijo comido num frenesi. Quanto tempo ele se persuadira de que apenas poderia haver mínimas diferenças entre o que uma pessoa sentia fazendo o amor com uma outra e o que sentia fazendo o sexo com sua própria mão? Mais uma teoria rechaçada. Mas ele descobriu algo bem mais importante. Um outro botão.

Na manhã seguinte, Roger despertou com uma bela ressaca. Sentia-se como uma tina putrefata num poço de tristeza estagnada de caráter nitidamente físico. Os lençóis de seda entrelaçavam-no tanto quanto ela, zombando de sua carne torturada. Ele só teve certeza de que não estava morrendo de verdade. Precisava de um cigarro, um ou dois copos de água gelada e límpida e uma mijadinha de dez minutos, se possível para aquele Miniaturas do Terror - Tabitha King

exato momento. Se ao menos ele pudesse encontrar o caminho para fora dos lençóis.

Uma vez tendo saído da cama e se aliviado por meio de um esforço violento e corajoso, ele enterrou a cabeça nos travesseiros. Tudo que desejava agora era um pouquinho de esquecimento, até que se sentisse bem de novo.

Ao invés disso, os desempenhos noturnos retomaram a sua mente, não tão vagamente como queria. Em cores vivas, em terceira dimensão, todos os seus malogros foram passados na tela de seu cérebro, dentro do quarto secreto de seu crânio. A voz de sua mãe, nasal e segura, prevenindo-o para o próprio bem dele contra a cerveja, os bares e as mulheres fáceis, era a trilha sonora.

Atormentado pelas vísceras agitadas e por um gigantesco pássaro negro que dava bicadas selvagens dentro de seu crânio, ele foi levado para uma

semiconsciência espasmódica. Depois de algum tempo, percebeu que ela estava a seu lado, sentada numa cadeira com os pés escorados na cama. Ela tossiu educadamente e ele notou que Dolly o observava com os olhos apertados por trás de uma auréola de fumaça de cigarro.

Totalmente corado, ele puxou os lençóis um pouco mais para cima. Ela era tão delicada, desde as unhas dos pés graciosamente pintadas até a tênue desordem de seus cabelos platinados. Ela fazia com que ele se sentisse vulgar e desajeitado e, nesse momento, seu rosto assumiu nitidamente uma coloração de vermelho-garancina, quando ele recordou-se do quão desajeitado havia sido com ela. Quando lembrou-se do que ela lhe dissera num momento delicadamente carregado. Sua mãe desmaiaria se ouvisse.

- Como se sente? - perguntou ela por trás do cigarro.

Roger tentou sorrir corajosamente, mas o que saiu foi uma careta.

Ela soprou mais fumaça na direção dele e, em seguida, atirou o maço de cigarros e o isqueiro para Roger. Ele agarrou-os gratificado, tomando cuidado em segurar o lençol com a outra mão, por causa da modéstia, e mexendo-se com agilidade para não ser golpeado.

- Coisa estúpida - ela disse. Ele olhou para cima, assustado, interrompendo a tentativa de acender o isqueiro com dedos trêmulos. - Esse pileque todo. Troço besta sempre, não acha?

Ele tragou aliviado. Ela lhe estava oferecendo uma desculpa para o orgulho ferido. Ele devia agarrá-la tão prontamente quanto agarrara os cigarros.

Dolly mexeu-se com agilidade para apanhar algo ao lado da cadeira. Ele levantou a vista, afastando-se do consolo do cigarro, os olhos fixos na sombra por ela provocada. O

pássaro negro que tinha dentro da cabeça deu bicadas, saindo em uma explosão.

Durante segundos, Roger não pôde ver absolutamente nada, exceto um raio negro bem diante de sua vista. Depois, a visão clareou-se.

Ela estava sentada ali, calmamente, com o miniaturizador em seu estojo de couro no colo, a tira do ombro enrolada na mão. Os olhos dela encontraram os seus.

Era como se Miniaturas do Terror - Tabitha King

olhar para uma enorme cobra sem fim, tão grossa quanto uma coxa, pronta para o bote, não importando a rapidez com que se tente fugir dela. Depois, ela sorriu, como o anjo com o qual se parecia, e atirou-o com suavidade na cama, aos seus pés. Ele não pôde mexer-se para agarrá-lo. Estava leve e vazio como um ninho de pássaro. O mais leve movimento o derrubaria da árvore.

Foi ela quem se mexeu primeiro. Dolly deixou o cigarro cair em um cinzeiro. Ocorreu a Roger que ela deveria carregar os cinzeiros no bolso. Sempre havia um à mão quando ela precisava. Ela levantou-se e espreguiçou-se com a mesma elegância de um gato com pedigree. Seu pijama de seda da cor de champanha sacudiu-se e ondulou como folhas ao luar.

Ela arrastou-se até os pés da cama. O pijama abriu-se na frente, Roger pôde ver os pequenos seios tremendo dentro das sombras sedosas. Elevou-se em seu ventre a primeira onda de excitação, dissipando a má sensação, como se fossem escombros em uma praia.

Ela sentou-se de pernas cruzadas perto dele. Roger pôde sentir seu perfume e, de um modo estranho e absurdo, sentiu-se comovido. O perfume de uma mulher. Ela pôs a ponta dos dedos sobre a boca dele. Imediatamente, ele provou a acidez de sua sabva, o sórdido gosto de nicotina de seus dentes e língua. Ela começou a murmurar bem suavemente.

Roger não conseguia mexer-se. Ela moveu-se até ele, acomodando-os a seu bel-prazer.

Ele levantou os olhos para ela, o pescoço dela arqueado, o queixo alto, como se estivesse voando e ele fosse sua vassoura. Ele sentiu-a agarrando-o, levando-o consigo.

De novo, ela esqueceu-se da invenção que os levara para esse novo mundo, enroscada nos lençóis a seus pés.

- Eu queria miniaturizar algo - disse ela.

- Hummm?

Ela soltou a fumaça do cigarro em seu rosto. Ele balançou a mão afastando a

fumaça, recusando-se a abrir o olho.

- Eu quero - repetiu ela.

- Claro - murmurou ele.

Ela cutucou no sovaco dele. Doeu de verdade. Ele recuou abrindo um olho em protesto.

- Vamos - Dolly estava fora da cama, deixando a camisa do pijama cair nas calças que ela atirara no chão antes, quando estava querendo outra coisa.

Ele tornou a fechar os olhos.

- Não - gritou ela dando uma palmada no traseiro dele. Isso provocou um som relaxado que desmoralizou-o de imediato.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Era evidente que ela queria a atenção dele. Ele virou-se, tentando não grunhir com o esforço.

- Que horas são? - perguntou ele.

- Quase meio-dia.

Ele pensou durante alguns instantes.

- Não posso - decidiu, deixando-se cair de volta nos travesseiros. Da posição em que se encontrava, pôde observar Dolly enfiando-se em jeans. Roger gostou da calça. Parecia uma segunda pele e, com certeza, devia custar mais do que a melhor roupa de sua mãe.

Ela plantou os pés descalços no chão e pôs as mãos nas cadeiras. Ela podia não estar consciente de que estava com o dorso desnudo, mas Roger não.

- Por que não? - perguntou ela.

- Gente demais em volta - informou ele. - A menos que você queira miniaturizar algo seu ou algo que queira comprar. Se você for roubar, a primeira coisa a fazer é roubar quando não haja ninguém por perto. A menos que queira ser agarrada.

Ela sentou-se com uma expressão infeliz e cruzou os braços.

- É... você deve ter razão.

- De qualquer modo, não estou em condições disso - desculpou-se ele, sentindo-se justo.

- Você não está em condições de fazer coisa alguma - vociferou ela.

Roger foi definitivamente esvaziado. Ela tinha razão, mas mesmo assim, fora indelicada. Ele levantou-se sobre a barriga, da melhor maneira possível, e lembrou-se que deixara o traseiro exposto. Com um tirão para trás para cobrir imediatamente suas vergonhas, não viu Dolly colocando um sutiã e a camisa.

No entanto, ela não era dura para perder as formas com a roupa. Ele não poderia queixar-se de suas curvas. Seu corpo era delgado, não ostentando nenhuma grama de carne excedente, e tudo que nela havia era liso e durinho. Não parecia ser muito normal para uma mulher na idade dela ter um corpo tão bom assim sem roupas. Roger tomou consciência de sua ignorância com relação às mulheres. Roger suspeitou que ela trapaceava. Se você fosse bastante rico, havia determinadas operações, ele sabia disso. E

depois, ele sentiu-se culpado e repugnado. Com toda probabilidade, ela apenas se esforçava tremendamente nisso.

Ela não tinha a aparência de uma mulher perto dos quarenta anos de idade, que estivera bebendo e farreando na noite anterior. Bem, talvez um pouquinho. Delicadas veias azuis em suas pálpebras, delgadas linhas em volta dos olhos e boca sugeriam um quê de idade e vida dissoluta. Roger gostou disso. Havia algo picante nessas rugas, um certo toque de Miniaturas do Terror - Tabitha King

experiência.

- Olha, ainda estou querendo miniaturizar uma coisa - anunciou ela. Dolly manejava vigorosamente uma escova de prata pelos cabelos. O cacho de cabelos platinados, o subir e baixar dos seios metidos na blusa e o movimento de seu braço, tudo isso provocou uma sensação agradável na virilha de Roger.

- Bem - Roger decidiu que a manteria falando e escovando o quanto pudesse - conte-me o que é.

E ela contou.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 5

Situada no porto, a estátua da Liberdade foi afetada pelo que parece ser um caso grave de psoríase. Todos os outros marcos do país (o Empire State Building, o Chrysler Building, as World Trade Towers e numerosos outros) foram castigados pelas chuvas fortemente ácidas das últimas semanas. Estão na moda os serviços dos dermatologistas, a venda dos remédios contra acne, as capas de chuva, os guarda- chuvas, os chapéus, as reformas de carros e os cabeleireiros. As corridas e passeios com cães estão por fora e os choferes de táxi têm uma nova e violenta queixa. Os novos geradores a carvão do Con Ed em Nova Jersey são responsabilizados pelo que, até o momento, tem sido principalmente uma poluição localizada, mas os estados vizinhos aguardam nervosamente a mudança dos ventos.

Sem esperança alguma por sua recuperação, o bizarro desaparecimento do carrossel do Central Park foi um embaraço a mais para a administração da cidade já envergonhada. Recuperou-se um pouco de prestígio quando se descobriu que o fundo instituído para receber doações do público para a substituição do marco de oitenta e cinco anos era uma aventura ousada embora fraudulenta de um lixeiro da circunscrição de Queens e de seu cunhado, um motorista de ônibus. No final da semana, parecia improvável que os fatos desse mistério viessem a ser descobertos um dia, mas os habitantes da cidade faziam piadas, afirmando que o carrossel havia sido apenas mais uma vítima da chuva ácida...

11/5/80

- VI Perpetrações, VIP

Estava chuviscando. Roger repousou em seu assento e esticou o braço para apertar a mão de Dolly.

- O que você está achando? - perguntou ele, levantando o pescoço para espiar pela parte de cima do pára-brisa o teto baixo das nuvens pesadas acima deles.

- Que ninguém com a cabeça no lugar está no parque - respondeu ela com ar

triunfante.

- Ou fora de casa. - Ela retirou rapidamente a mão para colocá-la no volante.

- Nem mesmo os gatunos - Roger esboçou um sorriso irônico.

O Mercedes Benz de Dolly desceu o Central Park no sul, dividindo a estrada com Miniaturas do Terror - Tabitha King

alguns táxis que passavam. Uns outros poucos táxis estavam estacionados à toa - apesar das novas regulamentações de emergência sobre a poluição do ar - perto dos toldos dos hotéis. Era cedo demais para os vendedores ambulantes e charretes, que de qualquer modo não sairiam se o dia não ficasse limpo, já que não havia proteção efetiva para os cavalos e arreios. Os poucos pedestres estavam por demais interessados em ir aonde estavam indo a fim de sair da chuva para poder perceber os veículos que passavam.

O objetivo não estava muito longe do fim do parque. Devido à chuva, assim estava bem.

E Roger não estava tão convencido, quanto tentou parecer, de que os animais selvagens do parque estariam, na verdade, procurando abrigo contra o tempo ruim.

Dolly estacionou na esquina oeste do Central Park, lamentando-se ao olhar para o capô

do carro, que ostentava um brilho doentio de bolhas e tinha um leve cheiro de rato morto. Ela e Roger haviam coberto, tanto quanto puderam, toda parte vulnerável do corpo, e compartilhavam de um guarda-chuva, caminhando rapidamente em direção ao parque, como se eles também estivessem indo para casa. Roger carregava o miniaturizador em seu estojo amarrado no tórax, assim como também um saco vazio de pano grosso.

Pararam no topo de uma elevação e olharam para baixo, para um prédio feio, de formas estranhas.

- Merda - murmurou Dolly - me esqueci das portas.

Roger deu de ombros com desdém.

- Não tem problema.

Ele desengatou o estojo. Dolly observou-o com atenção. De vez em quando, olhavam em volta à procura de companhia inesperada. Um enorme cão negro saltou perto deles, arrastando uma coleira gasta. Não foi seguido por nenhum dono aos gritos. O cão agachou-se na grama manchada e, logo depois, foi embora com seu moral não tão abatido quanto o pêlo desgrenhado e desbotado.

O miniaturizador não se parecia com câmara alguma que Dolly já tivesse visto, mas ostentava algo que se assemelhava a uma lente. Ocorreu-lhe que por tudo que sabia das câmaras sem sua pele de plástico, cromo e couro, elas deviam parecer-se exatamente com o invento nos agitados dedos de Roger. Ela observara muitas vezes quando Lucy usava uma Polaroid, tirando fotos de casas e mobílias de bonecas em exposições, tirando fotos em casa de Laurie e Zach, e para ela também podia ser mágica a maneira como a máquina cuspia quadrados de papel que, misteriosamente, exibiam em segundos algumas imagens. Dolly estava observando Roger quando este levou o invento ao olho direito e olhou por uma abertura que mais se assemelhava a um recipiente de dúzia de ovos. Ele apertou um botão escuro. Ela girou para ver o prédio-alvo.

No lugar em que ele estivera, o solo era um octógono nu, margeado pelo calçamento.

Mas ele ainda estava ali, no centro do octógono, mais ou menos do tamanho da bolsa de pano que Roger depositara na vereda. Ela disparou caminho abaixo, mas parou subitamente no centro do octógono. Com a bolsa batendo contra a coxa e o Miniaturas do Terror - Tabitha King

miniaturizador em seu disfarce de couro chocando-se contra o peito, Roger correu, descendo a elevação atrás dela. Ele foi sem hesitação ao ponto central.

Ele inclinou-se para apanhar, mas Dolly interrompeu sua paralisação, deu um bote e agarrou o prédio. Precisou das duas mãos, pois o prédio tinha alguns centímetros de diâmetro e era pesado. A respiração dela estava trêmula e excitada. Por um breve e triunfante momento, ela olhou direto no rosto de Roger. Seu coração dava saltos dentro do peito. Ela era tão linda com seu belo cabelo captando a débil luz, o rosto inflamado de excitação e esforço.

Os dois enfiaram o prédio na bolsa de pano fortemente esticada. Dolly segurou o guarda-chuva enquanto Roger carregou a bolsa de pano de volta ao carro. Uma

vez no carro, no caminho de volta ao apartamento de Dolly, Roger viu-se dando tapinhas no miniaturizador, como se este fosse um velho animal de estimação.

A cidade estava despertando. Havia mais tráfego nas ruas, mais pedestres madrugadores. Alguns jogadores, umas poucas pessoas levando cachorros dirigiam-se com certeza para o parque. Dolly e Roger passaram por eles, distraídos. Roger pensava no café da manhã, Dolly em ir para casa.

O parque mantinha seu silêncio. O cão negro bebia água azeda em um tanque inativo.

Pedaços de papel rolavam vacilantes e sem destino ao impulso de lufadas ocasionais de vento. A chuva fina lustrava os afloramentos rochosos, o calçamento, o caminho sinuoso.

Um letreiro próximo da entrada sul do Central Park apontava desamparadamente para o parque. Carrossel era o que estava escrito nele. Alguns metros adiante, havia uma outra sinalização bem acima da cabeça dos transeuntes

potenciais. Apontava para baixo na encruzilhada do caminho para o carrossel. Acima da tênue elevação da pista, seria visível o telhado, um telhado de oito lados umedecidos pela chuva fina. Carrossel, assinalavam com confiança os Letreiros. Carrossel.

No caminho de volta, o cão negro trotava com atenção sobre o solo exposto em direção ao centro do octógono. Ele parou para cheirar. Em seguida, ganiu, como que latindo asperamente e afastou-se a trote. Não havia nenhum carrossel ali, sem dúvida nenhuma.

Não era exatamente diminuto aquilo que estava em cima do vidro da mesa de café.

Cinco centímetros de altura, mais ou menos a metade de diâmetro. Roger bateu a porta, verdadeiros pórticos leves por seu turno. Examinou o telhado em, forma de torre. Dolly caminhou em volta dele, deixando-o nervoso como um arame sem sustentação. Ele decidiu retirar o telhado. Era só uma questão de cavar com um cinzel entre o telhado e as paredes, usando-o como alavanca para romper a sucção. Ele saiu de maneira desigual, em pedaços, mas saiu.

Nesse momento, foi possível para Roger olhar dentro do carrossel. Revelou-se a

ele, como se fosse o conteúdo de uma lata de atum, a estrutura central em forma de tambor, Miniaturas do Terror - Tabitha King

onde situava-se o maquinismo. As formas escuras do carrossel estavam paralisadas sobre a mesa redonda verde que formava seu infinito caminho.

Ele começou a remover as paredes laterais e, depois, com extremo cuidado, o assoalho de concreto. Era quase meio-dia quando o carrossel viu-se livre de seu alojamento e o estômago de Roger atingiu um estado de violenta revolta. Pelo menos Dolly parara de contorcer-se e, com um cigarro apertado entre os dentes, limpou o entulho, lançando-o em bolsas de supermercado. E ela esteve piedosamente quieta, exceto por uma leve propensão ao sussurro. Roger podia imaginar sua mãe, no decorrer de uma operação como essa, martelando em seu cérebro com a língua agindo como uma metralhadora, enquanto ele tentava trabalhar.

Finalmente, pós de lado as ferramentas que tomara emprestado do armário de Dolly e olhou orgulhoso para esta. Ela estava muito mais interessada no carrossel.

- Olha só para isso - murmurou ela.

Passara toda a manhã olhando para aquilo, pensou ele... e de alguns ângulos bem estranhos. De qualquer modo, tornou a olhar para a coisa e resmungou.

- Como funciona? - perguntou ela.

- Com um motor. Como quase tudo mais - disse Roger secamente. - Não vai funcionar assim. Terá de ser modificado.

Dolly ficou irada.

- Merda! Quanto tempo levará?

Roger deu de ombros.

- Bem, para começar, vou separar o mecanismo. Preciso pensar nisso. Vamos almoçar.

Dolly atirou no chão sem piedade o cigarro que tinha na mão. Roger recuou para

ver o que ela estava fazendo com o patético bastãozinho de escavar.

- Não vejo graça nenhuma nisso - ela atirou-se no sofá, fazendo beicinho.

- Sinto muito - desculpou-se Roger pacientemente. - É elétrico. Você não pode simplesmente ligá-lo em qualquer lugar. O fio não suportaria a carga. O mecanismo precisa de um aparelho diferente.

Dolly pareceu hesitar.

- Ah, bosta! - ela examinou as unhas. - O que você quer para o almoço? Direi a Ruta.

Roger fez que sim com a cabeça, uma expressão de felicidade no rosto. Um rápido almoço e depois ele trataria do assunto. Ela ficaria espantada de ver com que rapidez ele seria capaz de pôr o carrossel em condições de funcionamento. Ele observou-a saindo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Com toda certeza, o traseiro dela era bonito de se ver. Não se mexia como o de sua mãe, de maneira alguma. Na verdade, enquanto o dela meneava, o de sua mãe não se mexia.

Um tipo de andar dos patos. Roger instalou-se no sofá, recordando-se das belas coisas que sabia acerca do traseiro de Dolly.

Finalmente, começou a música. Os cavalos mergulhavam e erguiam-se em onduladas fileiras de quatro. Os carros brilhavam ao passar, puxados por lustrosos cavalos. Roger decidiu que gostava mais do branco. O branco de fora estava de cabeça erguida à

procura de algo, algo que não estava ali. Uma argola de latão, liberdade de seus coloridos arreios. Alegria? Seu rabo aparado era dourado; a crina no arco de seu pescoço, também dourada.

- É Blue Skirts - disse Dolly de repente, cantarolando a música com a qual o carrossel girava. Roger também reconheceu-a; era a mesma música que ela cantarolava antes, quando ele estava liberando o carrossel de seu prédio e a mesma que sussurrava enquanto fazia amor.

Um carro de rodas azuis, decorado com dragões coloridos e molduras prateadas, passou por eles. Por cima dos animais esculpidos, um friso coroava o carrossel. Nele, cupidos atiravam flechas, capturavam pombas e dançavam em volta de ornamentos vermelhos.

Roger também gostou deles, especialmente dos coelhinhos que os cupidos armados de arcos pareciam estar caçando. Ele sempre pensara que os cupidos atiravam o amor no coração das pessoas. Talvez os coelhos fossem corações simbólicos. De qualquer modo, não estava certo disso. Esse não era seu campo.

Nas paredes do tambor, que agora alojava um transformador de trem elétrico, havia entre outras coisas palhaços e macacos vestidos e palhaços pulando. Roger esfregou o nariz e suspirou deliciado.

Dolly examinava o sobe e desce do carrossel, enquanto este girava. Estava arrebatada, o rosto iluminado e suave. Com ar ausente, deu uma batidinha na cabeça de Roger e recostou-se nele.

- Oh, Roger - sussurrou ela - vamos fazer de novo.

Nick Weiler atirou o jornal para um lado de sua desordenada escrivaninha e inclinou as costas da cadeira. Sujeira, tudo sujeira. Sempre se podia esperar que a razão surgisse borbulhando da sujeira. A coisa infeliz com relação à sujeira era que, geralmente, a borbulha dela originada fedia como um esfregão usado um mês. Ele fechou os olhos.

Sua cabeça doía de tanto pensar no bizarro artigo do jornal.

O único fato confirmado era que na noite anterior o carrossel do Central Park havia sido removido. Por quem, para onde, com que objetivo, era um mistério. Assim como também a maneira. Pela noite e no Central Park, o que significava serão para um grupo de trabalhadores e durante o tempo em que agitava-se o zoológico não cercado da humanidade. O mais curioso, a peça mais estranha desse quebra-cabeças era que o prédio onde o carrossel estava alojado também havia sido removido; o tipo de entulho Miniaturas do Terror - Tabitha King

que geralmente os trabalhadores abandonavam, havia sido meticulosamente retirado.

Cada vez mais curioso. Como se tudo tivesse sido levantado de uma só vez.

Nick balançou a cabeça para limpar as teias de aranha. O mais provável era que todo assunto fosse uma gigantesca idiotice de parte dos trabalhadores do parque e seus chefes. Era muito provável que a coisa toda fosse descoberta um belo dia, em alguma área de depósito, ou na lixeira da cidade, ou talvez em Nova Jersey ou em Nevada, nas mãos de algum empresário de olho grande, diligente e desonesto como o velho Mike Hardesty.

Ele sentou-se erecto, batendo os pés da cadeira no chão. Teria alguém considerado a possibilidade de o carrossel ter sido espalhado em várias peças dispersas nas trevas da indústria de antigüidades? Nick telefonou para Roseann, sua secretária, e pediu que esta chamasse um homem que ele conhecia no FBI.

Ele retirou o jornal do caos generalizado. Havia duas pequenas fotos no artigo: o próprio carrossel, reduzido a um pequeno e escuro quebra-cabeças, e o encarregado do parque, olhando como se alguém tivesse assobiado para ele no momento em que a foto foi tirada. Nick foi possuído por uma onda de simpatia para com o sujeito. Trabalho duro.

- O Sr. Tucci respondendo sua chamada - pelo interfone, Roseann interrompeu seus pensamentos.

- Roscoe - disse Nick cordialmente - como vai? Ouviu Roscoe Tucci admitir que ia indo entre a vida e o sofrimento. - Ouça, Roscoe, estive pensando em Mike Hardesty e em como ele começou.

Roscoe deu uma gargalhada.

- Era um sargento da intendência no Sudeste Asiático, não é mesmo? Negociou com tudo que havia e nunca foi pego.

- Isso mesmo. E chegou a ser presidente e foi afastado do cargo, sendo perdoado de todos os pecados cometidos e voltando a seu estado de graça antes que um de seus sócios se tornasse público. De qualquer modo, esse negócio maluco do Central Park ficou remexendo em minha cabeça. Lembro-me que ele costumava receptar antigüidades chinesas e tibetanas roubadas. Achei que essa história do Central Park tinha o cheiro dele, você entende, não?

- Nick - protestou Roscoe - você está cometendo um engano. Hardesty está fritando suas costelas no inferno.

- Sei disso - Nick interrompeu-o. - Desculpe-me por parecer esquisito, mas essa coisa é

tão estranha, como nunca vi antes. Só estava pensando que talvez alguém pudesse estar copiando Mike. Talvez alguém não queira o carrossel, mas sim suas partes.

Roscoe permaneceu em silêncio durante alguns instantes.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Nossa, isso é lindo!

- Na certa, Ros. Colecionadores particulares que não sejam muito exigentes com relação ao proprietário verdadeiro das coisas que eventualmente apanhem. Peças de um carrossel, quem pode saber como juntá-las, como identificá-las. Seja quem for, terá de esconder a coisa, enquanto o assunto esfria.

- E as peças vão atingir um preço melhor do que o conjunto atingiria.

Nick concordou.

- Avaliado pelo vidro, ao invés da garrafa; pelo estilo, ao invés do grama, típica maneira de pensar de Mike Hardesty.

- Deus te abençoe - disse Roscoe de modo apaixonado. - Posso ver nisso uma

promoção para mim. Você está convidado para a festa. Voltarei a telefonar para você assim que tivermos obtido algo tangível.

- Claro - disse Nick.

Era gostoso pensar que Roscoe seria promovido pelas belas idéias de Nick Weiler. Um dia, Roscoe pagaria o favor. Idéia do próprio Harry, o papaizinho querido de Dolly.

Velho patife asqueroso. Viscoso como uma lesma. Pobre Dolly.

Que se dane Dolly. Pobre Nick. Perdera Lucy. Não tivera notícias dela havia semanas.

Ela costumava levar as crianças ao museu uma vez por semana. Isso deixou-o um pouco chateado, pensando que ela não sentia a falta dele, que o evitava ao ponto de evitar o Dalton.

Sua escrivaninha estava tão confusa quanto sua cabeça, seu coração e o resto do mundo.

Roseann e Connie irritavam-no ao ponto de ele pensar que gritaria. O próprio museu, seu querido Dalton, 'que ele salvara das garras da penúria e tédio, fechava-se sobre ele qual engenho de tortura medieval. Era hora de se tirar umas férias. Talvez devesse ir ver sua mãe, que o confortaria, ou seu pai, que brigaria com ele, e as duas saídas seriam um meio de livrar-se da inércia. Mas primeiro - e ele arreganhou um sorriso, descobrindo a outra extremidade do círculo lógico - ele teria de pôr as coisas em ordem.

... O roubo - no qual estão incluídas várias peças tradicionais de ouro e prata e que ocorreu, por coincidência, com a visita ao Borough Museum da colecionadora de casas de bonecas Dorothy "Dolly"

Hardesty Douglas - desconcertou tanto a polícia quanto os funcionários do museu, com sua natureza fortuita. Acredita-se que os ladrões tenham desaparecido com a casa de Stillman e o resto do saque, enquanto os visitantes e funcionários eram distraídos pela visita da Sra. Douglas. Ela é bem conhecida ali e já doou vários artigos da herança de seu pai para a coleção presidencial...

2/6/80

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- *VI Perpetrações, YIP*

No dia em que Roger Tinker deixou seu quarto de hotel, entre seu primeiro encontro com Dolly e a aventura no parque, ele mudou sua vida, assim como seus arredores. Às vezes, ele achava que, na verdade, havia trocado de pele com outra pessoa.

Nesse dia, Dolly voltara de sua aula de dança e lá estava ele, sentado desajeitadamente em sua sala de estar. Ainda estava vestida com sua roupa de dança, uma dessas malhas que mais se pareciam a uma segunda pele. Essa era branca. Vestia por cima uma saia, do tipo que ondulava, enlaçada com uma porção de lacinhos que circulavam sua cintura.

O perfume que usava mesclava-se com um leve aroma atlético, fresco, suave, de suor feminino.

Ela o olhara por cima como se ele fosse uma espécie particularmente virulenta de micróbio. A excitação dele com a entrada de Dolly dissolvera-se em uma violenta erupção de embaraço. Ele fechou a braguilha da calça num gesto instintivo. Algumas pessoas acham que nasceram com o pecado original. Roger nascera com o embaraço original.

De nada adiantara o traje folgado, cor de pêssego. Não podia explicar a Dolly que sua mãe fizera com que ele o comprasse para o casamento do primo, dois anos antes. Ele tentara torná-lo um pouco mais clássico com uma camisa negra, mas esta encolhera junto com o terno e ele receava estar parecendo um foragido de terceira categoria. No entanto, era tudo que levara consigo, além do terno de entrevista, as meias, as bermudas e pijama. Não planejara ficar mais do que alguns dias. Nem que aquela repentina senhora entrasse em sua vida.

Ela sentara-se e acendera um cigarro.

- Pelo amor de Deus, Roger - murmurara ela. Levantou-se e socou-o na pança, num gesto que de modo algum foi amável.

Ele estava surpreso demais para reagir.

- Você é impossível - dissera ela.

Ele sabia exatamente o que ela queria dizer com isso. Impossível que estivesse com ela.

Ele poderia pendurar a cabeça no desgosto expressado pela voz de Dolly.

- Bem, nada se pode fazer - continuara ela.

Ele olhara para cima, surpreso, e vendo a expressão da boca de Dolly, sentiu a mesma excitação formidável que experimentara na primeira vez em que ela o tocara.

- Vamos comprar algumas roupas decentes para você. Livre-se desses ela apontou o dedo desgostosa para o colarinho da camisa preta - farrapos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger sorrira agradecido. Ela estava lhe dizendo que não era seu gosto terrível, mas sim o lugar de onde ele viera. Uma outra portinha de um mundo para um outro. Obrigado, Dolly.

- Não muitas - continuara ela - porque logo você ficará pequeno demais para elas.

A sensação de bem-estar tornou-se física como jamais Roger sentira. Havia horas dolorosas na academia de ginástica do prédio de Dolly. Comidas de passarinho. Uma fome atormentadora. Ele trapaceava sempre que podia, mas passava muito tempo ao lado dela e Dolly sempre o vigiava. E Ruta, a criada, não poderia ser saciada ao ponto de conseguir mais do que aqueles malditos biscoitos.

As horas de miséria física alternavam-se com os deliciosos e lascivos momentos com Dolly. Ela conduzia-o através de uma outra pesquisa, não sobre miniaturas, nem casas de bonecas, mas era sim um curso mais básico. Introdução à Pele, a dele e a dela.

Em seu porão Fortaleza da Solidão, ele perguntara-se se as pessoas de verdade faziam as coisas sobre as quais ele lia nos livros escondidos no genuflexório, ou se aquilo era apenas uma tremenda brincadeira boba com os inocentes e solitários. Algumas das posições pareciam bem deliciosas para ele. Roger jamais se aventurara nas sujas, obscuras e sensuais casas, onde se podiam ver filmes

pornográficos, receando talvez o terrível golpe em suas fantasias desfechado pelos lúbricos shows.

Era mais satisfatório que a coisa mesma fosse inesperada. Ela o instruíra e ele sentia-se feliz por bancar o aluno. No começo, ela se sentaria em cima dele e o cavalgaria como o cavalo branco do carrossel. Era mais fácil para ele e, talvez, para ela, considerando-se o peso dele. Ele ficaria deliciado fazendo isso para sempre. Ela não deixaria que ele parasse. Cedo demais. Havia variações.

A coisa era tão agradável e, ao mesmo tempo, atormentadora que ele passava maus bocados, recordando-se de ter pensado em qualquer outra coisa que não fosse o que estava acontecendo no pequeno universo em explosão de seu corpo.

Ele lembrou-se de ligar para a mãe, que achava que ele estava sendo entrevistado para um trabalho em uma misteriosa companhia de fornecimento de produtos científicos.

Disse-lhe que teria de demorar-se mais alguns dias e que talvez assumisse um cargo de consulta na empresa. Ela ficou em dúvida. Roger sabia que ela receava que ele lhe pedisse que se mudassem juntos para algum lugar qualquer, ou mesmo que a deixasse definitivamente. No passado, eles haviam conseguido evitar longas separações ou ausências dele. Claro que ela se mudaria se ele quisesse, porque não conseguia nem pensar na possibilidade de perdê-lo de vez, mas não seria fácil sair do lar de trinta anos e tampouco havia muita probabilidade de que ela encontrasse um novo emprego na idade em que estava. Após ter sido lembrado de tudo isso, Roger desligou aliviado. Não poderia dizer quanto tempo ficaria, ele mesmo não sabia. Tudo dependia de Dolly.

A reinstalação elétrica do carrossel foi uma agradável diversão do carnaval de carne.

Seu cérebro ainda era um refúgio, ainda funcionava. Ele carregava consigo o miniaturizador para toda parte, trancando-o em um cofre público quando era obrigado e dormindo com ele ao alcance da mão. Fez nele algumas modificações, de modo que Miniaturas do Terror - Tabitha King

fosse um pouco mais duro de ser manuseado, um pouco menos automático. Dolly deu-lhe um pequeno quarto no apartamento, que imediatamente ficou apinhado com as ferramentas dele, desordenadas como brinquedos de garoto.

Além desses assuntos de menor importância, Roger tinha pouco em que pensar, exceto em Dolly, no que estava fazendo com ele e em sua absorção na vida dela. Ela continuava a ensinar-lhe coisas sobre as casas de bonecas e miniaturas e a educá-lo sobre as outras pessoas na vida dela. Havia as pessoas que faziam o cabelo dela, suas roupas, o apartamento, que a ensinavam a dançar e a jogar, tênis. Havia também as pessoas que eram as coisas mais parecidas com amigos, como Nick Weiler, e aquelas que ela evitava, dizendo que estava cheia de mandarins com manias.

E depois havia sua nora e os dois netos. Dolly conversava por telefone com os netos várias vezes por semana. Um par de fotos com molduras prateadas estava pendurado na parede do quarto dela, junto com uma foto do filho morto. Fora dos cinco minutos passados ocasionalmente no telefone e as fotos de família, Dolly nunca mencionava sua família de cabo a rabo. Roger imaginava que ela não queria e para ele estava tudo bem.

Como ele mesmo não tinha amigos, não achava estranho o isolamento da vida de Dolly.

Ele presumia que estava apaixonado. Isso se fosse possível ficar apaixonado pela própria fada-madrinha. Não se permitia considerar se ela estava ou não apaixonada por ele. Ela podia cuidar dele da mesma maneira que cuidaria de uma velha casa de bonecas estragada que precisasse de restauração. Para ele, bastava que ela o recebesse em sua cama.

Dolly estava tão excitada com o carrossel que ele tomou a decisão de fazer uma outra coisa por ela, logo. Talvez em Washington, para onde ela teria de ir dentro de alguns dias para reaver no museu a Casa Branca de bonecas. Roger descobriu que estava incluído nos planos dela para essa viagem. Era necessário que ele se demorasse o bastante para ver o que poderia fazer com a casa de bonecas para Dolly.

Nesse meio tempo, nas horas ocasionais em que se dedicava a si mesmo, Roger passeava pelas lojas de Manhattan e pelas galerias e museus de arte da cidade. Os museus eram ridiculamente inseguros. As lojas variavam. Algumas delas exibiam uma exuberante paranóia. Outras deveriam ostentar letreiros onde se leria: sirva-se. De tempos em tempos, Roger praticava um pouco de gatunagem básica, afanando um cachecol aqui, um par de meias ali. Mas a maioria das lojas situava-se no meio termo, valendo-se de tantos espelhos que daria para se fazer

uma casa de diversões. Isso dava-lhe a oportunidade de admirar-se freqüentemente em duplicata. A maneira como o novo regime surtira um efeito tão notável em tão pouco tempo. O corte de suas roupas novas.

O rosado de suas bochechas. Ele dava uma batidinha no estojo que escondia o miniaturizador. Estava com uma aparência próspera, pensava. Bem apanhado. Sortudo.

No dia em que deveriam dirigir um caminhão alugado até Washington para apanhar a casa de bonecas, Roger convidou Dolly para visitar um museu no centro da cidade.

Tratava-se de um que ela conhecia bem e onde era conhecida, já que o museu alojava uma pequena e preciosa coleção de casas de bonecas com suas mobílias.

Bastou um rápido olhar para ele e Dolly começou a remexer na carteira procurando os Miniaturas do Terror - Tabitha King

cigarros.

- Tem certeza? - a excitação deixou a voz dela trêmula.

- Vamos nos divertir um pouco.

Os olhos dele cintilavam e Dolly tragou fundo. Ofereceu um cigarro a ele, que foi aceito. Ela fumava nervosamente. Ele porque gostava. Desfrutava o cigarro até a última tragada.

- Quero que você empine bem o nariz quando entrar.

- Você quer dizer que quer que eu pareça a famosa senhora, não?

- Claro. Quero dar uma busca pelo saguão, enquanto você olha para as casas de bonecas.

Dê-me quinze ou vinte minutos, para o caso de haver pessoas por ali.

- Depois, o quê?

- Você sairá assim que eu entrar na sala. As pessoas estarão prestando atenção

em você, assim espero.

- Farei com que estejam - prometeu ela.

Ele entrou antes dela e andou em direção à loja de presentes à esquerda do vestíbulo.

Um trio de mulheres idosas precedeu-a; ela esperou educadamente que as senhoras andassem, empurrassem as ruidosas portas antigas e atravessassem a antecârnara. A mulher da mesa de informação do vestíbulo lançou um olhar para ela e agarrou um telefone de uso interno. Meio minuto depois, apareceu um senhor calvo com a palavra funcionário escrita em triplicata em suas feições enrugadas e a irrequieta Dolly prometera começar a sério. Roger escapuliu subindo a escadaria central, assim que o funcionário anunciou-se com sua vozinha fina.

- Sra. Douglas! Que bom vê-la de novo!

As cabeças se viraram. Roger arreganhou um sorriso. Dolly estava atuando de primeira, poderia controlar o espetáculo.

Ele moveu-se como quem não quer nada para um aposento em forma de Y, na mesma extremidade do segundo andar, onde estariam expostas as casas de bonecas. Esse quarto, do outro lado do corredor das casas de bonecas, era ocupado por cabines de vidro. Outras caixas de vidro enchiam o chão, deixando apenas estreitas passagens por onde se podia caminhar. O local era mal iluminado, mas dentro das caixas de vidro reluzia por completo uma coleção de objetos de ouro, prata e escarlate.

Roger já estivera ali uma vez. Sabia o que queria. No entanto, primeiro ele queria ser a única pessoa a estar no aposento. O tráfego normal de pessoas

por ali nunca era muito intenso. Contando com alguma sorte, ele iria ter cinco, talvez dez minutos sozinho.

Esperou que um velho com um cachimbo apagado observasse alguns dos artigos. O

homem foi impelido para fora por um grupo de escolares barulhentos,

carregados pela mão insegura de um jovem professor. As crianças também saíram da sala quase que imediatamente, com alusões ao fato de estarem entediadas. Roger sussurrou um suspiro de gratidão a Loki, o deus dos ladrões, e colocou a mão no estojo amarrado ao peito.

Ficou desapontado quando entrou na sala uma mulher empurrando um carrinho com um bebê dormindo. Roger olhou vagamente para o próprio reflexo no vidro sobre uma grande quantidade de potes de café e chá. A mulher saiu em silêncio, olhando para ver se saíra pelo lado errado.

Roger ouviu lá fora o funcionário do museu falando sem parar, Dolly rindo educadamente e os sussurros e passos arrastados de uma grande quantidade de pessoas.

Ela estava bancando a Pied Piper. Seu séquito deveria estar entrando na sala do outro lado. Ele tirou rapidamente o miniaturizador do estojo.

As caixas de vidro estavam fechadas por um tipo de fechadura que parecia um pequeno cilindro, encaixada na armação. Roger enfocou o miniaturizador em uma das fechaduras. Um tilintar registrou o impacto da fechadura nas tábuas do assoalho, No lugar em que a fechadura se encontrara, havia agora apenas um buraco cilíndrico na madeira. Roger abaixou-se, apanhou a minúscula fechadura do chão e deixou que ela caísse no bolso.

Olhou para cima para inspecionar a porta e não viu ninguém. Era constante o barulho vindo da sala de casas de bonecas. Um frege considerável, como diria sua mãe. Ele levantou com cuidado o vidro, que se moveu algumas polegadas. Apanhou um cartão com quatro anéis, deixou que caísse em seu bolso e fechou a vitrine.

Andou rapidamente até a outra caixa, uma vitrine de parede. Após zunir com a fechadura, miniaturizou e retirou um espelho de mão com armação de prata, uma escova de cabo, uma escova sem cabo, um gancho, uma calçadeira e um pequeno prato redondo, adequado para guardar grampos de cabelo, botões de rosa murchos e cartas de amor. Roger estava banhado de suor. Enxugou a testa com o lenço e caminhou para o fundo da sala.

Ali, tirou a fechadura de uma outra vitrine. Dessa vez, suas presas foram um pote de café do início da era vitoriana, uma desnatadeira e um açucareiro. Lançou o lote no bolso, colocou o miniaturizador de volta no estojo e saiu.

Devagar, foi abrindo caminho através da multidão na Sala das casas de bonecas. Dolly olhou para ele e desviou o olhar. Foi um gesto bem tranqüilizador. Roger tinha de admirar sua maneira de atuar. O nervosismo fazia seu estômago dar voltas e lhe provocava uma dor de cabeça.

Dois minutos mais e ela saía, encabeçando uma parada de crianças, senhoras idosas e jovens mães que a seguiam cochichando. Ela captou o olhar ansioso de uma criança que Miniaturas do Terror - Tabitha King

andava atrás de autógrafo e convidou-a com um sorriso enternecedor e a mão estendida.

A criança empurrou em sua direção uma folha de bloco de notas e uma caneta suada.

Rompeu-se o dique e a multidão desaguou em volta dela, pedindo assinaturas. Houve uma aglomeração do lado de fora da porta onde ela parara, de modo que ninguém conseguia entrar nem sair da sala de exposição das casas de bonecas. As poucas pessoas que restavam no lado de dentro estavam muito mais interessadas no que acontecia no corredor do que nos mostruários. Roger tinha a sala à sua disposição para fazer o que bem entendesse.

Demorou muito pouco tempo. Ele abriu caminho de modo rude através da multidão que agora diminuía em volta de Dolly e saiu do museu. Estava bem quente para o início da primavera e Roger pensou que podia derreter. Comprou uma laranjada de um vendedor ambulante e achou que a bebida tinha o gosto de mijo com açúcar. De qualquer modo, bebeu. Era líquido.

Dolly encontrou-o caído exausto no carro.

- É demais - disse ele sorrindo debilmente.

Ela entrou e sentou-se a seu lado.

- Mostre-me.

Ele balançou a cabeça.

- Vamos sair fora daqui.

Ela fez beicinho, mas mesmo assim ligou o carro e partiu. Pelo menos o ar condicionado estava ligado.

Quando ela viu os adornos, o pote de café e seus pares, gritou e dançou. Sem compreender ao certo a razão, ele guardou para si o cartão com os anéis, a única parte da pilhagem que ele não miniaturizara. No entanto, ele assustou*se quando o prazer dela dissipou-se em nuvens sombrias.

- Nossa Senhora, Roger, eu não sabia que você iria fazer isso - ela estava com a casinha na palma da mão. Depois, colocou-a de lado, como se tivesse pensado que aquela era uma das bugingangas favoritas da tia-avó Helen. Sem atrever-se a dizê-lo, Roger perguntou-se que droga ela achava que ele iria fazer.

- Você não entende? - ela prosseguiu. - Eu estava ali. Isso significa que suspeitarão que tenho algo a ver com o desaparecimento da casa de bonecas e dessas coisas.

Simplesmente porque tudo desapareceu junto.

Roger deu de ombros com desdém.

- Por que você está nervosa? A questão é que todo inundo naquela sepultura de velharias estava olhando para você. É óbvio que você não estava com nada debaixo do sovaco.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Dolly ficou revirando repetidas vezes as peças de prata.

- É... talvez você tenha razão. Mas nenhum risco mais como esse, por favor. Não quero estar de público perto de outra coisa como essa de novo.

Roger deu um tapinha na mão dela.

- Deixa eu te dar um drinque.

Um pequeno aceno agradecido de Dolly. Ele podia ver que ela estava cansada depois do grande desempenho, mas continuava corajosa.

Ela permitia que eles tomassem um copo de vinho por dia, tomado em

momentos ocasionais para encher os silêncios, ou para marcar pequenos acontecimentos. Roger sussurrava consigo mesmo enquanto enchia o copo. A canção dela. A peça do carrossel.

Ele jamais conseguiria superar o sabor do vinho, um gosto de putrefação, pensou ele, mas pelo menos o tolerava agora. Ela chamava aquilo de pequeno copo de civilização.

Ele o chamava de alívio.

Para Dolly não seria uma coisa ruim se ela acertasse as contas. Estava tremendamente interessada no miniaturizador. Seria melhor se ela colocasse uma certa distância entre si mesma e o uso dele. Melhor que ele mantivesse o controle da coisa. Afinai de contas, pertencia a ele. Seria bom se ela bancasse a inocente.

- Temos de partir para Washington - ela disse, quando Roger lhe deu o copo. - Vamos precisar de uma boa noite de sono para suportarmos o empacotamento amanhã.

- Vamos ter uma boa noite aqui - disse Roger.

- Não posso esperar para ver minhas crianças - Dolly recostou-se confortavelmente nele.

Roger poderia esperar para ver as crianças dela. Os netos dela. O vinho lavou sua garganta numa investida fria e oleosa. Eles conseguiam muito bem evitar suas famílias.

Amanhã ele teria de encontrar-se não apenas com os queridinhos dela, mas também com a mãe e, coisa mais espantosa, com uma outra Dolly, a avó deles. A única coisa que podia recear era o que poderia acontecer. Ele abraçou-se.

Seria melhor ficar fora da cidade durante alguns dias, especialmente em uma viagem planejada com semanas de antecipação. A polícia podia fazer uma busca no apartamento como bem entendesse. Não descobririam o cofre de Dolly, no qual Roger enfiara o carrossel. Não descobririam as outras coisas, porque estariam procurando-as no tamanho errado. E talvez a presa desse dia fosse a Washington junto com Dolly e Roger, para ser perdida entre a numerosa mobília da Casa Branca de bonecas.

Bem, o que quer que aconteça, a viagem será interessante. Encontrar algumas pessoas novas, ver novas coisas e lugares. Essa era uma das grandes virtudes de seu namoro com Dolly. A vida era quase sempre interessante.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 6

- A Sra. Douglas está aqui - Roseann avisou a Nick pelo sistema de comunicação interno.

Ele abandonou o trabalho em cima da escrivaninha e levantou-se para cumprimentá-la.

Se surpreendeu-se ao ver que ela estava sozinha, não o demonstrou.

Ela mudara subitamente. Era como se tivesse despojado de dez anos desde a festa do dia da inauguração, a última vez em que a vira. Então, ela estava irritadiça; agora, apresentava-se suave e dócil, exuberante. Ele recordou-se da jovem que ela havia sido.

De repente, era apenas o pesadelo da noite anterior, esse picante interlúdio deles, após o suicídio de seu marido.

Beijou formalmente o rosto dela, aspirando o perfume que lhe era familiar, que também se apresentava mais limpo, um pouco mais essencial. Abriram-se dentro dele ferimentos que pensava fossem apenas tecidos cicatrizados. Ele estava agoniado por Dolly, ou Lucy, ou por causa de si mesmo, não saberia dizer.

- Nick, este é Roger Tinker - ela apresentou o homem que entrara consigo.

Nick encontrou o desconfortável olhar de Roger.

- Roger - disse Dolly - este é Nick Weiler, o diretor do Dalton.

Os dois homens apertaram-se as mãos de modo educado, examinando-se mutuamente.

De imediato ficou claro para os dois que não havia esperança alguma de um relacionamento civilizado.

Roger viu um homem alto, louro e barbudo, que usava com muito gosto as roupas caras.

Um homem que, durante toda sua vida, tivera todo o dinheiro, mulheres e poder que sempre quisera. Era exatamente o tipo de homem que Dorothy Hardesty Douglas podia ter como amante, de modo muito mais lógico do que alguém como Roger Tinker.

O homem que acolheu as boas maneiras de Nick Weiler sentia-se dolorosamente como peixe fora d'água. Estava vestido com seu temo novo e ostentava um novo corte de cabelo. Não sabia - e seu corpo dizia isso - o que fazer com esse gabinete bem instalado nessa florescente demonstração da sensibilidade vitoriana, que Nick Weiler achava ser seu museu. Certamente ele não pertencia a Dolly. Portanto, não lançou olhares possessivos na direção dela.

- O Sr. Tinker está escrevendo um livro sobre miniaturas - mentiu Dolly.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Se pudermos ser-lhe útil de alguma maneira... - ofereceu-se Nick. Roger não pareceu entusiasmado com a idéia de uma assistência profissional, se é que a careta amarga em seu rosto podia significar alguma coisa.

Pensando que Dolly tinha alguns amigos bem estranhos, Nick desviou sua atenção para ela.

- Tem certeza que não quer que meu pessoal faça o empacotamento para você?

Ela agarrou-o pelo braço.

- Oh, não, querido. Queremos ir direto à coisa. Vamos.

Nick não demorou-se com eles mais do que o tempo necessário para levá-los até o diretor de coleções e um par de empacotadores. A quarta-feira era o dia e que o Dalton fechava suas portas para o público e tratava de assuntos internos. Apresentou desculpas de trabalhos a serem supervisionados. Dolly, como uma universitária chata, agarrou-se a ele e sufocou-o com caros e queridos. O olhar de cão raivoso de Roger Tinker era infantilmente irritante. Foi um alívio deixá-los com seus próprios problemas.

Após examinar o material de empacotamento, Dolly dispensou os empacotadores do museu, dizendo que poderia chamá-los se precisasse de ajuda. Os homens sentiram-se felizes por irem embora. Dolly não era lá muito conhecida por ser uma companhia agradável no trabalho. Ela queria sua casa de bonecas para si e agora a tinha.

O desmontar e empacotar consumiu horas. Dolly parecia não notar a passagem do tempo ou a presença de Roger. Ela continuava a embrulhar todos os minúsculos objetos da Casa Branca de bonecas e a colocá-los paciente e carinhosamente em molduras de espuma. Roger tinha a pesada incumbência de ser mero espectador.

Foi a primeira vez que Roger examinou a casa de bonecas. Pensou com seus botões que aquilo não era de deixá-lo com as costas arrepiadas como um repelente melro grande, que aquilo não era uma casa de bonecas muito grande. A perfeição dos detalhes era esquisita; clamava por pessoas diminutas para povoar seus preciosos aposentos.

Depois de algum tempo, sentiu-se entediado e afastou-se dali para ir olhar o resto da exibição. Mas os fantasmas não se afastaram. Alguma coisa ficou fervilhando em sua mente, um tipo de coceira mental que teria de ser saciada.

Não tendo irmã e tendo sido educado em um rígido conceito de masculinidade, ele não havia sido exposto às casas de bonecas enquanto garoto. Sua infância acabou antes da chegada da moda das bonecas para os garotos, disfarçadas em "personagens de ação", e toda a parafernália anexa de naves espaciais em escala reduzida, motocicletas, automóveis e quartéis-generais secretos. Havia lido a esse respeito, mas ali, no Dalton, viu a prova física: os brinquedos de várias gerações de crianças haviam sido metamorfoseados em hobby de adultos e, para alguns adultos, mais do que um simples hobby, uma obsessão.

O porquê disso estava além de sua compreensão, era uma peça de vidro fundido, sólido Miniaturas do Terror - Tabitha King

e tangível, mas liso, duro e inacessível como uma pedra polida. Por que a redução de todo aspecto da vida humana era tão fascinante assim?

Elaborando o assunto em sua mente, ele subiu até a galeria do segundo andar, onde uma nova exibição estava sendo reunida. O lugar estava carregado de pessoal técnico e equipamento elétrico. Os funcionários, em sua maioria

eletricistas, eram um enxame de abelhas com uniformes de botões dourados, equipados com cinturões de ferramentas.

Roger calculou que estavam instalando um grande número de vídeos de projeção, sendo que cada um deles necessitava de sistemas de som e uma unidade receptora. Era algo interessante de se observar, de modo que ele permaneceu ali um bom tempo, tentando ficar fora do caminho e coçando-se para dar uma mãozinha.

Foi capaz de reconhecer pedaços e peças de vídeo-cassetes, enquanto o equipamento era testado e descobriu que aquela bagunça toda tinha a ver com processos de exibição, processos pré-industriais. Uma peça de três minutos era sobre um velho que fazia tábuas de barril. Uma outra detalhava a fabricação de melado e açúcar. Os tapes eram tão interessantes quanto o equipamento.

Em cada vídeo, antigas ferramentas eram arrumadas em cenários realistas. Uma moça do departamento de gráficos disse a Roger que os visitantes seriam encorajados a manusear as velhas ferramentas. Roger pensou que alguém afanaria a exposição inteira, peça por peça, e que Nick Weiler devia estar mesmo tão maluco pela nora de Dolly quanto esta dissera, para aprovar uma idéia como essa.

Uma vez que a idéia do roubo pousou em sua cabeça, Roger recordou-se que queria encontrar alguma coisa pequena para Dolly e começou a olhar em volta com um jeito de quem não quer nada. Sua inspeção foi interrompida pelo som de uma voz que ele já

ouvira antes e Roger levantou a vista a tempo de ver o rosto malquisto de Nick Weiler na galeria. Ele empreendeu a saída dali e, após alguns minutos, viu-se em uma escadaria dos fundos, que o levou à galeria do terceiro andar.

Era proporcionalmente menor do que a galeria do segundo andar e, em sua atmosfera, totalmente diferente. Mais quieta, mais escura, abandonada aos retratos. Roger perambulou por ali, examinando os rostos dos ancestrais americanos, pintados à

maneira primitiva. Estava perturbado pela caleidoscópica qualidade do' Dalton. Era mais parecido com a Disneylândia do que com os museus de sua época, de escola, ou com aqueles que visitara em Nova York. Todas aquelas instalações de merda! Ele sempre imaginara os museus como sendo uma espécie de enorme e

velha igreja católica romana num dia de funeral. Somente os museus tinham caixões de vidro ao invés de madeira, dúzias e dúzias deles, cheios de enigmáticos objetos empoeirados e pesados, ao invés de ossos. Ninguém que tivesse uma inteligência científica ativa se interessaria por tais lugares e coisas, na mesma proporção em que não se interessaria pelo conteúdo da cabeça de sua mãe. Mas pelo visto os museus haviam mudado desde que Roger deixara a época do almoço quente. Aquele ali, com toda certeza, tinha a mesma classe de uma caixa de brinquedos de um garoto rico.

Roger achou o caminho de volta a Dolly, usando um elevador.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Nick veio perguntar se vamos querer almoçar com ele - Dolly disse alegremente, mal tirando os olhos de sua tarefa.

- Como você quiser. - Roger não teve o menor problema em conter o pouco entusiasmo que nutria pela companhia de Nick Weiler.

Dolly apoiou-se nos calcanhares e olhou satisfeita para seu trabalho.

- Então, nem pensar. Me dê uma mãozinha aqui e depois vá encontrar um dos empregadinhos de Nick, de preferência um que seja bem musculoso para nos ajudar com o encaixotamento.

Ela estava tão alegre e enérgica que Roger deu de ombros com desdém para as sombras do Dalton e foi fazer o que ela queria. A Casa Branca de bonecas e sua mobília foram depositadas no furgão alugado por volta da tarde. O estômago de Roger roncava ruidosamente. Ele ansiava um ajantarado bem merecido.

- O que você achou dele? - perguntou Dolly quando partiram.

Roger olhou para trás em direção ao pórtico do Dalton, onde Nick Weiler, bom hospedeiro que era, estava parado assistindo à partida deles. O sol do fim da tarde brilhava em seus cabelos louros, formando fios de ouro da palha.

- Legal - grunhiu Roger.

Dolly estendeu o braço para dar umas batidinhas de consolo na mão dele.

- Você devia tê-lo visto quando ele era um garotinho e vivia com a mãe. Gritando pela velha e úmida mansão estragada, como dois botões em um secador, com o velho, o padrasto dele, aboletado em sua biblioteca, meio gagá, com uma dúzia de velhos criados tentando manter o lugar limpo.

Roger olhava para a cidade, enquanto ela enfiava o furgão em ruas movimentadas. Ele procurava pelo prédio do FBI, que ainda não havia sido construído na última vez em que estivera na capital. Ela rompeu o silêncio quando se aproximaram do hotel.

- Pobre Nick, sempre bonito. É uma maldição - ela disse pensativamente. Olhou para Roger e sorriu. Foi um sorriso contente, satisfeito.

- Você - disse ela.

Roger empertigou-se para esperar o veredicto.

- Você - continuou ela - é mais esperto do que parece.

Roger arreganhou um sorriso.

- Estou com fome - confessou ele.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Dolly olhou séria para a barriga dele.

- Você pode se dar ao luxo de economizar uma refeição.

O coração de Roger deu um salto. Pelo visto, seria uma longa jornada até a janta.

E foi. Dolly recusou-se a deixar os malditos engradados fechados no caminhão na garagem. Eles tiveram de ser arrastados pelo estacionamento até o elevador de carga e, depois, levados para a suíte dela. Dolly supervisionou toda a operação, de modo que Roger e os dois carregadores que foram forçados ao trabalho não tiveram nenhuma oportunidade de ser descuidados.

Roger teve de sair para comprar um aparelho de barba. Disse a Dolly que se demoraria alguns minutos, que talvez desse uma olhada em volta do hotel. Os arredores eram adequados para atrair os turistas; Roger pôde comprar um

cachorro-quente num vendedor ambulante e consumiu-o, enquanto olhava diretamente para o Capitol.

Caminhou pela biblioteca do Congresso e comprou uma camiseta que tinha a inscrição Tinta Fresca em letras coloridas que gotejavam. Dolly se revoltaria com aquilo, mas Roger sentiu-se melhor. Um homem tinha que ter algo no qual se sentisse confortável, pelo menos de vez em quando.

Ele estava no chuveiro, esforçando-se para tirar o invólucro do sabonete do hotel, quando chegou o FBI. Se tivesse ouvido a batida na porta, teria se apressado, fingindo que era o serviço de quarto, mas não ouviu. E assim, ele seguiu em frente, a água entrando em suas orelhas, o cabelo selvagemente desgrenhado pela umidade. Achou Dolly sentada em um dos engradados, fumando, enquanto um par de agentes do FBI inspecionava, com ar de bobo, agachado sobre um engradado aberto.

Ela apresentou-o. Roger sentou-se no sofá para calçar as meias e sapatos e pentear os cabelos, enquanto os agentes reviravam com eficiência os caixotes. Dolly foi sentar-se ao lado dele. Depois, descobriu que estava sem cigarros.

- Oh, merda! - disse súplice.

- Vou buscar - ofereceu-se ele, depois de bater nos bolsos e verificar que não tinha nenhum. Ele agarrou o estojo de máquina fotográfica e foi para a porta.

Roger perdeu a estrondosa gargalhada de Dolly. Teria reconhecido. Dolly a usara contra ele várias vezes. Para tranqüilizá-lo. Como o gelo na calçada, epa!

No quarto do hotel, um dos agentes apalpou-se procurando o bloco de notas e a caneta.

- Poderia responder algumas perguntas, madame?

Dolly divertia-se. Era uma estrela de ouro para a urbanidade do titio São 1. Edgar. Se eles estavam querendo desempenhar velhos papéis da mitologia televisionada do FBI, ela estava disposta a se divertir tanto quanto pudesse.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Claro.

- Sobre o Sr. Tinker, pode ser?

- O que o senhor quer saber?

- Bem, o que ele faz para viver? De onde veio?

- Oh - Dolly virou-se e apanhou um cinzeiro. Rodopiou-o lentamente na ponta dos dedos. - O Sr. Tinker está escrevendo um livro sobre miniaturas. Estou ajudando. Acho que ele é da Califórnia, mas sei muito pouca coisa sobre o passado dele.

O agente fez que sim para ajudá-la.

- A senhora conhece o endereço dele?

Dolly sorriu.

- O mesmo que o meu.

A afirmação foi devidamente anotada.

- Está a seu serviço?

- Não exatamente.

O agente continuou na pergunta.

- Qual a sua relação com o Sr. Tinker?

- Somos amigos. Ele é um pouco desamparado. Eu cuido dele. - O objetivo era dar-lhes um pouco de trabalho. O desafio faz bem à alma.

O agente trocou um olhar nervoso com seu colega. Não queria ter de fazer a pergunta de novo, de modo mais áspero. O pior era quê ele não conseguia ver uma razão para o FBI querer saber a resposta, mas sabia que seu supervisor iria perguntar e seria melhor que ele obtivesse a resposta certa.

- Ah, não - exclamou Dolly. - Não quis dizer isso. Roger é tão bicha quanto um baile de terça-feira de carnaval, queridão.

- Como a senhora conheceu o Sr. Tinker? - Alívio. Direto para a próxima

pergunta.

- Ah, sei lá, em algum lugar. Numa festa qualquer. Não me lembro, mesmo.

O agente fechou o bloco de anotações.

- Obrigado, madame. Desculpe-me por estar aborrecendo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger passou por eles no corredor. Sorriu para eles alegremente, mas desapontou-se por ter recebido como resposta a seus esforços de simpatia apenas duas risadas de escárnio que soaram ao mesmo tempo.

- Ainda bem que me livrei desses porras! - disse Dolly quando ele apareceu na porta. - Mais um "madame pra cá" e eu teria gritado.

Roger apresentou-lhe o maço de cigarros. Tirou do pescoço o estojo de máquina fotográfica e deixou-o cair na gaveta mais próxima.

- Finalmente acabou. Que foi que você disse a eles?

Ela pareceu inquieta.

- Você não vai gostar. Tive de mentir um bocado.

- Claro. Mas o que foi que contou para eles? Tenho de saber para o caso de eles tentarem nos pegar com histórias diferentes.

Dolly encarou-o com os olhos semicerrados. Jogou fora a guimba do cigarro que fumava.

- Fui obrigada a dizer que descobri você por aí, do jeito que todo mundo faz. E que você

é bicha.

- Como é que é?! - Roger estava desconcertado. - Pelo amor de Deus, por quê?

- Não queria que eles desconfiassem da verdadeira natureza do nosso relacionamento.

- Que merda! - Ela falara como se estivesse citando alguma cena da novela das oito. - E

o que é que isso tem a ver com o que eles estavam procurando?

- Não fale assim comigo. - Ela virou-se de costas para ele.

Roger s6 podia ver uma razão para ela ter contado uma mentira como aquela. Dolly sentia vergonha dele. Abruptamente, a verdadeira natureza do relacionamento deles, como ela chamava a coisa, surgiu diante dos olhos dele, como se fosse seu próprio reflexo encontrado inesperadamente num espelho qualquer. Ele tinha algo que ela queria, o miniaturizador, e o que este podia fazer. E Dolly tinha o dinheiro e o corpo dele.

Roger viu a inclinação da espinha dela e percebeu que Dolly poderia triturá-lo. O que ele não tinha feito por ela? Torturava-se com aquela maldita dieta dela e com o programa físico, satisfazia cada capricho dela. E agora ela o renegava diante de um par de agentes do FBI, cujas opiniões não tinham o menor significado para nenhum deles, ou não seria assim? O único culpado era ele mesmo, isso lhe diria sua mãe.

Se não fosse a aguda consciência que tinha do estado de sua carteira, ele iria embora.

Depois de pagar o maço de cigarros, ele tinha exatamente cinqüenta e sete centavos no Miniaturas do Terror - Tabitha King

bolso. Depois, tomou a decisão de que estava tudo bem. Não tinha importância, ele iria em frente, mesmo que tivesse de lavar pratos. Roger abriu a gaveta onde metera o invento.

Ao levantar a vista, Dolly se havia virado para ele de novo. Nos olhos dela havia um pânico que mal conseguia controlar. Movendo-se rapidamente na direção dele, Dolly estreitou seu corpinho de ferro contra ele. Roger agarrou o miniaturizador com mais força e afastou-se.

- Roger - suplicou ela - por favor.

Ele balançou a cabeça.

- Estou arrebentado - ele deixou que a frase escapasse de seus lábios. - Não dá mais para ficar. Vou para casa. Vou tratar de diminuir minhas perdas.

- Não - disse ela. Em seguida, deu uma leve risada. - Bobinho, por que você não disse logo? Sou tão desligada com esse negócio de dinheiro, você sabe, não? Nunca penso nisso - ela estendeu o braço convulsivamente para apanhar a carteira.

Roger parou. Ele sabia muito bem. Ela pensava em dinheiro o tempo todo. Não teria vivido com ela tanto tempo assim sem perceber. Ele estava tremendamente desconfiado de que ela era magra daquele jeito porque não gostava de pagar por um prato decente.

Ele teria ido embora antes para ter a satisfação de vê-la suplicando para ele ficar. O

miniaturizador pesava pendurado em seu peito. Roger sentiu o coração pulsando contra o objeto.

Agora, ela caminhava para ele, com um bolo de notas em cada uma das mãos tratadas à

manicure. Empurrou o dinheiro no bolso dele.

- Aí está, querido - murmurou ela. - Vejo que você já tem o que precisa. Tudo.

O cabelo dela roçou o rosto de Roger com seus cachos sedosos. As mãos de Dolly, já

sem o dinheiro, deslizavam pelo corpo dele, estreitando-o. Roger fechou os olhos, aspirando o perfume dela.

- Oh, mãe - sussurrou, ele.

- O quê? - Dorothy levantou a vista para encará-lo.

- Ah, nada.

Ela correu a mão pelos enroscados cabelos dele.

- Ouça, querido. Sei que tenho sido uma puta. Não tenho pensado nem um pouco em você. Quero te compensar disso.

Roger fez que sim com a cabeça num gesto entorpecido. Nesse exato momento, ele compreendeu como as moscas se sentem quando são agarradas em uma teia de aranha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ele queria a isca, quase podia sentir o seu gosto, e seu apetite não havia diminuído, não, ele estava excitado pela visão da aranha no centro da teia. Mesmo aquela coisa pegajosa tinha seu próprio sentimento elétrico.

- O que você quer? - sussurrou ela.

Ele ouviu a frase como se fosse "faça o que quiser".

Roger pigarreou e disse:

- Vi aquela estátua hoje.

Ela estava desabotoando a camisa dele.

- Viu?

- Era um deus ou algo pelo estilo. O deus do mar.

- Netuno - Dolly forneceu o nome.

- Isso mesmo. Com todo o tipo de sereias enroscadas em volta dele.

Ela interrompera suas carícias, o esfrega-esfrega e parara de desabotoar a camisa dele.

Estava apenas olhando para ele.

- Você se importaria - ele gaguejou - ah, em fingir que é uma sereia?

Dolly pensou e tomou rapidamente uma decisão.

- Mas é claro que não, querido. É uma coisa bem bonita. Diga-me apenas o que é

que as sereias fazem.

- Bem - explicou Roger, colocando o miniaturizador de volta à gaveta e esperando que ela não percebesse o quanto ele suava - eu imagino que...

- O quê? - encorajou-o Dolly.

- Acho que seria melhor primeiro a gente ir encher a banheira - decidiu ele. - Depois eu mostro para você.

Roger pensou que ela estivesse dormindo. Como não sentia nem um pouco de sono, ele deslizou para fora da cama e foi à sala de estar da suíte. Ligou a televisão e viu o finzinho de um filme. Esperou pacientemente o que pareceu ser uma hora de comerciais e, em seguida, surgiu a música que anunciava o noticiário do fim da noite. Roger saiu da cadeira em que estava sentado e ajeitou-se de barriga para baixo na pilha de tapetes.

Pousou o rosto nas mãos sustentadas nos cotovelos e preparou-se para a adoração.

Ela estava maravilhosa, tão linda quanto na foto da VIP. A maquilagem levemente Miniaturas do Terror - Tabitha King

pesada, os cabelos um pouco mais penteados. Estava vestida com um suéter de gola em V, reminiscências dos anos cinqüenta. Aqueles peitinhos incríveis faziam coisas espantosas sob o leve e suave tecido de lã. A cor da tevê do hotel não estava das melhores e Roger não tinha energias suficientes para ajustá-la, mas seria capaz de dizer que o suéter devia ser de um vermelho bem forte, do mesmo tom do brilho dos lábios carnudos dela.

Ele perguntou-se se algum dia Dolly aceitaria fingir que era Leyna Shaw. Ela poderia ofender-se caso ele pedisse para ela ser uma pessoa de verdade.

Dolly não devia estar dormindo tão pesadamente quanto ele pensara, pois mal Leyna anunciara as notícias econômicas, todas ruins, ela apareceu, envolta em seu robe branco de cetim, e sentou-se na cadeira dele. Não disse nada, ficou apenas vendo e ouvindo.

Roger surpreendeu-se quando, depois de alguns minutos, sentiu o frio pé dela espetando-lhe o traseiro nu.

- Desliga essa porcaria e vem para a cama. Quero dormir.

- Desculpe - murmurou ele. Roger arrastou-se e apertou o .botão do aparelho. - Não estava conseguindo dormir.

- Então, masturbe-se - disse Dolly de modo rude.

Roger arreganhou um sorriso.

- Até que tocaria mesmo uma punheta, se pudesse ficar olhando para Leyna Shaw.

Ela não pareceu ter achado muito engraçado. Dolly bateu com força a porta do quarto.

- Oi - disse Roger atrás dela - eu s6 estava brincando.

- Eu gostaria - ela disse com uma expressão fria - que você não mencionasse essa puta na minha frente.

- Ela é inimiga sua ou algo parecido? - Roger foi possuído por uma curiosidade genuína.

Como poderia alguém odiar de verdade uma mulher tão linda como aquela?

- É... é exatamente isso que ela é. Ela gostaria de zombar de mim, é isso.

- Bem, sinto muito.

Houve um longo silêncio no qual os dois se debateram.

- Roger - Dolly experimentou os dedos na axila dele para ver se Roger ainda estava acordado - é melhor que você saiba de uma vez.

- O quê?- perguntou ele, que finalmente estava sonolento.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Tenho uma porção de inimigos. Sempre existem pessoas que odeiam alguém que tenha algo, que elas não têm. Dinheiro, poder, coragem física, boa aparência, a família certa.

Você entende?

- Claro. - Roger entendia perfeitamente. Sua mãe não educara nenhum bobo. Tratava-se do velho mundinho podre.

- Portanto, existem pessoas que me odeiam, embora eu nunca tenha feito nada contra elas.

Roger soltou murmúrios de simpatia.

- Ela é uma dessas.

- Quem?

- A maldita Leyna Shaw! - exclamou ela.

- Ah. .

- Você é um amor, Roger - continuou Dolly - mas tem de começar a prestar atenção.

Você parece uma criança. Só pensa no que quer pensar. Tem que começar a usar esse maravilhoso cérebro para a vida do dia-a-dia.

- Humm - concordou Roger. Estava começando a adormecer.

Dolly suspirou, sentou-se e estendeu a mão para o cigarro.

Que diazinho de merda! Pelo menos ela recebera de volta a Casa Branca de bonecas.

Sua mão tremia ao segurar o isqueiro e ela precisou firmar com a outra. Devia estar sentindo algo parecido ao desapontamento pós-natal. Havia desejado uma coisa com tanto fervor e, uma vez satisfeito esse desejo, aquilo não bastava.

Ou talvez fosse apenas tristeza pós-coito. Dolly examinou o volume escuro de Roger envolto nos lençóis. Devia estar bêbada para fazer na primeira vez. Ele era um tipo tão sem classe, tão mocoronga. Ela ouvira falar de mulheres que gostavam de trepar com seus choferes e jardineiros, mas esse tipo de coisa nunca foi muito atraente para ela.

Elas deviam estar muitíssimo entediadas com as alternativas, os maridos e os amigos dos maridos, pensou Dolly.

Apesar disso, ela deve ter intuído algo com relação a Roger, porque havia algo especial nele. Inexperiência, o que era um pouco espantoso na idade dele e nos dias de hoje, e um certo talento natural selvagem. Ajudada e encorajada pela mesma erupção de desejo que o tornou um cientista bamba, embora meio maluco.

Nick lançou uma sombra sobre Roger nesse dia. Mas ela poderia ser testemunha - ou não? - de que quando chegasse o momento de se meter debaixo da coberta, escolheria Roger. O caso com Nick fora alguns anos antes, mas ela não se esquecera. Ele tinha um bom conhecimento sobre os atos carnais, mas faltava-lhe sentimento, exceto pela Miniaturas do Terror - Tabitha King

resfriadora sensação que transmitia, de que estava se contendo porque não se importava.

Ele bem podia estar dando comida para os gatos. Pelo menos por enquanto, Roger não conhecia o significado do verbo "conter-se".

A cinza caiu sobre a pele nua de seu dorso. Dolly limpou-se languidamente, sem prestar atenção no ardido sem importância provocado pelo fogo. Droga, a vida era bem complicada. E estava sempre mudando. Roger recordara-lhe para que os homens serviam, depois de Dolly ter desistido deles; ele ressuscitara nela uma parte morta. Tudo que ela queria mesmo. agora eram a casa de bonecas e o miniaturizador. E Roger. Como todos os homens, logo ele se tornaria entendiante. Ela não tinha a menor dúvida. Mas sabia que iria superar bem a coisa, quando isso acontecesse. Essa certeza aumentava o gosto da perversão. Iria se divertir, enquanto durasse.

A cidade desapareceu rapidamente atrás deles. Era sempre uma surpresa para Dolly compreender quão pequena era Washington. Pegaram a estrada interestadual através dos subúrbios e regiões rurais subdesenvolvidas. Na maior parte do tempo, o tráfego circulava na outra direção e eles faziam uma média excelente.

Roger mostrou para Dolly o modelo do monumento a Washington com o afiador de lápis na base, que comprara para a mãe. Ela lançou um olhar desgostoso no objeto.

- Eu bem que poderia ter miniaturizado o monumento verdadeiro - gabou-se Roger com um ar de criança.

- Por que você não fez? - perguntou Dolly, pensando com seus botões que a mãe dele tanto podia ter a feiúra original quanto uma cópia.

- Havia turistas demais.

- Desculpas, desculpas. Miniaturizasse eles também.

- Nossa Senhora! - disse Roger. - Pensei que a gente só fosse pulverizar coisas. Você

sabe, é um pouco óbvio

- Não, queridinho - retorquiu Dolly - nós bem que podemos pulverizar turistas também.

- Ela deu uma gargalhada.

- Tenha compaixão - observou Roger, mantendo-se no espírito da conversa. A idéia não lhe parecia muito atraente.

Dolly atravessou um cruzamento.

- De verdade, nós devíamos afanar uma pequena lembrança, enquanto estamos na cidade.

- O que você tem em mente? - Roger estava preparado para ser razoável, embora uma outra aventura pudesse estar muito em cima da última. - Que tal a Casa Branca de verdade? - gracejou.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Argh! Eu não teria isso.

- É... e de qualquer modo, tem gente demais - disse ele. - Você não gostaria mesmo de possuir uma casa cheia de minúsculas secretárias de imprensa e homens do serviço secreto?

Ele observou um caminhão que passava. Estava cheio de comida congelada.

Trazia isso escrito do lado. Ele bem que aceitaria uma comida congelada. Comera um cachorro-quente pela manhã, enquanto passeava, mas Dolly não mostrava nenhum sinal de que percebia que a hora do almoço estava passando, assim como aquele caminhão que, com certeza, estaria cheio de panelas com torta de galinha.

- Na verdade - ela estava dizendo - o que a Casa Branca de bonecas necessita mesmo é

de algumas bonecas para habitá-la. E - ela cutucou-o para chamar sua atenção e, em seguida, deu uma batidinha no isqueiro, insinuação esta já conhecida de Roger - a única coisa que ninguém faz direito em miniatura é uma boneca.

Roger deu-lhe um cigarro.

- Lucy não-consegue?

- Ela diz que não. Não quer mexer nisso.

Roger tinha de admirar uma pessoa que dizia não para Dolly. Estava começando a ansiar um encontro com essa Lucy.

- Por quê?

- Não é "seu campo. Disse que iria perguntar, que tentaria localizar alguém para mim.

Mas suspeito que, fora do âmbito de Disney, a única pessoa que poderia fazer isso é

você.

- Eu poderia afanar um desses grandes robôs animados que eles usam na Disneylandia -ofereceu-se Roger.

Dolly soltou a fumaça entre os dentes.

- Parece-me terrível.

- Ah - Roger mudou de opinião.

Dolly atirou pela janela a guimba do cigarro.

- Escute aqui, Roger. Você nunca miniaturizou um animal?

- Claro. Animais de laboratório.

- A coisa funcionou bem?

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Funcionou. Eu tinha um tremendo cachorro. Dois centímetros de comprimento.

- Você não poderia fazer isso com pessoas?

Sem parar de prestar atenção na direção, ela lançou olhares furtivos para ele.

Roger passou os dedos no estojo de máquina fotográfica que repousava em seu colo.

- Pelo amor de Deus!

- E então? - questionou ela.

- Bem - ele respirou fundo - pelo que sei, e olha que sei mais do que qualquer pessoa nesse campo, o processo não é reversível. Você não consegue desminiaturizar uma coisa.

- Ah! - dessa vez foi ela quem ficou pensando. - Gostaria que você considerasse isso como opinião. Pense no assunto. Talvez pudéssemos executar a coisa.

- Tudo bem.

Estavam nos arredores da estacada que cercava um generoso pedaço de terra cheio de árvores e gramados, em frente à casa de Lucy. Roger podia ver uma piscininha rasa de plástico, de um esplendor estonteante, no centro do gramado. Dolly apertou a buzina do caminhão.

Zachary Douglas, sentado na beira da piscina com calções rotos, tentava enfiar os pés numa jardineira. Os pés estavam bem enlameados até os tornozelos, a lama quase chegando aos joelhos; e a grama em volta da piscina parecia bem molhada.

Laurie, que servia minúsculos copos de plástico com água suja à mãe e ao avô, gritou ao ver que o caminhão dirigia-se para a entrada da garagem, onde parou atrás do amassado carro de Lucy.

- Gee - gritou ela.

Zachary levantou a vista por um instante e em seguida retomou ao sério trabalho experimental no qual estava engajado. Era muito mais interessante do que a avó que ele chamava de Gee. Ele sabia por experiências passadas que ela não iria até a lama.

O Sr. Novick estava ouvindo um outro jogo, transmitido por um rádio de pilha enfiado no bolso da camisa com um plugue metido na orelha. Estava semi-adormecido como conseqüência por ter estado refestelado ao sol durante boa parte do dia e depois de ter comido no almoço dois sanduíches de presunto. A única coisa que o mantinha acordado era a queixa incipiente de sua bexiga abarrotada com as xícaras de chá de Laurie.

Endireitou-se para apresentar um aspecto mais digno para a sogra de sua filha.

Aboletada numa cadeira ao sol do meio-dia, Lucy sentou-se direito e examinou o botão Miniaturas do Terror - Tabitha King

da curta bermuda de linho para certificar-se de que estava fechado. O zíper também estava fechado. Ela levantou-se e espreguiçou-se.

- Olá, olá - gritava sua sogra, enquanto rodeava a estacada. - Lucy, querida, você está

com uma aparência maravilhosa.

De fato, Lucy estava com boa aparência. Ela fez que sim com a cabeça.

- Obrigada.

- Ah, esse aqui é Roger Tinker, Lucy. Ele está escrevendo um livro sobre miniaturas.

Lucy apertou a mão levemente úmida de Roger, com educado embaraço. O fabrico e a coleção de miniaturas era um mundo relativamente pequeno que ela

conhecia muito bem e nunca ouvira falar de Roger Tinker.

- Encantado em conhecê-la - murmurou ele. Baixou o olhar para o colete curto dela e enfiou a mão no bolso, acenando para apresentar-se ao pai de Lucy. O estojo da máquina estava pendurado em seu pescoço, como um enorme pingente.

- E essa aqui - disse Dolly orgulhosa - é a minha gracinha, Laurie ela estava abraçando carinhosamente a garotinha. Laurie Douglas gritou, chamando a atenção de todos.

Dolly olhou ansiosa para Zachary. O garotinha estava ignorando todo mundo.

- Zach ! - ralhou o avó - Cumprimente sua avó.

Surgiram duas bolinhas vermelhas nas bochechas de Dolly. Zach levantou os olhos do que estava fazendo e encarou-os solenemente.

Dolly deu uma gargalhada.

- Vamos, seu safadinho. Venha ver Gee.

Lentamente, com um certo sentido de ritual, Zach enfiou delicadamente um dedo na narina. Foi demais para Lucy.

- Zachary - disse ela.

O dedo saiu do nariz e desapareceu no bolso com um sentimento de culpa. Ele andou arrastando os pés até chegar a uma distância ao alcance da avó.

- Olha.

Dolly examinou-o. A lama cobria suas pernas até os joelhos qual meias sujas e ele estava enluvado até os cotovelos com a mesma substância. Ela encontrou um pontinha de pele relativamente limpa acima da sobrancelha dele, inclinou-se para um rápido beijo e retirou-se para uma distância segura.

- Não precisa se deter por minha causa - ela disse com um modo brejeiro.

Ele olhou esperançoso para a mãe, recebeu um aceno de permissão e caminhou

de volta à piscina, onde ainda havia mundos a serem explorados.

Lucy esboçou um sorriso de desculpas para Dolly; ele só tinha quatro anos.

Dolly arqueou a sobrancelha.

- Você devia ter dado um banho nele. Sabia que eu estava vindo para cá.

A boca de Lucy assumiu uma expressão de teimosia e ela ignorou a reprovação.

Laurie quebrou a tensão oferecendo-lhes xícaras de chá. Roger olhou ansioso para a xícara na mão dela. A esperança dissipou-se quando ele percebeu que se tratava apenas de água. Dolly deu uma risada e recusou a oferta. Grosseiramente, pensou Roger, já que ela não se dera ao trabalho de perguntar-lhe se queria.

- Obrigada, querida - Dolly estava abraçando de novo a criança - mas primeiro tenho que falar com sua mãe.

- Ficarei de olho nos garotos - ofereceu-se o pai de Lucy. Ele tocou de leve o quepe na direção de Dolly e voltou a instalar-se na cadeira.

Laurie encolheu os ombros e voltou a sua festa de chá. Os adultos sempre andavam ocupados consigo mesmos e seu trabalho. Devia ser muito chato.

Lucy conduziu Dolly e Roger até a oficina, dando a Roger a oportunidade de caminhar atrás das duas mulheres, posição essa da qual ele podia admirar o traseiro de Lucy em sua bermuda de linha e a de Dolly escondida nas calças. Uma boa visão, pensou ele.

Valeu a pena a viagem.

Lucy pôs-se a um lado e deixou que Dolly examinasse a arrumação de sua mesa de trabalho. Estava limpa, com exceção de um minúsculo guarda roupa. Uma de suas portas encontrava-se aberta, permitindo que a luz se refletisse no espelho de dentro.

Havia um brilho vermelho no espelho, reflexo de uma peça de roupa pendurada no interior.

- Muito bonito - murmurou Dolly. Ela abriu a porta um pouco mais com um leve

empurrão da unha comprida. O vermelho que havia dentro desenvolveu uma sombra branca. Ela tirou dois minúsculos vestidos e balançou-os em um cumprimento mudo.

- Perfeitos - tornou a pendurá-los.

- Tenho mais uma coisa, uma surpresa - Lucy apresentou magicamente, tirando de um canto escuro, um pequenino vaso de prata colocado sobre uma bandeja. O vaso estava cheio de frutas.

Dolly pegou-os na palma da mão. Colocou uma lupa na frente do olho e examinou-os.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Em seguida, cheirou-os. Parecia maravilhada.

- Lucy! - Dolly retirou do vaso uma minúscula laranja e cheirou-a curiosa. Roger aproximou-se para ver o que a deixara tão excitada. Ela estendeu a laranja para ele, que também cheirou.

- Maravilhoso! - exclamou Dolly. - Tem o cheiro de uma laranja de verdade.

- E as maçãs têm o cheiro de maçãs, as bananas de bananas, as uvas de uvas - cantarolou Lucy.

Roger arreganhou um sorriso para Dolly.

- Não está mau - grunhiu ele.

Ela captou o olhar dele. Um pensamento não pronunciado passou por entre eles: mas nós podemos fazer melhor.

- É um presente. Para você - Lucy ruborizou-se.

- Eu lhe agradeço, querida - Dolly estava um pouco assustada. Lucy fazia uma coisa como aquela e até mesmo outras mais complicadas. Ela ficou paralisada..

- Como você fez isso? - Roger moveu-se para ajudar.

- Durante semanas fiquei perdendo tempo com aromas artificiais. Para o chão,

sabe. Eu queria obter as rosas certas e os arbustos florescendo e talvez até a grama. Seria terrivelmente complicado. Mas agora velo possibilidades que não existiam três meses atrás. Andei escrevendo para empresas de produtos químicos e fabricantes de perfurme, indo por um caminho errado. Sei que posso fazer melhor do que com grama de plástico e rosas de plástico reforçadas com arame.

Lucy percebeu que seu entusiasmo parecia não estar contagiando. Dolly não parecia muito interessada. E o amigo dela divertia-se, como se a tivesse flagrado tirando as calças. Aturdida, ela continuou falando.

- O problema vai ser a grama. A grama verdadeira tem tantas propriedades, como o ondular na brisa e a sensação sedosa e o cheiro gostoso, isso vai ser difícil de ser obtido.

Ela interrompeu-se abruptamente e olhou para Dolly. Roger desviou o olhar das duas mulheres. Realmente não queria continuar ouvindo. Lucy parecia ser uma mulher aplicada. E atraente também. Ela examinou as bancadas e as ferramentas nos pregos, os materiais esmeradamente arrumados nas prateleiras industriais.

- Lucy, querida - ele ouviu Dolly dizer em voz baixa - não quero que você faça o chão.

No silêncio que caiu sobre eles como uma sombra, Roger brincou com uma pequena serra tico-tico. Lucy pareceu não perceber, estava tão quieta que parecia não respirar.

Seu rosto, branco e distante.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger olhou em volta um pouco mais. Notou o sol entrando pela janela dupla colocada no teto como se fosse uma clarabóia. Havia uma porta corrediça de vidro nos fundos do aposento, atrás de Lucy, que dava para um enorme quintal. O lugar tinha um ar de artesanato que fez com que Roger pensasse em seu esconderijo no porão, na casa da Califórnia. Descobriu que sentia compaixão por Lucy.

- E alguma coisa que você quer que eu faça antes? - perguntou Lucy com tom de voz de embaraço.

- Bem... não - Dolly virou-se para os vestidos no pequeno guarda-roupa. - Na verdade, estou querendo deixar a Casa Branca como é, por enquanto.

Lucy endireitou-se.

- Você quer o guarda-roupa?

- Ah, quero. Quero mesmo. Ele é encantador.

- Então, vou embrulhá-lo para você.

Lucy apanhou a peça e começou a empacotá-la rápida e cuidadosamente em um papel fibroso marrom. Não dispensou um olhar nem para Roger nem para a sogra. A maneira como se mexia fez com que Roger pensasse nos violentos e reservados movimentos de um açougueiro. Roger começou a suar forte.

Dolly andou até a porta corrediça e olhou para o quintal. Roger ficou examinando as ferramentas. Minúsculas serras, cinzéis, uma serra de mão de joalheiro, uma pequena broca elétrica, uma lixadeira, um torno. Belas ferramentas. Roger respeitaria qualquer pessoa que trabalhasse com elas tão bem quanto Lucy Douglas.

Ela abriu uma gaveta para retirar uma fita elástica grossa. Roger avistou pequenos parafusos, alicates, a ponta de uma tesoura de joalheiro, pinças, os entulhos da caixa de ferramentas de qualquer pessoa. Lucy passou o elástico em volta da caixa de papelão e colocou-a com cuidado na mesa a sua frente. Em seguida, colocou o vaso com frutas em uma bolsa de papel de açúcar.

Nesse momento, Dolly estava observando a operação, sorrindo como se o ar não estivesse carregado com a muda raiva de Lucy.

- Você quer as fichas? - perguntou Lucy calmamente, a voz cuidadosamente desprovida de emoção.

Dolly assentiu.

A jovem mulher começou a rebuscar em um pequeno arquivo situado no canto da oficina. Velhos pedaços de tecidos para tapete estavam empilhados de maneira insegura, apoiando-se no móvel. Pareciam ter sido usados como escorrega por alguma criança.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Num impulso, Roger apanhou um pequeno cabo de serra em forma de X e colocou-o no bolso. Seguiu-o uma lâmina número onze. Dolly estava ocupada tateando a carteira em busca- de cigarro. Uma vez achadas as fichas, elas passaram de Lucy para Dolly, que as passou a Roger. Ele segurou-as do mesmo modo que seguraria um bebê, caso alguém fosse louco bastante para entregar-lhe uma criança.

- A correspondência com Dud Merchent sobre papel de parede que você queria está aí.

Eu ia perguntar se você queria as amostras que ele mandou, mas acho que agora você

mesma vai querer controlar isso.

Dolly acendeu o isqueiro. Estava entediada. Roger reconhecia os indícios.

- E as fotos do bronze de Linda Bloch também estão aí dentro. E é claro, tudo que fiz até hoje com relação ao chão. Mandarei a conta do guarda-roupa e do trabalho de pesquisa que fiz sobre os modelos de chão. Espero que você compreenda que me sinto livre para usar o que desenvolvi.

Dolly apanhou o guarda-roupa empacotado e a bolsinha de fruta.

- Boa tarde, Lucy - disse, sem se preocupar em dissimular o tom de contentamento da voz. Saiu porta afora. Roger seguiu-a carregando as fichas.

Partiu, sorrindo e acenando como uma rainha para o pai de Lucy e as crianças. O velho tornou a dar um piparote no quepe de beisebol. Laurie respondeu com um aceno. Zach, que enchia de lama o buraco das calças, ignorou toda a cena.

Como Lucy não reaparecia depois de um longo tempo, seu pai foi à sua procura. A oficina estava vazia, a porta para o quintal, aberta. Encontrou-a tirando bichos dos tomateiros.

Suas faces estavam úmidas de lágrimas, que ela acabara de sufocar, e o nariz avermelhado. Levantou a vista para ele, conseguindo esboçar um leve sorriso formal e corajoso. Segurava uma lesma na palma da mão.

- O nome dessa lesma é Dorothy Hardesty Douglas, pai - e deixou-a cair no pequeno balde de água salgada que tinha aos seus pés. - Adeus, sua puta miserável.

- Oh, Lu - disse seu pai. Ele agachou-se ao lado dela.

- É a melhor coisa, de verdade - continuou ela. - Dolly apenas usa as pessoas. Não se preocupa nem um pouco. Quando acaba com você, ela simplesmente joga você na primeira privada que encontra. Fico contente por ter trabalhado para ela. Gostaria de me livrar dela duma vez.

O Sr. Novick assentiu.

- Você tem razão. Mas você não gosta de ser posta no olho da rua, não é mesmo, garota?

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy sorriu. Examinou a parte inferior de uma folha. Gostava do cheiro almiscarado dos tomateiros. Eles sempre a faziam sentir-se melhor.

- Não. Sabe de uma coisa, pai?

- O quê, Lu?

- Odeio pensar que essa miserável pu... puta possui todas as coisas, em que empenhei tantas horas da minha vida. Me sinto como se tivesse me vendido numa esquina qualquer.

- Ah, Lu - ele aproximou-se, abraçou-a. - Lu, agora você vai poder fazer algumas das coisas sobre as quais andou falando. É melhor assim. Você tem razão.

- Claro, pai. É isso que é importante - ela levantou-se e espreguiçou-se, de modo que ele pudesse ver que ela parara de chorar. - Algum dia você já pensou que, quando eu trouxer Harrison para encontrar-se com você, isso seria tão importante?

As palavras dela evocaram uma vívida imagem na lembrança do pai: um garoto tímido e magrinho em um uniforme de verão, de mãos dadas com sua filha de dezenove anos, no frágil balanço do alpendre, um casal tão jovem e lindo. Sua

filha crescera, o garoto não, mas eram os filhos deles que brincavam agora em frente da piscina e a mãe dele que brutalizara um dia de verão tão lindo. Ele balançou a cabeça. A vida era uma coisa bem complicada e ele não precisava estar assistindo à novela das oito para saber que, mesmo se tratando de um clichê, nem por isso era menos verdade. Mágica e dolorosa era a maneira como o tempo voltava-se sobre si mesmo e nada parecia chegar a um fim.

- Não - respondeu ele, incapaz de transformar suas emoções em palavras.

- Vamos usar a churrasqueira hoje à noite. Faço a limonada se você fizer os cachorros-quentes.

- Melhor botar o carvão para queimar. Onde estão os garotos? Farei com que trabalhem nisso.

Lucy esfregou as mãos na bermuda e dirigiu-se à cozinha. O pai observou-a afastando-se. Gostaria que ela não tivesse rompido a coisa com Nick Weiler. Ela era quase feliz com o companheiro. Mas ela superara o rompimento. Era sempre assim. Embora fosse uma pequena criatura, deixara de ser realmente pequena. Quem iria imaginar que ele e Louisa fariam uma criança como Lucy? Não ele. O pensamento fez com que ele sorrisse.

Na cozinha, Lucy discou o telefone.

- Nick está aí, Roseann? Aqui é Lucy. Gostaria de dar uma palavrinha com ele.

- Tenho certeza de que ele está, Lucy - inconfundível surpresa na voz de Roseann. E

curiosidade.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Obrigada - disse Lucy.

- Foi bom ouvir você de novo - disse Roseann inesperadamente e desligou.

- Lucy? - a voz de Nick soou ansiosa.

- Nick - começou ela, mas teve de parar para pensar no que iria dizer. - Nick,

sinto incomodá-lo. Mas aconteceu uma coisa gozada. Você não poderia encontrar-se comigo à noite?

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 7

Na suíte do hotel, Dolly enfiou o pequeno pacote do guarda-roupa em um dos engradados do mobiliário da casa de bonecas. Abriu a bolsa com as frutas cheirosas e deixou que caíssem na palma da mão. Em seguida, cheirou-as em êxtase.

- Querida, querida, Lucy - ronronou ela. - Ela é tão doce.

Dolly lançou um olhar zombeteiro para Roger.

- Ela não dá vontade de a gente brincar com ela?

Roger que, nesse momento, estava livrando-se da gravata e tentava ignorar as sísmicas pontadas de fome, percebeu que estava pisando em ovos.

- Ela é... atraente - disse, cobrindo-se com uma palavra que notoriamente ampliava a proteção.

- Pata gorda - pronunciou Dolly. - Caipira.

Não ficou muito claro para Roger se ela estava mencionando a nora ou a ele mesmo. De qualquer modo, ele tomou a decisão de que seria mais seguro não dar muita importância.

- No entanto, isso não é comum. Os homens. Meu filho, casar-se com uma mulher que é

completamente diferente da mãe.

Ele não conhecia Lucy Douglas bastante para ter certeza, mas pensou que as costas não eram muito diferentes das de Dolly. E as duas mulheres haviam dividido Nick Weiler, o que indicava pelo menos um certo gosto em comum. Ficou irritado por pensar em Nick Weiler. Ao lhe contar sobre esse velho namoro. Dolly chamara o diretor do museu de O

Conforto da Viúva. Não tenha ciúmes, querido, você fica de rosto vermelho. Além disso, aconteceu praticamente antes de você nascer.

Roger tirou o paletó e pendurou-o na cadeira, cantarolando sem compromisso. Quanto menos falar, melhor.

- A puta deixa que o velho eduque as crianças. Não é de se admirar que os modos delas sejam ordinários. E ela sai e passa bem. Com meu dinheiro e o seguro de vida de Harrison. E todo mundo pensa que ela é .uma santa. Boa demais para foder com os restos dos outros e coisas assim.

Em pouco tempo começaria a sair fumaça da cabeça de Dolly.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Ela está mesmo te cagando - arriscou Roger. - Você não tem medo de que ela afaste as crianças de você?

Acendendo um cigarro, Dolly deu uma gargalhada.

- Não, garotão. Ela é tão legal. Está somando pontos para uma auréola. Além disso, se sente culpada porque matou Harrison.

Roger, que estava colocando os pés no sofá, quase caiu. Aquela era uma versão completamente nova de acontecimentos que haviam sido históricos para ele.

- Eu achava que ele havia morrido quando seu avião caiu.

Dolly sucumbiu no sofá aos pés dele e ficou quieta. Roger endireitou-se no assento e aproximou-se dela, preparando-se para receber uma confissão com a atenção adequada.

- Eles eram tão jovens - ela disse depois de algum tempo - quando se casaram. Claro que não gostei, mas já eram adultos. Bem, antes que você pudesse piscar um olho, tiveram um filho e já estavam com outro a caminho. Estou dizendo que amo meus netos. Há dias em que só continuo vivendo por causa deles. Mas eu sabia o que a responsabilidade iria fazer com Harrison. Ele puxou ao pai dele. Sentiu-se preso. E tinha de provar que era um homem. Foi por isso que insistiu em ser piloto de teste. E ela não disse uma palavra para ele. Disse que ele tinha que se virar por conta própria. Bem resolvido para ela. Recebeu uma gorda

pensão do governo.

A mão esquerda que ela passou pesadamente sobre a sobrancelha, tremia um pouco.

Roger pôde ver que ela não estava simulando, estava realmente perturbada. Ele não sabia o que fazer com uma mulher que chorava e esperou do fundo do peito que bastasse segurá-la quieto.

Tampouco sabia que fazer com essa embaraçadora história familiar. Lucy Douglas lhe parecera uma mulher bem bonita. A coisa devia ter a ver com a antiga inimizade entre as mães e as viúvas dos filhos. E Weiler passando da cama de Dolly para a de Lucy, embora indiretamente, provocou uma espécie de renascimento da perda do filho para a nora, mais um pequeno estímulo para a estereotipada tensão familiar. Provavelmente, as duas mulheres mereciam o estado civil em que se encontravam até esse dia. Mas Dolly era melindrosa demais para aceitar qualquer conselho de tio sobre o assunto, que ele pudesse dar.

Ele queimou a cabeça à procura das palavras certas.

- Oi. Você já recebeu de volta a casa de bonecas e está quite com Lucy. Você pode fazer o que bem entender agora. Devia aproveitar um pouco a vida.

Dolly endireitou-se no assento, fungou e suspirou acintosamente.

- Tenha uma boa janta - sugeriu ele. - Um pouco de champanha.

- Acho que mereço mesmo isso - concordou ela.

Com visões de jantar dançando em sua mente, Roger abraçou-a com força e beijou-lhe a testa num gesto íntimo. Talvez já estivesse aprendendo a conhecê-la. Estava ficando mais polido, assim como mais magro. A vida não era mesmo maravilhosa?

Nick Weiler encontrou-os no alpendre de tabique nos fundos da casa, sentados em volta de uma mesa de piquenique coberta com uma toalha de plástico. O pai de Lucy levantou-se para apertar a mão de Nick com energia. Laurie, vestida

com um leve pijama de verão, deu um salto para beijá-lo. Zach, no colo de Lucy, sorriu e esticou a mão, a palma para cima, para revelar uma bola de farinha com aparência de enlameada.

Nick curvou-se para beijá-lo e foi surpreendido por um súbito cheiro forte de fruta. Foi tão forte quanto a sensação de ser membro da família que o possuiu na presença deles e, por alguns instantes, ficou desorientado com suas emoções confusas. Lucy sempre cheiravàà madeira, verniz -e tinta e, que ele soubesse, nunca usava perfume. Mas claro que aquilo era forte demais para ser um perfume. Ele enrugou o nariz e Lucy riu-se dele.

- E a massa - explicou ela.

Nick aceitou a assimétrica bola que Zach ainda mantinha estendida em sua direção e cheirou-a. Limão, com certeza, e forte demais para secar sua boca.

- Cheire isso - ordenou Laurie, empurrando-lhe uma socada minhoca de massa.

- Banana! - exclamou ele.

- E cerejas e cocos e mais um montão - Laurie mostrou-lhe um prato de papel onde amontoavam-se meia dúzia de montinhos da mesma massa acinzentada. Foi como cheirar uma salada de frutas.

- Espantoso. É comível?

Lucy balançou a cabeça.

- Não é tóxico, mas também não é muito nutritivo. Acho que só provocaria um pouco de diarréia.

- Você vai fazer fortuna competindo com as massas de moldar comerciais, não?

Lucy arregalou os olhos.

- Deus seja louvado, nunca pensei nisso. É só para fazer comida em miniatura. Acho que não confiaria em que as crianças mantivessem isso longe da boca.

- Fiz uma grapefruit - anunciou Zach. - Quer um pedaço?

- Glu, glu - disse Lucy agarrando e manuseando a minúscula bola de massa. - Genial.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- É hora de dormir - interferiu seu pai.

Laurie emitiu um suspiro teatral. Após alguns instantes de estudo concentrado, Zach produziu uma bela imitação:

- É mesmo - concordou Lucy, ignorando a objeção deles. - Entrem para escovar os dentes e lavar a cara. Daqui a cinco minutos subirei para cobrir vocês.

- Vou levar o rebanho - o Sr. Novick agarrou Zach e colocou-o no ombro em posição de bombeiro. O garoto gritou deliciado.

- Cuidado, pai - advertiu Lucy. Ela olhou para Nick. - Tenho medo de que ele machuque de novo as costas, levantando o menino. Mas não posso impedi-lo.

Seu pai sorriu mostrando os dentes falsos.

- Não, você não pode. Vamos, Laurie.

Durante um breve e embaraçoso momento, Lucy e Nick encontraram-se a sós no alpendre. De repente, Lucy descobriu um grande interesse pela massa. Ela abaixou-se e colocou-a em pequenos recipientes de plástico. Nick examinou as mãos nervosamente e decidiu não oferecer ajuda. Se o fizesse, apenas a deixaria irritada.

- Mais tarde mostrarei a você as frutas terminadas. Tenho algumas na oficina - ela arrumou os recipientes em cima da mesa. - Devo dizer boa-noite às crianças. Volto já - e desapareceu pela porta da cozinha.

De repente, Nick sentiu-se mais deprimido do que se sentira durante semanas. Ir até ali era como cair de um muro. Estivera confortavelmente empoleirado durante dias e, agora, iria espedaçar-se de novo. E ela tinha dificuldade de ficar diante dele.

Ele deixou-se cair no velho balanço do alpendre com suas almofadas cheirando a mofo e fixou os olhos no céu. Estava claro, como se o calor não tivesse

afrouxado a força que apresentara durante o dia. Ele não se importava. Na cidade, o calor abrira as portas, enquanto os turistas galopavam para os enormes túmulos frios de mármore dos edifícios públicos.

Ela voltou com uma bandeja, na qual havia um jarro antigo de vidro com limonada e copos pequenos tilintando com cubos de gelo. Não sentou-se imediatamente, recostou-se contra a grade do alpendre, examinando-o à fraca iluminação tremeluzente.

- Como está, Nick?

Ele encolheu os ombros.

- Indo.

Houve nervosismo no riso educado dela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Não é assim para todos nós?

Ele pigarreou.

- Você está linda.

- Obrigada - a voz dela saiu baixa e, para surpresa dele, satisfeita.

Ele hesitou e, depois, investiu:

- Você está namorando alguém?

Ela levantou a cabeça.

- Estou.

O estômago dele revirou-se como uma folha seca de outono.

- Não fique convencida por causa disso - ele deixou escapar.

- Oh, Nick - ela virou-se de costas e examinou o céu noturno.

- Não importa - disse ele finalmente. - Para que você queria me ver!

Ela virou-se para ele, mostrando um rosto que, de repente, apresentava-se cansado.

- Dolly esteve aqui hoje.

- Ela pegou ontem a Casa Branca de bonecas. Quer dizer que veio aqui hoje?

- Há, há - inquietou-se Lucy. - Bem, me despediu.

Nick endireitou-se no assento.

- Ela pegou a última peça que eu havia terminado. A última grande. E depois cancelou o trabalho do chão e os acessórios. As coisas que eu não terminara.

- Puxa! E uma puta, não é mesmo?

Lucy assentiu.

- Pensei que ela tivesse ficado excitada com essa massa fedida.

- Massa fedida? É assim que você chama isso? - Nick deu uma gargalhada a contragosto. - Sinto muito. Conte com minha simpatia.

- É assim que Zach chama isso - explicou Lucy, sentando-se abruptamente ao lado dele e reclinando-se nas almofadas quase disformes. Ela voltou ao assunto da demissão de Dolly: - Deve ser mais ou menos parecido com um divórcio. Alívio e frustração por não Miniaturas do Terror - Tabitha King

fazer a coisa acontecer direito, tudo misturado. Nunca estivemos juntas, mas íamos indo. Agora vai ser doloroso cada vez que ela vier ver as crianças.

Nick recostou-se para olhá-la. Perguntou-se se era assim que ela pensava sobre ele.

Cachos do cabelo dela caíram em seu ombro e Lucy apoiou-se nele.

- Fico com raiva por ela ter-lhe tratado mal, Lucy, mas você se dará melhor sem ela. É

uma droga que você não possa livrar-se dela por completo. Se eu fosse você, não iria me violentar deixando que ela tenha acesso a Laurie e Zach. Ela s6 vai criar problemas.

- Isso é verdade. Aliás, tudo que você disse. Ela é bem atrevida quando se trata dos meus filhos. Gosta de me dizer que trabalho nojento estou fazendo, na frente deles, quando pode. Mas tenho certeza de que ela não é a única maldita sogra no mundo.

- No entanto, você não pode levai muito longe a paciência e a boa vontade. Ela vai se aproveitar de você. Tenha cuidado.

Lucy sorriu.

- Acho que posso manobra-la.

- Agora você poderá começar outra coisa. Sei que você quer fazer outras coisas. Que tal a idéia da loja no museu sobre a qual conversamos cem anos atrás?

Lucy inclinou-se para a frente atentamente.

- Quero que você veja algo em que estive trabalhando nos momentos de ócio. Na oficina. Acho que é algo que eu e papai podemos produzir em quantidade bastante para ajustar-se à loja. A um preço razoável, é claro.

- Eu sabia que você poderia fazer, se se empenhasse nisso.

- Bem, estou cansada de fazer brinquedos caros para mulheres ricas, Nick. Gostaria de fazer brinquedos para crianças. Papai tem um projeto. Quer construir uma casa de bonecas bem forte, que ele mesmo desenhou e que pode ser aumentada com uma sofisticação crescente. Está com muita vontade de fazer, mas não quer meter-se em meu caminho e acha que deve tomar conta de Zach para mim.

- Nesse outono Zach freqüentará a creche durante a metade do dia, não é? - perguntou Nick.

Ela concordou.

- Isso significa cinco manhãs ou tardes, dependendo do grupo em que for

colocado.

- E no ano seguinte ele freqüentará o dia inteiro, certo? Parece-me o ideal. Seu pai poderia começar gradualmente.

- Assim, haverá um bom tempo. Ele está assustado, você sabe.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Com medo de fracassar?

- Mais ou menos. Eu acho que mais com medo de ter sucesso e das mudanças que isso provocaria. Ele tem uma rotina confortável, sua vida está assentada. E difícil aproveitar as chances.

Ela desviou o olhar dele. Nick achou que Lucy também estava falando de si mesma.

- Bem, o que quer que ele faça, Zach vai começar a escola. Vai continuar crescendo e Laurie também. Não vão continuar precisando de seu pai como hoje.

- Nem de mim - acrescentou Lucy com ar de tristeza.

- Ele sempre achou, você sabe, que você devia casar-se de novo, não?

Dessa vez, ela olhou direto nos olhos dele.

- Ele não parecia muito preocupado com isso. Sempre ficava contente quando eu saía com alguém. .

- Talvez ele a conheça melhor do que eu. Conhece algo que não conheço.

Lucy sorriu.

- Talvez ele só seja generoso.

Nick levantou a vista para os andares de cima da casa.

- Ele também não foi para a cama?

- Não, só está vendo tevê e tentando ficar fora do nosso caminho. Ele ficou

realmente contente quando lhe disse que você viria hoje à noite. Acho que talvez ele goste de você.

Nick deu uma gargalhada.

- Alguém já lhe disse que você é uma gozadora?

Lucy ignorou-o.

- Queria perguntar-lhe se Dolly havia dito para você alguma coisa que pudesse indicar o motivo.

- Está mudando de assunto, mas se você quer dizer o motivo do porquê ela despediu-a, não. Nem chegou a mencionar seu nome. Eu apenas supus que ela viesse vê-la, já que estava nas vizinhanças.

- Humm - Lucy mordeu os lábios. - O que você achou do camarada que ela arrastava?

- Estranho. Dolly pode estar passando por uma mudança de vida especial ou algo parecido. Colecionando velhos parasitas.

Lucy deu uma risadinha.

- Ele era mesmo esquisito. Ela disse que ele estava escrevendo um livro sobre miniaturas, mas ele não pareceu muito interessado nelas. Ficou remexendo nas minhas ferramentas e parecia entediado.

- Eles se hospedaram juntos no hotel favorito de Dolly. Acho que ele não está

escrevendo coisa nenhuma.

- Realmente - Lucy pareceu francamente assustada. - Estava brincando. Não acho que ele seja do tipo de homem pelo qual ela se interessaria.

Esse era um assunto delicado: o gosto de Dolly por homens. Nick pensou cuidadosamente antes de falar.

- Pelo que sei, ele não é mesmo. Embora não exista nenhuma teoria sobre o

gosto no sexo.

Isso provocou um outro olhar triste de Lucy.

Ele continuou:

- Mas talvez ele seja um bajulador ou algo parecido. Talvez seja seu fornecedor de cocaína. Impossível adivinhar, sendo Dolly quem é.

- Como você ficou sabendo dessas coisas?

- Por um amigo do FBI. Aconteceu uma coisa gozada em Nova York.

- O quê?

- Você se lembra da coleção de casas de bonecas no Museu Borough?

- Claro.

- Uma das casas foi roubada, aparentemente na mesma hora em que Dolly estava visitando o museu.

- Nossa Senhora! Não sabia disso.

- Ela estava cercada por pessoas, não poderia fazer isso. Na verdade, trata-se de um mistério. A maneira como uma coisa grande pôde ser retirada sem que tenha havido testemunha. E olha que foi no meio do dia. Claro que houve outras coisas de ouro e prata que foram surrupiadas da coleção do Museu Borough.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Quer dizer que a coisa parece uma coincidência extraordinária?

- De fato. Só que ela é a filha de Mike Hardesty e ele nunca se detinha quando queria algo. Isso está no sangue dela.

Lucy apoiou-se nas mãos, pensativa.

- Estou desconcertada, Nick. De repente, aparece uma nuvem negra de atividade confusa de Dolly. Me diga uma coisa, esse sujeito, qual é o nome dei e?

- Tinker.

- Tinker. E ela parou os projetos que tinha comigo e, agora, esse roubo no Museu Borough, logo quando ela estava lá.

- Dolly sempre foi imprevisível. Qual o trabalho que ela tinha contratado com você?

- O projeto do chão, o mais novo e caro. O papel de parede decorativo para um dos aposentos de recepção, bugingangas e enfeites. De qualquer modo, boa parte do que restava ia ser subcontratada a outras pessoas. As porcelanas e pinturas. E um dia nós tocamos no assunto sobre algumas bonecas, muito de passagem.

- Para quem ela daria o trabalho?

- Claro que ela não poderia lidar diretamente com os subcontratados. Protejo minha remuneração. Eu não sei realmente sobre as outras coisas. O chão.

- Sabe sim.

- Bem, posso adivinhar. Mas não quero saber quem está fazendo.

Nick deslizou um braço em volta dela e puxou-a para mais perto.

- Ficou apegada nisso, não ficou?

- Humm.

- Sinto que tenha acontecido.

- Eu também.

Lucy afastou-se dele e levantou-se. Recolheu os pequenos recipientes de massa, foi até

a casa e retornou quase imediatamente.

- Disse a papai que estaria na oficina. Quer ver aquelas coisas?

- Claro.

Ele seguiu-a pela beira do jardim. A visão a alguns passos atrás dela era perturbadora, Miniaturas do Terror - Tabitha King

mas excitante demais para ser abandonada. Ele refletiu - e não pela primeira vez - que Lucy despertara o adolescente dentro dele. Havia tido tantos e tantos anos de sexo cuidadosamente discreto que essa explosão de paixão era tão desconfortável quanto havia sido em sua adolescência, quando o impulso sexual fora tão grande quanto doloroso.

Bruxulearam as lâmpadas fluorescentes da oficina. Insetos pareceram ter sido gerados espontaneamente em volta das longas faixas azuladas de luz. Lucy deixou abertas as portas de vidro que davam para o jardim e o cheiro da vegetação os seguiu, mesclando-se com o perfume silvestre típico da oficina.

Ela mostrou para ele um minúsculo engradado de frutas, cheio de cachos de banana, uma bandeja de prata na qual havia uma pilha de delícias variadas, uma minúscula torta de cereja. Nick ficou encantado. As pequenas perfeições, os cheiros sensuais, alimentavam o prazer deles com sua reunião.

A seguir, ele recebeu uma pequena caixa, do tamanho de um recipiente de meio quilo de manteiga. Nick abriu-a e descobriu um estranho quebra-cabeças composto de peças de madeira. Reduzido a seus componentes, a caixa revelou-se como uma miniatura de uma sala de jantar. Numa outra caixa idêntica, ele descobriu um quebra-cabeças que se reduzia a um quarto de dormir: cama, penteadeira, mesinha-de-cabeceira e uma minúscula moringa de madeira com tampa, formando o centro.

- Quanto tempo você leva para terminar isso, Lucy? - perguntou Nick examinando-os mais de perto.

- Eu e papai? Duas ou três dúzias por semana, se não fizermos outras coisas.

- É justamente o que preciso para a loja do museu. Algo totalmente identificado com o Dalton.

- Podemos fazer uma coisa que já está toda desenhada. Uma cozinha. Tive uma idéia para o banheiro. Eventualmente, eu poderia ter meia dúzia de escolhas, seis pequenos objetos para quarto.

- Maravilhoso. Eu sabia que você podia fazer isso. Quanto tempo esteve metida

nesse trabalho?

- Pegando de vez em quando, desde que você me pediu pela primeira vez.

Seu rosto ruborizou-se de prazer com a aprovação dele. Ele desfez-se dos brinquedos e, feliz, agarrou-a pelos ombros.

- Você merece um beijo por isso.

- Ah - ela começou a protestar, mas com uma voz de tanta zombaria que ele estreitou-a mais ainda. As boas intenções desapareceram como as mariposas em volta das lâmpadas. Ele viu-se olho a olho com ela, desejando desesperadamente que ela não virasse ou fechasse os olhos. Ela inclinou-se lentamente nele, emitindo um pequeno Miniaturas do Terror - Tabitha King

suspiro como um balão que se esvazia.

- Senti a sua falta - admitiu ela.

Ele acariciou os cabelos dela. De repente, Lucy rompeu o abraço. Nick prendeu a respiração e recostou-se na bancada. Lucy começou a manusear desajeitadamente a pilha de restos de tapetes amontoados a alguns passos de distância. Ela atirou-os no chão de lajotas perto da porta do jardim. Por um segundo, Nick perguntou-se se ela ficara com raiva. Em seguida, compreendeu o que ela estava fazendo e. com um súbito acesso de gargalhadas, juntou-se a ela na tarefa.

Havia mais do que peças suficientes para compor uma cama aceitável. Eles encostaram a porta, mas ainda assim o cheiro dos tomateiros do jardim, cebolas e o odor almiscarado de folhas amassadas invadiam o ambiente. Um pássaro noturno gorjeou por perto e alguns cachorros latiram nas vizinhanças. Lucy apagou as lâmpadas, de modo que somente a lua os iluminava suavemente. Ajoelharam-se juntos. Hesitante, ela estendeu a mão para tocar o rosto dele.

- Bom demais - ela disse. - Bom demais.

Nick agarrou-a. Ela dissera tudo que era preciso dizer.

Numa cama tamanho família em Washington, o comandante Kirk, também conhecido como Roger Tinker, está fazendo uma farra como uma aventureira

estrangeira de Alpha Centauri, cujo nome é impronunciável aos lábios humanos, mas que, em outras dimensões do tempo-espaço, responde pelo nome de Dorothy Hardesty Douglas. A fantasia foi perturbada em um momento crucial pelo barulho abafado da queda de várias garrafas quase vazias de Dom Perignon, dos pés da cama ao tapete, onde pingaram grandes dejetos espumosos.

Pouco depois do alvorecer, descortinava-se do hotel o Potomac e um pedaço da calçada ao longo da barragem do rio. Havia canteiros de cimento cheios de flores vermelhas e amarelas, dividindo a lustrosa superfície prateada da água do concreto cinzento do passeio. A noite não mitigara o calor; a atmosfera estava quente e úmida e havia um pouco de névoa perto da água. Roger sentou-se de bermuda na varanda e ficou examinando o pequeno pedaço do mundo abaixo dele. Ouviu um cão latindo contente ao longe. Passavam alguns corredores, sozinhos, aos pares ou em pequenos grupos. Um deles respirava pesadamente, o rosto vermelho e coberto de suor. O cão que latia passou correndo, um perdigueiro irlandês de cores bonitas, perseguido por um velho de cabelos brancos, que se movia com a mesma facilidade do cão. Depois, uma mulher. O cabelo da mulher estava solto, flutuava na corrida. Roger mexeu-se na cadeira de tela. Era uma moça crescida e havia algo familiar nela.

Ele pôs-se de pé, possuído por uma necessidade irresistível de sair correndo.

Ela mantinha o passo, movendo-se sem esforço e quase desatenta. Se estivesse pensando em algo, seria sobre a política, sua carreira ou o que fazer com o marido que via uma vez por mês. Ela pensava - caso isso fosse um pensamento real definido pelo Miniaturas do Terror - Tabitha King

delicioso fluxo de sensações - que estava quase voando.

Seu rumo era elaborado e mudava a cada dia. Nesse dia, ela estava correndo ao lado do rio e, em seguida, através da cidade, em direção à Alameda. Apenas uma vez em volta da Alameda, ao invés de duas ou três vezes como fazia de vez em quando, e de volta ao seu apartamento, uma corrida exata e cronometrada de dez milhas.

Ela acenou para um velho congressista que passou correndo na direção contrária, para o Capitol. Na verdade, ela não olhava para qualquer coisa, já havia corrido tanto naquela rota que esta lhe era conhecida e desinteressante quanto qualquer cozinha seria para a mulher que nela trabalha. A cozinha de Leyna era um bar e

uma geladeira em miniatura, abastecida com suco de frutas, iogurte e ovos. Quando não podia fazer uma refeição com isso, ela saía.

Ainda era cedo, mas o sol estava dissipando a neblina. Os viajantes matutinos já

estavam na rua e alguns turistas dispersos. Ela não prestou atenção ao suado turista com a máquina pendurada no peito. As pessoas tiravam fotos dela quase todas as vezes em que saía para correr na Alameda. Ela havia feito a vida com sua foto sendo tirada. Por que notar o homenzinho que tirava a máquina do estojo, quando ela se aproximou?

- Senhorita! - gritou ele e ela teve tempo para pensar que aquela não era a maneira costumeira de se cumprimentar alguém. "Leyna!", era como gritavam, como se a visem regularmente em coquetéis. Mas esse homem gritara um alegre "senhorita!" para ela e Leyna olhou para ele. Bastava um sorriso e ela teria mais um fã para o resto da vida.

Pequenos grãos de areia, mas não é assim que as praias são feitas?

Ela virou o elegante pescoço e cintilou os dentes caros, quase perfeitos, para ele.

Pipocou uma luz vermelha. Um flash com esse sol, pensou ela, a foto vai ficar superexposta. E então foi golpeada, uma onda que atirou-a para trás, interrompendo sua velocidade. Colidi com alguma coisa, algo bateu em mim, o pensamento passou como raio por sua mente e ela ficou enfurecida consigo mesma por não olhar por onde passava e enfurecida com o turista que a distraíra. Ela pensou; agora esse cara vai me vender na bandeja. Ela não teve oportunidade de imaginar como a coisa ficaria no Newsweek, ou Time ou VIR Seria uma brincadeira se estivesse um pouco machucada.

Um furo jornalístico se fosse assassinada. A dor apoderou-se dela e um frio terrível penetrou-a por inteiro e, em seguida, graças a Deus, não sentiu mais nada.

Com dois passos largos e rápidos, Roger chegou ao local, apanhou-a em um lenço e afastou-se, andando São rapidamente quanto suas perninhas curtas poderiam carregá-lo pela Alameda. Passou por algumas pessoas que o ignoraram em sua pressa de ir para o trabalho, para o café da manhã, ou simplesmente porque ele não era muito interessante.

Em dois minutos, ele estava descendo por uma rua secundária. A Alameda foi engolida pelos enormes prédios em volta, até tomar-se apenas uma cunha de separação atrás dele.

Ele enfiara apressadamente o miniaturizador no estojo da máquina fotográfica e diminuíra o passo para ajeitá-lo adequadamente. Roger não gostava quando havia tantas pessoas como as que estavam por lá, mas que aquela era uma tremenda duma alameda, ah, isso era, e ela reduzia os visitantes prematuros a um tamanho arriscável. Ele esperou Miniaturas do Terror - Tabitha King

que ela estivesse bem. Era tão linda com seus cabelos voando em grandes asas lustrosas.

Era o mesmo que agarrar uma bela e rara borboleta em pleno vôo.

Quando entrou na suíte do hotel, Dolly estava tomando a ducha matinal. Fez uma cama de tecidos em uma das graciosas saboneteiras de Dorothy e nela colocou a minúscula forma de Leyna Shaw. Foi um alívio por vê-la ainda respirando, ruas ela havia perdido um pouco a cor. Ele perguntou se da possibilidade de choque. E depois, foi obrigado a dar uma risada ao pensar no efeito que aquilo teria sobre Dolly no banheiro.

A água tamborilava no chão do banheiro e corria pelos ombros de Dolly, formando duas pequenas quedas d'água no bico de seus seios. Cobria suas costas e nádegas. Estava coberta de sabonete, do seu próprio sabonete e não daqueles insultantes quadradinhos embrulhados em papel, que o hotel depositava, qual indecentes bombons, nos lugares prováveis. O invólucro somava um pouco de hesitação, demora e surpresa à suavidade do prazer. Mas deveria haver bombons dentro do papel, não sabonete, especialmente não do tipo de sabonete que os religiosos preferiam para lavar a boca das crianças desobedientes.

Ensaboou-se pacientemente, dos ombros aos pés, segundo uma rotina de alguns anos.

Em seguida, enxaguou-se e pôs-se bem limpa embaixo da ducha. Quando tornou a apanhar o sabonete, após uma pausa para recobrar o ânimo, apenas ensaboou-se entre as pernas e, enquanto ensaboava-se, mudou-se da posição ereta para um agachamento.

Levou apenas um minuto ou dois para terminar. E ela iria se admirar nos

espelhos quando o vapor começasse a dissipar-se. Fazia tão bem para sua cor.

Roger, que estava fazendo buracos na saboneteira com uma agulha, ouviu a água parar seu tamborilar que parecia infinito. Dolly tomava os banhos de chuveiro mais longos.

Os banhos de sábado de sua mãe levavam pelo menos uma hora, mas isso era apenas uma vez por semana e talvez apenas em ocasiões especiais, como no Dia das Mães. Ela parecia tão bem-disposta e feliz depois, que ele não conseguia ficar ressentido por ter estado do lado de fora durante tanto tempo. Mas Dolly passava literalmente horas dentro do banheiro, na maior parte, a julgar-se pelo som da água correndo, no chuveiro. Ele não se importava com o extravagante cheiro do sabonete que ela transportava na bolsa de mão. Estava bem. Na maioria das vezes, ele se perguntava se ela não estaria lavando-se dos saudáveis germes de sua pele, mas bastava olhar para ela, que parecia tão bem, constatava-se que não podia ser isso. Logo depois da ducha, ela incandescia. Ele suspeitava que as mulheres deviam cheirar a algo além de sabonete e ouvira boatos que diziam que o cheiro natural delas era ordinário ou maravilhoso, dependendo de quem estava espalhando o boato, ou de qual livro sobre sexo ele consultava. Era o tipo de coisa sobre a qual ele não poderia perguntar à mãe. Ou a Dolly.

Ela saiu do banheiro em um roupão solto, a pele ainda úmida pelo vapor. O cabelo todo enrolado em cima do crânio, delineando-o em cúpidos anéis de prata. Ela olhou para ele sem demonstrar muito interesse e foi olhar pela janela.

- Parece quente lá fora e ainda são oito e meia - observou ela.

- É mesmo - concordou Roger - lá fora está quente pacas.

Dolly arqueou uma sobrancelha na direção dele.

- Você esteve lá fora.

- Bela dedução - ele estendeu a mão direita, a palma para cima. A caixa de sabonete balançava precariamente ali.

Dolly ficou quieta olhando para a caixa. A inquietação que sentira quase automaticamente ao ouvi-lo dizer lá fora está quente pacas transformou-se em

pavor, enchendo-se de garras como um octópode. Roger sorriu para ela como se estivesse tentando ser o idiota da aldeia.

- Você vai adorar isso - ele avançou para ela, pressionando-lhe a saboneteira.

Ela recuou.

- Você não andou fazendo nada de estúpido, não é mesmo?

O rosto dele enrugou-se numa expressão de rejeição, mas ela não notou. Ela mesma respondeu à pergunta.

- Não tem nada aberto a essa hora. Você não poderia...

Relaxando-se visivelmente, Dolly estendeu a mão para aceitar a caixa. Deviam ser flores, ou uma rosquinha, ou alguma outra pequena curiosidade.

Ele entregou-lhe a saboneteira e recuou alguns passos, apertando as mãos pelas costas e observando-a atentamente. Ela abriu a caixa com o ar de uma mulher que recebe um buquê, consciente da honra, mas preparada para encontrar alguma coisa à qual fosse alérgica. Depois, seus olhos arregalaram-se, a cor fugiu de seu rosto, suas narinas vibraram. Ela fechou a caixa com cuidado e, rapidamente, depositou-a na mesa mais próxima.

Roger observou-a lutando por controlar-se, sem conseguir ter certeza se ela estava furiosa, ou em tamanho êxtase que não tinha como expressar-se, ou apenas estava surpresa demais para falar. Ela abriu a boca algumas vezes, como quem quer dizer algo, ou como quem respira antes que a água se feche acima da cabeça. E as mãos dela tremiam tanto que ela enfiou-as apressadamente nos bolsos do roupão de seda cinzento.

Ela afastou-se dele, esquivou-se na janela contra o vidro.

Roger aproximou-se inquieto dela.

- E então? - disse ele.

Ela virou-se de frente para ele, as costas eretas e os olhos flamejando.

- Seu idiota - vociferou ela.

Roger pestanejou. Voltou e foi sentar-se no sofá, enfiando as mãos entre os joelhos Miniaturas do Terror - Tabitha King

numa pose confortável. Estava atordoado demais para poder pensar.

- Seu maldito idiota-gênio do caralho - disse ela.

Ele levantou o olhar cegamente para o som da voz dela e prendeu a respiração em um suspiro de alívio.

Ela recuperara o comando sobre si mesma e sobre ele. Seu rosto estava sereno e exibia um sorriso.

- Me dá um cigarro aí, garoto - pediu ela.

Roger queria dar um salto e gritar. Mas agora ele era um homem do mundo. Portanto, achou os cigarros e fósforos dela e entregou-os a ela com um sorriso entusiasmado.

- Temos que dar o fora daqui - continuou ela. - Vamos para casa.

- Como você quiser - concordou ele.

Ela tomou a mão dele nas suas.

- Acho que você é um maluco. E eu sou mais louca do que você. Mas é melhor ser louco do que não ser, certo?

- Certo - e ele sentiu-se como uma borboleta que escapou de algum inimigo predador.

Ainda tinha suas asas e o sol ainda brilhava.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 8

Foi Lucy quem informou Nick Weiler do desaparecimento de Leyna Shaw. Ela telefonou para ele no Dalton depois de ouvir a notícia no noticiário do rádio ao meio-dia. Foi uma conversa curta, uma rápida troca de fatos e planos para se verem e, em seguida, Lucy se foi para fazer o almoço da família. Nick remexera

no trabalho que tinha em cima da mesa antes de sair correndo para o almoço com um importante doador e um senador influente.

No fim da tarde, a caminho de casa, Nick ouviu a repetição do noticiário do rádio, o que trouxe o incidente para a vanguarda de seus pensamentos. Na esteira da reconciliação com Lucy, do monte de trabalho no Dalton e do plano de uma viagem à Inglaterra para visitar a mãe, aquilo era como achar uma moeda da sorte perdida no aterro de uma galeria. Aquilo agarrou-se a ele, intrigando-o, preocupando-o, deixando-o vagamente culpado e sendo mais do que ele queria pensar naquele momento. Queria pensar em Lucy e em mais nada e havia um monte de coisas acontecendo.

Ao entrar no frio silêncio de seu apartamento, foi saudado pelo par de gatinhos velhos e grandes, que haviam sido seus companheiros mais próximos num número excessivo de anos. Antes de mais nada, ele os alimentou e, como sempre, parou de prestar atenção neles logo depois. Ficou para observá-los comendo. O que veio a sua mente sem ser chamado, quando vagava na cozinha, foi a maneira de Dolly na noite da festa no museu, quando Leyna usara seu apelido de infância de um modo calculado para diminuir a paixão da meia-idade de Dolly, sua casa de bonecas, tão infantil. E Dolly estava na cidade. Mas isso era ridículo.

Com toda probabilidade, Leyna Shaw havia sido seqüestrada por dinheiro, ou alguma razão política. Se seus inimigos tivessem desempenhado qualquer papel no desaparecimento dela - e aquilo não era apenas um espasmo terrorista - havia dúzias de outras pessoas que tinham razões mais gritantes para odiá-la e querer feri-la do que Dolly. Só que Dolly sabia odiar tanto quanto seu antigo marido e, que ele soubesse, ela não tinha a menor brandura. No entanto, ele não tinha nenhum medo pessoal, portanto por que deveria pensar nela constantemente como um perigo potencial? Porque ela tentara feri-lo através de Lucy?

Ele desvencilhou-se da pegajosa teia de especulação. Foi um ponto final. Ele iria dar um banho no suor do dia, apararia a barba e levaria Lucy para namorar num restaurante tranqüilo. Era uma droga ter a sombra de qualquer tragédia que se tivesse abatido sobre Leyna pairando em cima deles. Mas ele estava sendo apenas egoísta para querer afagar o que quase perdera por completo.

No dia seguinte, ele ouviu de seu contato com o FBI que Dolly retornara a Manhattan com a casa de bonecas e seu mobiliário antes do desaparecimento de

Leyna Shaw.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Estavam satisfeitos por Leyna não ter desaparecido da cidade disfarçada de caixa de móveis em miniatura. Havia muitas outras possibilidades a serem seguidas, inclusive o suicídio e a saída à francesa. Para o FBI, o caso estava destinado a tomar-se um fichário aberto.

Para Nick Weiler, ele continuou sendo durante um longo tempo uma dúvida atroz, uma pergunta não formulada, enterrada sob investigações mais atraentes e urgentes.

Uma semana depois, ele foi para a Inglaterra. Ele tentava ir pelo menos uma vez em cada três meses, para ficar no mínimo uma semana. Às vezes, os negócios do museu o levavam lá irregularmente e ele podia dar uma olhada na mãe. Dessa vez, só poderia passar três dias. Estava sentindo-se culpado.

Às dez da manhã, a senhora Maggie estava no ponto alto de seu dia, bem descansada, com o café da manhã, tomado, banhada, vestida, maquilada e enfeitada com jóias, brincando com seu único gatinho no esplendor de seu quarto. Nick, sentindo-se e parecendo-se mais com um gato vira-lata após uma noite de farra, descansava em uma antiga espreguiçadeira.

Sua mãe ordenara que a governanta servisse uma restauradora xícara de chá, enquanto continuava aboletada em sua poltroninha favorita. A expressão dela era calma e serena, mas suas mãos tremiam de vez em quando, mostrando claramente para ele que ela estava contente e excitada com sua presença. A felicidade dela pesava em cima dele, tornando mais miserável a ressaca do longo vôo de um fuso horário para outro. Sua mãe podia estar majestosa com sua corrente de pescoço Lalique e brincos, mas ela não passava de mais uma velha solitária e isso era culpa dela.

Quando ela comunicou as novidades de seu círculo de conhecidos que cada vez diminuía mais, as fofocas que acumulara nas semanas passadas para contar-lhe pessoalmente e eles relaxaram, ela deixou que ele sorvesse o chá em paz durante algum tempo e que o sol que entrava pela janela alta a esquentasse.

- E então, como estão as coisas para o seu lado, querido? - perguntou ela finalmente.

Ele sorriu um sorriso enigmático.

- Boas demais, mãe.

Ela encarou com ar crítico.

- Apesar de você esforçar-se, essa última carta parecia bem deprimida. Você não está

me enganando, não é?

- Estou namorando Lucy de novo - admitiu ele.

Ela juntou as mãos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Oh, que bom!

- Você gostaria de ir a Washington? Eu ficaria contente se você quisesse ir. Você se encontraria com ela. Se não, vou persuadi-la a vir aqui.

- Receio que não - ela riu. - É demais para mim agora. Tive que aceitar algumas limitações, você sabe.

Nick sabia. Ela parecia frágil, bem mais do que da última vez em que ele estivera ali, havia três meses. A pesada corrente parecia rasgar sua pouca carne; ele pensou que devia ser doloroso carregá-la. Mas ela sempre o fazia em ocasiões especiais, durante anos. A corrente brilhava e faiscava à luz, empalidecida pelo sol, mais ainda elegante, bárbara, cruel.

- Bem, estou aliviada - disse ela. - Tinha grandes esperanças nesse relacionamento. Era muito angustiante pensar que você o tivesse estragado.

Nick deu uma gargalhada.

- Eu pensei mesmo que a moça estivesse mais machucada do que furiosa.

- Como você? - A sobrancelha da mãe arqueou-se. - Meu Nickles, o terror das mulheres.

- Não mais.

- Eu também estou contente com isso. Não sei de onde você tirou a idéia de fazer o amor com qualquer pessoa que lhe pedisse, dizendo que era a única coisa educada a ser feita. Não de seu pai, tenho certeza absoluta, e não - a Sra. Maggie hesitou - de mim.

Era isso então que era, pensou ele, um excesso de modos? Havia tempos que ele não conseguia recordar-se de mulher alguma, apenas de suas várias partes: o ombro dessa mulher, o peito daquela outra, o pescoço de uma terceira, a mãozinha sôfrega cheia de anéis, inclusive uma aliança de casamento.

- Talvez tenha sido Weiler, não? - especulou sua mãe.

Talvez sim, mas ele guardou esse pensamento para si mesmo. Talvez fosse a suave inofensividade do velho Blaise Weiler, a principal herança que recebera do padrasto e não a fortuna que Blaise deixara para Nick, um bastardo vadio, nascido como fruto do ex-marido. Nick aceitara convenientemente a herança, apenas porque não queria ofender a memória do homem. Ele a tivera em confiança, apenas para transmiti-la aos filhos, se algum dia tivesse algum, junto com o nome do padrasto e não o do seu pai natural. Os filhos de Lucy, ele pensou, eu gostaria.

Recostou-se ao calor do verão da Inglaterra e saboreou o momento. Me lembrarei disso, disse com seus botões, prestando atenção nas sedosas paredes de cor creme-claro, o retrato de sua mãe e dele mesmo na época da infância, pintado por seu pai, a única pintura nas paredes, os delicados móveis antigos, o bule de chá georgiano, o ar aquecido pelo sol, perfumado com o cheiro de chá e o perfume da mãe, a clara suavidade das Miniaturas do Terror - Tabitha King

rosas.

- Muito bem, agora me conte o que você andou fazendo para ofender essa adorável mulher?

Talvez ela fosse a única pessoa a quem ele poderia contar e que não o julgaria, não porque fosse sua mãe, mas porque era Maggie.

- Lembra-se da jornalista que lhe apresentei há um ano mais ou menos, quando estive aqui para o acordo da fazenda de Wilkins?

Sua mãe balançou a cabeça num gesto afirmativo.

- Mulher notável, mais para o severo. Muito triste o seqüestro dela ou o que quer que tenha ocorrido, não é?

- Sim. Bem, eu... atrapalhei Lucy com ela.

A velha permaneceu em silêncio, deixando que ele se condenasse. Ele seguiu debatendo-se, como se estivesse confessando alguma travessura na escola.

- Eu estava errado. Quase perdi Lucy. Mas isso me trouxe de volta à razão. Compreendi o que queria de fato.

- No entanto, ela descobriu, não? - A crítica não foi pronunciada, mas ele ouviu-a assim mesmo. O mínimo que eu esperaria de meu filho é a discrição.

Por quê? Ele podia ter perguntado asperamente, mas não precisava porque era seu filho.

- Dolly.

- Dorothy Hardesty?

- E acho que a própria Leyna. Pelo visto Dolly estava sentindo-se intrometida.

- Você tem sido muito desobediente - repreendeu-lho a mãe amavelmente. - Acho que você não sabe como evitar os apertões dela.

- Não, eu não sabia e não sentia a falta dos apertões dela, como você interpretou com tanto brilho. Ela sabia de tudo simplesmente porque conhece todo mundo, porque tem uma mente bem obscena e eu fui bem estúpido para cair na fascinante graça dela, embora por pouco tempo.

- Coitadinho. E a sua Lucy não entendeu, não é mesmo?

- Não. Ela é bem vulnerável. Tenta ser dura consigo mesma e isso transborda sobre as outras pessoas.

- Exatamente o que você precisa.

- Alguém para me manter na linha.

Eles riram juntos, felizes.

- Ah, bem, você superou a coisa. Ela recuperou-se.

- Sim.

- Isso é bom. Você sabe que eu ficaria muito contente se você se casasse antes da minha morte - ela levantou a mão para abafar qualquer possibilidade de protesto, embora Nick não tivesse nenhum a fazer.

- Sei que não deveria dizer isso, mas eu fiz, não é mesmo? Amo Lucy e deixei que você

cometesse seus próprios erros. Talvez não devesse ter deixado.

- Você não é um mau menino. Bonito demais para seu próprio bem, sem dúvida, e muito descuidado para temer ser tomado como covarde. Foi isso que aconteceu, para seu governo. Você não poderia deixar de preocupar-se com isso por recear que a coisa se tornasse muito importante. Devia começar colocando suas sujeiras na frente das pessoas. E depois, de nada adiantava ver que as pessoas não são dignas de uma sujeira, não é mesmo?

Ele não podia negá-lo. Como sempre, ela o havia pegado.

- Minha culpa. Do seu pai. Gostaria que fossemos melhores.

De repente, ela estava cansada, os olhos brilhando de lágrimas.

Ele também. Ele chamou a governanta dela e levou-a para a cama para um descanso, aconselhando-a a guardar sua força para um festivo jantar fora. Em seguida, foi enrolar-se em sua estreita cama de garoto, exausto física e emocionalmente. Ele a amava demais, mas era duro visitá-la só por causa disso; havia tanta tristeza e mágoa, culpa e melancolia entre eles. Adormeceu, determinado a não deixar que o passado, dele e dos seus pais, ditassem seu futuro, e sabendo o quão impossível isso seria.

... Como nenhuma exigência autêntica de resgate fosse recebida no meio da semana, o foco da investigação deslocou-se para um exame mais detalhado da

vida particular da jornalista. O arquiteto Jeff Fairbourne estava visivelmente perturbado com o estranho desaparecimento de sua esposa, acreditavam as autoridades. Amigos do casal concordaram que, com o casamento tendo chegado a um fim claro, Jeff e Leyna continuaram sendo bons amigos. Shaw contava com um amplo espectro de políticos, burocratas e astros do meio, os quais entretanto não eram, aparentemente, nenhuma ligação profunda ou apaixonada. O caso continua sendo um doloroso quebra- cabeças...

Miniaturas do Terror - Tabitha King

9/5/80

- VIP Perpetrações, VIP

... Dorothy "Dolly" Hardesty Douglas, em Washington na semana passada para apanhar sua Casa Branca de bonecas na exibição do Dalton Institute, levava um homem misterioso a reboque. Ele era nitidamente mais jovem do que ela, realçando o que sempre se suspeitou dela: que Dolly continua com o coração jovem...

16/5/80

- VI Pares, VIP

As escuras, suaves e submissas paredes prometidas, cantos, extremidades. Mesmo sem luz, não era difícil saber o que era ela mesma e o seu entorno. Ela mesma. Cada pedaço do que chamava de "si mesma" estava moído. Cada respiração era paga com uma dor de trincar os dentes. Ela queria que seu corpo assumisse uma quietude inatural.

Depois de algum tempo, houve um esmorecimento da dor, de modo que ela pôde pensar, aos trancos e barrancos. Era ruim. O que quer que tenha acontecido com ela.

Assustador. No entanto, ainda podia - e conseguia - rejeitar o insistente e horripilante pensamento de que a coisa era mais do que ruim, era a morte.

A escuridão a surpreendia freqüentemente, encobrindo a dor e a especulação. Sonhou eventualmente com terremotos, vulcões, meteoros, estrelas cadentes. Ela era uma pequena nave espacial. Ou uma nuvem de gases errantes desprendida de

algum sol distante. O espaço era grande, negro, frio e curiosamente rangente.

Despertou na cama, uma satisfação. Nua mas não com frio. Na verdade, bem quente. Os lençóis eram agradavalmente pesados e de textura grossa. Ela estava na sombra, a cama drapejada para encobrir a luz. Uma tenda de oxigênio, pensou ela, aliviada por ser capaz de identificá-la. Cuidadosamente, ela deixou-se cair no suave berço da escuridão, Estava salva.

Dolly estava montando a casa de bonecas, tarefa esta que demoraria dois ou três dias, ela disse para Roger. Ela deu a ele a cama para Leyna, despedida esta que ele reconheceu.

Roger achou uma prateleira em uma armário e instalou-a ali. Tinha outras tarefas a fazer, mas retornou compulsivamente para inspecioná-la. Era mais do que poderia fazer para separar-se do encanto que ela era. Ela ainda estava em choque; isso preocupou-o, mas não havia o que fazer. Uma vez, enquanto ele observava, Dolly apareceu por trás dele.

- Ela está bem? - perguntou ansiosa.

- ótima - disse Roger, tentando convencer-se também. - Ela está muito bem.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Eles ficaram olhando para ela.

- Você já leu a história da mulher bem pequenininha? Ou quem sabe sua mãe ou alguma outra pessoa lhe contou quando você era criança? - Roger falou finalmente.

Dolly balançou a cabeça.

- Não.

- Olho para ela e só consigo pensar nisso. Na mulher pequenininha.

- Ah - Dolly impeliu-se impacientemente em direção ao óbvio. - Ela é isso. Portanto, como é a história?

- É uma história de criança. E mais ou menos assim: havia uma mulher bem

pequenininha que vivia numa casa bem pequenininha. Você pode continuar descrevendo sempre todas as coisas bem pequenininhas com as quais ela vivia, o gato bem pequenininho dela e seu canário bem pequenininho, ou qualquer outra coisa. De qualquer modo, a mulher bem pequenininha começa a sentir uma fome bem pequenininha. Ela sai e, por alguma razão, vai ao cemitério. Descobre um osso bem pequenininho em uma tumba e o leva para casa. Quando chega em casa está tão cansada que guarda o osso bem pequenininho no armário da cozinha...

- ... no armário da cozinha bem pequenininho? - interrompeu Dolly, aparteando o relato.

- Isso mesmo - concordou Roger. - De qualquer modo, ela vai dormir. À noite, ela é

acordada por esse barulho bem pequenininho. Ela se esconde debaixo das cobertas e o barulho bem pequenininho vai ficando um pouco mais alto até que, finalmente, ela compreende que é o osso bem pequenininho dizendo "me dá meu osso". Sempre achei que era bobo isso do osso pedir por si mesmo, mas acho que você deve compreender que existe um fantasma que é dono do osso e que tanto está no osso bem pequenininho quanto nos seus outros ossos. E não vai ficar feliz em uma sopa bem pequenininha ou nesse armário. Ele quer voltar ao cemitério. De modo que a mulher bem pequenininha ignora os gritos do osso bem pequenininho e tenta dormir, mas cada vez que ela adormece, a maldita coisa começa a gritar de novo. E cada vez que grita, fica um pouco mais alto. Assim, finalmente ela grita em resposta; ela grita: "fique com seu osso velho".

Com o rosto vermelho de prazer, Dolly estava perplexa.

- Não parece ser uma história muito lógica.

- Não. Existe todo tipo de pergunta a ser feita. A mulher bem pequenininha era uma canibal que fazia sopas com os ossos do cemitério? Para começar, por que o osso estava por ali? E finalmente, por que é suficiente que ela diga: "fique com seu osso velho?" De qualquer modo, gosto dela.

- É bonita - disse Dolly. - Gosto da parte que fala da casa bem pequenininha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Sabia que você ia gostar - zombou Roger, mas ela já estava cheia de zombarias.

- Você não tem nada para fazer? - repreendeu ela.

Suspirando, ele pós a pequenina cama fora de circulação.

Havia a questão dos assoalhos. Ela entregou-lhe aquele como quem passa um saco de batatas fritas e hamburger. No entanto, seria legal. Ela entregou-lhe um punhado de notas e disse-lhe para comprar o gramado.

A coisa foi feita quase tão logo foi dita. Uma viagem a Connecticut em uma pickup alugada rendeu um desconto com uma grande paisagem. Zás-trás, a próxima parada para descanso e as enormes tiras enroladas de gramado já estavam em duas caixas de sapatos. Mais uma parada, como as outras. Roseiras, plantas perenes, uma lista de vegetação na mão aprumada e precisa de Dolly. Levou dois dias para reunir tudo que fosse necessário, com exceção das árvores, e a maior parte do tempo foi passada dirigindo, ou visitando o McDonald's. Foi um trabalho duro dirigir todo esse pedaço.

- Ninguém vende árvores maduras - explicou ele para Dolly, que mal tirou os olhos dos montes de material empacotado, que ameaçavam inundá-la.

- Roube-as, querido - aconselhou ela. Ele repetiu essa voz estridente e gutural dúzias de vezes, enquanto dirigia por Westchester à procura das árvores certas. Isso lhe dava arrepios que começavam na altura dos testículos. Quantas mulheres, maravilhou-se ele, compreendiam que um homem precisava de um desafio?

Como sempre, ele fez o melhor que pôde e simplesmente substituiu quatro árvores da lista dela. O Central Park mostrou-se uma fonte surpreendentemente rica. Depois, houve um longo e infinito dia em que juntou a coisa toda, passando por uma discussão sem sentido sobre a afanação de fertilizantes e a colocação de água e luz artificial para as plantas.

No fim, Dolly afastou-se da Casa Branca de bonecas, estafada e faminta no despertar de sua frenética reconstrução. Roger pós de lado o trabalho do chão até o dia seguinte.

Chafurdaram juntos na piscina da sala de ginástica às 3 da manhã, uma hora bem esquisita para isso, e depois rebolaram mais alguns minutos na cama de Dolly.

Roger estava bem inspirado, ao ponto de levantar-se de novo e retornar para servir picadinho de carne enlatada com ovos fritos por cima e cerveja do lado. Dolly comeu tanto quanto ele, virou para o lado e mergulhou no sono da fadiga extrema. Roger empilhou os pratos sujos numa bandeja e deixou-os na cozinha, um pouquinho de alegria para Ruta na manhã seguinte. Sentia-se muito excitado, com os nervos à flor da pele para dormir e decidiu ir dar uma inspecionada na mulher bem pequenininha, antes de entregar-se ao impulso da saciedade.

Ela era um pacote nas sombras do dossel, enroscada como um bebê que ainda não nasceu. Seus cabelos estavam espalhados pelos travesseiros, divididos em cachos negros, seus cílios fundidos nas manchas escuras sob seus olhos. Ela estava Miniaturas do Terror - Tabitha King

alarmantemente irreal. O estômago de Roger deu voltas de felicidade, cheio de carne enlatada, ovos e cerveja, e ele sentiu-se culpado. Tocou-a com cuidado e ela estremeceu em seu sono sombrio. Pelo menos, ainda estava viva.

Um diminuto pé deslizou para fora das cobertas. Segurando-o entre o polegar e o indicador, ele moveu-o de volta para baixo da colcha e cobriu-o. Estava inundado por emoções estranhas, desconhecidas. Esfregando o tórax instintivamente, perguntou-se se a carne enlatada e os ovos não haviam sido um erro. A mulher bem pequenininha na cama da casa de bonecas evocou nele sentimentos que nunca tivera por ninguém. Ela era dele. Mesmo Dolly não era dele de fato. Roger Tinker criara essa pequena pessoa.

Isso fez com que se sentisse divino. Queria tomar conta dela. Fazê-la feliz. Voltou para a cama com essa promessa solene.

Por um instante, ao despertar, ela pensou que estivesse em seu velho quarto. Era delicioso estar de volta ao dossel branco de quatro colunas com bolinhas róseas. Sua mãe a chamaria logo e o café da manhã estaria esperando por ela, de modo que não perdesse o ônibus. Não, não estava certo. Não era o ônibus, ela estava no verão. Podia ficar na cama até tarde, o tempo que quisesse.

Só que não podia. Ficou bem quieta no travesseiro e prendeu a respiração. Dissipou-se em volta dela o quarto sombrio. Ainda sentia dor, todo o tempo. E estava terrivelmente faminta e sedenta. Não havia como estar no velho quarto dela, simplesmente porque aquele era o quarto de uma outra pessoa agora, havia sido assim por muitos e muitos anos, e a casa também era de uma outra pessoa.

Desde a época em que mamãe se casara com David e papai com Ruthann.

Levantou a cabeça com cuidado, ignorando a dor. Agora pôde ver que as colunas eram de uma madeira escura, não' brancas. O dossel era rosa, no entanto de um sólido rosa sedoso e não de um rosa quase branco, como era o seu. Voltou a deitar-se, os olhos fixos na curva do baldaquim sobre ela. Não era um balão de oxigênio.

Depois, não estava tão machucada assim, apenas ferozes dores de contusões, de coisas curáveis. Não estava em um respirador, ou num rim artificial, ou com o corpo todo engessado. Nada heróico. Podia levantar um pouco os membros e a dor era sempre tranqüilizadora. Tudo parecia funcionar pelo menos na superfície.

A vontade de urinar veio sem aviso prévio. Ela esforçou-se para sentar-se ereta. Não havia nenhuma sineta para chamar uma enfermeira com uma comadre de plástico, tampouco havia um urinol que ela pudesse encontrar. Com um pouco mais de esforço, ela deslizou as pernas para fora da cama. A pressão em sua bexiga era tanta que ela entrou em pânico. Podia ver o resto do quarto, além da abertura das cortinas da cama.

Pelo menos, parte dele. Um guarda-roupa. Uma lareira. Talvez uma porta de banheiro.

Ela levantou-se e tornou a cair, quase desmaiada. Na beira da cama, ela juntou suas forças e concentrou-se, suprimindo a afronta do corpo. Um quarto de hospital não era.

Não com um dossel de quatro colunas e uma lareira com tampo de mármore. Nenhum hospital que ela conhecesse. Mas ela conhecia algo sobre quartos com camas de quatro colunas e lareiras e o tipo de papel de parede, cujos padrões eram sombras na parede Miniaturas do Terror - Tabitha King

diante da qual estava sentada. Abrindo caminho às apalpadelas ao longo da cama, ela abriu o reposteiro: Havia uma cômoda bem à direita da cama, escondida pelas dobras da seda rosa. Ela deslizou para o chão ao lado e abriu a porta do guarda-louça.

Uma lágrima de alívio vazou de seu olhar esquerdo. Ela tirou o urinol e empurrou fracamente a tampa, até que esta retinisse no chão. Colocou o urinol entre as pernas.

Doía sentar nele, mas não tanto quanto doía não fazê-lo. Sua urina assobiou infinitamente no vaso, lançando um vapor ardente em suas narinas. Seu estômago revoltou-se e outra lágrima escapou de seu olho. Finalmente, acabou. Ela conseguiu recolocar a tampa, mas receou derramar o pesado pote ao colocá-lo de volta no armário, de modo que deixou-o ao lado da cama.

Agora ela buscou as cobertas como um refúgio. As lágrimas rolaram, o nariz estava escorrendo e ela estava fraca demais para enxugá-lo. Usando um canto do lençol, ela desvencilhou-se cuidadosamente do muco. O esforço cansou-a de tal maneira que desapareceram a fome e sede. Caiu quase imediatamente em um sono espasmódico.

- Ela está bem?

Roger levantou a vista do caos no assoalho. Era necessário modificara base de sustentação da Casa Branca de bonecas de modo que a nova matéria verde continuasse crescendo. Tratava-se mais de um problema de jardinagem do que algo em que Roger estivesse interessado, mas de qualquer modo a coisa devia ser feita.

Entretanto, ele não podia ignorar o verdadeiro interesse de Dolly. Tomar conta de suas novas posses, ele sabia. Não havia nenhum súbito amor por Leyna Shaw florescendo no peito ossudo de Dolly, apenas porque Leyna encontrava-se agora pequenina e vulnerável. Naturalmente que o pensamento do peito de Dolly excitou as lembranças dos seios de Leyna, outrora um sedutor par de luas brotando roseamente de sua blusa na capa da revista.

- Então? - perguntou Dolly.

- Está se estabilizando. Ela sairá disso.

Não era questão de acrescentar um eu espero. Roger apenas conseguia projetar a resposta dela à miniaturização, a partir do pequeno montante de dados que acumulara ao testar pequenos mamíferos. Era um desses riscos que deviam ser encarados, como da primeira vez em que se explodiu uma bomba atômica, em que alguns cientistas do Projeto Manhattan pensavam que havia uma chance de que isso fosse incendiar o universo, embora esperassem ardentemente que não. E de fato não incendiara. Essa era a questão operacional.

Roger olhou para o relógio de pulso.

- Hora da aula de exercícios - disse para Dolly carinhosamente.

Depois disso, era hora do almoço. Era surpreendente o quão otimista ele tornara-se com a perspectiva de um simples iogurte e um quarto de melão. Sorvete de rango. Com o Miniaturas do Terror - Tabitha King

iogurte e a fruta coagulando-se na fossa de seu estômago e uma leve ponta de desgosto, não do iogurte, com o qual não se importava mais, mas por não ter comido o bastante, ele deixaria de ser carinhoso. A tarde, ele terminaria o modelo dos solos e se tornaria carinhoso de novo, à medida em que se aproximava a hora da janta. Ele estava dançando conforme a música.

Dolly colocou o cigarro no cinzeiro que estava levando. Espreitou Leyna mais uma vez, que nesse momento estava docemente abrigada na réplica do quarto da rainha.

- Vou subir também para uma nadada - anunciou ela afastando-se.

Roger balançou a cabeça em aprovação, mas ela já havia ido, deixando atrás de si a fumaça do cigarro, como o trilho de vapor de um trem. Ela parecia nervosa; uma nadada lhe faria bem. Ele teria de falar com ela sobre o cigarro. Não era bom para as plantas, nem para as casas de bonecas com seu mobiliário fino, ou para Leyna bem pequenininha.

A fome e a sede, esses apocalípticos gêmeos sempre populares, despertaram-na. Sentia-se tão fraca. Até mesmo a dor em todo seu corpo era fraca. Ela mal conseguia abrir os olhos.

A luz no quarto mudara, mas ela não conseguia imaginar que hora do dia seria, exceto que não era noite. Uma pequena lâmpada pendia em cima da cama.

Ela perdera peso; não precisava olhar. Só de mexer-se, podia dizer que baixara nove quilos, pelo menos. Assim se sentira após um forte resfriado, havia três anos. Levara semanas até ela voltar a ser o que era antes. A ,única compensação havia sido não ter que fazer dieta durante algum tempo. Milkshakes de café e doces grudentos. Um creme de verdade no café.

Estava salivando. Isso alivia um pouco a sede, pensou ela estupidamente. Ela girou e sentou-se. Seu peito protestou imediatamente contra o esforço. Seu coração batia como uma velha bomba d'água. Eli fechou os olhos e esperou.

Era isso que recebia uma pessoa por tentar manter-se em forma. Pontapé na bunda. Ela gostaria de saber o que teria acontecido consigo. E onde se encontrava.

Abriu o olho de novo e olhou para o quarto. O mesmo quarto que havia visto antes através de um véu de dor. Um quarto à moda antiga, com móveis antigos. Grandes janelas cobertas com cortinas que pareciam caras. Uma lareira com lenha não acesa. Um espelho sobre a cornija que lhe era incrivelmente familiar. A cômoda ao lado da cama, graças a Deus.

Ao lembrar-se disso, ela deslizou para fora da cama e destapou o urinol. A força ácida da própria urina assaltou-lhe o nariz. Ela enrugou o nariz e prendeu a respiração o tempo suficiente para resolver seu assunto. Dessa vez, ela estava recuperada o bastante para desejar limpar-se, mas não havia nenhum rolo de papel discretamente escondido atrás da pequena cômoda.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

De volta à cama, ela descansou do esforço. Alguém logo apareceria para lhe dizer o que acontecera e onde ela encontrava-se. Provavelmente, alguém estivera ali e saíra enquanto ela dormia. Ignorou a prova do urinol que com toda certeza teria sido levado para ser esvaziado, caso alguém tivesse estado por lá. Ela encontraria um banheiro de verdade, decidiu ela, e ela mesma o esvaziaria. Um banheiro de verdade teria água e outra de suas necessidades seria saciada.

Havia duas portas no quarto e uma delas, logicamente, seria a do banheiro. Uma vez tendo saído da cama de novo, ela tomou consciência de sua nudez. Seus seios eram massas informes e frias em seu peito. Era como se não lhe restasse nenhuma carne, somente seus ossos frios e duros. Havia algo de embaraçador em se estar nua em pêlo no meio de um lugar estranho, mas ela se repreendeu. O presidente não estava prestes a aparecer por ali. E esse era um estranho pensamento com que intrometer-se, mas então ela sabia que não era ela mesma. No entanto, atrapalhou-se com a roupa de cama, lutando com a colcha e dobrando-a para cobrir os ombros. Estava levemente febril.

Andou cambaleante, amparando-se nos móveis à medida em que caminhava. Parou uma vez para descansar contra um belo guarda-roupa antigo. Cheirava a polimento, lustro, saché e serragem, tudo misturado. Entretanto, era necessário abandonar seu apoio sedoso e andar até a porta mais próxima.

A porta abriu-se para um corredor acarpetado com um capacho oriental e recheado de antigüidades. Havia móveis que eram antigos por definição, bem-feitos e quase inúteis, exceto para encher determinados espaços, com a desculpa de servir para um vaso de flores ou uma estátua esticada. Havia mais portas ao longo do corredor. Não era o que ela precisava naquele exato momento. Ela fechou a porta.

Apalpando o caminho ao longo da parede até a outra porta do quarto, ela teve de passar pela lareira. No espelho da cornija, um vislumbre de si mesma como seu próprio fantasma, terrivelmente branco, ossudo, saltou em sua direção. Seus olhos estavam afundados e embotados, em grandes fossas manchadas. Não pôde olhar para a própria imagem.

A maçaneta da segunda porta abriu caminho para um fraco empurrão. Ela entrou cambaleante, reconhecendo o aposento de imediato. Um outro aposento à moda antiga, mas esse era um banheiro. Uma privada com descarga de correia, uma banheira com pés de garra, uma pia do tipo que sempre lhe lembrava uma garça dormindo em cima de um só pé. Seu primeiro trêmulo toque na pia disse-lhe que esta era de porcelana fria e lisa e não de plástico ou fibra de vidro. Ignorando o pequeno vidro no suporte filigranado da parede, ela estendeu a mão convulsivamente em direção à torneira. O pequeno f escrito no botão de cerâmica incrustado no cabo encheu sua visão. Ela girou o cabo da torneira.

A água não saiu. Tornou a gira-lo, amaldiçoando a própria fraqueza. No entanto, nenhuma água. A torneira de água quente foi girada facilmente, mas esta também não produziu nenhum resultado.

Andou cambaleando até a banheira e abriu as duas torneiras para novamente não obter resultado algum. Andou às apalpadelas da banheira até a privada, segurou o assento com as duas mãos e levantou-o. O interior estava seco. Quando deixou a tampa cair, derrotada, soou um barulho parecido ao de uma veneziana sendo golpeada contra uma Miniaturas do Terror - Tabitha King

parede pelo vento.

Ela desabou no chão e enterrou a cabeça entre as mãos. As fantasias de banhos, bebidas frias e uma evacuação intestinal adequada dissiparam-se como um oásis em uma miragem. Que tipo de banheiro era aquele que não tinha água alguma?

- Maldição, maldição, maldição - murmurou ela.

As lágrimas vieram de repente, as comportas das emoções abriram-se com violência.

Por que ela estava ali, onde estava e por que estava sozinha? Quem havia fechado a água e por quê? Havia tantas perguntas sem respostas e ela não conseguia pensar em nada a não ser água e comida. Tremendo, juntou o lençol em volta do corpo. Estava ficando mais fria.

Recostando-se contra a superfície fria da privada, ela sussurrou:

- Mamãe, eu quero mamãe.

Em poucos instantes, ela parou de chorar. O frio, a sede e a fome tornaram-se mais urgentes do que a simples aflição e terror. Ela apalparia o caminho de volta à cama e, pelo menos, se sentiria mais quente. Quando pôs-se de pé, notou que havia um rolo de papel perto da privada. Arrancou-o do suporte bem pequeno para uma viagem tão grande, mas já era alguma coisa. Mais tarde, ela esvaziaria o urinol na privada. Pelo menos não teria de ficar sentindo o cheiro do próprio excremento, mesmo que não pudesse fazê-lo jorrar.

Os travesseiros, o acolchoado aveludado, eram dádivas às quais devia ser agradecida.

Colocou-os em volta do corpo e voltou a fechar os olhos. Estava tão cansada, tão cansada. Talvez alguém (mamãe) aparecesse pouco depois e cuidasse dela.

Roger espreitou pela janela. Ela havia se mexido. A excitação borbulhou em seu estômago dissipando seu desgosto. As roupas de cama estavam com uma aparência como se tivesse acontecido uma guerra nelas. E o pequeno urinol havia saído do armário. Ela estava dormindo nesse momento e ele não queria despertá-la, de modo que prendeu a respiração. Ela precisava de todas as horas de sono que pudesse ter. Era parte do processo de compensação. Ele queria que ela não tivesse aquela aparência tão terrível, tão diminuída, do modo que ele havia vivido nos últimos seis meses de sua vida.

Iria trazer água e comida para ela. Quando despertasse, ela iria querer isso, especialmente após ter estado desperta o tempo suficiente para usar o penico. Mas primeiro tinha de contar para alguém.

Afastou-se dali para ir procurar Dolly e encontrou-a no quarto, mudando de

roupa.

- Adivinha uma coisa.

Dolly levantou a vista dos sapatos que estava calçando. Eram puras tiras, com um Miniaturas do Terror - Tabitha King

milhão de fivelas. Roger gostava deles. No entanto, de repente, ela atrapalhou-se e mordeu o lábio.

- Ela esteve acordada - anunciou ele, antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa.

Dolly respirou fundo, trêmula.

- Até que enfim - ela inclinou-se sobre os sapatos, apressada agora para terminar.
- Agora posso lhe dizer que estava começando a ficar bem preocupada.

- Vou cozinhar algo para ela - Roger parou para abraçar Dolly. - Volto daqui a pouquinho.

Roger estava tão entusiasmado com seus planos que nem notou que ela o seguiu com o canto do olho ciumento. Dolly agarrou um tubo de creme para as mãos e esfregou-o nas palmas para obter aquele estremecimento súbito.

Quando Roger retornou, encontrou-a espreitando pela janela da casa de bonecas. Ela trazia um prato de ovos mexidos, com uma fatia de torrada de trigo cuidadosamente picada e um copo de suco de laranja.

- Ela não vai ser capaz de comer tudo isso - objetou Dolly. - Vai ser um desperdício.

- Comerei o que ela não quiser - ofereceu-se ele como voluntário, do modo mais corajoso possível.

Dolly fitou-o. Ele ignorou-a, feliz por tê-la colocado contra a parede pelo menos uma vez. Ou ela engolia a pequena mudança representada pela bóia, ou deixava que Roger saísse da dieta. Ré, ré, ré.

Ela rebateu:

- Você não pode colocar esse prato tremendamente grande lá dentro.

Em seguida, ela pôs-se a levantar uma das paredes da casa de bonecas. Fez um enorme barulho e Roger observou Leyna ansioso. Ela não se mexeu.

Dolly revistou um armário de porcelana e aproximou-se com algumas peças de mostruário, amostras de um dos muitos serviços de jantar presidencial. Examinou as peças com um olho crítico antes de passá-las para Roger. Sem saber o que fazer com elas, Roger encarou-as perplexo.

- Lenox - informou-lhe Dolly. - Foi Harry Truman quem as escolheu. Gosto dos lírios, você não?

Tentando desesperadamente manter sua parte do que lhe parecia ser uma conversa de doidos, Roger murmurou:

- Gosto dessas com as águias.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Harry Truman, pensou ele, não tinha nada a ver com esses minúsculos pratos de bonecas; eram cópias dos pratos que o ex-presidente escolhera. Dolly falava do equipamento de sua Casa Branca de bonecas da mesma maneira que sua mãe falava das novelas das oito, como se isso (ou a vida como era mostrada nas novelas da televisão) fosse mais real do que a própria realidade. Isso devia ter algo a ver com as menstruações das mulheres, uma prova a mais da maluquice cíclica delas.

- Águias! - vociferou Dolly. - Todas as malditas coisas da Casa Branca ostentam uma águia. Eu as odeio.

Roger encolheu os ombros. Sua mãe diria que o que não pode ser mudado, deve ser suportado. Dolly podia ser uma dose dessa filosofia. Ele começou a colocar uma porção minúscula de ovos no pequeno prato.

- Coloque a parede de volta - ordenou ela.

Roger não queria fazê-lo, mas tentou da maneira mais suave possível, por causa de Leyna.

- Agora retire essa aqui.

Ele hesitou.

- Ela está dormindo - objetou ele num sussurro.

- Ora, merda, ela está dormindo há dias. Por que fez essa comida se não vai dar para ela enquanto está quente?

A lógica era inquestionável. Ele tirou a parede.

Ela ouviu vozes ao longe. Eram como a trilha sonora de um filme, ouvida na ante-sala do cinema. Ela abriu os olhos e sentou-se. Alguém havia dito algo e depois "coma", ela tinha certeza disso. Houve um barulho surdo, como o de um elevador subindo e descendo e, depois, de novo as vozes. "Águias", ela ouviu. E um enfático "ora, merda"

e, em seguida, voltou o barulho surdo, como um pequeno tremor de terra em volta dela, e desapareceu a parede com as janelas. Ela olhou fixo para essa direção, vendo-a desaparecer, sendo levantada, e a luz penetrou no ambiente, fazendo com que ela piscasse rapidamente. Ela pensou ter divisado formas enormes, parecidas com nada que já havia visto na vida.

Sentou-se inclinada para cima na cama e abriu a boca. Sua garganta paralisou-se, a única coisa que conseguiu esboçar foi um tipo de miado deplorável. E em seguida a Mão, uma mão tão grande quanto ela, maior do que sua cama, entrou.

O grito que estivera tentando gritar escapou de sua garganta. Ela cobriu os olhos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger lançou um olhar reprovador para Dolly. Infrutífero; ela estava olhando para a mulher bem pequenininha, que se agachara no ponto disponível mais afastado da cama, evitando os invasores. Dolly tornou a enfiar a mão dentro da casa. Roger agarrou seu cotovelo. Com toda certeza, ela podia ver o enorme terror de Leyna. Mas Dolly parou por conta própria, enquanto o pequeno lamento de agonia chegava aos seus ouvidos. A mulher bem pequenininha estava gemendo. Era horrível de se ouvir.

- Que há de errado? - Dolly perguntou a Roger em uma vozinha pequena,

sumida. Havia um alarme genuíno em sua expressão.

- Ela está assustada.

Roger colocou a pequena bandeja de prata com os pratos de porcelana no canto do quarto. Começou a mover a parede de volta ao lugar, com tanto cuidado quanto o que tivera no momento de retirá-la. Dolly afastou-se e ficou observando. Leyna também observou, de olhos arregalados e cautelosos, enroscada num casulo de roupas de cama.

Quando a parede escondeu-a da visão deles, Roger pegou a mão de Dolly e afastou-a gentilmente.

- Quero ver - sussurrou ela.

Com as duas mãos no ombro dela, ele empurrou-a para longe.

- Claro.

Roger fechou a porta entre o quarto de Dolly e o quarto da casa de bonecas. Sentou-se na beira da cama.

- Pegue um cigarro - disse, atirando-lhe o maço.

Ela pegou-o instintivamente e olhou-o fixamente como se tivesse esquecido o que era aquilo. Suspirando, abriu o maço.

- Deixe que ela se acostume primeiro com isso. Não levará muito tempo. A mente humana é capaz de aceitar qualquer coisa.

Roger deixou-se cair pesadamente na cama. Seus pensamentos estavam fixados no resto de ovos mexidos que esfriavam ao lado da Casa Branca de bonecas.

- Me dá um desses - pediu ele. Numa tormenta, qualquer porto, diria sua mãe.

A parece desceu. Ela não respirou até que a parede completasse o quarto de novo. Ficou paralisada alguns segundos, observando para ver que ela parava no lugar onde deveria parar e, em seguida, correu com passos fracos para pegar a bandeja, simplesmente incapaz de resistir aos cheiros encantadores.

O cheiro de ovos, suco de laranja e pão quente flutuou em sua direção, aromáticos como os primeiros cheiros da primavera, e seu estômago borbulhou antecipadamente. Durante Miniaturas do Terror - Tabitha King

um inquieto segundo, ela pensou que fosse vomitar e, depois, tudo passou. A bandeja era pesada, feita de prata e entalhada com um delicado desenho, mas ela nem chegou a olhar para ele. Era de se esperar; condizia com o quarto. Bastou um esforço para levá-la para a cama e, em seguida, um outro esforço para erguer-se ao lado da bandeja. A escuridão surgiu diante de seus olhos; ela teve de deitar-se até que a coisa passasse.

No fim, ela pôde levantar o garfo até a boca. Era a melhor comida, pensou ela, que já

havia comido em toda a sua vida. Cinco estrelas. Ela deu uma risadinha. Comeu rápido demais.

O estômago voltou a revirar-se e o suco de laranja despejou-lhe um sabor ácido. Ela empurrou a bandeja para um lado da cama e envolveu-se estreitamente com os lençóis e cobertas. Pelo momento, ela estava bem de novo. Quente. Sem fome. Sem sede. A dor tornara-se meras pontadas e machucaduras.

A parede e a Mão voltaram a ela. Ela afastou o pensamento. Não podia ter acontecido.

Não havia acontecido. Ela estivera delirando de fome e talvez fosse a continuidade do choque. Mesmo assim, ainda não sabia o que lhe havia acontecido. Havia tido um acidente, isso era óbvio. Podia ter tido ferimentos na cabeça, contusões, alguma coisa que não era tão séria a ponto de requerer uma hospitalização mas que podia fazer com que ela visse coisas, coisas de pesadelo. Ela apertou bem os olhos, fechando-os, excluindo esse pensamento.

Finalmente, alguém lhe havia dado de comer. Tudo seria explicado e compreendido, no seu tempo devido. Ela estava doente. Isso era o bastante para curar-se, para tentar curar-se. Seu corpo voltou a chamar sua atenção. Ela estava doente, doente do estômago. Ela sentiu tudo esverdeado e baixo. O alimento consumido muito rapidamente congregou-se numa massa oleosa e desagradável no topo de seu estômago. Ela gemeu.

Não tinha força para lutar contra isso. Abriu a boca ao lado da cama, visando

acertar o chão e tudo saiu, ainda bem diferenciado em ovos, torradas e suco de laranja. Ela sentiu-se distante disso, podendo olhar para o vômito como se fossem os dejetos de uma outra pessoa e observou a acidez.

- Ah, que grande merda! - estrondeou uma gigantesca voz estridente ela está vomitando as roupas de cama.

Ela fechou os olhos no mesmo instante. Bastava que o alimento ácido estivesse de volta as suas narinas e boca, de volta à parede da garganta. Bastava que ela ouvisse vozes do lado de fora, vozes mais altas do que a voz humana. Ela não poderia suportar de novo a visão da parede desaparecendo, ou daquela Mão, de Deus ou de quem quer que fosse, experimentando o quarto, estendendo-se em sua direção.

A voz estridente continuou repreendendo-a e a alguém mais, ela tinha certeza de que uma outra pessoa estava sendo admoestada. Essa outra pessoa respondeu, um protesto fundo, hesitante. Alguém mais a estava protegendo, defendendo-a contra a voz estridente que estava furiosa com ela por estar doente.

Era um sonho, no qual tinha de novo sete anos de idade, a manhã do dia da festa de seu Miniaturas do Terror - Tabitha King

aniversário. Ela se empanzinara o dia inteiro, na casa de Grammie e tia Reenie e em casa, na grande festa, com os doces que adorava. Sua mãe repreendeu-a repetidas vezes, advertindo-a de que ficaria doente e os outros ficaram dizendo é o aniversário dela, Leona. Diante dessa magia de privilégio, sua mãe calara-se. E Leyna fora para a cama à

noite, terrivelmente doente. A mãe, atraída pela chocante tossidela de vômito, teve um acesso de raiva.

- O que está achando do seu aniversário agora, sua porquinha?

E seu pai, seguindo a mãe, tentando acalmá-la:

- Pelo amor de Deus, Leona.

- Onde está sua mãe agora e sua irmã Reenie? - ela gritava com ele. Agora minhas colchas estão cheias de vômito e o meu tapete também.

- Lee, a criança está doente.

- Eu estou vendo! Estou vendo!

E ela arrancou Leyna da cama, xingando-a durante o tempo todo e chamando-a de porca. Removeu as colchas, enrolou-as e retirou a camisola manchada do corpo trêmulo e febril de Leyna.

- Vou dar um banho nela - ofereceu-se seu pai, pondo-se a retirar Leyna para fora do alcance da ira da mãe.

Mas ela não deixou.

- Não seja estúpido, volte para a cama. Você tem de trabalhar de manhã. Farei isso.

E ela fez, do modo mais bruto possível, enquanto resmungava entre os baldes de água fria que eram despejados sobre a cabeça de Leyna:

- E então, o que está achando do seu aniversário agora?

- Que merda de vômito! - disse Dolly com desgosto.

- Pode deixar que eu limpo - ofereceu-se Roger.

- É claro que você vai limpar. A culpa é sua.

Dolly estava procurando um outro cigarro. Enfiou um na boca e rebuscou à procura do isqueiro.

- Tem certeza que ela está bem? - continuou ela.

- Tenho - Roger puxou suavemente a parede para fora de sua ranhura. - Provavelmente Miniaturas do Terror - Tabitha King

comeu demais com o estômago vazio. Ou rápido demais.

Dolly inalou a fumaça do cigarro, agradecida. Ela encobria bem o cheiro de doença. Ela detestava a doença.

- Por que você não dá algo para banhá-la? - sugeriu Roger.

Era algo a ser feito que a manteria fora do quarto por alguns instantes, afastada do fedor.

Ela voltou do banheiro com uma pequena banheira cheia de água, uma barra de sabonete flutuando dentro dela e uma toalha de mão pendurada no braço.

- Isso serve?

- Claro.

Roger mal olhou para Dolly. Estava ocupado com a delicada operação para desenrolar a mulher bem pequenininha das roupas de cama sujas, sem pegar muito no vômito espalhado pelo quarto.

- Ela está bem? - Dolly tornou a perguntar.

Roger fez que sim com a cabeça. O pequeno corpo, enrolado em um lençol, estava na palma de sua mão. Ela estava toda enroscada, como uma criança que dorme, seus cabelos num emaranhado úmido e sujo, formando um travesseiro escuro sob sua cabeça.

- Ela está horrível - observou Dolly.

Ele sorriu.

- Ela está passando por maus bocados. Choques. O choque físico e, depois, o mental, e isso está apenas começando. Vai precisar de certos ajustes. Mas ela ficará bem.

- A mente humana pode adaptar-se a qualquer coisa - Dolly citou, rolando suavemente o cigarro entre o polegar e o indicador.

- Isso mesmo. Exatamente.

Roger desenrolou o lençol. Ela estava inteiramente nua. As contusões eram remendos escuros em sua pele. Algumas eram tão escuras quanto o cabelo de seu púbis. As auréolas de seus seios eram as sombras mais débeis de sua pele. Ele mergulhou-a na água com a mão e usou a outra para despejar um pouco do líquido tépido sobre ela, do modo mais suave que pôde.

- Quer lavar o cabelo dela? - perguntou a Dolly.

Dolly pôs de lado o cigarro e tocou-lhe o crânio numa tentativa. Os cabelos estavam arrepiados, era o mesmo que se tocar um rato ou um esquilo.

- Só um segundo - disse ela, tornando a sair do quarto. Voltou pouco depois com uma Miniaturas do Terror - Tabitha King

colher de chá.

- Olha, assim - ela disse para Roger, arrumando Leyna numa outra posição, de modo que a mão de Roger sustentava-lhe o corpo pela base da nuca. A cabeça ficou livre, de modo que os cabelos caíram por entre o polegar e o indicador de Roger.

Dolly usou a colher de chá para banhar por completo os cabelos e, em seguida, ensaboou-os com a barra de sabonete. Não era a melhor coisa que havia para os cabelos, mas serviria pelo momento. Foi surpreendentemente agradável enxaguar o sabonete, sentindo os sedosos fios de cabelo deslizarem aos cachos entre seus dedos.

- Aí está - anunciou ela com uma certa satisfação. Olhou para Roger por cima da banheira e sorriu orgulhosa.

- Belo trabalho - murmurou ele, arriando com cuidado o pequeno corpo sobre a toalha de mão.

- Não sei como ela consegue dormir nessa situação - disse Dolly. - A água deveria tê-la despertado.

Roger arreganhou um sorriso.

- Ela não está dormindo. Não quer olhar para nós. Vou enrolá-la em um lençol seco e depois coloco-a na cama, está bem?

- Hum, hum.

- Você devia conseguir umas roupas para ela.

- Está tudo arranjado, queridinho - a voz de Dolly chegou a ele através da casa

de bonecas. Seu rosto estava metido nela.

- Agora vamos à sujeira. Argh!

Roger recuou para descobrir o que a estava inquietando. Ela estava segurando o pequeno urinol.

- Ótimo - disse Roger. - Está tudo normal.

Dolly empurrou-o na direção dele.

- Você gosta, então é seu.

- Vou testar isso. Ver se ela está bem.

- Melhor que seja você do que eu. Pensei que você tivesse dito que ela estava bem.

- Ora, ela está. Mas não há nada como um pouquinho de mijo para nos contar a verdade, entendeu? - Roger deu uma risadinha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Argh! Não me faça sujeira por favor. Por hoje já tivemos muita por aqui.

Ela virou-se para a casa de bonecas.

- Ouça, seria melhor você instalar o sistema de água. Não quero passar o resto da minha vida esvaziando penicos, dando banhos é passando xampus. Esse negócio se parece muito com ser mãe de alguém.

- Vou fazer isso logo - prometeu Roger - depois de dar uma espiadinha no mijo. Tenho tudo para isso.

Era uma chance para devorar sorrateiramente um hamburguer, ou um big búrguer, ou talvez uma pizza e uma cerveja, enquanto estivesse ostensivamente na drogaria recolhendo o equipamento para o teste de urina. Não demoraria muito tempo. Ele queria realmente fazer um teste na amostra. Depois poderia ter certeza de que a mulher bem pequenininha estava bem de fato.

Ela despertou enrolada entre lençóis tão viçosos e cheirando a limpo que se

apresentavam vítreos ao toque. Atónita, percebeu que também cheirava a sabonete.

Sentia-se limpa. Ficou deitada por alguns instantes, desfrutando da sensação de estar sendo cuidada. Foi o barulho de água correndo que a fez sentar-se. Era insistente, não um simples gotejamento, um jorro definitivo. No banheiro. Ela deslizou para fora da cama, dessa vez sem se incomodar em retirar um lençol para enrolar-se. A roupa de cama era nova. Ela não poderia desarrumá-la. Já era tempo de comportar-se como hóspede na casa de alguma outra pessoa. Com a ajuda dos móveis, ela chegou à porta do banheiro.

O riso dela, saindo fraco, juntou-se ao esguicho da água na banheira e pia. Ela levantou a tampa da privada com alegria e olhou o próprio reflexo na pequena poça formada no fundo. Fechou-a e sentou-se na tampa para recobrar o fôlego. Após tomar um copo de água para acalmar a garganta seca (mas não muito rápido, ela mesma advertiu-se), pegou um outro para colocar ao lado da cama e fechou as torneiras que deixara abertas.

Arrastou-se de volta à cama, um pouquinho mais forte e com uma sensação deliciosa de bem-estar.

O pesadelo acabara. Ela fechara os olhos fingindo que dormia, até chegar ao ponto em que dormiu realmente, e os horrores passaram. Ela olhou em volta, examinando a solidez das paredes e móveis. Aquilo era sanidade (a limpeza, a água correndo) em qualquer parâmetro.

Agora não estava mais tão preocupada com a fome. Sabia por quê. Era como jejuar; ela já havia jejuado antes. Não em uma dieta, em um cerco no qual estivera metida, o mesmo que fizera o nome dela no jornalismo da televisão. O pessoal havia ficado cinco dias engaiolado em um Hilton danificado pela guerra na terra de ninguém de uma cidade do Oriente Médio. Quatro dias antes de serem escoltados na retirada pelos soldados canadenses que eram a força da paz das Nações Unidas, as pessoas haviam consumido os últimos doces das máquinas e bebido as últimas coca-colas quentes. As cozinhas do hotel haviam sido saqueadas pelos empregados em fuga e o que restara fora Miniaturas do Terror - Tabitha King

estragado pelos animais daninhos. Um dos membros da equipe fora ferido com uma bala que lhe destroçara o joelho e quase morreu de choque e perda de

sangue. O hotel ficara lotado de corpos que eram empilhados nas entradas e nas janelas de onde não se podia ver nada de útil. Os animais daninhos tornaram-se bem ativos nos cinco dias de aprisionamento da equipe de filmagem. Depois de algum tempo, o apetite deixara de ser um problema.

Na fase de sua recuperação, um médico militar lhe dissera que o stress acabara com a fome, enquanto o corpo concentrava-se na sobrevivência. Herança genética de espécies que viveram da pilhagem, ele disse para ela. E depois de algum tempo sem comida, a química do corpo mudava e o estômago parava de reclamar. O corpo passava a consumir-se. Era nesse ponto que o alimento devia ser retomado ou, então, poderiam ocorrer danos bem sérios.

Mas a euforia era um efeito colateral comum da fome e, assim, surgiam visões místicas.

Ela estivera bem perto da euforia, de tão forte que havia sido sua sensação de bem-estar.

As visões místicas, refletiu ela, poderiam esperar. Ela já tinha seus pesadelos e isso bastava.

E a parede fez um barulho surdo de queixume e voltou a levantar-se. Ela sentou-se ereta e gritou como se estivesse agonizante. Ela brandiu os punhos para a parede que se erguia.

- Hoje não é o meu aniversário - gritou. - Não é meu aniversário.

Dessa vez a Mão não deteve-se do lado de fora da parede. Entrou e ela ficou em silêncio, paralisada de medo. Moveu-se para mais perto e ela viu o urinol segurado entre o polegar e o indicador, qual uma bolota de porcelana. Passou por ela e desceu. Os enormes dedos do tamanho de toras bisbilhotaram e cutucaram na cômoda. Ela olhou fixo para eles, os nós daqueles dedos eram dobras coriáceas qual joelho de elefante, e olhou também uma cicatriz com forma de ponta de flecha grossa, que apontava para as costas da Mão. No fim, ela retirou-se com um brilho escarlate, um escarlate lustroso, e ela soube que se tratava da Mão de uma Mulher.

- Agora ali - disse a voz como uma unha arrastando-se em um quadro-negro, bem perto e alto, de modo que ela recuou tapando os ouvidos. - Roger? - disse a voz em forma de pergunta, para logo depois desaparecer, levando consigo uma

massa nebulosa lilás e cinza. Ela não se atreveu a olhar para cima para ver se a coisa tinha um rosto. Afinal de contas, ela não havia aprendido no catecismo que a visão do rosto de Deus estava reservada para o Dia do Juízo Final? E mesmo a forte possibilidade de que a brincadeira fosse da raça humana, de que Deus fosse uma mulher pintada, não extinguiu a certeza de que estaremos todos mortos no Dia do Juízo Final.

Ela enrolou-se nas cobertas. Preparou-se para morrer.

- Roger - disse Dolly suavemente - sabe que isso vai ser um problema? - O tom de sua voz sugeria que ele deveria saber.

- Eu sabia - confessou ele, usando um tom que funcionava com sua mãe. Ele chamava isso de Batê-la com a Batuta. - Vou instalar um sistema de som. Alguma coisa que amplifique a voz dela e que abafe a nossa.

- E o tal teste? Ela está bem?

- Basicamente, sim - ele retirou do bolso um bloco de anotações e uma caneta e ficou quieto, pensando. - Ela começou a comer. Mas - ele esboçou um sorriso astuto - eu saí

frustrado.

- Ah.

- Vou passar a miniaturizar a comida para ela. Acho que será mais fácil para ela digerir.

- E com relação à água?

- Ela está bebendo e conseguindo mantê-la no estômago. E a água está saindo do outro lado muito bem. Não sei por quê. Talvez seja só psicológico.

- Bem, enquanto funcionar, tudo bem.

- Certo. Um de nós deveria tentar acalmá-la. Não queremos que ela entre em choque por medo ou angústia.

- Eu farei isso - disse Dolly.

Resignado, Roger deixou estar. Dolly mostrava sinais de estar realmente vidrada em tratar de Leyna. Mas havia um monte de trabalho que precisava ser feito e ele teria de deixar que ela fizesse sua parte, pelo menos por enquanto.

A parede foi levantada. Passaram-se alguns minutos e houve o silêncio. O coração de Leyna bateu mais devagar, a adrenalina diminuiu. A cabeça dela começou a doer ferozmente. Leyna lembrou-se da panacéia da mãe para suas enxaquecas de infância - água. Era algo que ela tinha. Cautelosamente, observou

o lugar onde estivera a parede e bebericou a água do copo que trouxera do banheiro. Estava morna, mas ainda assim suave e tranqüilizante. Os músculos de sua garganta, secos e duros pelos gritos e querendo gritar de tanto pavor, relaxaram-se um pouco.

Ela pós o copo de lado e deitou-se, fechando os olhos. Comercial de dor de cabeça: jornalista famosa, no meio de um dia cansativo e excitante no curso de sua carreira meteórica, é liquidada por uma enxaqueca, pouco antes do acender das câmaras. Está

caída em uma espreguiçadeira, tem um pouco de água e o medicamento, levanta as encantadoras pernas, enquanto a câmara demora-se nelas e no decote de sua blusa.

Minutos depois, ela abre o noticiário das seis e meia com uma estonteante exibição de dentes e brilho, saúde, olhos despreocupados. Tome Melhol. Ou qualquer outra coisa.

Um som de rangidos e estalidos intrometeu-se em seu sonho de olhos abertos. Ela viu a Mão desaparecendo mais uma vez. Começou a tremer no corpo inteiro. A urgência de Miniaturas do Terror - Tabitha King

meter-se debaixo das cobertas quase fez com que perdesse o controle. Foi a folha de papel que a deteve. A Mão deixara um pedaço de papel, misterioso como um antigo mapa do tesouro, no chão perto do guarda-roupa.

Ela aproximou-se arrastando-se, enrolada na colcha da cama. Nem pensar em desarrumar os lençóis. Ela iria expor sua nudez a Deus, ou a Quem Quer Que Fosse que estivesse lá fora. Ela apanhou o papel e apressou-se de volta à segurança da cama.

Desdobrou a folha na sombra dos reposteiros da cama, como se estivesse abrindo o Times numa manhã de domingo. Era tão larga quanto a abertura de seu braço. As enormes letras estavam espalhadas nele. Mas era bem legível. Leyna deu uma risadinha.

Nunca antes havia recebido um recado de Deus.

Não tenha medo. Não queremos machucar você.

Os mesmos chavões de um bilhete de seqüestrador, ou da ameaça de um assaltante de banco: ninguém sairá machucado. Façam o que dissermos. Não machucaremos o garoto se vocês pagarem.

Merda.

Ela olhou para o papel, sem vê-lo. Estava em um quarto, um lugar definido. O quarto era decorado com muito bom gosto, tinha lindos papéis de parede, belos tapetes e cortinas. Do outro lado da porta, havia um corredor que tinha suas próprias portas que davam para outros quartos. O que ela havia visto era familiar, mas não de algum lugar no qual já tivesse vivido. Quantos quartos como esse havia em quantas casas velhas no país? Com toda probabilidade, o quarto lhe era familiar simplesmente porque era um modelo, um clichê.

Depois, havia a parte ruim disso. Paredes que se mexiam e desapareciam. Quando as paredes sumiam, não havia nada do lado de fora, nenhuma rua, nenhum outro prédio, nenhum jardim, nenhuma árvore, apenas aquelas enormes criaturas de pesadelo. Que escreviam bilhetes.

A melhor explicação, a mais cínica, era que ela encontrava-se em um hospício particular. As aberrações daquele quarto, talvez o próprio quarto, estavam todas em sua cabeça, como conseqüência do acidente, do qual ela ainda não tinha nenhum conhecimento certo. Ele poderia ter provocado a perda de sua sanidade. Antes desse acidente, ela não era nem neurótica, nem instável. Sabia quem era e o que estava fazendo com sua vida. Nunca antes tivera necessidade de ajuda profissional, essas muletas que as pessoas usam geralmente. Nenhuma birita, nada de drogas. Não, era bem saudável. E mesmo assim, havia um certo equilíbrio essencial que lhe dizia que aquilo que ela estava percebendo era fantástico, impossível, maluco de jogar pedra em santo. E

que continuava lhe dizendo que, com toda probabilidade, aquilo era conseqüência de algum dano orgânico e não um defeito mental de sua parte.

Foi essa certeza obtida à maneira diligente dela, como quem atravessa um rio pulando de pedra em pedra, que tranqüilizou o terror. Ela não gritou quando a Mão retornou.

Foi direto nela e Leyna recuou instintivamente, o medo fluindo em sua mente como a Miniaturas do Terror - Tabitha King

água em um charco. A Mão parou e esperou, até que finalmente aproximou-se e tocou-a. Emitia um grande calor. A pele que a tocava era viscosa, coriácea e inflexível, como uma mala de viagem gasta mas de classe superior. Acariciou-a suavemente, rolou sobre o acolchoado no qual ela se enrolara.

Ela fechou os olhos. Sempre fazia assim, nas decolagens e aterrissagens e nas raras ocasiões em que havia sido atraída para alucinantes montanhas russas. Nada havia a fazer, a não ser fechar os olhos, respirar fundo, trincar os dentes, fechar os punhos e esperar a morte com toda força de seu íntimo.

O acolchoado, qual lençol ondulante em torno dela, estava quente demais. A Mão irradiava seu enorme calor e, rapidamente, ela ficou inundada de suor, enquanto lutava contra a náusea e a tontura. O relaxamento foi rápido e suave e ela mergulhou numa suavidade emplumada. Ao abrir os olhos numa forte luz natural, ela viu que fora pararem algo que se assemelhava a uma coberta de nuvem da janela de um avião, um enorme campo branco ondulante. Era formado de pendúnculos, como um campo de grãos, mas pelo toque e visão ela soube que essa substância que se erguia a meia altura, branca, delgada e muito lisa, não era nenhum tipo de planta. Não havia terra sob seus pés descalços, mas sim algo tecido, como as costas de um tapete oriental. Cheirava a poeira, mas não havia nenhum cheiro de vegetal, nenhum aroma de planta, nenhum verde lhe chegando às narinas.

Ao examinar o campo branco, ela não conseguiu caracterizar nenhum outro traço. Tinha um fim, mas o que se encontrava além dele era tudo massa e cor. Não havia dimensões, nem perspectivas. Os pendúnculos em volta dela ondularam levemente e, instintivamente, ela virou-se em direção à fonte da agitação. Descobriu uma parede de tecido duro que emitia uma luz trêmula. Era um tecido bem grosseiro e não apresentava nenhuma armação perceptível, nenhuma parede sólida em volta. Ele erguia-se até o ponto em que ela era capaz de curvar dolorosamente o pescoço para vê-lo.

E finalmente moveu-se. Ela compreendeu que a coisa não estava movendo-se horizontalmente, mas verticalmente e para baixo. Ela prendeu a respiração e recuou, à

medida em que a coisa descia sem parar.

De repente, a coisa mudou e não era mais nenhuma parede, mas sim um Rosto,

era claramente um rosto, bem perto e grande, não maior, muitas vezes maior do que ela mesma. Um rosto de lua, uma máscara numa barra, irreal em sua enormidade. Ela recordou-se subitamente do rosto do Mágico que tanto assustara e alarmara Dorothy e seus companheiros. E claro que aquilo era um truque, uma projeção, criada pelo fascinante velhaco que era e não era o Mágico de Oz. Uma risadinha de alívio morreu em sua garganta. Ela conhecia aquele rosto e sabia por que ele a levara a recordar-se do Mágico de Oz. Gemendo, ela enterrou o rosto nas mãos.

- Não tenha medo.

O Rosto tinha uma Voz, a mesma voz estridente que ela ouvira antes em seu misterioso quarto. A Voz de Deus, só que agora ela a reconhecia como sendo a voz de Dolly Hardesty. O tom era suavizante, o volume imenso, como se saísse de um alto-falante.

Apesar do recado, ela não pôde deixar de ter ânsias de vômito.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Você está a salvo. Nada poderá feri-la.

Com obstinação, ela forçou as mãos para baixo e levantou a vista. Aumentou o tom da voz, colocando nisso todas a forças que lhe restavam.

- Dorothy?

Uma risada suave rolou pelo campo em direção a ela e sibilou em seus cabelos.

- Dorothy? - ela tornou a gritar, timidamente.

- Pode me chamar assim se quiser. E eu vou chamá-la de Dolly.

Leyna puxou o acolchoado, estreitando-se nele. Brotou nela uma terrível tranqüilidade.

Ela respirou funda e calmamente.

- Dorothy? - perguntou pela terceira vez, embora sua garganta doesse ao gritar de novo o nome.

- Sim?

- Estou louca?

O silêncio espalhou-se em volta dela de um modo quase palpável, pois enquanto os pendúnculos tremiam quando a Voz de Dorothy falava, permaneciam imóveis quando ela ficava em silêncio.

- Oh, sim.

Ela foi assegurada, com tristeza na Voz e condescendência, como um ovo cozido pela metade. Nada mais havia a se perguntar e nada mais a ser dito. Leyna desabou vagarosamente nos joelhos, os pendúnculos ergueram-se em volta dela formando um muro baixo. Ela tomou a fechar os olhos e esperou. Abriria de novo os olhos na realidade, na sanidade, ou então nunca mais.

Roger, situado atrás de Dolly, ouviu a última parte da conversa. Ele agarrou-a pelo pulso e afastou-a para o canto mais distante do quarto.

- Que diabos você está fazendo? - perguntou-lhe num tom sibilante de água fervendo.

Dolly encarou-o com frieza e desvencilhou o punho de seu agarrão. Girou nos calcanhares e foi embora. Ele seguiu-a até a cozinha, onde ela abria a geladeira.

- O que você está fazendo? - insistiu ele.

Ela levantou o olhar para ele e sorriu.

- Verdade, querido - disse ela - acho que você não pensou direito nesse negócio.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Era isso que ele estava pensando dela.

- Muito bem, me diga o que não pensei.

Ela virou-se para a geladeira e retirou duas garrafas de cerveja importada. Estendeu-lhe uma. Ele teve de aproximar-se dela para apanhar a garrafa. Podia sentir seu maravilhoso frio antes mesmo de tocá-la e veio-lhe água na boca.

Lançou um olhar apressado a sua volta, procurando o abridor que deixara em cima da tábua de cortar carne na hora do almoço.

Quando voltou a olhar para Dolly, ela havia aberto uma gaveta e estava com o abridor na mão. Ele teve de sorrir para a presciência dela. Não só estava permitindo que ele bebesse uma cerveja, mas também estava tomando uma. Para Dolly, aquele era um gesto de grandeza. Ele arrependeu-se da força com que lhe agarrara o pulso.

- Olha, vai ser bem mais fácil lidar com ela se ela pensar que está com um parafuso a menos - explicou Dolly falando por cima da cerveja.

Roger pensou no assunto. Tinha um sentido bem maluco. Ela podia ser mais complacente. Por outro lado, eles tinham a vantagem de tê-la, não tinham? Roger estava inquieto. Para começar, a mente humana era tão imprevisível e aquela já havia sofrido um trauma único nas mãos deles. Nas dele, corrigiu-se ele, mas isso não diminuía sua inquietação. Não disse nada para Dolly. Havia outras coisas a se discutir.

- É melhor que ela seja alimentada logo, quanto antes melhor. Prepare uma outra bandeja que eu tratarei de miniaturizá-la. Ela está fraca. Precisa de roupa. Seria arriscado se ela pegasse um resfriado forte.

- Claro. E se ela não se vestir?

Roger pensou no assunto.

- Eu não tocaria nela se estivesse histérica. Se ela te deixar, seja cuidadosa, bem cuidadosa.

- Saúde! - disse Dolly, levantando a garrafa para ele.

Ela bebia direto no gargalo, do mesmo modo que ele. Noblesse oblige. Mas o trabalho esperava. Roger terminou rapidamente sua cerveja.

Leyna estava realmente fraca quando a Mão voltou. Estava mole e não respondeu à

carícia. O cheiro de alimento assaltou-a de novo quando atreveu-se a abrir o olho.

Estava de volta na cama. A bandeja de prata descansava na cômoda. Dessa vez, os cheiros eram de sopa e torrada com manteiga. Ao levantar a tampa dos pratos, falou baixinho deliciada. Não percebeu a parede sendo recolocada em seu lugar. A sopa era incrivelmente boa e ela não pôde deixar de fazer barulho à medida em que a consumia.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Depois disso, pôde deitar e sentir-se de novo quase inteira. Supreendente o que uma comida faz com uma pessoa, pensou ela, perguntando-se se isso tinha alguma coisa a ver ou não com a questão de sua sanidade. Era bem verdade que a fome podia deixar uma pessoa maluca, podia gerar certos desequilíbrios químicos que afetavam a capacidade de percepção da realidade. Não era isso que a Voz de Dolly quisera dizer, Leyna tinha certeza.

A Voz era a sua loucura, assim como o Rosto que vinha com ela e suas terríveis Mãos.

Esse quarto, a cama, a comida que acabara de comer, tudo isso era tão real e são quanto podia ser. Sua barriga cheia lhe dizia isso. Ela tinha de ser um pouco mais sã, a ponto de ser capaz de considerar a questão.

Em seguida, a Voz falou de novo. Leyna achatou-se nos travesseiros, pensando não, não, não. Como se Aquilo ouvisse seus pensamentos, Aquilo os ignorava.

- Olhe no guarda-roupa. Tem roupas lá para você.

Ela esperou que Aquilo falasse de novo. Durante um, dois, cinco minutos, Aquilo ficou em silêncio. Leyna chegou à conclusão de que Aquilo dera seu recado e fora embora.

Não havia nenhuma razão para não ver se Aquilo falara a verdade. Sentiu-se como alguém que estava tentando montar um quebra-cabeças, embora não tivesse nenhuma idéia do que Aquilo concebera e isso devia ser uma pequena peça do jogo. E quando saiu da cama, ela estava fria e consciente.

Quando saiu da cama, tinha certeza de que Alguém a observava. Uma rápida inspeção no quarto revelou-lhe que não havia nenhuma câmara nos cantos do teto. Dentro de alguns instantes, ela prometeu para si mesma, iria procurar para ver se havia alguma escondida.

O guarda-roupa era uma dessas peças de mobiliário impecavelmente bem-feitas, testemunhas de uma certa solidez ancestral. Ela admirou o polimento liso e fundo e o trabalho de metal, o acharoamento das portas. Era o tipo de coisa que atingia dezenas de milhares de dólares num leilão. A avaliação fez com que ela olhasse o quarto com novos olhos. De fato, era muito bem mobiliado. O quarto de uma pessoa rica, na velha casa de um rico. Mais uma peça do quebra-cabeças.

Meditando sobre isso, ela abriu a porta da direita do guarda-roupa e espreitou o vazio escuro. Hesitou, em seguida abriu a porta da esquerda. Brilhou em seus olhos um clarão vermelho e branco, lançando de volta a ela a luz em uma claridade brilhante. Ela estendeu a mão instintivamente para acariciar o material, seda da cor do sangue, um cetim que era tão cegamente branco quanto o campo de neve do meio-dia.

Ela escolheu o vermelho. Examinando o vestido, divertiu-se com sua elegância, sua simplicidade completa. Havia uma fileira de ganchos escondida sob uma discreta costura nas costas. Demorou algum tempo para abrir todos os ganchos. Como fazer para enganchá-los de novo, era um problema que ela preferia deixar para o futuro.

O vestido foi instalado em seus ombros e deslizou pelo comprimento de seu corpo, Miniaturas do Terror - Tabitha King

acariciando-a agora com sua textura. Ela mudava de um pé para o outro em um movimento feminino que existe desde os primórdios da civilização, o primeiro passo de dança, e ele ajustou-se caindo nas impecáveis linhas de seu desenho.

O espelho da porta do guarda-roupa refletiu-a, o vestido marcando-lhe a pele branca.

Não tinha mangas e o decote formava um suave U quadrado. O caimento perfeito, pensou ela, para mostrar seu rosto doentio e os ossos salientes do pescoço. Um passo atrás e ela viu confirmado o que sentira. O vestido era curto demais. Não tinha nenhum ornamento ou enfeite que dependesse de seu corte, cor e textura. Caía até os quadris sem interrupção com suas linhas retas e, ali, o tecido era franzido no quadril esquerdo, de onde fluía em um jorro de dobras até a barra. A própria barra havia sido levemente franzida.

Era óbvio que se tratava de um modelo pós-Primeira Guerra, pensou ela, e devia cair até

os tornozelos, que deveriam estar encobertos por meias de seda e sapatos de cetim.

Nela, o vestido terminava alguns centímetros acima, um efeito ridículo. Esse vestido não serviria; ela devia tentar o outro, esperando que desse certo.

Pelo menos, ela não devia ter que ficar tentando meter-se e retirar-se daquele pano.

Ocorreu-lhe subitamente que as senhoras da época daquele vestido deviam ter criadas e ganchos para fazer o serviço, anacronismos, ou talvez as ferramentas e a habilidade de uma maneira mais civilizada de viver, que já não volta mais. Ela deslizou-o pelo ombro, deixando que caísse direto no chão. Magra demais, pensou ela divertida, e esse vestido foi feito para uma mulher pequena. Saiu de cima da poça vermelha e estendeu a mão para o vestido branco.

Na luz, ficou claramente óbvio que o vestido branco também não serviria. Era o vestido de uma mulher muito pequena, quase infantil em suas proporções, uma verdadeira peça de costume de um período. Ela não pôde reprimir o sorriso para os tufos das mangas curtas, o extravagante colarinho até os ombros, que caía em V, repetido na linha da cintura, de onde caíam vários pedaços de tecido porá formar o sino da saia. Ele requeria anáguas, luvas longas e alguma coisa para se pór na cabeça, talvez com plumas, para ficar bem. Deveria cair bem em alguma outra pessoa, não nela. Jamais ficaria bem nela, graças a Deus pelo pequeno favor. Ela colocou-o de volta no guarda-roupa e, durante alguns instantes, sentiu-se agradecida por haver nascido nesse período particular da história, quando as mulheres usavam roupas confortáveis, em geral. Abaixo os ocasionais sapatos de salto alto e jeans que apertam entre as pernas. Adeus rainha Vitória!

Era isso. O vestido parecia algo que essa antiga monarca teria vestido, com toda probabilidade quando era jovem. Pré-guerra, somente a Pré-guerra Civil, talvez a Pré-guerra mexicana. Uma bela pecinha de museu.

Ela pendurou o vestido vermelho, pensativa. Coisas esquisitas para se tirar do guarda-roupa de alguém. Estava preocupada com a sensação de familiaridade e rejeitava isso.

Era um sintoma dela. Informações demais para serem absorvidas e, após algum tempo, nada havia sido absorvido. Sobrecarga sensorial. Ela conhecia outras pessoas da sua profissão, que eram acometidas dessa sensação constante de déjà

vu. Era a base, pensou ela, da maior das paranóias.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Pensando nisso, ela ignorou um dos detalhes que eram óbvios com relação ao par de vestidos. Os estilos eram inquestionavelmente antigos. Mas os vestidos não o eram. O

tecido era viçoso, cheirava a limpeza e arrumação; as costuras eram firmes e limpas. Os vestidos haviam sido feitos recentemente.

Ela agarrou o acolchoado e arrastou-se de volta à cama, sentindo-se subitamente esgotada. A nudez seria seu fado, decidiu ela. A menos que as gavetas da cómoda em forma de serpentina contivessem alguma coisa, mas isso teria de esperar. Ela estava precisando de um cochilo. Alguma coisa se apresentaria quando despertasse de novo.

Era bem reconfortante saber que despertaria de novo.

- Ela está dormindo - Dolly informou a Roger.

- Ótimo - grunhiu ele.

Roger estava sentado no chão, observando o carrossel girar e girar. Havia conseguido um passageiro, a pequena Mariazinha da casa de bonecas de João e Maria, que viajava em um dos carros. Não era de se imaginar que estivesse desfrutando do passeio, pois seu rosto fora fixado para sempre numa expressão de terror acossado, apropriada para a bruxa do caldeirão. Ainda ostentava a coleira de cachorro, que cintilava como uma aliança de casamento em seu pescoço; Roger retirara a corrente, mas a coleira estava grudada na pele de porcelana dela.

Mas Roger estava desfrutando do passeio, embora ela não estivesse. Ele ouviu a música da virada do século, que soava dos diminutos alto-falantes, e o contraponto do rangido mecânico e o barulho áspero do próprio carrossel. Foi um belo trabalho.

- Os vestidos não serviram - disse Dolly, trazendo-o de volta ao mundo verdadeiro.

- E que tal suas roupas, a roupa de correr?

- Eu lavei e pus de lado.

- Deixe para ela. É melhor do que nada.

- Ela vai ser difícil - Dolly fungou.

- Ela comeu sua sopa?

- Hum, hum - Dolly estava procurando um cigarro.

Ele interpretou isso como uma afirmação.

- Imagino que sim. Não escutei você dando esporro.

Dolly deu uma gargalhada.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Nunca gostei de criança doente. Harrison estava sempre doente. Na maioria das vezes de caganeira. Era uma dessas crianças que se recusava a comer qualquer coisa que não fosse porcaria, sabe, não? E depois, quando se casou com Lucy, converteu-se aos alimentos saudáveis e ficou detestável.

Roger conhecia esse tipo de criança. Ele mesmo havia sido uma delas, embora tivesse sido abeçoado com um sistema digestivo que, aparentemente, era superior ao do falecido filho de Dolly. E não havia desistido disso, não até ter encontrado Dolly.

Ele sentou-se sobre os calcanhares. Dolly raramente falava sobre sua família. Ele não podia deixar de conhecer coisas sobre ela, de uma maneira vaga, absorvidas quase que por osmose do meio ambiente. Era como encontrar um vizinho sobre o qual todo mundo falava, mas que nunca se mostrava como vizinho.

Dos poucos quadros da família do apartamento, somente o quadro da mãe de Dolly pintado por Sartoris era tratado com alguma distinção. Isso deixara Roger com faniquito, até que compreendeu o porquê; era do tamanho natural, o mesmo que se estar olhando para o rosto de uma outra pessoa, pelo menos no que dizia respeito à escala.

Matutando sobre a coisa, ele compreendeu também que Dolly não estava consciente disso.

Além disso, a quase total ausência de retratos da família não requeria nenhum conhecimento de psicologia para ser compreendida. Dolly não queria ser lembrada de que o falecido marido, ou o falecido pai, haviam existido um dia. Somente mamãe, o filho falecido e os netinhos, estes três em discretas molduras de prata, em cantos igualmente discretos.

- Ei - disse ele, tentando ser frívolo diante de algo potencialmente perigoso - pensei que os ricos tivessem empregadas para limpar seus pirralhos.

Dolly fez uma careta dentro de uma auréola de fumaça.

- Sabe duma coisa, as coisinhas lindas sempre conseguem se borrar nos dias de folga da babá.

- Que grosseria! - observou Roger sem acreditar no que dizia, virando-se para o carrossel.

- Que fazer a seguir?

- Como assim?

- Que fazer a seguir com relação a ela?

- Vamos fazer com que coma. Tentar recuperar a saúde dela. Isso significa que vamos mantê-la aquecida e dar-lhe algo que fazer.

- Como o quê?

- Ela está acostumada aos exercícios. Devia começar com isso de novo, assim que puder. Devia fazer sua própria comida, ler livros, ouvir música, passear no jardim. Fazer tricô. Merda, sei lá o quê! Qualquer coisa que a estimule. De modo que não se deteriore e fique maluca.

- Ouvir estrelas?

- Dê a isso o nome que quiser. Ela é um ser humano, não um animal de estimação ou um prisioneiro. Precisa ficar ocupada.

Essa palavra ocupada tinha conotações desagradáveis para Roger. Foi o que os alemães fizeram com os franceses e poloneses e metade da Europa, o que os americanos fizeram com os japoneses, os russos com os alemães orientais. O que os vitoriosos faziam com os vencidos. Mas não era isso que ele estava querendo dizer. A coisa saiu assim, como algo que passeia em cima de sua tumba. Ele não gostava disso; a frase escapara de seus lábios.

- Roger, isso é mais complicado do que pensei. Realmente é complicado - queixou-se Dolly.

- É isso que toma a coisa interessante - ele arreganhou um sorriso, embora não pensasse assim. - Ei, talvez ela pudesse fazer as próprias roupas.

- Ela tem que poder. Não posso sair por aí para comprar roupas para alguém que tem trinta centímetros a mais do que eu para você miniaturizar, principalmente quando o FBI e a metade do mundo a estão procurando. Talvez mais tarde. Mas não no futuro imediato.

Essa idéia de o mundo inteiro estar procurando Leyna Shaw fez com que Roger se sentisse engraçado. Ele e Dolly eram delinqüentes.

- Quando diminuir a pressão - disse ele.

Ele queria ter possuído um chapéu-coco e um terno riscadinho. Dolly seria uma grande cúmplice. Ele a chamaria e ela estaria vestida com um vestido vermelho de bolinhas brancas, bem decotado, e sapatos de salto alto bem sexy. Ele compreendeu que ela lhe sorria.

- Em que está pensando? Você está com um ar tão engraçado - disse ela. A ponta de sua língua saiu para fora da boca e tocou o lábio superior.

- É a minha cara - disse ele. - A cara do mundo.

Ela recostou-se contra a porta fechada, os olhos brilhando de especulação.

- Cara - repetiu ela. E Roger sabia que ela entendia tudo de caras.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 9

O quarto estava escuro quando ela despertou. Ficou quieta, fingindo que estava dormindo e ouvindo, caso os Gigantes estivessem vigiando. O tamanho do silêncio convenceu-a de que estava realmente sozinha.

Ignorando a fome atroz, ela tomou um longo banho, prolongando-o até que a água se tornasse tépida. A única luz do banheiro, um adorno antigo em forma de lótus, espalhava um débil e romântico feixe de luz sobre a banheira. Ela estava surpresa por sentir um certo calor emanado pela luz.

Com o frio tomando conta rapidamente de seu corpo, provavelmente porque estava só

pele e ossos, ela saiu da banheira. Pôde ver que suas contusões esmoreciam, pelo menos as da frente do corpo. Apesar do fato de estar pronta para matar por alimento, parecia estar se recuperando.

Examinou-se no espelho da porta do guarda-roupa. Suas costas estavam salpicadas com a mistura fantasmagórica das contusões que se recuperavam. Seus ilíacos ressaltavam-se como bordas de balde de areia de uma criança semi-enterrado na praia. Ela interrompeu o exame com um argh dito em pensamento e pôs-se a desfazer a cama de modo a poder enrolar-se em um lençol.

Dessa vez, ela imaginou um vestido drapejado, com laço. Olhou-se no espelho, assemelhando-se muito com uma fronha andante, depois de dar nós no lençol na altura dos ombros, pulsos e quadris. Enrolou uma fronha de verdade e passou-a em volta da cintura.

- Adeus, lista das mais bem vestidas - murmurou ela.

Pelo menos aquele pano lhe cobria os terríveis ossos.

Abriu a porta que dava para o corredor e saiu do quarto pela primeira vez. Ficou no vão da porta no fim do corredor, um estranho espantalho iluminado por detrás pela luz que vinha do quarto. A luz refletia-se nos adornos das paredes do corredor, no vidro dos quadros emoldurados e em seus olhos, curiosos e selvagens como os de um predador.

Acendendo as luzes à medida em que avançava, ela percorreu vagarosamente o corredor. No fim, virou-se e olhou para trás. Nesse momento, o corredor estava menor, mais curto do que

lhe parecera na semi-penumbra. Era mobiliado de modo simples com uma mesa de tampo de mármore e um par de delicadas cadeiras de braço com assentos de brocado branco. Ela as classificou automaticamente: Duncan Phyfe.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Chegou diante de duas portas. Uma delas, bem no fim do corredor, prometia levar a um outro corredor ou escadaria. A porta à sua esquerda seria ou um quarto de dormir, ou um banheiro, ou uma despensa. Ela abriu-a e espiou na mais completa escuridão. A própria porta abrandava a luz que vinha do corredor. Moveu-se lateralmente no quarto, tentando adivinhar onde estaria o interruptor de luz. Após um momento de pânico de erros e apalpadelas, localizou uma lâmpada. Viu imediatamente que se tivesse andado para a esquerda ao invés de à direita, teria encontrado imediatamente o interruptor da parede.

Uma vez iluminado, o aposento apresentou-se como outro quarto de dormir decorado com gosto e que ela reconheceu, para sua diversão, bem parecido, embora não sendo uma cópia exata, do quarto de Lincoln na Casa Branca. Quem quer que o tivesse feito, tivera pelo menos o bom senso de livrar-se do tapete de retalhos cor-de-rosa que sempre produzira náuseas em Leyna. Devia ter custado uma fortuna para reunir as peças certas, mas gastavam se fábulas de dinheiro em coisas esquisitas e aquilo ali estava feito de maneira muito bonita. Seria difícil achar os móveis certos, mas não impossível. Os Lincolns haviam sido pessoas de muita classe; o gosto que mobiliara o quarto original provavelmente multiplicara-se por dezenas de milhares, se não por milhões.

Ela sentou-se comodamente na colcha de crochê branco. Sra. Coolidge? Ela não conseguia lembrar-se. Preferia ter encontrado a cozinha do que esse quarto de museu de meados da era vitoriana, mas ele serviria para um descanso antes de seguir adiante. As molas rangeram abominavelmente e, sentindo as protuberâncias do colchão, Leyna ficou contente por estar no outro quarto. As janelas, tanto nesse quarto quanto no seu, mostravam-lhe somente a escuridão da noite.

Ela pensou nos quartos que havia visto e nos quais vivera nos últimos dias. Eram

toda a informação que ela tinha sobre o lugar em que se encontrava, sua localização verdadeira. Ela poderia dizer para si mesma: estou aqui, nesse quarto, nesse corredor, nesse banheiro, onde quer que seja. Além disso, eles deviam dizer-lhe onde encontravam-se.

Ela já havia estado em casas como essa, na Virgínia, no Estado de Nova York, na Nova Inglaterra. Eram solares do século XVIII, expressados pelas dimensões dos quartos, as cornijas, a decoração, tributos ao Iluminismo. Casas grandes eram cuidadosamente conservadas ou restauradas à custa de muito dinheiro. Móveis bem-feitos e antigos, verdadeiros e terrivelmente caros eram colocados nelas. A própria Washington era cheia de casas como essa, as residências de todo político de alto escalão, dos legisladores, burocratas, funcionários da alta corte, advogados, diplomatas... a lista podia continuar ao infinito. E ela conhecia pessoal e profissionalmente muitos deles.

Por que deveria estar numa dessas casas e qual dessas casas seria? Tinha a qualidade familiar, o que podia significar que já estivera ali no passado, pelo menos uma vez, mas também podia significar que a casa era apenas um outro exemplo de um tipo de casa no qual ela estivera freqüentemente. Tão fina, tão colonial, tão entendiantemente cuidada.

Leyna foi assaltada pelo pensamento de que talvez conhecesse a casa melhor do que podia recordar-se. Se tivesse machucado a cabeça, poderia ter perdido peças da memória, que poderiam ou não ser recuperadas. Havia muita probabilidade de que o mistério estivesse somente em sua cabeça.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ela fechou os olhos, descansando. Surgiu-lhe uma leve dor de cabeça, que não valia uma preocupação maior, provocada pela fome e de tanto pensar na situação. Para á

frente e, provavelmente, para baixo. Se o passeio valesse a energia nele dispendida, seria melhor haver comida no fim dele. Ela saiu do quarto deixando as luzes acesas.

Uma vaga provocação afastou-lhe a mão do interruptor de luz. Vou deixar que meu hóspede ausente apague essas malditas luzes, pensou ela, ou que ele mande seu monstruoso mordomo, a Mão. Se eu as deixar acesas, talvez Ele perceba que estou aqui.

A próxima porta levou a um amplo saguão e a um elevador em uma cabine de latão.

Depois de acender todos os castiçais da parede, ela chamou o elevador, que rangeu um lamento agourento em sua descida de algum lugar acima dela. Esperando por ele, ela percebeu nervosamente, como que para distrair-se, que o saguão era mobiliado com um par de mesas de coluna, peças encantadoramente federalistas, que sustentavam caros brincabraques. Um guarda-chuva esculpido em latão e uma bengala ocupavam um canto; em outro canto havia um fícus da metade de sua altura.

O elevador chegou e suas portas abriram-se com um barulho de guizos. De repente, sua boca secou - aquilo parecia-se demais a uma boca aberta - e o suor pingou em suas axilas. Ela deu-se uma sacudidela em pensamento e entrou com passos firmes dentro da cabine. O elevador assentou-se abruptamente, enquanto ela agarrava o corrimão de dentro.

O painel indicava 1-2-3-4, mas não havia nenhuma indicação sobre o andar em que ela se encontrava nesse momento. Concentrando-se, ela supôs que deveria ser o segundo andar, pois geralmente é aí que se localizam os quartos de dormir. Ela apertou o botão 2, pensando que se sua suposição estivesse certa, nada deveria acontecer e, então, ela faria uma outra escolha. Mas ela supusera erradamente; as portas fecharam-se com o barulho de guizos e o elevador desceu. Acima dela, a casa de máquinas rangia dolorosamente. E nesse momento, ela recordou-se da história de terror que havia lido em sua lua-de-mel. Era sobre um hotel mal-assombrado, com um elevador que andava sozinho à noite. Vazio. Era como aquele dali, uma curiosidade antiga.

Ela disse para si mesma que estava sendo boba, entregando-se ao nervosismo, à força de uma ficção. O elevador do Overlook Hotel irão existira de verdade, não era mal-assombrado. Trincando os dentes, ela forçou-se a tocar o acetinado frio do latão das portas. Cheiravam a latão, ela não precisava esfregar o nariz nelas para saber disso.

Eram de verdade. Aquilo era apenas um elevador, uma caixa pendurada numa roldana.

Foi uma viagem bem curta. O elevador desceu e parou quase no mesmo instante em que partiu. Aparentemente, ela viajara apenas um andar para baixo. Ela

olhou através da porta pantográfica para a escuridão. Seus dedos demoraram perto do mostrador, querendo apertar o 3 e voltar para território conhecido. Mas o buraco que sentia dentro de si e a insegurança com relação ao elevador persuadiram-na a continuar. Iria enfrentar os segredos daquele andar porque não tinha nenhuma outra escolha. Ela saiu do elevador com cuidado e esperou que sua visão se ajustasse à falta de luz.

Enquanto esperava, pensou com carinho em seu apartamento. Monasticamente mobiliado com uma cama estreita, com um carpete fino azul-marinho que subia pelas Miniaturas do Terror - Tabitha King

paredes até a altura do teto branco, onde retângulos de plástico transparente cobriam modestas lâmpadas fluorescentes, o apartamento tinha poucos segredos. A auto-indulgência de um enorme armário, invisível quando as portas estavam fechadas, era um deles. Ela convenceu-se de que teria de guardar suas bugingangas em algum lugar.

Havia o mobiliário mínimo: o bar, um sofá de módulos, um aparelho estéreo escondido, uma única prateleira com livros de capa dura, todos volumes de boa literatura, sendo que alguns da literatura chinesa e russa, o que mostrava que ela não era somente uma artista que subira na vida, mas também uma pessoa séria. Não havia nenhuma planta, já

que ela achava que poucas plantas domésticas eram dignas de sua manutenção e porque era alérgica a plantas da moda. Não gostava de gatos e achava que era uma crueldade trancar um cão dentro de um apartamento. Isso fazia com que restassem apenas e necessariamente os pequenos 'animais de gaiola como companhia, e um toque de vulnerabilidade.

Após excluir os pássaros por fazerem muita sujeira e os peixes por darem muito trabalho e por serem temperamentais, ela decidira-se por um par de ratinhos-da-índia, fêmeas. Ela acabou descobrindo que eles eram animais bem aborrecidos, dados aos barulhos noturnos, que viviam fazendo cocô e tentando fugir sempre que limpava a gaiola. Assim que atingiram a maturidade sexual, passaram a brigar. Eram batalhas sangrentas que deixavam a gaiola toda suja de sangue e pedaços de rabo. No final, aborrecida com uma dessas guerras noturnas, ela os deu para a filha do administrador do prédio.

A única peça do mobiliário do apartamento que realmente chamava a atenção era

uma mesa rústica irlandesa, presente de casamento de seu marido. Dez pessoas sentavam-se em volta do lustroso mogno oval, inestimável para a conversa, que era não apenas funcional, mas também uma prova clara de seu bom gosto.

Não havia mesas de coluna, nenhuma cômoda, nenhuma mesa quadrada, nenhuma mesinha de vidro. Ela detestava as mesas pequenas. A família de seu marido possuía casas cheias de mesas, com pés em cada quina, como crianças, ou bandos de cachorrinhos. Talvez eles soubessem de algo que ela não sabia sobre o valor intrínseco das mesinhas. Talvez essas malditas coisas valessem tanto quanto ouro em caso de aperto, mas para ela ser rico era apenas a Maldição das Mesas.

Na escuridão do lado de fora, próximo do elevador, ela sentiu que estava em um outro saguão, uma espécie de vestíbulo. Pensou ter distinguido uma balaustrada, como se tivesse chegado em uma escadaria. Andando ao longo da parede, apalpou à procura de um interruptor de luz. Foi uma longa e infrutífera apalpadela, na qual tornou-se íntima de um trecho de papel de parede com brocados e cornijas. Chegou a um canto e virou-o batendo a mão desesperadamente. Em seguida, entrou em contato com uma nova superfície, madeira sólida, de painéis parecidos a uma porta. Sua mão voou instintivamente à altura da maçaneta, tocou a extensão da porta e descobriu a fria esfera de latão. Soltou então a respiração que, sem sabes, prendera em um soluço amargo. A maçaneta girou facilmente. Ainda bem que a porta não estava fechada a chave. Ela abriu-a vagarosamente. Leyna lambeu a transpiração salgada do lábio superior. A sensação de delito era bem forte nesse momento; ela sentia-se como uma menininha que explora a gaveta de roupa da mãe, ou que ouve na penumbra da noite do lado de fora da Miniaturas do Terror - Tabitha King

porta do quarto dos pais.

Uma vez tendo passado a porta, ela explorou a parede mais próxima até que seus dedos encontraram uma lâmina, um retângulo frio de cerâmica, adornado com belos e redondos botões com suportes. Reostatos. Com um sorriso de triunfo, ela pressionou-os todos de uma vez.

As luzes acenderam-se nas armações mais altas. Pequenos sóis parecidos a fashes explodiram em seus olhos que, nesse momento, já estavam acostumados à escuridão.

Ela agachou-se, esquivando-se de algo que não saberia dizer o nome, mas que receava tanto quanto a morte. Os batimentos de seu coração pareciam tremendamente sonoros no cavernoso saguão iluminado por uma série de lustres e por candelabros de pés tão altos quanto árvores novas e que se enfileiravam ao longo das paredes como guardas.

Paredes de mármore branco erguiam-se de um assoalho branco. Os pilares, também de mármore branco e tão largos quanto o peito de um homem, chegavam ao teto branco.

Era ofuscante. Com exceção do tapete vermelho que corria ao longo do aposento, ele era tão frio e casto quanto um mausoléu. Isso fez com que ela tremesse, enroscada no canto, de pés descalços, enrolada no lençol.

Nesse momento, olhando para aquele saguão, ela soube por que fora possuída pela sensação de déjà vu, porque o outro quarto copiava o dê Lincoln e o seu, ela compreendeu então, o da rainha. O lugar era um fantasma da Casa Branca. Estivera entrando e saindo daquele arco muitas vezes e podia compreender o que aquilo deveria ser. O medo abandonou-a, sendo substituído pela perplexidade. Ela ficou atordoada para poder pensar no assunto. Ou talvez estivesse atordoada pela falta de comida. Não poderia pensar nesse momento naquela duplicação maluca. Tinha de localizar contida, manter íntegros corpo e alma, nem pensarem deixar que a mente vagasse à toa.

Ao andar devagar pelo saguão, ela vislumbrou o vestíbulo da entrada, que imitava a entrada norte da Casa Branca. Era bizarro vê-lo vazio até mesmo dos guardas que deveriam estar perto da escadaria particular. Só que a escadaria particular tampouco estava ali. Isso não fez com que ela pensasse no assunto. Leyna avançou através da porta na outra extremidade do saguão, caminhou por um outro corredor curto onde havia uma pesada escadaria de madeira escura. Sabendo o que existia no outro andar, pelo menos em parte, achou que podia ignorá-la por enquanto. Tinha certeza de que não havia nenhuma cozinha lá em cima. Não fazia sentido, em base ao que ela conhecia.

Os interruptores de luz do outro aposento, à esquerda dela, foram encontrados facilmente à luz que fluía do imenso Saguão da Cruz. Ela acendeu-os e girou a maçaneta de um lado da porta dupla. Caminhou pelo que obviamente seria uma sala de jantar. Leyna não notou as belas cortinas das janelas ou o lustro de espelho da mesa. A florescência do lustre e o tapete florido também não foram

notados. Primeiro, ela viu a cesta de frutas em cima da mesa, parte de um surtout-de-table rococó que fora abreviado em uma peça central mais elegante. As cores das frutas brilhando dourado, refletidas na base espelhada do surtout parecido a uma bandeja filigranada, espelhada no fundo e dourada na base e nos lados, fizeram com que ela ficasse de joelhos trêmulos. As cores quentes das frutas eram quase que as únicas cores do aposento, com suas paredes brancas, adornos dourados, tapetes floridos de ouro e prata e móveis de madeira escura.

E o cheiro de maçã, banana, pêra, uva e laranja provocaram a salivação em sua boca, Miniaturas do Terror - Tabitha King

obliterando os outros odores do aposento, do mesmo modo que as cores das frutas tiravarn-lhe os olhos da fria decoração.

Ela apanhou uma maçã bem vermelhinha da cesta. O tato deveria tê-la alertado, pois o peso, a densidade e a superfície não eram corretos, mas ela estava muito faminta. Talvez não pudesse confiar em seus sentidos. Comida. Mordeu-a sofregamente, pensando que adoraria se os sucos escorressem por seu queixo. Bastou uma mordida.

Ela jogou o bocado de massa cheirosa sobre a lustrosa madeira da mesa e atirou a falsa maçã na parede. Ela explodiu suavemente, salpicando o tapete e deixando uma mancha avermelhada na parede branca. Leyna cuspiu pedacinhos de massa por todo o tapete e, em seguida, a pequena quantidade de saliva que conseguiu juntar. O gosto e a textura da coisa eram como espuma em seus dentes e ela não conseguia livrar-se da massa.

As lágrimas brotaram em silêncio, pingando em sua boca com seu gosto salgado. Ela pegou uma laranja e uma banana com a outra mão e arremessou-as nos retratos da parede. Seguiram-se as uvas, mais maçãs, laranjas e pêras até que o cesto ficou vazio e o quarto salpicado de pedaços de massa e manchas de cor sobre as superfícies brancas e douradas.

Ela desabou em cima de uma das cadeiras estofadas de espaldar alto e afundou sobre as mãos. Elas formavam uma almofada andrajosa, de ossos e nós, quase delgadas o bastante para se poder ver através delas a textura da madeira. Elas confirmavam o problema no qual estava metida. Era impossível deter a torrente de lágrimas. Leyna mergulhou na mais funda tristeza.

Voltando de uma mijadinha, Roger decidiu dar uma olhada nela. Estava tentando

amarrar os cordões da calça do pijama, tarefa quase impossível no escuro, semi-adormecido, quando dirigia-se para o quarto da casa de bonecas. Mijar e espiar, disse com seus botões, dando uma risadinha da própria sagacidade, no mesmo momento em que parava sobre os pés descalços. Os cordões meio amarrados do pijama foram esquecidos por completo. As luzes estavam acesas na Casa Branca de bonecas, não apenas as do quarto dela, mas na casa inteira.

- Ah, merda! - murmurou ele.

No mesmo instante, decidiu que não acordaria Dolly. Ele mesmo verificaria se estava tudo bem. Pela manhã, contaria a ela o que passou.

Primeiro, deu a olhada prometida no quarto de Leyna. Não esperava encontrá-la ali e, de fato, Leyna não estava no quarto. Era como se um exército de prostitutas tivesse travado algumas batalhas em cima da cama. As luzes levaram-no, qual atalho formado por migalhas de pão ao luar, até ela.

Mas encontrá-la não foi alívio algum. Aboletada em uma cadeira da sala de jantar, podia-se ouvir os soluços dela, um leve som de lamento. Havia sido "um grande erro não ter montado alto-falantes e câmaras na casa, pensou ele. Agora, se falasse, com certeza iria amedrontá-la, iria contribuir para o descontrole dela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Por favor - sussurrou ele.

Ela endireitou-se na cadeira e olhou em volta, pronta para sair correndo como um pequeno animal.

- Por favor - ele continuou com a voz suave e baixa. - Que há de errado?

Não houve resposta. Ela continuou sentada, os olhos fixos nos dele que a espreitavam através de uma janela. Ele esperou. Paciência, disse para si mesmo. Era assim que o gato pegava o rato.

Ele examinou o que podia ver no quarto. As peças quebradas das frutas de imitação intrigaram-no. Depois, compreendeu.

- Você está com fome! - exclamou, esquecendo-se de que podia assustá-la.

Ela gemeu, recuando para longe dele.

O Olho piscou rapidamente e desapareceu. Ela quis correr para esconder-se antes que ele voltasse. Mas aquilo a descobriria, ela tinha certeza, e estava tão cansada e faminta.

Talvez a coisa a alimentasse. O pensamento provocou-lhe uma risadinha louca. Ela tinha certeza de que a fome provocava alucinações de Gigantes e suas Partes. E por seu turno, as ilusões de Gigantes alimentavam-na. Não podia fazer nada a esse respeito.

Insanidade.

Roger levou quinze minutos para entrar devagarinho no quarto a fim de apanhar o miniaturizador no armário, para depois dar uma busca na cozinha atrás de algum rango, dar-lhe uma zipada e voltar para a Casa Branca de bonecas. Quando lá chegou, ela estava cochilando, mergulhada em cima da mesa, ainda soluçando de modo irregular em pleno sono.

Era necessário remover uma parede, o que faria menos barulho do que se tentasse abrir uma das janelas. Ele o fez como se fosse um cirurgião que corta alguma coisa repelente no cérebro de alguém. Movendo-se devagar e com gestos suaves, ele empilhou em cima da mesa um sortimento de frutas miniaturizadas, vegetais, um bom pedaço de queijo, pão e um recipiente de seis cervejas Heineken. Pôde sentir a pequena cabeça dela perto de suas mãos. Isso fez com que ele sentisse uma tremenda vontade de tocá-la, de confortá-la.

Mas resistiu, achando que só a assustaria. Uma outra vez.

Para despertá-la, ele fez um pouco de barulho ao recolocar a parede no lugar. Ela mexeu-se convulsivamente, saindo do sono, e viu a saliva brilhando em suas mãos, nos lugares em que babara enquanto dormia. Pela expressão de entorpecimento de Leyna, Roger teve certeza de que ela não havia visto a parede fora do lugar.

Talvez ela nem percebesse se ele deixasse a parede fora do lugar. Ainda tonta, ela fixou Miniaturas do Terror - Tabitha King

os olhos no alimento em cima da mesa. Em seguida, com um suspiro fundo, estendeu a mão para pegar uma banana. Ele reprimiu uma risadinha quando ela

cheirou a banana com cuidado. Desejou ter estado por ali quando ela tentou comer a fruta falsa. A vingança sem querer de Lucy. E isso fez com que ele se admirasse de como o mundo dava voltas. As coisas não eram lá de primeira qualidade, mas certamente ela havia percebido isso. Devia estar muito faminta para avançar nas frutas de massa.

Um bom apetite, ele disse para si mesmo, era um bom sinal. Ela encheu a boca de banana de um modo muito pouco educado. Olhou para ele com seus olhos arregalados que não piscavam e empurrou o último pedaço de banana para dentro da boca. Do mesmo modo que os macacos no Jardim Zoológico. Deixou que a casca caísse em cima da mesa e tirou os olhos da direção de Roger, pousando-os no negócio que tinha à mão.

Uma mãozinha foi direto em cima da cerveja. Roger arreganhou um sorriso irônico. Boa coisa para ela, cheia de delícias. Ele observou-a levantando a garrafa verde e tomando um longo trago. Isso fez com que ele se sentisse um pouco sedento de tanto observar.

Não tão depressa, ele quis dizer para Leyna, saboreie a cerveja. Ela pareceu ter ouvido, sem que ele tivesse dito. Olhou para a garrafa destapada em sua mão como quem nunca havia visto uma e pousou-a na mesa. Mais um bom trago e ela passou as costas da mão sobre os lábios. Depois, pousou a garrafa na mesa, fazendo uma pausa para uma mordida no queijo.

O Olho a vigiava e ela vigiava-o com o canto do olho. Não era o olho de Dolly Hardesty, aquele ali eram marrom e, talvez porque a tivesse alimentado, parecia mais carinhoso.

A fraqueza estava desaparecendo, ela começava a sentir a comida, não apenas enchendo o buraco de seu estômago, mas também mitigando-lhe os músculos trêmulos e diminuindo-lhe a dor de cabeça. Tudo tinha um sabor de maná dos céus. Ela saboreou os gostos, diminuindo deliberadamente a velocidade bom que consumia o alimento.

Terminou a primeira garrafa com um sonoro arroto de satisfação, que lhe trouxe de volta à boca os sabores mesclados da Heineken, banana, pão e do cremoso queijo dinamarquês que ela sempre gostara. A combinação não foi menos maravilhosa dessa segunda vez. Inclinando a cadeira para trás, ela inspecionou os restos da festa.

Após algum tempo de reflexão, decidiu que uma extremidade da peça central serviria como bandeja de três lados. Com o lado sem ponta encostado no corpo, ela poderia transportar com segurança o resto da comida e bebida para o quarto. Um molho de alface tentou escapar rolando para fora da pilha. Ela recolocou-o no lugar e saiu devagar do aposento, levando a bandeja presa na barriga. Foi incrivelmente gostoso voltar para a cama e sugar mais uma cerveja, devorar um pedaço de pão com queijo havarti. No momento em que ergueu a segunda garrafa, achou a situação toda muito divertida. Deu um arroto sonoro e uma risadinha safada.

O Olho que a observara seguiu-a também em seu caminho de volta à cama. Ficou espreitando na janela do quarto, enquanto ela flutuava na súbita e incrível luxúria de um Miniaturas do Terror - Tabitha King

estômago cheio. Ela ignorou-o. Era muito mais divertido dar uma bela cochilada. Se sonhasse como um sol líquido e marrom em uma terra estranha de queijo, pão e bananas de massa, na manhã seguinte teria se esquecido do sonho.

Roger espiou até que ela adormecesse. Até que perdesse a consciência. Não pôde evitar uma risada. A casa de bonecas ainda estava iluminada, como se fosse para alguma diversão estatal. Ele deu uma pancadinha no interruptor principal. De repente, notou que estava com os pés dormentes. Esquecera-se, enquanto observava aquela mulher bem pequenininha, de que era bem tarde e que Dolly, que dormia enquanto ele olhava Leyna, não permitiria que ele acordasse tarde. Ela havia planejado um dia inteiro de ocupação para ele. Andou para a cama, com uma leve ponta de ressentimento surgindo-lhe no coração.

O dia seguinte começou mal. A puta da Ruta reclamara com Dolly que não podia cozinhar, já que os alimentos vitais haviam sido surrupiados durante a noite. Dolly saltou em cima de Roger antes mesmo que ele pudesse dar mais do que uma bebericada em seu café, acusando-o de estar saindo fora da dieta. Exausto, ele mostrou-lhe o estado da sala de jantar, suas paredes ainda emporcalhadas, as frutas despedaçadas como uma abóbora e a prova no quarto de Leyna de que a comida havia ido para ela e não para ele.

- Cerveja! - exclamou Dolly. - Você deu cerveja para ela?

Ela tinha de encontrar alguma coisa com que acusá-lo, sendo ele inocente do primeiro pecado do qual fora acusado.

- Tem muitos carboidratos e é bem substancial - defendeu-se Roger.

- Para mim, ela está com cara de quem desmaiou.

Roger deu uma espiada na janela. Leyna estava deitada na cama, roncando de leve.

Havia um forte aroma de cerveja choca no quarto.

- Você tem de cuidar melhor dela - murmurou ele.

- Eu? Não fui eu quem dei cerveja para ela.

- Não, eu quis dizer que ela está muito magra. Tem de ser alimentada, deve ganhar alguns quilos. E as roupas. Ela ainda está precisando de roupas.

- Vou dar a roupa de correr para ela. Ainda não consegui mais nada.

- E que tal as roupas de bonecas?

Os olhos de Dolly estreitaram-se, enquanto ela pensava rapidamente.

- Vou ver isso.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger baixou os olhos para a xícara de café. Negro e amargo e tão saciador quanto uma golfada de vento.

- Tudo bem - suspirou ele. - Vou até a sala de esportes.

Talvez pudesse dar uma fugidinha e encontrarem algum lugar uma rosquinha com geléia. Não estava prestando atenção nos exercícios. Enquanto seu corpo ocupava-se, ele pensava melhor. Era um fenômeno curioso. Ele gostaria de olhar a literatura científica para descobrir o que estava acontecendo dentro dele. Alguma coisa que tinha a ver com as velhas ondas alfa, sem dúvida nenhuma, mas isso seria o óbvio, o desenvolvimento da superfície. Alguma coisa tinha de disparar essas células do cérebro.

Os exercícios daquela manhã ele dedicou para pensar em Leyna. Estava cada vez mais convencido de que ela deveria ser deixada sozinha para adaptar-se da

melhor maneira possível à nova vida. Ela devia fazer isso por conta própria, só para ter algo que fazer. E

assim, os choques seriam, ah, minimizados. Mas ele estava com muito pouco fôlego para rir da própria piada. Isso mesmo, as paredes deveriam permanecer em seus lugares, as mãos dele e de Dolly deveriam ficar longe da Casa Branca de bonecas. Ela ficava perturbada quando era observada, por isso a observação deles devia ser discreta.

Solução óbvia: miniaturizar câmaras de televisão e instala-las. Dolly se assustaria com as despesas porque ele teria de usar as melhores câmaras a cor e não essas caixas baratas preto e branco usadas na segurança dos bancos. Aquilo era algo que deviam fazer imediatamente.

Talvez ele estivesse tornando-se mole, mas dissipara-se a excitação que sentia no ato de roubar. Tinha Dolly, pelo menos uma parte dela, durante parte do tempo. E tinha também a mulher bem pequenininha e o miniaturizador. Seria o bastante para qualquer homem de juízo.

Dolly acendeu um cigarro, impaciente. Não podia acreditar na reação de Roger. Levar a sério os conselhos de um homem e receber de volta no rosto todas as vezes, como as cinzas de um cigarro.

Roger manuseou as roupas de bonecas que ela comprara e deu uma risadinha. Ele deslizou o dedo indicador e o mindinho para dentro das mangas de um vestido, colocou os dois dedos médios no colarinho decotado e dançou sua nova boneca pela mesa do café. Quando agarrou um par de calças e começou a enfiar os dedos nas pernas, Dolly arrancou-as dele.

- Pelo amor de Deus! - vociferou ela.

- Só estava brincando - desculpou-se ele.

Ele olhou para seus dedos como se tivessem roubado um estranho passarinho.

Dolly dobrou as pequenas roupas e colocou-as de volta à caixa.

- Recebi uma carta da minha mãe - anunciou Roger.

- Que bom.

Dolly não estava muito interessada na mãe de Roger. Um olhar na foto que Roger carregava na carteira deixara claro que ela deveria poupar suas energias.

Roger retirou uma folha de papel bem amassada do bolso da camisa e alisou-a nervosamente no joelho.

- Acho que devia ir em casa para visitá-la - ele disse para Dolly com ar sério.

- Ah, que maravilha - Dolly sentou-se e apertou um cigarro. - Ela está doente ou algo assim?

- Bem, não. Mas acho que devia fazer uma viagem até em casa para sossegá-la. Ela está

preocupada comigo.

As sobrancelhas de Dolly ergueram-se numa expressão de ceticismo.

- Eu também - murmurou ela.

Roger suspirou e passou-lhe a folha de papel. Segurando-a com um pouco de relutância, ela fez uma careta por causa do cheiro de violetas e balançou-a durante algum tempo, como quem tenta arrumar a coisa ou espantar algum inseto.

Estava escrito com uns garranchos finos; ela leu: *Querido Roger,*

Como vai meu neném na Grande Cidade Má? Quando você telefonou na noite anterior, não pude deixar de chorar. Você deve achar que eu estaria acostumada a ser uma velha que vive sozinha agora. Mas quando você ia para a faculdade, sempre vinha para casa nos fins de semana e eu nunca achei que você tivesse realmente, mas realmente mesmo ido embora. Mas não se preocupe comigo. Sou apenas uma velha que vive sozinha, que não tem marido, nem crianças para cuidar.

Estou bem, com exceção dos intestinos que custam para funcionar.

Mas perguntei ao Dr. Silverstein sobre isso e ele disse que era de se esperar

alguma mudança com a idade. Estou com uma moça nova para treinar no escritório e ela é tão burra, mas também o que a gente podia esperar? Ela só está interessada no próprio penteado e no namorado. Acho que posso lembrar-me desse tipo de coisa, velha fóssil que sou, e provavelmente fui boba demais para rejeitar minhas chances de casar de novo depois que seu pai passou para o Outro Lado, mas achei que meu garotinho precisava de mim e eu tinha de pensar em você em primeiro lugar. Obrigada pelo cachecol com a Miniaturas do Terror - Tabitha King

Grande Maçã nele. Fica realmente muito bem com meu terninho rosa e, quando o uso, sinto-me como um velho viajante pelo mundo. As moças do escritório me perguntam se estive em Nova York visitando você e eu digo: "Não, ainda não estive lá, mas espero que Roger me convide a qualquer momento, assim que estiver instalado".

Bem, não vou tomar mais seu precioso tempo, anjinho. Gosto dos cartões-postais que você manda, mas tenho certeza de que gostaria de uma longa carta ou um outro telefonema, ou melhor ainda, dever você

na porta quando voltar para casa à noite depois do trabalho. A janta é uma coisa maçante sem meu garotinho fazendo brincadeiras comigo. Eu simplesmente sento diante do noticiário e não consigo engolir a comida por causa das terríveis coisas que estão acontecendo. Depois, fico sentada vendo os shows até chegar a hora de ir para a cama, sem ter a meu lado nenhuma alma viva para passar o dia. Provavelmente você deve estar saindo com alguma moça bonita, comendo em restaurantes extravagantes e indo a shows.

Espero que você não esbanje seu pagamento. É besteira viver sempre preso a uma pessoa, meu docinho; você deve achar que sou uma velha antiquada, mas um monte de moças não é uma coisa muito bonita, especialmente num lugar como Nova York, cheio de homossexuais e outras pessoas esquisitas.

Bem, vou ver se durmo um pouquinho essa noite para variar (na última quinta-feira à noite, uma mulher que era apenas três anos mais velha do que eu na janela da vida, foi assassinada por um assaltante.

um pervertido ou qualquer coisa assim; era uma professora aposentada, solteira e vivia sozinha). Talvez amanhã eu tenha cabeça para fazer algumas das tarefas de casa. A porta de tela está

quebrada. Se não puder consertá-la, contratarei alguém e tenho medo que seja caro demais. Acho que com meu salário ainda não dá para contratar um jardineiro mexicano.

Pense em sua mãe, filhinho. Ela está pensando em você o tempo todo.

Com amor,

Mamãe,

Dolly terminou de ler a carta com duas manchas vermelhas nas faces, dobrou-a e devolveu-a a Roger.

- Ela sempre escreve assim?

- Essa foi a mais longa que já escreveu - ele guardou cuidadosamente a carta no bolso da camisa. - Não está acostumada a que eu fique longe de casa, pelo menos não durante tanto tempo. Ela depende de mim.

- Você acha que é inteligente de sua parte render-se a esse tipo espalhafatoso de Miniaturas do Terror - Tabitha King

manipulação emocional?

O queixo de Roger assumiu uma expressão obstinada.

- Acho que devia irem casa para acalmá-la um pouco.

- Acha? - Dolly levantou-se e caminhou até a janela para olhar furiosa para uma absorta Manhattan. - Bem, eu não gostaria que sua mãe ficasse agitada e tremelicona.

Foi desolador para Roger. Ele ousara esperar alguma compreensão de Dolly. Não havia sido uma escolha fácil, dividido como estava entre a preocupação por Leyna, a necessidade que sentia por Dolly e o sentimento de culpa em relação à mãe.

Ele deu algumas desculpas.

- Eu devia fechar minha oficina de lá. Existem coisas que eu poderia usar e não é

seguro deixá-las para trás.

A alusão de finalidade em seus planos acalmou Dolly.

- Você vai trabalhar aqui?

- Se pudesse encontrar um cantinho, seria bem legal.

- Também acho. Você não vai ficar fora muito tempo, vai?

Ela só precisava olhar para ele para fazer com que Roger hesitasse.

- Uma semana, no máximo - prometeu ele.

Ela sorriu e recostou-se nele.

- Só não quero que você saia e me esqueça como quem esquece um guarda-chuva ou algo pelo estilo.

- Não existem muitas probabilidades disso, não é mesmo?

Roger pousou os braços em volta dela. Ele era um espião que deixava sua mulherzinha para mergulhar em alguma ação audaz e temerária. Beijou-a de leve para deixar que ela se lembrasse dele naquele momento, um pequeno sorriso esboçado nos lábios, agindo como se ele realmente achasse que poderia sobreviver para a volta.

Quando a porta fechou-se atrás dele, Dolly atirou um vaso chinês que já era velho quando Cristo foi crucificado na cerâmica da lareira. Era a única coisa que tinha para fazer ao invés de atirar nele, de dançar em cima da cabeça dele. Ele estava levando embora o miniaturizador. E se o maldito avião caísse e destruísse o aparelho? O que ela faria? Ele não tinha o direito de levá-lo. Não era justo.

Durante a aula de dança, ela conseguiu atingir um estado parecido ao da calma. O

almoço foi terrivelmente quieto. Ela se acostumara com a cara de bobo de Roger olhando para ela por cima dos abacates e camarões. O lugar parecia tão quieto e

vazio e ela sabia que isso só significava que estava só.

Ela achava que havia perdido para sempre os hábitos das pessoas casadas. Agora não seria capaz de dormir no seu lado da cama durante um longo tempo, já que se haviam desintegrado as invisíveis linhas da propriedade. Com quem ela iria falar, para quem contaria as coisas bobas que aconteciam todos os dias? Ela conhecia esse problema, já

havia passado por ele antes. Era apenas um hábito, consolou-se ela, mais fácil de ser deixado do que o do fumo, com o qual ela emporcalhava a boca e os pulmões todos os dias.

Claro, ela iria sentir falta da hora da cama. Ele tinha uma maravilhosa flexibilidade sexual. Viera para ela em estado de tabula rasa e ela escrevera as diretrizes que deveriam ser tomadas até que, de repente, ele compreendeu. Foi divertido; no entanto, esse tipo de coisa não dura para sempre. Melhor deixar que ele dissipasse seu tempo segurando a melancólica mão da mãe.

Ela arrastou-se até o quarto da casa de bonecas e ficou parada no vão da porta durante um longo tempo. Aquele já não era mais um quarto só dela. Roger o reivindicara, alterara substancialmente sua Casa Branca de bonecas e, ao fazê-lo, tomou-a sua em parte. Era Lucy, mais uma vez, de novo. Lucy era tão circunspecta em sua possessividade. Ela nunca se esquecia quem pagava as contas.

E agora Roger atrevia-se a dizer-lhe como cuidar de sua hóspede.

- Deixo-a sozinha - disse ele. - Ela tem de aprender a viver em um mundo novo.

Dolly girou pelo quarto, inquieta, tentando não olhar para a enorme casa de bonecas.

Quando decidiu que se permitiria mais uma olhada pela janela do quarto, descobriu que o aposento estava vazio. Prestou atenção e não ouviu nada. A porta do banheiro estava fechada. Estaria ela na privada ou não?

Indo de janela a janela, Dolly desejou que Roger tivesse instalado as câmaras sobre as quais andara falando. Finalmente, encontrou-a na Sala de Porcelanas, examinando retratos. Lucy havia descoberto um extraordinário adolescente no Texas para fazer as reproduções dos quadros da Casa Branca. O retrato de Grace

Coolidge que Leyna estava olhando nesse momento era um de seus trabalhos quase sem defeito. Quando Dolly olhou pela janela, Leyna pareceu ter sentido sua presença e virou-se para ela. Nenhuma das duas piscou.

- O vestido vermelho do guarda-roupa - disse Leyna com sua vozinha alta - é esse ali.

Estava bem ruborizada; aparentemente estava excitada e amedrontada com sua descoberta.

- Sim - concordou Dolly. - Sinto por não ter servido em você.

Leyna encolheu os ombros.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Vou conseguir-lhe roupas - ofereceu-se Dolly.

Leyna ficou em silêncio diante do retrato de Grace Coolidge. Já o havia visto antes, no dia em que Matt Johnson lhe dera o Grand Tour. Tratava-se apenas de um golpe publicitário para gerar especulações nas colunas sociais de que ela e o primeiro presidente solteiro desde que Wilson enviuvara, estavam interessados um no outro.

Você me dá uma mão, eu te dou outra e só o público é tapeado.

Nem pensar que todo o corpo da imprensa e sua mãe soubessem que Matt Johnson era um homossexual convicto. As mulheres ficavam atraídas por ele, assim como os homens, porque ele era um sacana bem charmoso, mas sua tendência sexual estava definida claramente. Ele não tinha amigos de nenhum dos sexos, somente aliados, inimigos e parceiros sexuais.

Quando ela começou a identificar o curioso local onde se encontrava, passou pela cabeça de Leyna que, por alguma razão, Matt Johnson resolvera guardá-la em um quarto presidencial para recuperação. Foi um pensamento louco, logo rejeitado. Naquela casa, havia muitas coisas fora do lugar para poder ser a Casa Branca que Leyna conhecera. Não estava bem correta, era como se estivesse em uma outra dimensão, em um outro mundo.

No entanto, ali estava o retrato de Grace Coolidge e todos os padrões de

porcelana que ela vira no dia do golpe publicitário. Porcelana feia, pensou ela então, e agora era da mesma opinião. Isso fez com que se lembrasse de exemplos mais notáveis. Não podia estar enganada.

Esforçou-se para sair da cama com uma leve ressaca e comeu tudo que sobrara da refeição do dia anterior. Foi um tipo esquisito de café da manhã, mas ajeitou as coisas.

Os carboidratos e um quarto de galão de água limpa lavaram-lhe o nervosismo. Tomou um belo banho de banheira e depois enrolou-se no lençol. Estava ficando um pouco molenga e cheirava a cerveja choca, mas era tudo que ela possuía. Penteou o cabelo recém-lavado com uma escova de cabo de prata pertencente ao conjunto que reluzia no tampo da penteadeira. Coisas adoráveis, sensuais em sua graça fria.

O espelho do guarda-roupa revelou-lhe que estava um pouco mais viva. Puxou o lençol para cima do corpo e sorriu. Agora que satisfizera a fome, ela descobriu um novo apetite. Havia sido sempre uma solitária, satisfeita consigo mesma. Não foi um desejo verdadeiro de amizade ou companhia que floriu nela. Apenas a vontade de ver uma pessoa do tamanho dela, inteira e saudável, para corroborar sua própria perspectiva. Não partes de pessoas do tamanho dos gigantes das histórias infantis. Não Olhos, Bocas, Mãos.

Ela reuniu forças para sair de novo em exploração. Aquele silêncio inatural do lugar tinha de terminar. Mais cedo ou mais tarde, a casa teria de dar algumas respostas.

No entanto, o Olho cinzento de Dolly a encontrara na Sala de Porcelana. Leyna perguntou-se que parte de seu cérebro criara aquele Outro, aquele Gigante de olho Miniaturas do Terror - Tabitha King

marrom que parecia ser tão mais carinhoso e gentil com ela.

Quando Dolly retornou com as roupas, viu que Leyna retornara à segurança do seu quarto. Abriu uma janela fazendo barulho e colocou a pilha de roupas bem dobradas no aposento. Em seguida, espiando pelas sombras dos, reposteiros da cama, esperou que a mulher bem pequenininha se vestisse.

Quando os Dedos recuaram para uma distância segura, Leyna apanhou a pilha que estava no chão. Conheceu as roupas no mesmo instante: o short de correr, a

blusa e o sutiã. Ao tocá-los não pôde deixar de abraçá-los. Tratava-se da primeira prova concreta de que ela já havia existido em um outro mundo.

O Olho voltou à janela. Possuída por um sentimento de culpa irracional, Leyna escondeu o pacote de roupas nas costas. Olhou para o Olho, assustada com aquela enorme esfera gelatinosa que a encarava através do vidro. No fim, não conseguiu mais se conter, correu para o banheiro e bateu a porta atrás de si. Foi um grande erro. Ainda encontrava-se fraca demais. O esforço súbito fez com que ela enxergasse bolinhas pretas e vermelhas nas pálpebras cerradas. Ela andou cambaleando e foi sentar-se na privada. Seu estômago dava voltas. Bem atempo, ela virou-se, levantou a tampa da privada e despejou o café da manhã pela goela.

Leyna aconchegou-se na fria superfície da privada e desejou voltar para a cama, a fim de dormir e despertar depois que tivesse passado aquele novo pesadelo. A parede da banheira foi arrancada abruptamente com um tremor e rangidos de rachar os ouvidos.

Ela gritou, mais com raiva do que com medo. Não havia nenhum lugar para se esconder ali no pequeno banheiro, ela estava acuada.

O Olho, que agora fazia parte de um Rosto tão grande quanto a parede do banheiro que substituía, encarou-a. O Nariz tinha o mesmo comprimento dela. A boca grande, aberta e pintada de vermelho respirava diretamente nela. Ela poderia cair dentro daquela Boca como Alice caíra na toca do coelho e nunca mais foi vista de novo.

- Não se esconda de mim! - vociferou Dolly.

Leyna tampou os ouvidos. As lágrimas rolaram por suas faces. O pacote de roupas desvencilhou-se de seus braços e caiu no chão.

Dolly ordenou em um tom de voz mais suave:

- Vista-se que eu ponho a parede de volta.

Leyna gemeu. A saliva desceu por seu queixo. Teve de agarrar a lateral da banheira para poder erguer-se. Os nós que havia dado no lençol estavam firmes e duros. Ao lutar contra eles, quebrou unhas e esfolou ajunta dos dedos. Em poucos minutos, o lençol maculou o chão à sua volta. Ela tremeu violentamente, cobrindo-se com as mãos.

- Ora, vamos, nós somos mulheres - disse Dolly. Depois gritou: - Vista-se.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Leyna começou, tentando recordar-se do que fizera com as roupas. Depois retirou-as debaixo do lençol amarrotado. O sutiã foi a parte mais difícil. Tratava-se de um sutiã

para esportes, sem ganchos para segurar. Tinha de ser vestido com movimentos de corpo. Em seguida, o short e a blusa e ela estava vestida de novo.

- Que coisa mais feia! - repreendeu Dolly. - Você não usa calcinhas como uma boa menina, não é mesmo? Está sempre pronta para o que der e vier, não é?

Leyna balançou a cabeça com energia, negando. Não era uma moça má. Não havia saliva bastante em sua boca para poder explicar suas idiossincrasias pessoais no que dizia respeito à roupa para corrida.

- Você fugiu - continuou Dolly.

Leyna baixou a cabeça.

- Não esperava por isso.

Leyna levantou a vista. Na ponta de um enorme Dedo, os tênis de corrida com as meias enfiadas cuidadosamente debaixo das lingüetas apontavam os dedos vermelhos em sua direção.

Dolly começou a cantarolar enquanto deslizava a parede de volta à ranhura. O som caía em cima de Leyna em ondas contínuas que vibravam como pneumáticos de gigantescos caminhões passando à noite. No silêncio que se seguiu, Leyna pós-se de joelhos. Sua mente era uma tela em branco. Nenhum pensamento claro enfocou-se na parede branca de suas emoções. Ela arrastou-se de mãos e joelhos de volta à cama.

Dolly prendeu a respiração e a observou. Durante longos instantes, ficou de olhos fixos na desordenada forma debaixo da coberta. Ela sorriu, brincando com o maço de cigarro, mas sem acender nenhum. Não tinha vontade alguma de fumar. Pelo menos uma vez, estava se divertindo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 10

A porta de tela estava solta das dobradiças, de modo que ficava completamente fora de prumo. Roger fez uma anotação mental para consertá-la antes de ir embora. Aquilo era apenas um entre meia dúzia de defeitos superficiais espalhados pela casa. Notava-se a ausência dele nos menores detalhes.

Ele deixou cair a bolsa de pano. grosso na entrada e abriu a porta com um empurrão, levando consigo apenas o miniaturizador em seu estojo. A casa estava vazia, silenciosa, fora o gotejar da torneira da cozinha. Ele planejara a coisa dessa maneira, pois queria algum tempo de tranqüilidade para olhar as coisas e criar coragem antes que sua mãe chegasse do trabalho.

Abriu a geladeira. Ela a estocara para seu filho pródigo. Ele hesitou durante um segundo entre um pedaço de pimentão e um pote de ovos em conserva, depois escolheu o pimentão, apanhou uma cerveja e desceu a escada dirigindo-se à Fortaleza da Solidão.

Entre as empoeiradas teias de aranhas do porão, a cerveja desceu como limonada. Ao antever as garrafas vazias que permaneceram na caixa em cima do refrigerador, ele sentiu-se levemente perverso.

Sua ausência notava-se na oficina, na película de pó sobre as bugingangas de sua vida passada: impressões digitais, enferrujados anéis de lata, graxa e manchas de óleo. O

local cheirava a velhice e estava com uma aparência de relaxamento.

Fez um rápido inventário, dando uma busca nos armários e prateleiras, anotando mentalmente o que devia embarcar para o leste, o que devia destruir ou jogar fora. Na manhã seguinte, iria até o mercado ou a uma loja de bebidas à procura de caixas.

Acima dele, a porta de tela abriu-se com um rangido e ele ouviu o clipe-clape nítido dos sapatos da mãe. Alguns cacarecos caíram de sua mão na bolsa, ele agarrou o pimentão.

Roger fechou a porta e subiu a escada correndo e gritando alegremente:

- Mamãe! É você?

Nessa noite eles foram jantar em um restaurante chique situado em um grande e novo shopping center. Ela tagarelou, ele recuperou facilmente o velho hábito de prestar atenção sem escutar. Ele dobrou o cotovelo sobre um bife à caçadora, lambuzou-se de leve com um vinho caro, de sabor acre, e permitiu que o fluxo da conversa dela lhe chegasse como uma carícia. Mergulhado em seus próprios pensamentos ofuscados pelo álcool, mastigando com prazer um naco de alimento raro, ele não percebeu durante algum tempo que ela havia parado de falar. Levantou a vista quando o silêncio penetrou-o e a pegou vigiando-o com um brilho de lágrimas nos olhos.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger limpou a boca, sentindo-se um paciente terminal cujas condições são escondidas dele.

- Alguma coisa errada, mãe? - perguntou, incapaz de pensar em outra coisa que dizer.

Ela balançou a cabeça devagar, com um ar de tristeza. Mas estendeu a mão pela mesa, agarrou-lhe uma das mãos e apertou-a convulsivamente. Roger deixou que ela o apertasse, mas mexeu-se intranqüilo no assento, desejando que ninguém no restaurante percebesse aquilo.

- Só estou contente por você estar em casa de novo - ela disse com voz roufenha.

Depois, enterrou o rosto no lenço e abafou os soluços.

Não havia nada que Roger pudesse dizer naquele momento. E não lhe pareceu ser aquele o momento ideal para dizer-lhe que iria voltar para o leste assim que pudesse reunir seus apetrechos e a acalmasse.

Alguns dias mais tarde, Roger surpreendeu-se dirigindo-se para a loja do Exército da Salvação na rua Redondo. Após livrar-se de uma caixa com seus velhos trastes, ele perambulou pela loja dando uma olhada nas coisas de criança e nas aparelhagens de televisão. Uma mulher manuseou desajeitadamente uma pilha desordenada de roupas de noite de segunda mão, que estavam em cima de uma mesa. Uma outra experimentava uma série de sapatos. Um caixeiro sorria esperançoso para as duas. Roger sentia-se oprimido com o isolamento social, de

uma maneira não muito típica dele. Estava dando suas velhas e confortáveis roupas, disse para si mesmo, sabendo que logo pessoas estranhas as estariam separando da confusão geral para examiná-las com olho crítico. E

estava também extraviado em uma cidade na qual passara a maior parte de sua vida.

Oprimia-o a sensação de que alguma coisa estava acontecendo com ele, algo que ele não poderia deter e que talvez nunca chegasse ao fim, que continuaria para sempre.

Ele passou por uma prateleira de paletós. Acariciou à toa um casaco de pele surrado. Os finos pêlos sedosos passando por entre seus dedos recordaram-lhe o dia em que Dolly o mandara buscar o casaco no armário. Havia um enorme armário no quarto de dormir, cheio de roupas que ela nunca vestia. Nunca se desfazia de nenhuma dessas roupas, de modo que a variação da altura das barras e estilos era uma verdadeira aula sobre as extravagâncias da moda durante algumas décadas. O armário continha um outro armário, uma parte fria nos fundos, onde ela guardava suas peles. Ele entrara pronto para apanhar o casaco certo e voltar, mas a pele caíra como água em seu corpo.

Instintivamente, ele levantou a cabeça procurando cheiros no ar que estava pesado com o cheiro de poeira típico dos paletós, um cheiro estagnado e frio ao mesmo tempo. A claustrofobia criou uma sensação de afogamento, mas era um afogamento maravilhoso, acariciado pelas peles.

Ela ficou impaciente e foi encontrá-lo lá para tirá-lo de seu transe. Ela devia ter adivinhado, pois nessa noite ela permitiu que ele trepasse com ela, enquanto ainda estava vestida com o casaco. Ele fingiu ser um membro da tripulação da nave Enterprise, que estabelecia boas relações interestelares, dessa vez com uma nativa do Miniaturas do Terror - Tabitha King

planeta Lontra.

Isso fora a anos-luz de distância da loja do Exército da Salvação. Ele diagnosticou a coisa como febre espacial, que era de se esperar quando um velho viajante do espaço como ele mesmo voltava ao planeta depois de anos entre as estrelas. Deu um último tapinha no guaxinim pelado e saiu da loja, com esperanças de encontrar o caminho de volta a casa de modo mais fácil do que aquele que o levara a esse lugar de refugo e abandono.

Seu último dia em casa era um dia de trabalho para a mãe, mas ela disse no trabalho que estava doente, de modo que pudesse vê-lo partir. Ela achou que isso era o mínimo que podia fazer, visto que ele trabalhara tão duro pondo ordem na casa. Não havia nada que Roger pudesse dizer que a fizesse trabalhar. Ele não iria partir sem a despedida dela.

No espaço de uma semana, ele fizera os pequenos reparos necessários na casa. Fizera uma revisão no carro dela e consertara o seu, que ficara guardado na garagem enquanto ele estivera fora, para a venda. Após limpar o estúdio do porão, Roger enviou uma série de caixas de aparência inofensiva para o endereço de Dolly em Manhattan e transportou vários carregamentos de uma coisa ou outra para os containers do shopping center Ele fora cuidadoso o bastante para fazer a limpeza enquanto a mãe trabalhava, na esperança de que ela não percebesse. Ele preferia não pensar no que ela sentiria quando descobrisse que o clube de adolescente dele, seu lar dentro do lar, estava vazio agora, com exceção dos móveis manchados e roídos pelos ratos, os jogos empoeirados e as teias de aranha.

Ele pôs a bolsa de pano grosso na entrada da casa. Nada mais havia para levar no carro alugado além do miniaturizador, carregado no peito qual exótico talismã. Sua mãe esperava na sala de estar, escurecida no meio do dia, as venezianas fechadas para encobrir o sol. Ele parou perto da porta e não pôde deixar de contorcer-se, querendo correr, livrar-se dela.

Ela rompeu a tensão silenciosa entre eles com um rápido estalido de dentes, como se aquilo fosse uma linha de costura.

- Você não vai voltar, não é mesmo, Roger?

E ele pensou com seus botões que as mães conseguiam ler os pensamentos.

- Não seja boba, mãe. Vou voltar, sim - mentiu ele.

- Você está levando todas as suas roupas - ela o acusou.

Ele encolheu os ombros.

- Estavam grandes demais para mim. Dei para o Exército da Salvação.

- Seu carro. Você vendeu.

- Eu disse para você. Não vale a pena manter um aqui. Quando vier, posso alugar um.

Ela tinha mais provas para apresentar.

- Você também levou seus livros.

- Dei os livros de criança. Os outros, posso precisar deles, de modo que os enviei para Nova York. É lá que estou trabalhando.

- E onde você vai viver? Você ficará por lá e nunca mais vai voltar - o queixo dela tremeu para dai ênfase à frase.

- Vou ficar por lá enquanto o trabalho durar. Pelo amor de Deus, mãe, um trabalho é um trabalho. Levei meses para encontrar esse e olha que é um bom emprego.

- Não fale assim comigo, Roger. Ainda sou sua mãe. Espero que você me respeite.

- Desculpe, mamãe - murmurou ele.

- Por que não posso ir com você?

Ali estava, a grande pergunta havia sido tirada da manga do paletó. A última coisa que ele gostaria de ouvir.

- Olha, é um tempo duro - ele disse. - Talvez mais tarde, quando eu tiver conseguido um bom apartamento e estiver instalado. Quando pudermos obter um preço decente pela casa. E estou dando bastante duro para que você não tenha que se preocupar em estar trabalhando para os outros - ele não conseguia pensar em outras razões, mas tentou.

Ela observou-o cheia de suspeitas. A expressão do rosto dela dizia para Roger que ela estava aceitando aquelas desculpas tanto quanto aceitara sua defesa por ter sido expulso da faculdade. Por trás da imitação de uma máscara inca, surgiu a acusação: se eles estão dizendo que você está louco, é porque vem agindo como louco, que há de errado em você para jogar fora uma boa educação? Seu pai e eu

nos sacrificamos por você. Como pôde você dar prioridade às suas opiniões?

E a resposta dele na época: eu estava certo. Eles estavam errados. Agora ela era eles. A questão não estava tão nítida.

Ele movia-se com dificuldade em seu pânico crescente. Era um homem adulto; não tinha por que desanimar diante da desaprovação de sua mãe. Era a vida dele, maldição.

E tratava-se também de um começo dolorosamente tardio.

- Trata-se de uma mulher, não é mesmo? - disse ela de repente. Seus olhos arregalaram-se buscando a verdade nos dele. - É por isso que você está tão magro e está com todas essas roupas novas e elegantes.

Roger ruborizou-se.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Mãe! - protestou ele.

Isso bastava como resposta. Virando o rosto para as sombras do aposento, ela tomou conhecimento de que havia perdido a guerra não declarada com o filho.

Ele aproximou-se com cuidado, inclinou-se e beijou a face que ela lhe apresentou.

Estava fria e frouxa, tinha a textura de um pêssego passado. Mas estava seca e isso foi um alívio. Ela estava deixando que ele fosse tranqüilo.

Ele discutiu consigo mesmo enquanto dirigia o carro. Que lugar poderia dar a ela em sua nova vida? Ele também podia estar vivendo em um outro planeta. O que seria de Dolly? Não, ele não podia voltar, de jeito nenhum. Ele evitara as promessas de visitas futuras, como se estas fossem algo contagioso. Isso seria mergulhar no passado, numa cova de culpas. Sua escolha havia sido feita. Um homem tinha de viver sua própria vida.

Finalmente, ele se distraiu preocupando-se com Leyna. Antes de partir ele miniaturizara a comida necessária para urna semana. Não mais do que isso como sinal para Dolly que voltaria quando prometeu, atraído pelo magnetismo de suas

duas bonecas.

Alimentar Leyna tornara-se um problema maior do que eles haviam previsto. Ruta fazia um grande estardalhaço com as invasões de sua cozinha. Ele instalara uma geladeira de bar e um forno de microondas no quarto da casa de bonecas, de modo a poder preparar a comida para sua diminuta hóspede com um mínimo de discrição. Os pequenos utensílios o deixavam bem excitado, ele gostaria de tê-los em seu próprio quarto. Mas logo Leyna ficaria forte o bastante para poder cuidar de si própria, então eles os miniaturizariam e os instalariam na Casa Branca de bonecas.

Roger pensou ansioso que ficaria feliz ao vê-la de novo. Muito feliz. E então, como se fosse uma alfinetada ou picada de abelha, compreendeu que estava pensando em Leyna.

Aquela. era uma comida nova: bife, batatas, verduras, pastéis, com uma rosa num vaso.

Ela pensou nos restaurantes que freqüentara, que colocavam uma única rosa na mesa. E

nesses locais pretensiosos, ela saboreara comidas semelhantes, bonitas e caras, mas com a carne e os outros alimentos cozidos não muito quentes, enquanto os elementos frios repousavam em volta do prato. Alguém que se esquivava do trabalho no forno de microondas e que fazia tudo horas e horas antes para poupar trabalho.

No entanto, ela comeu. Não mandaria a comida de volta, se pudesse. A fome é uma maneira maravilhosa de manter os fregueses na linha.

Parecia que a terrível fome iria chegar a um fim. Ela tinha uma cesta de frutas para as refeições ligeiras, uma lata de doces e uma vasilha de nozes. Alimentada regularmente, descansada por completo e vestida com suas próprias roupas, ela sentia-se recuperada de novo. Surgiu-lhe o desejo de exercícios físicos, aos quais ela estava acostumada havia tanto tempo. Os músculos de suas coxas haviam afinado e ficaram frouxos. As contusões ainda apareciam como manchas, mas sua pele estava pálida demais, os ossos muito proeminentes. Embora já não estivesse com uma aparência de moribunda, ela ainda pensava que seria escolhida para receber um lugar num barco salva-vida. Mas se Miniaturas do Terror - Tabitha King

acostumara com isso, na maioria das vezes ela podia olhar para o espelho sem tremer.

Ela saiu da cama e perambulou pela casa. O lugar era esquisito, causava-lhe arrepios.

Estava tropeçando constantemente em objetos que reconhecia. Mais inquietantes ainda eram os momentos em que esperava encontrar alguma coisa, uma porta, uma escrivaninha, um tapete, mas não havia nada.

Finalmente, ela encontrou a cozinha no andar mais baixo da casa, junto com uma lavanderia equipada para servir um enorme estabelecimento. Tudo tinha um estilo muito estrito do pré-Segunda Guerra Mundial. A lavanderia levou-a de volta à que havia na casa de sua avó em Chicago, com suas enormes pias, ferros de passar roupa e secadores, mas aquela carecia do odor característico, do perfume dos alvejantes, sabão e calor. A imensa cozinha no estilo antigo estava vazia de comida; se tivesse conseguido encontrá-la antes, poderia ter morrido de fome no meio dela. Como a lavanderia, ela não dava mostras de ter sido usada um dia. Desconcertada, ela subiu a escadaria de volta ao seu quarto.

Começou a sentir-se engaiolada. Conseguira vislumbrar pedaços de verde através de várias janelas, mas não tivera forças para aventurar-se lá fora. Sabendo que o Pórtico Sul se abriria para o jardim maior, escolheu este para sua saída.

Pressionando o rosto contra as portas de vidro, pôde ver o verde do gramado, árvores e matagal, circundado por um caminho que passava do lado de fora. Uma mancha de cores estava centrada no verde; ela pensou que isso fosse algum tipo de estrutura fantástica, como a tenda de um circo, ou um jardim florido. Quando abriu a porta, o ar com cheiro de verde veio direto a seu rosto e um som longínquo de música chegou-lhe aos ouvidos. O frescor do ar fez com que compreendesse quanto tempo havia ficado dentro de casa, em aposentos onde o ar não era bem envelhecido, mas sim preservado, como em uma biblioteca ou museu.

Além das distorções do vidro, ela viu que a mancha de cores era um carrossel. Era dali que emanava a música. Sentiu-se atraída por ele, como um ímã; quem poderia resistir a um carrossel? Ficou observando-o enquanto girava, solitário e fantasmagórico. Quando ele diminuiu a velocidade e parou, ela ergueu-se à

plataforma sem pensar.

Após circular a parada, escolheu um cavalo negro para sua montaria. Pretendia sentar-se nele por um segundo ou dois, fingindo que cavalgava e tentando recordar-se das sensações de sua infância, mas o carrossel rangeu, chiou e começou a girar de novo. À

medida em que ele girava lentamente, ela teve tempo para saltar para fora. Mas preferiu não fazê-lo; simplesmente era muito divertido ficar montada em seu belo cavalo negro, cavalgando-o para cima e para baixo, enquanto o vento soprava em seus cabelos. Os cheiros da vegetação intensificaram-se na corrente de ar, como se estivessem tornando-se líquidos durante sua cavalgada. Era magnífico.

Quando o carrossel parou, ela desceu. Algum dia voltaria a cavalgá-lo novamente.

Primeiro, ainda havia muita coisa a ser explorada, muito mais que ela precisava saber e que esse carrossel não poderia contar-lhe. Ele recomeçou a girar, quando ela se afastou.

Pelo visto, ele funcionava automaticamente. Era difícil sair dali. Enquanto esteve parada observando, uma lembrança tentou formar-se, tentou invadir seu cérebro, para logo Miniaturas do Terror - Tabitha King

depois dissipar-se.

Completamente distraída, ela deu as costas para a música e foi passear pegando a direita no caminho. Olhando de longe para a casa de onde saíra, ela ficou desconcertada ao compreender que um espesso grupo de árvores encobria não apenas os anexos da Casa Branca em ambos os lados, mas também os prédios que deveriam ser visíveis naquele lugar. Ocorreu-lhe então que não deviam existir anexos, pois dentro da casa ela não encontrara as entradas que levariam a eles. No entanto, o exterior era mesmo o da Casa Branca, só que menor, mais compacto, era mais a Casa Branca original do que aquela em que entrara como hóspede de Matt Johnson. E claro que foi só o hábito que fez com que ela procurasse pelos marcos familiares em volta da Casa Branca. Se aquela não fosse a Casa Branca, mas sim alguma cópia desta, era pouco provável que ela existisse à

vista na Pennsylvania Avenue.

Isso fez com que sua cabeça ficasse um pouco tonta. Ela começou a caminhar devagar, descendo o caminho e olhando para trás a cada instante. O carrossel não seria um acréscimo aos arredores tão improvável quanto podia parecer; ela mesma testemunhara enormes barracas coloridas erguidas nesse local para festas no jardim. E tampouco estava além da imaginação de Matt Johnson plantar um carrossel inteiro no quintal da Casa Branca.

A confusão em sua mente clareou-se num instante. Ela lembrou-se do curioso desaparecimento do carrossel do Central Park. Apenas alguns dias antes do seu acidente. Isso fez com que ela parasse de estalo com uma dor no estômago, como se tivesse sido socada. Sentou-se abruptamente e cobriu os olhos, tentando resolver o problema em sua mente. Nada daquilo fazia sentido. Seus pensamentos foram atacados por uma feroz dor de cabeça.

Ela estava carregando um punhado de nozes no bolso do short. Quando a dor de cabeça começou a melhorar, ela comeu-as. Pouco a pouco, seu corpo relaxou-se para, em seguida, quando a superfície cheia de seixos do caminho começou a afligi-la, tornar-se desconfortável de novo. Ela continuou, arrastando os pés. Detalhes, disse para si mesma, detalhes que iriam pintar-lhe o quadro da situação, a tempo.

Como nunca havia sido muito interessada em plantas e árvores, era difícil para ela recordar-se do terreno da Casa Branca. O capim ela conhecia quando o via, de todos os tipos, e uma árvore ela reconhecia como uma árvore. Sabia diferenciar uma sempre-viva de uma perecível, um bordo de um salgueiro. Os matagais eram arbustos e as flores ocorriam em diferentes cores e tinham a tendência de ser rasteiras, com exceção das videiras, girassóis e malvarosas. Não era tio burra assim, ela pôde esboçar um sorriso, mas chegava perto. Conhecia as magnólias por seu cheiro e uma rosa é uma rosa, não é

mesmo? Todo esse samba do crioulo doido acabava não sendo capaz de dizer-lhe por que esse jardim, assim como a Casa Branca na qual estava residindo, pareclam estranhamente fora de foco.

Os músculos de suas pernas estavam doendo. Ela diminuiu o passo, saiu do caminho e arrastou-se em direção à cerca de ferro forjado, ansiosa por ver o que havia do outro lado. Um leve pânico, ou possivelmente o punhado de nozes deu

um nó em seu estômago, no momento em que não conseguiu discernir nada além da própria cerca. A Miniaturas do Terror - Tabitha King

necessidade de saber o que havia do outro lado dos limites daquele mundo pequeno fez com que ela continuasse caminhando, embora dissesse a si mesma que precisava relaxar os músculos que protestavam contra o súbito uso. Ela piscou rapidamente com a esperança de ter algo no olho, que ficaria limpo antes que chegasse à grade.

Ao chegar na cerca, tocou-a. Fria, não muito lisa, bem distintamente o que parecia ser: ferro. Seus dedos traçaram os arabescos e retas, as pontas de lança, as barras e flores estilizadas, que evidenciaram-se quase limpos. Com cuidado, ela passou a mão entre os ornamentos de ferro e além deles. As pontas de seus dedos encontraram imediatamente uma superfície fria, dura, lisa. Tateando através das aberturas da cerca, ela seguiu a parede que não podia ver, até o topo da grade e, em seguida, bem além, até uma altura que uma mulher alta poderia alcançar. Recostou-se com todo seu peso nela, sem sentir que a coisa cedia. Olhando fixamente, mas não direto para ela por causa da interposição da grade, Leyna tentou ver do que era feita a coisa e assustou-se ao discenir de repente sua própria imagem terrivelmente pálida. Com raiva e medo, ela golpeou a coisa com a palma da mão. A coisa não se abalou. Foi ela quem chorou.

Após alguns instantes, ela deu as costas à cerca e atravessou o gramado voltando para o caminho, piscando para limpar as lágrimas que, agora sim, obscureciam-lhe a visão.

Continuou caminhando, tropeçando de vez em quando, mas nada mais havia a fazer.

Sentou-se na beira dos degraus. Tinha de haver uma explicação. Se ao menos pudesse parar de gritar mentalmente o tempo suficiente para poder pensar com clareza.

- Que há de errado? - disse a voz estridente de Dolly.

Leyna encolheu-se de medo. Ainda estava com os olhos cheios de lágrimas e piscava rapidamente para clarear a visão, suas sem desejar do fundo do peito ver a criatura que falara.

- Você devia envergonhar-se.

Um hálito quente verteu sobre ela quando Dolly inclinou-se para repreendê-la.

Instintivamente, Leyna protegeu-se com as mãos.

- Olha, tem uma porção de gente por aí que não tem uma casa tão bonita. Uma porção de gente que não tem essas comidas tão gostosas como você tem.

Suas enormes Mãos estavam movendo-se acima, qual pássaros de asas de couro da pré-história. Houve um rangido, um barulho estridente que Leyna aprendera a reconhecer, o som de uma parede sendo movida.

- Olha só para isso! - exclamou Dolly com desgosto. - Que sujeira! Esse quarto está uma verdadeira desgraça! Parece que são porcos que vivem nele.

Uma Mão baixou e agarrou Leyna pela cintura com dois dedos.

Seu grito terminou quando foi descarregada rudemente em cima da cama e o vento afastou-se dela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Não sou sua criada - o discurso prosseguiu. - Trate de limpar esse quarto que está

parecendo um chiqueiro. E agora mesmo! Trabalhei duro para fazer esse quarto bem bonito. Especial. Você não é algo especial, está sabendo? Pelo menos não é agora. Pode começar a trabalhar.

Leyna pôs-se de joelhos e olhou o quarto como se fosse pela primeira vez. O quarto estava desordenado, muito mais desordenado do que ela deixara. A bandeja havia sido revirada e derramara os pratos sujos e restos de sua última refeição em cima do tapete.

Os lençóis haviam sido arrancados da cama. As toalhas que ela pendurara nas barras do banheiro formavam agora uma pilha embaraçada no vão da porta.

- Saia já da cama, sua preguiçosa - um gigantesco Dedo agitava-se em sua direção num gesto impaciente, atingindo-lhe o lado da cabeça e batendo em suas costas.

Ela arrastou-se, agachou-se qual animal acuado nas sombras mais afastadas dos reposteiros da cama. Com os cabelos desalinhados em seu rosto, ela gritou com uma voz fina:

- Não é o meu aniversário!

Dolly deu uma risadinha. Soou como uma onda oceânica quebrando-se nos rochedos.

Uma hora mais tarde, o quarto estava impecavelmente arrumado. A colcha fora colocada na cama. As toalhas estavam penduradas em filas precisas no banheiro. A bandeja foi lavada, enxugada e arrumada com os pratos limpos. Leyna ajoelhara-se no tapete e recolhera as migalhas com a ponta dos dedos, esfregara com um pano de chão as manchas de café, gordura e salada. Mais tarde, tomou um banho completo. Nesse momento, ela estava sentada junto à lareira em uma cadeira Brewster, o assento mais simples disponível, com seu fundo de palha, os braços levantados e o espaldar rígido.

Suas mãos estavam dobradas no colo, seu rosto liso e vazio. A parede foi erguida e removida. Dolly surgiu em seu lugar, uma nova parede que respirava e derramava-se como um tapete.

- Me esqueci - disse ela calmamente - de dar-lhe roupas limpas.

Uma Mão pairou no quarto e deixou cair no tapete uma pilha de roupa de cama e banho.

Com um Dedo, ela fisgou a colcha da cama, desfazendo as dobras e cantos. As toalhas foram arrancadas das barras e espalhadas pelo quarto em um pequeno furacão de pano úmido. Leyna abaixou-se, mas não com a rapidez necessária; o pano úmido atingiu-a de cheio no rosto no movimento centrífugo provocado pelo Dedo. Dessa vez Dolly riu tanto a ponto de dobrar a barriga. Foi como um trem que apita dentro de um túnel.

Começara a Guerra.

Ela despertou no fim da tarde. Havia dormido em cima da colcha, mas Dolly não retomara para fazer uma outra inspeção no quarto. Sua bexiga estava cheia e ela sentia fome.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Havia pouco tempo que ela estivera sem água na casa e, assim, ela não teve dúvidas de que a felicidade era uma bexiga seca em um banheiro que funcionasse. Possuída por um sentimento de quase alegria, ela dirigiu-se ao banheiro e sentou-se na privada. Ocorreu-lhe então que havia algum tempo que não ficava menstruada. Quando o acidente aconteceu, ela estava perto do dia. Achou que o trauma fizera com que perdesse um período. Com toda certeza, agora que estava melhor, o ciclo recomeçaria. Quando levantou-se, com essa questão feminina sem muita importância, levantou a calcinha com uma das mãos e deu a descarga com a outra. O vaso encheu-se com aqueda de água da caixa situada acima.

Que deveria fazer quando menstruasse de novo? Nesse banheiro não havia nada daquilo que seu marido chamava zombando de equipamento feminino. Ela seria obrigada a pedir o que precisava, perspectiva essa que fez com que seu estômago se embrulhasse de pavor. Já era bem ruim ter aqueles Olhos espreitando enquanto ela dormia, se vestia, comia e evacuava.

Ela inclinou-se para lavar as mãos, jogar água no rosto e encher um copo de água da torneira. Sua boca estava ressecada pelo sono; seus pensamentos inarticulados e com uma confusa sensação de ressentimento. De repente, o jorro de água diminuiu quando o copo ainda estava pela metade e, em seguida, gotejou timidamente para logo depois parar por completo. Ela girou as duas torneiras para a posição de abertura máxima.

Nada.

Curiosa, ela foi inspecionar a privada. Havia água, mas desconcertantemente baixa. Ela mordeu o interior do lábio, pensativa. Os anfitriões ausentes eram péssimos hospedeiros. A quem se queixar quando a água faltava? Era demais. para o assunto sem importância de seu ciclo menstrual. Tampouco havia alguém por ali com quem ela pudesse queixar-se sobre o fluxo de sangue que não vinha. Mas o jorro cotidiano daquela casa era mais importante do que seu jorro mensal.

- Merda - murmurou ela.

Deitou-se de barriga para baixo na cama. Uma laranja mitigaria sua sede por enquanto e também recuperaria suas energias. Escolheu uma qualquer e fez um pequeno buraco nela. Sugou-a a seco, divertindo-se à medida em que a casca da

laranja ia murchando, do mesmo jeito que se divertira com o mesmo truque que lhe ensinara o pai quando era criança.

Enquanto chupava a laranja, pensou nos seus problemas de encanamento. A água não era nenhum suco mágico dos canos por onde corria. Tinha uma fonte, uma fonte doméstica, como um poço, ou reservatório, ou melhor uma conexão com os condutores da cidade. Quebrou a cabeça com o problema, mas só conseguiu lembrar-se de uma parte do suprimento de água da Casa Branca. Não era puxada do suprimento de água da cidade, mas sim de reservatórios que eram enchidos por caminhões-tanques que se supriam nas nascentes de Virginia. Esse era um dado inútil. Ela não estava na Casa Branca de verdade. Por mais que esse lugar fosse uma cópia esquisita, tratava-se obviamente de uma reprodução. Com toda certeza, Matt Johnson e seu bando não haviam abandonado de repente a mansão do Executivo para o uso exclusivo dela, assim como também não haviam removido do seu caminho os preciosos e feios escritórios das Miniaturas do Terror - Tabitha King

alas.

Leyna estava entediada. Não havia feito nada de útil durante vários dias, a não ser limpar a casa para aquela Grande Puta. Ela deixou cair a laranja dessecada na cesta de fruta e decidiu que iria dar-se um rápido curso de bombeiro de encanamentos. Poderia encontrar um bloqueio, um vazamento, uma explicação qualquer para o misterioso desaparecimento da água. Não importava que ela tivesse parado tão subitamente quanto começara. Não adiantava pensar no assunto. Era preciso ação. Ela foi procurar ferramentas.

Percorrendo corredores silenciosos e escadarias que levavam aos quartos de serviço do andar de baixo da casa, ela sentiu a pele arrepiar-se com o vazio do lugar. Passar pelo elevados que ela evitava usar agora que tinha forças suficientes para subir as escadas, foi uma prova especial. Ela perguntou-se se não adiantaria assoviar, como se estivesse em um cemitério.

Os armários institucionalmente feios nos aposentos reservados, dedicados às necessidades básicas da mansão, renderam uma chave inglesa e uma lâmina do tipo que ela recordava-se das aulas de arte da faculdade. A lâmina estava estranhamente fora de lugar, mas seria útil, pelo menos para cortar as frutas. Ela dirigiu-se a uma gaveta de guardanapos de linho, apanhou um deles e usou-o para embrulhar a lâmina, depois deixou-a num lado para ser recolhida quando

tivesse terminado. A chave inglesa que tinha na mão evocou-lhe uma súbita sensação de competência, eficiência, de estar trabalhando. Começou uma infrutífera busca pelo acesso ao sistema de água. Havia aposentos para passar roupa, para lavar, para polir a maldita prata, mas nenhuma entrada obscura para um porão mofado cheio de máquinas para a calefação, refrigeração e encanamentos. Nenhuma caixa-de-água empoeirada a ser explorada, enquanto mantinha os ouvidos atentos aos sons que vinham da escuridão.

Desapontada, retomou à cozinha. Ao girar as torneiras em uma das enormes pias de porcelana, não surpreendeu-se por encontrá-las tão secas quanto as do banheiro. Ela pôs-se de joelhos e examinou os canos debaixo da pia. Algumas pancadinhas com sua confiável chave inglesa determinaram que eles estavam vazios. Seguindo os canos até a parede, ela notou que eles penetravam-na em um ângulo levemente voltado para cima.

Era enigmático. O ângulo criaria uma armadilha segura, um bloqueio certo na pia da cozinha, mesmo aos olhos de um amador.

Claro que aquela era uma cozinha singular, absolutamente imaculada, extremamente vazia e obviamente tão virgem quanto um ônibus cheio de freiras. Ela mal conseguia adivinhar de onde vinha seu pão de cada dia. Colocar pessoal num mausoléu como esse seria um problema para qualquer pessoa, exceto para o governo. Evidentemente que suas refeições eram fornecidas de fora.

Ela assustou-se com o pensamento. Sabia muito bem que suas refeições haviam sido fornecidas em várias ocasiões por Gigantes. Mas eles eram invenções de sua imaginação desordenada, os sonhos da doença e do trauma. Era obrigada a supor que seres humanos perfeitamente comuns lhe levavam o rango em bandejas de prata. Era seu cérebro que os colocava na máscara de Dolly e os transformava em monstros.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Levou consigo para o quarto a chave inglesa e a lâmina enrolada no guardanapo. Após esconder a lâmina entre seus colchões, ela esvaziou a cesta de frutas em cima da cama.

A cesta podia ser colocada no banheiro para recolher os pingos dos canos.

Ela martelou e desaparafusou durante uma hora debaixo da pia do banheiro,

tentando tirar a junção dos canos. No fim, frustrada, jogou a chave inglesa no chão e deu um pontapé na cesta atirando-a contra a parede. Houve um barulho oco e a cesta parou com um enorme amassado do lado. De qualquer modo, pelo visto os canos debaixo da pia estavam vazios.

Seus dedos estavam feridos e sujos. Ela olhou para eles com desgosto. Suas unhas estavam uma porcaria, um desastre. Ela teria de encontrar uma tesoura ou tentar coro a lâmina de arte, argh, mais tarde. Mas primeiro iria fazer uma tentativa com o reservatório de água em cima da privada. Se houvesse um pouco de água dentro dele, ela teria o que beber em caso de emergência. As junções do tanque de porcelana separaram-se facilmente. Era surpreendente que não tivessem começado a fazer água.

Na verdade, as junções estavam úmidas; a umidade banhava as juntas. Ela colocou o vaso debaixo e foi recompensada com uma caneca ou duas de uma água que parecia enferrujada, sendo que a maior parte saiu dos canos em cima do tanque e não do próprio tanque. Os canos esvaziaram-se com um gorgolejo de gás e depois silenciaram. Ela guardou o vaso de água dentro do guarda-roupa, longe da vista. .

Isso lhe dera uma idéia de onde poderia estar localizado o suprimento de água. Mas primeiro ela precisava descansar; ela umedeceu a ponta de uma toalha e limpou as mãos e unhas o melhor que pôde. Isso não lhe deixou outra coisa a fazer de imediato, a não ser uma sede definitiva e um desejo cada vez maior de ter algo para comer além das frutas. Ela gostaria de receber um outro bife. Ou um belo sanduíche de presunto. Ou um iogurte de café.

O quarto estava ficando escuro. Ela acendeu as luzes, arrumou a cama com um esmero militar e arredondou os travesseiros. Suas mãos coçavam. Ela estava consciente de sua segunda pele de sujeira, mas tentava ignorá-la com todas as suas forças. Foi examinar-se no espelho do guarda-roupa.

Cabelos emaranhados, uma mancha no nariz. Seu short de corrida estava pendurado frouxamente nos músculos duros. Seu único perfume era o cheiro ácido e envelhecido do próprio suor.

- Argh, argh, argh.

Ela teria se cuspido, se tivesse ainda alguma saliva na boca. Estendeu-se na cama, exausta. A escalada ao topo daquela casa maluca, onde deveria estar a

água, teria de esperar até que a luz viesse de novo.

Pela manhã, o desjejum foi na base de frutas. Ela podia sentir uma úlcera formando-se em sua boca e seus intestinos estavam cheios de gases. Ela foi à privada; teve de ir.

Depois, começou a subir a escadaria à procura de água.

Sem fôlego, suja, coberta de suor, ela chegou ao telhado após uma longa e desastrada Miniaturas do Terror - Tabitha King

busca. Na outra extremidade do telhado havia um tanque branco. Ela arrastou-se até ele, pouco a pouco tomando conhecimento de que ele era semitransparente. Ela podia ver a linha d'água; o tanque estava com três quartos' de sua capacidade cheios de água. Era um longo retângulo, que jazia em seu lado longo e seus cantos eram grossos. Uma das extremidades era mais quadrada do que a outra; quando ela examinou-a, essa ponta pareceu ser quase plana, a não ser por duas covinhas simetricamente colocadas. A outra extremidade ia afilando bem gradualmente e terminava em um dispositivo maciço, que com certeza servia para controlar o fluxo. O registro era imenso. Leyna teve de escarranchar uma perna na tampa do tanque para obter uma alavanca e, em seguida, ralou a pele da palma de sua mão movendo-o. O cano que descia do registro para o telhado soltou um arroto tranqüilizador e a água do tanque começou a borbulhar.

Ela saltou para o outro lado para observar o nível de água do tanque baixar perceptivelmente, enquanto os canos abaixo tornavam a encher-se. Esse lado não era todo branco como o outro, senão que tinha uma inscrição esmaecida. Era ilegível de perto, de modo que ela recuou alguns passos e compôs as peças da inscrição, uma letra de cada vez. L-E-I-T-E-R-I-A e, depois, vinha uma outra linha, onde se lia de cima para baixo: O-A-K-H-U-R-S-T. Letras menores na linha seguinte afirmavam: L-E-I-T-E

espaço S-E-M espaço G-O-R-D-U-R-A. Ela ficou lendo isso várias vezes, durante um longo tempo. Era simplesmente impossível, supôs ela, que alguém tivesse usado um velho reservatório de leite para estocar o suprimento de água da casa. Mas ela nunca havia visto um que fosse semitransparente e que, com toda certeza, era feito de plástico.

Havia um monte de coisas que ela nunca havia visto, ela podia repreender-se, portanto o que provava aquilo? Não muita coisa, mas mesmo assim aquela coisa

ainda se parecia com uma maldita embalagem de plástico de leite. Mais um detalhe para a senhora jornalista.

- Merda - suspirou ela em voz alta. A merda nunca termina, não é mesmo?

Dolly decidiu fazer algo bonito para a pobre Leyninha. Havia dado a ela algo que fazer e fora bem divertido observá-la enquanto a burrinha resolvia seu problema de água.

Bem, Dorothy Hardesty Douglas não era nenhum tipo de monstro sem sentimentos. Ela daria uma recompensa a sua bonequinha.

Começou telefonando para Lucy Douglas que, como seria de se esperar, mostrou-se claramente hostil.

- Deixe-me falar com meus queridinhos - começou Dolly.

- Papai os levou para a piscina.

- Oh! Que piscina é essa?

- A piscina em forma de Y no parque da cidade.

- Hum. Espero que eles não peguem nada por lá.

Lucy irritou-se em silêncio.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Bem, na verdade eu estava mesmo querendo falar com você, querida. Lucy respondeu asperamente.

- Olha aqui, Dolly, eu realmente não estou a fim de falar com você. - Ah, deixa disso.

Não precisa bancar o bebê agora. Vamos ser adultas. Você estava procurando alguma coisa com que se enfurecer desde que eu lhe contei sobre Nick.

- Dolly, olha aqui, não tenho nenhuma lista de queixas. Não valeria meu tempo nem trabalho. Só que não estou me sentindo muito amistosa; eu não quero conversa. E o fato de você ter interferido entre mim e Nick não levou a parte

alguma.

Lucy mordeu o lábio; não tencionava confessar isso.

Isso deu uma pausa a Dolly. Aliás, satisfatória.

- Quer dizer então que você e Nick estão juntos de novo - sua voz saiu fria e divertida.

- Sim, estamos.

- Bem, a vida é sua.

- Sim, é mesmo.

- Isso não é bonito. Realmente. Você sabe muito bem que eu ficaria muito contente se você se casasse de novo. Eu dançaria no seu casamento. Não quero nenhum mas para voei e gostaria de poder convence-la disso.

- O que você quer, Dolly?

Mais uma pausa. Pelos sons de raspagens e barulhos abafados, Dolly deveria estar procurando um cigarro, sem importar-se com a conta do telefone. O clique e o sopro da isqueiro dela, uma súbia aspiração e imediata expiração confirmaram a suposição de Lucy.

Finalmente

- Bem, na verdade não é para mim. É para uma amiga. Ela viu as reproduções que você

fez dos vestidos de Grace Coolidge e de Angelica Ven Buren. Ela me pediu para te perguntar se podia fazer algumas roupas de boneca.

Lucy já sabia que não queria fazer mais nenhuma roupa de boneca e suspeitava de que a amiga de Dolly fosse na verdade a própria Dolly, mas não pôde deixar de perguntar:

- Você quer dizer, reproduções de períodos?

- Não. Simplesmente, roupas contemporâneas de criança.

- Ah.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Em uma escala levemente maior do que a das duas peças que você fez para mim.

- Humm. Parece interessante. Quem é ela?

Ela esperou pacientemente para ver se Dolly iria continuar com a mentira,

- Ninguém que você conheça - disse Dolly alegremente.

O sorriso inflexível de Lucy foi insinuado no tom de sua voz:

- Ah, deixa disso, Dolly. Não sou uma idiota completa. Você sabe mentir melhor. Por que você está querendo roupas de boneca? Achou alguém para fazei as bonecas para você, que não sabe fazer as roupas?

A gargalhada metálica de Dolly congelou o ouvido de Lucy.

- Puxa, como você é esperta, hem? Bem, achei que você não iria trabalhar para mim de novo, isso é tudo. Você guarda mesmo rancor, não é? Sim, consegui algumas bonecas.

Não, a pessoa que fez não sabe fazer as roupas.

- Bem, eu também não posso. Estou muito ocupada por enquanto. E você tem razão, eu guardo mesmo rancor. Não quero trabalhar mais para você.

Lucy revirou os olhos com o longo suspiro de sofrimento de Dolly.

- Claro, se você pensa assim... Nick deve estar mantendo você bem ocupada - houve uma pausa venenosa. - Me diga uma coisa, ele está um pouco melhor na cama do que costumava ser?

Lucy atirou o fone no gancho.

- Foda-se - disse calmamente para o aparelho.

Dolly, que ouviu o barulho de discar, deu outra gargalhada, mas não muito

divertida dessa vez.

- Foda-se - disse para a linha aberta. Em seguida, desligou.

Tragando furiosamente o cigarro, Dolly caminhou com passos largos até o quarto da casa de bonecas para espiar Leyna que se despia no banheiro. A água corria na banheira.

Mas enquanto espiava, seus pensamentos estavam em Lucy. Para Lucy, fantasiou ela, gostaria de ter .um belo caldeirão de água fervendo. E cada vez que aquela puta a sacaneasse, ela acrescentaria um veneno mais doloroso ainda. Começando com Harrison, o casamento deles e sua morte. Os netos que foram levantados ao seio farisaico da classe média por Lucy e seu pai caduco. E suas visitas tão graciosamente, tão regularmente permitidas pela querida Lucy. Por tudo que haviam discutido durante a renovação da Casa Branca, porque Lucy, a perita, tinha os seus padrões. Sem se Miniaturas do Terror - Tabitha King

importar com quem estava pagando a mercadoria. Indicando tudo, enquanto Dolly assinava os cheques. E o negocinho do amigo Nicholas. Ela o merecia e ele a ela e Dolly desejava que o corpo mais jovem de Lucy destruísse o sacana.

Agora não teria roupas novas para sua bonequinha, a menos que conseguisse persuadir Roger a compra-las e miniaturizá-las. Ele iria dizer que isso ainda não era seguro. Ele que se foda também; ele que fique segurando as mãos da mãe e que chupe suas tetas de melancia estragada.

Tudo isso fez com que ela se sentisse bem irritada.

Quando a parede foi retirada, Leyna estava ensaboando-se na banheira. Ela estremeceu, mas lutou para controlar o pânico. A Gigante Dorothy estava de olhos fixos nela.

- Esse lugar está fedendo.

- Faltou água - gritou ela.

Sentando-se ereta na banheira, ela ergueu um punho ensaboado, num gesto de raiva impensada. A acusação era verdadeira. Ela havia lavado o banheiro, mas o fedor continuava, era um fantasma que demorava a desaparecer, que ainda enchia o ar com seu cheiro podre. A banheira estava cheia de espuma de sabão,

em parte para limpar a sujeira dela, mas principalmente para perfumar o ar.

Dolly fez ouvidos de mercador para a defesa dela.

- Fede como uma gaiola cheia de ratos.

Uma Mão pairou no ar e desceu. Leyna ouviu as roupas de cama sendo separadas.

- Onde está minha cesta de frutas? - perguntou Dolly.

Sem esperar por resposta, ela bisbilhotou debaixo da cama, fazendo barulho, depois na cômoda e, finalmente, no guarda-roupa.

- O quê! - vociferou ela. - Está amassada.

Leyna tremeu durante a pausa esbaforida da repreensão de Dolly.

- Você vai ser castigada por isso - grunhiu Dolly.

Foi como a queda de um trovão em cima de Leyna. De repente, a água da banheira ficou fria e viscosa.

Uma Mão passou pela porta aberta do banheiro rebocando roupas de cama como se fossem fantasmas oscilando. Retornou imediatamente; houve um baque surdo no assoalho quando as roupas foram soltas.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Limpe esse lugar, sua puta preguiçosa, que vou trazer seu café da manhã.

Leyna pulou para fora da banheira e enxugou-se rapidamente com as mãos trêmulas.

Seu short e blusa estavam sujos. Ela havia planejado lavá-los na água da banheira. Não havia tempo para enrolar uma toalha no corpo, então ela fez a cama rapidamente, ainda nua.

A Gigante Dorothy retomou, um monstro montanhoso e movente com uma respiração ofegante de matraca. A bandeja que ela trazia tinha um cheiro estranho, como o de capim.

- Assim está melhor - ela disse.

A Mão intrometeu-se no quarto e depositou a bandeja na cômoda. Leyna moveu-se para a frente, observando Dolly. Não queria comer na frente dela. Mas a fome superou suas inibições; ela levantou a tampa da bandeja. Havia uma enorme terrina de algo que se parecia a urna salada seca de verduras cortadas grosseiramente e couve-flor. Tinha um cheiro forte de clorofila. Não havia talheres, pratos, nem bebidas na bandeja. Nenhum condimento. Leyna mergulhou a mão na comida. Era seca, com uma textura parecida à

do papel. Ela agarrou um pouco da coisa e levou-a à boca. Quando mastigou as tiras que ardiam, ouviu a primeira explosão violenta da rouca gargalhada da Gigante.

Ela cuspiu a coisa. Dolly estava espiando.

- Não gostou da palha de gerbo? Da melhor palha da cidade? Sabe, foi feita especialmente para você.

E tornou a gargalhar. E depois outra vez.

Leyna estava convulsionada de raiva. Pegou a terrina com ambas as mãos e arremessou-a na direção da Gigante. Observou a terrina brilhar por um breve instante em seu arco para, em seguida, descer a pouca distância de seu objetivo, caindo no jardim abaixo. A raiva desapareceu, enquanto ela compreendia que talvez não tivesse mais nada para comer, caso a escolha de Dorothy fosse ficar ofendida pelo seu ataque.

A gargalhada de Dolly dissipou-se em seus lábios.

- Calma, calma - repreendeu ela.

Havia um tom de divertimento em sua voz, para alívio de Leyna. Depois, eia desapareceu.

Leyna esperou um longo tempo antes de retirar uma maçã mole e uma banana enegrecida do esconderijo atrás do vaso da cômoda. Partiu a maçã em duas partes usando a lâmina de arte e recolocou uma metade e a banana na cômoda. As bananas, disse para si mesma, podem parecer bosta, mas estão com uma bela aparência dentro de sua casca-estragada. Mas as maçãs quê parecem podres,

geralmente têm gosto de podre.

A metade que tinha na mão, com pontinhos marrons e tudo, não foi tão sem gosto quanto ela antevira. O tempero da fome, pensou ela com amargura, dando uma mordida Miniaturas do Terror - Tabitha King

no meio da metade.

A sombra da Gigante caiu sobre ela de novo, muito tempo depois que ela jogou os escassos e incomíveis restos da metade da maçã na privada. Dorothy chegou com um delicioso cheiro de tomate, alho e azeite de oliva. Sua Mão entrou para colocar uma outra bandeja ao lado da cama. Os ricos odores de massa e molho deixaram Leyna um pouco tonta. Ela correu para a bandeja, a boca cheia d'água, encorajada pela fome.

Sob a tampa de prata, os cheiros deliciosos cumpriam sua promessa: até mesmo as folhas lustrosas de óleo tinham seu próprio aroma delicado. Havia um pequeno prêmio, uma garrafa de Chianti com um bilhete preso do lado. Mesmo faminta como estava, Leyna não pôde deixar de investigar. Correio, pensou ela e sorriu. Desdobrada, a folha revelou uma caligrafia malfeita em apenas cinco palavras: bon appetit, seu amigo, Roger.

- Vai se sujar se comer isso com sua roupa de aniversário - a Gigante repreendeu carinhosamente.

A repugnância pelo enorme ser trouxe à garganta de Leyna um gosto azedo de bílis.

- Deve agradecer a Roger por essa festa. Ele acha que você é bonita.

Leyna tentou ignorá-la, concentrando-se no ato de enrolar a massa no garfo. Um Dedo esticou-se e tocou-lhe o peito esquerdo, antes que ela pudesse afastar-se. Ela saltou para trás, mas o Dedo perseguiu-a sem descanso.

- Tetinhas lindas, lindas. Roger acha que elas são bonitas - a voz da Gigante murmurou em um tom estranhamente vulgar.

O Dedo traçou uma linha invisível para baixo da barriga de Leyna e percorreu os cabelos que lhe forravam o púbis. Abruptamente, com todas as forças que ainda possuía, Leyna enfiou no Dedo o garfo que ainda segurava.

A Gigante grunhiu e retirou o dedo rapidamente. Depois, confortou-se com uma rajada de palavrões.

Atordoada com a própria temeridade, Leyna olhou fixamente para o garfo que segurava.

O momento de procurar abrigo passou antes mesmo de ela pensar no assunto.

Na outra vez a Mão veio rapidamente e empurrou-a para trás com rispidez. Leyna viu gotas vermelhas e brilhantes pingando do Dedo indicador, vermelhas como as unhas pintadas que pareciam escudos, enquanto ela encostava-se cambaleando na cama.

Quando esforçou-se para levantar o garfo num gesto de defesa, a outra Mão entrou no quarto, vindo de cima qual enorme pássaro negro, e arrancou-o de sua mão. A luta teve uma trégua.

- Menina má - a reprovação foi dirigida a Leyna.

Ela fechou os olhos resignada. Se contasse até dez, talvez a Gigante fosse embora. Era Miniaturas do Terror - Tabitha King

mais difícil do que deveria ser. O cheiro de comida pairava em volta dela até que ficou fraca é teve dificuldade para recordar-se dos números. De repente, quando a contagem chegou no sete, a pressão afrouxou e desapareceu.

Com a respiração ofegante, ela abriu os olhos.

E a Mão voltou, em uma mancha. Suas pernas foram separadas com o Dedo escancarando-as sem esforço. Leyna gritou e gritou, mas o Dedo experimentou à

vontade. A Gigante Dorothy cantarolava uma canção de Gigante.

Depois de algum tempo, Leyna foi solta. Ela enroscou-se na cama, o polegar enfiado na boca. O cheiro de espaguete coagulado pesava no ar.

- Por quê, bonequinha - disse a voz estridente de - Dorothy em uma surpresa fingida -você está tão perturbada? Você não gosta de ter cinco centímetros de altura? Pensei que fosse parecer perfeitamente natural para você. Que nem aparecer na televisão, não é

mesmo?

As lágrimas rolaram dos olhos cerrados de Leyna. Tentou contar de novo. Dessa vez a mágica funcionou por completo e a Gigante foi embora.

Ela despertou em meio a uma escuridão total, mas numa consciência completa. Não estava com medo. Podia ouvir o vazio da Casa Branca de bonecas, na qual ela agora sabia que estava aprisionada.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 11

O sono projetara o antigo incidente de menor importância, ao qual se referia todo aquele terror. Dorothy Hardesty Douglas, a rainha dos macacos e sua Casa Branca em miniatura, no dia da festa da fundação no Dalton Institute. A pequena Dorothy queimara todos os seus circuitos porque Leyna atrevera-se a chamá-la pelo nomezinho de princesa que seu pai usava para seu bebê. Tudo isso fora tão sem importância naquele momento, um pouco de felinidade, mera apresentação de garras.

O que ela realmente recordava-se dessa noite eram as poucas horas que serviram de ponte entre ela e o dia seguinte, quando Nick Weiler estava com ela. Sabia que Nick respondera a sua intimação imperiosa porque estivera brigado com sua nova namorada, em parte por culpa de Leyna, e também porque ele queria alguma coisa dela. Aquilo não custara nada à rede, mas ela viu que a coisa não chegou exatamente livre nele. Tudo isso porque ela quis que ele extinguisse por algumas horas o educado assassínio-suicídio de seu próprio casamento.

Não havia pensado muito em Jeff nos últimos tempos. Não por meses, realmente, antes do dia em que fora correr na Alameda, o último dia que considerava agora como de sua vida verdadeira. O estado de seu casamento havia sido um fato da vida que seria resolvido a tempo. Não havia rancor, nem amargura, nem emoções envolvidas nos dois lados. Apenas um acordo que não funcionara, que logo se desfiaria como um suéter malfeito.

Isso era muito pouco importante. Ela tinha seu trabalho. Claro que isso fazia parte do problema. Os dois nunca estiveram muito empenhados no casamento. Ambos tinham seu trabalho. O dele e o dela. Uma separação cuidadosa de carreiras, personalidades, vidas, que logicamente levava a uma separação de seus

corações e corpos.

Agora não havia nenhum trabalho para tirar sua mente do acidente que ocorrera a Leyna e Jeff. Ela tinha de olhar para ele, da mesma maneira que olhava a sua imagem no espelho do guarda-roupa, um monte de escoriações, um cabide de ossos, a pele da cor da lua minguante.

Alguma coisa ruim acontecera com Leyna. De algum modo, Dorothy Hardesty Douglas a deixara louca. Ou a tornara minúscula. Ela afastou essa possibilidade. Estava louca, apenas louca, isso era tudo e sua loucura particular a colocara dentro da maldita casa de bonecas de Dolly.

Nunca mais ela veria Jeff, não no escritório de um advogado para acertar seu casamento como um verdadeiro assunto de Estado, não na mansão amaldiçoada da mãe dele na Filadélfia, em uma mesa de jantar com uma toalha de um quilômetro de comprimento, acompanhada por parentes com cara de cavalo, e também não no apartamento dela, Miniaturas do Terror - Tabitha King

insípido como uma barraca de acampamento, com a preciosa vista para o Potomac. O

casamento dela terminaria, não discretamente, com a promessa de um encontro nostálgico e civilizado em um hotel de luxo para uma última brincadeira acre-doce, mas ali, naquela maluca festa de aniversário de sua própria mente. Em aposentos que arremedavam o Centro do Poder, ao qual ela servira.

Ela saiu precipitadamente da cama e correu para o banheiro. Sentou-se de cócoras na privada e esgotou-se em evasões. Havia um pequeno fato que ela estava guardando, como o esconderijo de frutas passadas que tinha, na cômoda. Dolly, a Gigante Dolly, escarnecera dela. Seria a própria mente dela que estava fazendo isso? Com toda certeza, nem mesmo Dolly tinha o poder de reduzir adultos completamente crescidos ao tamanho de duendes, à estatura de uma boneca, de brinquedo. Era impossível. Os seres humanos não são reduzíveis, não são encolhíveis como ceroulas baratas.

Leyna retornou à bandeja que estava no chão. Já não tinha mais um garfo, então comeu com as mãos e nem pensou na bagunça. O vinho estava momo, com sabor ácido, mas ela o bebeu pelo gargalo, sem tomar conhecimento do copo ao lado.

Seria para sua recuperação, decidiu ela, enquanto engolia a comida gelada em grandes bocados. Ela era o fim do círculo. Ela mesma criara sua louca prisão com os pedaços e peças de um relacionamento antagônico com uma mulher que, no contexto total da vida de Leyna Shaw, não significava absolutamente nada para ela. A Gigante Dorothy era uma metáfora insana; sua existência atual, seu próprio poema louco. Quando começou a suspeitar que estava vivendo uma alucinação irracional, ela teve esperanças de que sua mente se curasse. Agora, com aboca e estômago cheios de tempero, gordura e ácido da refeição, ela pensava que não poderia suportar por mais tempo os terrores que se estava inflingindo.

Quando a luz voltou, havia uma nova bandeja cheia de delícias aromáticas. Não se mexeu para pegá-la. O quarto estava perfumado com os odores de café, croissants, ovos Benedict, morangos com creme. Enroscada na colcha, ela inalou os aromas, acostumando-se com eles. Diminuiu o fluxo de saliva em sua boca; o estômago roncou protestando uma ou duas vezes e, como ela não respondesse, silenciou.

No fim da tarde, ela saiu da cama para esvaziar os líquidos do intestino no frio trono de porcelana. Sentia calafrios, tremia, enquanto arrastava-se de volta à cama, mas não tomou nenhuma água para acalmar sua garganta e limpar a bílis de sua boca. Quando veio a escuridão, ela rastejou pelo chão e foi consumir o conteúdo frio da bandeja do desjejum, a bandeja do almoço composta de lagosta fria com abacate e a morna bandeja da janta, abandonada com as reclamações sobre as dorminhocas feitas pela Gigante Dorothy. Comeu com os dedos, enfiando a comida na boca com mancheias incertas e devorando tudo. Tão logo enfiou goela abaixo o último bocado pastoso de batatas esmagadas que seguiu o último naco fibroso de rosbife, foi assaltada por cólicas. Ela correu para o banheiro e perdeu a maior parte das refeições do dia na banheira, enquanto sofria espasmos de diarréia.

Agarrando-se à pia como apoio enquanto reunia forças para voltar para a cama, ela vislumbrou-se no espelho fracamente iluminado. Havia chagas em volta de sua boca.

Seus cabelos haviam se tornado curiosamente baços e sem cor. Ela os tocou com

cuidado. Alguns fios desprenderam-se em seus dedos. Ela estava perdendo os

cabelos.

Ela gemeu baixinho e começou a chorar. O esquecimento do sono entre os lençóis veio bem mais tarde, uma dádiva descuidada de deuses indiferentes.

Terminou a guerra, ou pelo menos houve uma trégua. Não estava segura, estava doente.

Suas comidas chegavam na hora, silenciosamente, e as intrusões da Gigante Dorothy eram breves e sem ameaças. Às vezes ela ouvia a Gigante cantarolar e tinha medo, mas nada mais acontecia. Dorothy não falava com ela. Os dias começavam a entrar num novo ritmo, mais normal.

Leyna comia pequenas refeições com freqüência e dormia longas horas, na maior parte do tempo, num sono sem sonhos. Quando sentiu-se um pouco mais forte, caminhou pelos aposentos mais próximos, jamais aventurando-se além do elevador. Várias vezes ela prestara atenção nele, mas o elevador jamais se movia. Nos outros aposentos do terceiro andar, ela achou alguns livros e levou-os consigo para passar o tempo. Pouco a pouco as febres e calafrios foram cedendo. Suas evacuações voltaram a algo parecido à

normalidade. Seus cabelos pareciam levemente mais firmes no couro cabeludo. Ela os lavava com muito cuidado e, um dia, sentindo-se especialmente forte, usou a lâmina de arte para cortá-los bem rente.

Dias depois, recebeu de presente algumas roupas que lhe serviram. Eram roupas feias e malfeitas, mas foi uma mudança que a manteve aquecida e bem coberta. Ela divertiu-se ao ver que era exatamente o tipo de roupa com que vestia suas bonecas. Cintilantes, coisas de puta, destinada a realçar uma silhueta plástica, que estava distante, bem distante do saco de ossos que ela era atualmente.

Sentindo-se melhor, atingiu um estado em que podia sentir tédio. Sua inquietação deve ter ficado patenteada na desordem da cama e na bagunça do quarto. Numa manhã, a Gigante Dorothy apareceu para recolher a bandeja do café da manhã e demorou-se percebendo a sujeira. Leyna tremeu. Até ali, sua doença a absolvera dos deveres domésticos.

Mas a Gigante apenas resmungou baixinho e depois, para surpresa dela, disse:

- Tenho um convite para lhe fazer, se você estiver sentindo-se bem.

Leyna observou-a com cuidado, apertando-se nos lençóis, empalidecendo.

- É um presentinho de Roger.

Isso fez com que Leyna se contraísse visivelmente. Dolly percebeu divertida. Sem dúvida nenhuma, ela devia estar recordando-se que pagara caro pelo último presente de Roger.

- Vá lá fora, ratinho-boneca. Seu carro está esperando. Não é um presente meu. Tenho de limpar esse quarto emporcalhado.

A parede começou a mexer-se em suas ranhuras. Leyna deslizou para fora da cama e desapareceu tão rápido quanto pôde no refúgio com paredes da casa. Tinha de aceitar o Miniaturas do Terror - Tabitha King

convite, ela sabia. Não havia como esconder-se. Mas o elevador que antes lhe causara arrepios, era a segurança nesse momento. Dentro de sua cabine, indo para baixo, ela compreendeu que por um momento estava fora do alcance da Gigante.

Tendo chegado ao térreo, não se atreveu a continuar dentro dele. Nesse momento, as atividades de limpeza de Dorothy reverberavam por toda a casa. Aparentemente, ela não havia mentido a esse respeito. Assim, Leyna desceu os corredores vestida com um pijama de lamê dourado com uma fina linha de plástico, que para Leyna era como fio de sutura, irritava-lhe a nuca. De vez em quando, ela olhava para trás por cima do ombro, mas os barulhos de Dorothy continuavam à mesma distância segura.

Saiu da casa por uma entrada lateral, a mesma que na Casa Branca de verdade era usada para discretas visitas diplomáticas e pelo presidente e sua família, quando este tinha uma. Isso significava que ela teria de caminhar em volta da casa até o caminho onde, presumivelmente, estaria "o carro", mas ela poderia passar através do Rose Garden que, pelo menos, dava uma sensação de cobertura ao Pórtico Sul.

A tilintante música do carrossel chegou-lhe aos ouvidos antes que ela pudesse vê-lo. Já

havia ouvido antes, na segurança de seu quarto, e a música a atraíra, convidando-a a cavalgar de novo. Sempre recusara os convites, convencida no fundo do

coração de que numa outra vez a mágica se perderia, talvez para sempre. Vislumbrando suas cores de circo, ela diminuiu a velocidade e encolheu-se o máximo que pôde na cobertura dos arbustos. Mas não havia nenhuma sombra da Gigante Dorothy esperando para atacá-la.

Havia apenas um pequeno carro-esporte, um projétil de cores berrantes, estacionado no caminho.

Leyna olhou para cima. O céu vestia o mesmo uniforme azul de todos os dias. A órbita do sol nunca era visível, embora a luz fosse forte, quente e difusa. Ela vinha e se ia em intervalos regulares. Nunca havia chuva ou nuvens; o jardim permanecia viçosamente verde e colorido graças a um sistema de irrigação que funcionava o dia inteiro. Tudo isso era prova de que aquele era um mundo artificial. No entanto, como era uma prova reunida por seus sentidos suspeitos, ela não podia acreditar.

O carrinho a atraiu. Prometia poder e velocidade. O painel de instrumentos não era do tipo ao qual ela estava acostumada, mas de qualquer modo ela havia perdido a prática de dirigir. Na verdade, ela nunca dominara a caixa de câmbio universal e, agora, notou com nervosismo a alavanca de marcha no chão do carro. Havia algo de intimidante, de suor e de masculino naquele punho de couro negro e no painel. Ela entrou e sentou-se, examinando o painel de mostradores e botões que não compreendia. No fim, começou uma exploração sistemática, experimentando-os. Os limpadores deslizaram pela tênue curva do pára-brisa; as luzes acenderam-se no painel. Encostando-se na meia-lua curva do volante para girar os vários botões, pousou o cotovelo de cheio na buzina. Fez barulho. Ela recostou-se no assento apressadamente.

Nervosa, ela esquadrinhou a linha do telhado da casa. O barulho da buzina podia ter atraído a atenção da Gigante Dorothy. Após alguns momentos de tensão, pareceu-lhe que não havia chamado sua atenção.

Leyna virou-se no assento, fechou os olhos e concentrou-se, acalmando se. Queria do Miniaturas do Terror - Tabitha King

fundo do coração dominar aquele presente esquisito. Abrindo os olhos, fitou a alavanca de marcha. Moveu-a como quem não quer nada, passando as marchas. O carrinho deu um solavanco e depois parou. De repente, teve certeza de que aquele pequeno automóvel estivera estacionado em ponto morto. Isso era novo

para ela. No entanto, nunca antes ela lidara com uma máquina tão potente assim, portanto, pelo que sabia, todas ficavam estacionadas em ponto morto. Ela. moveu a alavanca para a posição mais para a frente. Em seguida, trouxe-a para a posição original. Tinha de chegar à conclusão que se tratava da engrenagem de estacionamento.

Em seguida, retomou o estudo do painel. De modo mágico, sua exploração foi recompensada; a máquina pegou após algumas tentativas de ligar e, depois de uma tossidinha educada, o motor começou a funcionar bem macio.

Tinha um som de motor a diesel, que lhe recordava um Mercedes-Benz que seu marido dirigia na época da faculdade e que agora mantinha guardado na garagem com a esperança de que atingisse um status de clássico.

Ela dançou nervosamente nos pedais e, com muitos solavancos e alguns palavrões de menor - importância de parte dela, conseguiu que o carrinho rolasse em um passo calmo pelo caminho. Foi uma sensação bem agradável passar pelos frescos e doces aromas do jardim, ao longo da estrada de curva leve. Aumentando a velocidade após algum tempo, a corrida fez com que se sentisse quase eufórica. Ela se havia esquecido do quanto um automóvel podia liberá-la. Por trás do surdo barulho do motor do carro, ela já não era mais uma prisioneira, não da Gigante Dorothy ou de sua loucura - isso se as duas não fossem a mesma coisa.

Ao passar por uma ponte de sombras, compreendeu que elas não haviam estado naquele lugar nas primeiras voltas de seu passeio. Levantando a vista, viu Dorothy. Em seguida, sua atenção foi voltada para retomar o controle do carrinho. Ela diminuiu a velocidade e parou, esperando que lhe dissessem que o passeio acabara ou que poderia continuar um pouquinho mais. Enquanto esperava, ocorreu-lhe o quão estúpida havia sido aquela parada. Seria divertido ver se a Gigante podia pegá-la. Mas acabaria a gasolina do carro e ela seria punida. Dissipou-se a ilusão de liberdade quando a sombra e a sua substância pairavam sobre ela.

- Vejo que você sabe dirigi-lo. Você deve lembrar-se de agradecer a Roger por ser tão bom.

Leyna deu uma risadinha. Parecia a mãe dela falando. Ela escreveria um bilhete de agradecimento.

- Esse trecho de estrada não é bem chato? Você não gostaria de passear em algum outro lugar?

Leyna escutou sem entender. O que estaria ela dizendo?

Dorothy mostrou-lhe imediatamente. Uma enorme Mão desceu e, enquanto Leyna encolhia-se de medo tentando dobrar-se no assento, fechou-se em volta do carro e levantou-o. Leyna sentiu um movimento para cima e espreitou pelo canto da porta do Miniaturas do Terror - Tabitha King

carro. Abaixo dela, a Casa Branca na qual vivia, diminuía de tamanho à medida em que ela era afastada. A casa recuou e desapareceu, deixando de ser um ponto ao alcance.

A viagem foi rápida. O carro e sua passageira sentiram resistência debaixo deles quase que imediatamente. A Gigante Dorothy agachou-se ao lado, as correntes quentes de sua respiração fluindo sobre Leyna, aumentando-lhe a náusea que já era bem forte sob seu esterno. E tão rápido quanto surgira, Dorothy recuou a uma distância considerável. Seu cheiro e sons ainda pesavam no ar, mas sua massa tornou-se difusa e azul, como uma montanha em um dia não muito claro.

Leyna tomou a ligar o carro. Ela olhou em volta, enquanto o carro explodia pacientemente, esperando que lhe pusessem uma marcha para correr. A superfície na qual ela estava era lisa, brilhante e dura, cor de tijolo. O céu acima era o mesmo que ela havia visto até ali, só que parecia muito mais distante. O horizonte era completamente plano em todas as direções em volta dela. Quando virou-se no assento, estendendo o pescoço para ver o mais longe possível, Leyna distinguiu formas confusas e cores, mas não saberia dizer o nome de nada que via.

Então, acelerou e partiu, sem imprimir muita velocidade ao carro, lento o bastante para observar o que pudesse. Andou na direção oposta à de Dorothy, não com intenção de escapar dela, mas por desgosto. A fuga era o pensamento mais afastado de sua mente.

Tudo aquilo estava em sua própria mente. Como poderia escapar?

Passou por enormes pilares quadrados que sustentavam um telhado, uma estrutura que teria de ser medida em acres. Havia uma certa familiaridade em suas dimensões, mas nada que ela pudesse compreender por enquanto. Após

algum tempo, passou por mais uma dessas estranhas colunas que roçavam o céu. Esta estava engrinaldada com cabos grossos, o que a fez pensar ferozmente no talo de feijão que Joãozinho escalou. Estava consciente que a Gigante Dorothy andava atrás dela, mas a distância.

Ela parou o carro, sentindo-se subitamente muito cansada. A planície vermelha em volta dela estendia-se a distâncias incríveis. Sua nudez fazia com que parecesse ainda maior e mais abandonada do que era na realidade. Tratava-se de um vasto beco sem saída; não havia parte alguma aonde ir. O lugar era apropriado apenas para as corridas, para as grandes velocidades.

Formou-se em seu peito um nó de raiva e ressentimento. Os presentes dos Gigantes eram sempre serragem na boca. Apenas uma outra forma de tortura, pensou ela cravando a mão na buzina, afundando-a ao máximo. O ruído aumentou numa raiva em crescendo, à medida em que ela bombeava a buzina e, então, quando afrouxou a pressão, houve silêncio.

A massa que era Dorothy estava calada, observando. Por que deveria responder? Era ela quem controlava a coisa.

O diminuto carro deu um solavanco e, em seguida, disparou, transformado num perigoso bólido que virou de frente para Dorothy e foi explodido em sua direção; só que para seus ouvidos, o barulho de explosão que Leyna ouvia era apenas o furioso zumbido de uma abelha. Não podia ver a diminuta face curvada sobre o volante do carro, mas Miniaturas do Terror - Tabitha King

compreendeu nó mesmo instante a intenção da súbita corrida vertiginosa, que a tinha como objetivo final.

Deu uma gargalhada e levantou-se. Deliberadamente, colocou um pé no caminho do pequeno carro, perto demais para que a outra pudesse desviar. O bólido chocou-se contra seu pé. Ela sentiu a pancada. Foi como roçar num móvel, uma dorzinha leve que nem deixaria marca. O carro subiu em seu sapato e parou.

Ela agarrou-se e arrependeu-se imediatamente. O capô estava tão quente que queimava.

Segurou-o com cuidado na palma da mão. Sua diminuta ocupante estava caída pesadamente no assento qual boneca de trapo. O pára-brisa estava modelado com abstratos raios de sol em forma de fendas. A carroceria rosa do carro

apresentava amassados; a extremidade do bólido estava rachada e achatada.

Dolly arrancou o corpo inconsciente de dentro do carro e depositou-o no quarto, em cima da cama com roupa limpa. Dolly puxou para trás os cabelos de Leyna e pôde ver que sua testa estava rósea e inchada. A pele, um pouco rasgada, com algumas gotas de sangue.

- Gelo - murmurou Dolly, enquanto lembrava-se de que Roger esquecera-se de miniaturizar alguns cubos de gelo quando esteve escolhendo alimentos para dez dias de comida para Leyna. Até mesmo um único cubo seria o mesmo que deixar cair na cabeça dela um paralelepípedo de gelo. Além disso, nem pensar na sujeira que ficaria quando o gelo derretesse. Ela mesma teria de esmagar um cubo para usar as peças menores.

- Sua pulguinha boba - ela repreendeu Leyna que ainda dormia.

Enquanto Ruta espreitava às escondidas por cima da capa de sua revista de cinema, Dolly triturava o gelo na batedeira. Isso fez com que ela se sentisse terrivelmente eficiente. Roger lhe deixara o peso dos cuidados com a diminuta hóspede e ninguém poderia dizer que ela não estava cuidando da outra. Esse pensamento gerou uma sonora gargalhada. Ruta tomou coragem para largar a revista e encará-la diretamente.

- Derramei um pouco de cola. Se conseguir esfriá-la, poderei recolher a cola - Dolly disse para ela.

Ruta resmungou, mas pareceu ter satisfeito qualquer curiosidade que porventura tivesse.

No quarto da casa de bonecas, Dolly derramou uma lasca de gelo da cesta que trouxera da cozinha numa das toalhas em miniatura do banheiro de Leyna. Quando colocou o gelo em cima da testa de Leyna, a pequena mulher gemeu tão baixinho que mal dava para se ouvir. Dolly dobrara a toalha formando uma atadura e a coisa pareceu ter ficado boa.

Aquela coisinha pequena iria ter uma tremenda dor de cabeça, isso se já não estivesse com uma, mas a culpa era dela por ser tão descuidada. Que pena que Roger não tivesse miniaturizado uma aspirina também! Talvez ela devesse esmagar uma das suas, mas isso também poderia ser perigoso. A pobre Leyninha teria de sofrer as conseqüências de seu temperamento mau. Isso serviria de lição

para aquela bestinha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Pelo menos Dolly tinha cumprido com seu dever. Merecia um cigarro. Antes de procurar por um, ela foi pegar o carrinho no lugar em que o deixara sem pensar, enquanto cuidava da motorista maluca. O carro estava com uma aparência bem deplorável. . Talvez Roger pudesse endireitá-lo. Ele ficaria muito desgostoso com aquela mulher bem pequenininha, quando visse o que ela havia feito com seu presente.

Dolly não conseguiu reprimir um sorriso provocado por esse pensamento.

Leyna teve mais do que uma dor de cabeça quando veio a si, numa escuridão aliviada apenas pela luz do banheiro, tênue mancha branca que jogava sombras fantásticas no quarto. A dor em sua cabeça era intensa, irradiando-se da enorme contusão que era sua testa. Estava toda contraída, desde a nuca até a base da espinha e em todos os membros.

Ao flexionar os músculos relutantes enquanto continuava deitada à espera de que sua visão se ajustasse à ausência quase total de luz, Leyna inventariou centenas de pequenas dores e fisgadas. No fim, quando se sentou, sentiu os intestinos balançarem, somando seu mal-estar à sinfonia geral de desconforto. Ela andou às apalpadelas tomando muito cuidado em seu caminho até o banheiro, mesmo assim ficou tonta. Colocando a cabeça entre as mãos, enquanto o banheiro girava à sua volta, ela esvaziou os intestinos em um espasmo de ação retardada.

A tontura era tão persistente e constante que ela teve medo de afogar-se e não teve coragem de ensaboar os músculos doloridos na banheira com água quente. De volta à

cama, ficou de olhos fechados. Isso parecia mitigar a vertigem. Ela mergulhou de novo numa modorra febril, cheia de sonhos caóticos, que eram menos sonhos coerentes do que colagens de pesadelos, sublinhados com fortes sensações de dor. Quando despertou, encontrou uma toalha de rosto úmida em seu travesseiro e sugou sua umidade tépida e calmante. A escuridão dispersou-se em um ritmo agonizantemente lento. Num dado momento antes do alvorecer, ela caiu em um sono de verdade.

Despertou com o barulho da parede sendo levantada, mas não abriu os olhos.

Quando a parede foi recolocada e cessou o barulho de intrusão, ela espiou, fingindo que estava despertando. A bandeja matinal já anunciada por seus confortantes aromas de torrada e café, suco de laranja e ovos, assumiu uma forma sólida em cima da cômoda. Perto dela havia uma pilha de pedaços de uma coisa branca dentro de uma sopeira.

Leyna levantou-se possuída de fome súbita. Arrependeu-se prontamente da rapidez de seu movimento; ficou logo tonta e teve de fechar os olhos de novo para esperar que seu corpo superasse a sensação. Os cheiros do desjejum eram de enlouquecer. Havia um leve cheiro ácido em segundo plano que lhe despertava a curiosidade. Assim que pôde abrir os olhos, ela estendeu a mão, mas lenta e cuidadosamente, em direção àqueles misteriosos pedaços de coisa branca. Uma cheirada funda e uma rápida lambida identificaram a coisa: aspirina. De repente, o resto de dor que sentia na cabeça, tão escondida que não passava de música de fundo para o resto de suas dores e fisgadas, pareceu-lhe mais forte, como que querendo aquela poção mágica. Ela mordiscou rapidamente a coisa, odiando o sabor ácido que lhe queimou a boca, e engoliu-o com um gole de suco de laranja. Seguiu-se o café da manhã, uma experiência profundamente satisfatória e substancial. No fim, com o estômago cheio e os pratos esvaziados até

mesmo das menores migalhas, ela compreendeu que a aspirina e a comida juntos

haviam funcionado de maneira mágica. A dor de cabeça e seu séquito de dores de menor importância foram mitigadas, tomando-se apenas uma sensação de desconforto.

Ela sentiu-se forte o bastante para aventurar-se na banheira num longo banho que tanto queria. Mas moveu-se devagar, como um velho, para minimizar a tontura que ainda estava presente. Esmeradamente limpa e vestida, ela arrumou a cama e reclinou-se nela.

A vertigem impedia qualquer outra ação que não fossem os mínimos cuidados consigo mesma. Havia alguns livros à mão, mas ela apenas pôde folheados à toa, deixando-os nas sombras de sua dor de cabeça. Não podendo fazer nada mais para distrair-se, foi forçada a lembrar-se e pensar em sua situação. Não foi agradável, a dor de cabeça tornou-se mais forte.

Estava cansada de estar triste, com dores, náuseas e fome. Achava que vinha sendo torturada como uma mosca capturada por um garoto sádico, desde o dia em que correu pela Alameda, entrando no foco da máquina fotográfica daquele turista. Um par de Gigantes (visões de louca) aparecia a ela e Leyna não via nenhum outro ser humano identificável. Não sentia apenas um desconforto físico, também estava só.

Sua mente racional insistia com ela que o que lhe acontecera naquela estranha imitação da Casa Branca era insano, o produto de seu cérebro descontrolado. E não havia nada de ilógico na divisão de seus pensamentos; era de se supor que os insanos pudessem suspeitar que não estavam sãos. No entanto, suas ilusões eram maravilhosamente consistentes. Fossem elas alucinações, ela teria criado com sucesso um minúsculo mundo, no qual estava aprisionada por gigantes. Os detalhes eram dignos de um romancista.

Talvez ela não tenha percebido sua verdadeira vocação, que não era a de posar diante das câmaras de televisão, mas sim sonhar na máquina de escrever.

Seus dedos arrastaram-se pela colcha de sua cama. Pôde sentir os pontos de costura, os pêlos do tecido. Com os olhos fechados, usava seus outros sentidos para informar-se de seu mundo. O leve aroma do desjejum que ainda pairava sobre a bandeja, e o sabonete do seu banho, o sachê difuso, um pot-pourri de rosas e temperos que perfumava cada gaveta, cada bolsa do aposento. O próprio cheiro dos raios de sol, um pouco empoeirado, reminiscência de um ferro quente, e o calor que irradiava sobre sua pele.

Sentiu o pano debaixo de seu corpo, a madeira lisa do recosto da cama em seus dedos.

Tudo que ela tocava dava-lhe respostas sobre si mesma: seus dedos estavam quentes e um pouco coriáceos nas pontas; uma corrente de ar eriçou-lhes a penugem. O fino tecido da colcha roçou-lhe a pele lisa e, com essa carícia, ela tomou consciência do músculo que jazia denso e aquecido pelo sangue sob a epiderme. Seu short de correr estava apertado nas nádegas e frouxo no gancho, de modo que o ar quente penetrava por ali, chegando aos cabelos do púbis. Ela contraiu o estômago; antigamente, antes de ir viver naquela casa, havia tido um marido e amantes. Eles cobriram-se com a carne dela, quando ela estava vestida como agora com seu short aveludado. Ela tocou seus seios, sentindo-os sedosos e redondos sob a camisa de treino e, de repente, eles doeram, sem que ela

soubesse por quê. Uma carícia de amante, a boca de uma criança sugando o leite, uma faca. As lágrimas rolaram por suas faces, riscando-lhe o rosto de bela estrutura óssea, sua textura aveludada e sem máculas. Ela sentiu o gosto das lágrimas, enquanto o sal umedecia seus lábios macios e lhe fazia bem à mucosa da língua. Seus Miniaturas do Terror - Tabitha King

ombros doíam, sua nuca doía, como se estivessem carregando um peso insuportável, mesmo assim a dor recordava-lhe os músculos, a boa e fiel carne de seu próprio corpo.

Tudo isso vestido por uma pele que era mais maravilhosa em sua textura e propriedades do que qualquer roupa, que respirava e suava, sentindo que tudo ali era para ser sentido.

Trêmula, ela sugou o ar para os pulmões, ouviu as batidas do coração que bombeava o sangue quente através de seu corpo.

- Oh, Deus - lamentou-se ela, abraçando-se, enroscando-se num movimento lento. - Ah, meu Deus.

A agonia passou. Ela encontrou-se ao abrigo de suas emoções (como uma criança após o choro), na paz da exaustão. O almoço havia sido entregue, mas ela só o notou quando os cheiros penetraram além de seus olhos fechados. Ela colocou-se na posição de sentada e, lentamente, comeu a salada de espinafre, os queijos macios, biscoitos e patê.

O vinho era um California Riesling, uma delícia sedosa. Bebendo com moderação, ela sentiu o primeiro copo quase que imediatamente no aquecimento de seus joelhos e coxas; o segundo copo foi seu último. Ela recolocou a rolha na garrafa e escondeu na cômoda. Junto escondeu também o saca-rolhas que, após exames e tentativas, ela descobrira que era cortante o bastante para perfurar-lhe a ponta dos dedos com uma forte estocada.

Enroscou-se debaixo da colcha e fingiu que estava dormindo de novo. Em uma hora, seus ouvidos informaram-na da presença da Gigante Dorothy. A Gigante parecia contente com alguma coisa, estava cantarolando. Soprou no quarto uma lufada de fumaça de cigarro. Leyna virou o rosto para o travesseiro e prendeu a respiração até que a fumaça se dissipasse. Ouviu a Gigante dar uma risadinha ao longe. Quando a bandeja foi embora e o quarto tornou a mergulhar no silêncio, ela continuou, com todas as forças de seu íntimo, tão quieta quanto pôde. Queria

estar segura de que sua inimiga não retornaria imediatamente.

Finalmente, ela moveu-se para fora da coberta, arrumou-a automaticamente e foi à

cômoda apanhar a lâmina de arte e o saca-rolha. Agachada ao lado da cama, ela desligou o abajur da mesinha-de-cabeceira de sua tomada no chão e, com toda paciência, começou a desencapar a pele negra de plástico do fio com a lâmina de arte.

Quando desencapou cerca de três metros de fio, ela enrolou-o em volta do abajur e escondeu-o debaixo da cama. Se tivesse sorte, Dorothy não notaria sua falta.

Após fazer uma arrumação e guardar as ferramentas em seu lugar secreto, ela tomou um banho, ensaboando-se durante um longo tempo e lavando os cabelos com xampu. As tonturas já não eram tão insistentes, mas ela não tinha certeza se estavam realmente diminuindo, ou se ela estava ficando acostumada à sensação de tontura crônica. Após o banho, perdeu algum tempo bisbilhotando o guarda-roupa, que agora estava cheio de roupas de boneca. Como não encontrou nada que lhe agradasse, tornou a vestir o short e a camisa de treino.

Veio a hora da janta, que encontrou-a tirando uma soneca de verdade. Ela despertou com o tremendo barulho da remoção da parede e colocou-se na posição de sentada com um cuidado exagerado.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Tim-tim - cantou a Gigante Dorothy.

Seu perfume era bem forte. Leyna achou que o rosto dela parecia elaboradamente maquilado, uma lua extravagante por cima do traje tremeluzente. Talvez ela tivesse planos para a noite. Isso era conveniente para Leyna, talvez conveniente demais. A Gigante deixou a bandeja da janta, recolocou a parede e foi embora imediatamente.

Era uma enorme e festiva janta: peito de peru, arroz de forno, purê de legumes, ervilhas frescas como doces pérolas de jade, pepinos ao vinagre, rolinhos de massa de centeio e, como sobremesa, manteiga de mel e banana-split. Para beber havia meia garrafa de vinho rosé e um jarro de café. Leyna pôs o vinho de lado e saboreou o rico café e uma frágil xícara de porcelana.

Depois, escovou os dentes e esperou pacientemente pelo retomo de Dorothy. A luz diminuiu e o quarto ficou escuro e silencioso, mesmo assim a Gigante não foi pegar a bandeja. Aquilo não era incomum; todas as noites ela deixava a bandeja da janta. Às vezes podia ficar lá por horas, até que se desse ao trabalho de apanhá-la. A possibilidade de que ela estivesse fora naquela noite encheu Leyna de uma alegria incomensurável.

Com a lâmina de arte em uma das mãos e o saca-rolhas na outra, ela começou a segunda fase da guerra. Começou com os travesseiros, cortando-os até que suas entranhas emplumadas voassem pelo quarto. A seguir, os bordados das duas cadeiras do quarto.

Após cortá-los e trespassá-los, ela foi para a ,cortina das janelas. Foi cansativo, mas divertido, dilacerar os pesados tecidos, arrancando-os das varas para então cortá-los em tiras longas e incorrigíveis. Ao cortar as roupas da cama, ela empilhou-as no meio do quarto.

Suando e arquejando ao lado da pilha, ela compreendeu que até aquele instante havia feito muito pouco barulho.

- Agora, um pouco de música noturna - sussurrou num frenesi.

Ela derramou a bandeja com toda sua porcelana e prata no tapete, fazendo estrépido e estalidos, mas o tapete abafou os barulhos, para desapontamento dela. Ela deu pontapés nas peças de prata, depois parou para pegar a porcelana e atirá-la contra a parede.

Houve um crescendo satisfatório de louça espatifada. Ela parou mais uma vez para prestar atenção no som dos Gigantes aproximando-se.

O quarto ficou quieto e escuro. Ela ligou as lâmpadas do teto, as melhores para a visão.

Agora já era hora de fazer o trabalho de verdade. Ela apanhou o abajur e ligou-o, tomando cuidado para evitar o fio desencapado. Rasgou uma blusa do guarda-roupa e empilhou seus pedaços de náilon e durex em volta da base do abajur e dos fios desencapados.

Leyna guardou a lâmina de arte e o sacas-rolhas no cós da calça, apanhou a meia garrafa de rosé e o resto de Riesling que sobraram de suas últimas refeições.

Parando na frente do espelho, ela examinou-se parecendo satisfeita consigo mesma. Então, fechou a porta do guarda-roupa, apagou as luzes do teto e saiu do quarto, deixando acesos o abajur no Miniaturas do Terror - Tabitha King

assoalho e a luz que derramava-se do corredor entrando pela porta escancarada do quarto para dispersar a penumbra.

À medida em que andava pela casa, vandalizava ao acaso, rasgando o papel de parede, as tapeçarias, as cortinas, pintura e, depois, esculpindo obscenidades na longa e reluzente mesa da sala de jantar presidencial. Ela cravou selvagemente o sacas-rolhas na madeira de móveis, portas, cornijas, molduras e escavou sem sucesso as superfícies de mármore da entrada principal e dos corredores transversais. A garrafa de rosé, bebida à

medida em que ela avançava, lubrificou sua raiva e recuperou-lhe as energias cansadas.

Ela ficou tonta e começou a cair em cima das coisas, a tropeçar nas mesas, vasos de plantas, bustos e cadeiras. Quando cambaleava, o vinho vazava da garrafa aberta e caía nos tapetes.

Ela chegou a rir uma ou duas vezes, mas na maioria das vezes ;procedeu à destruição com uma fúria muda e ofegante. Quando a garrafa ficou vazia, ela usou-a para espatifar um espelho. Com o fim do vinho, ela esgotou a histeria.

Calmamente, ela arrastou uma elegante cadeirinha de balanço a Boston de seu lugar no quarto leste e estacionou-a de modo a poder olhar para o terreno lá fora. As luzes, que iluminavam o lugar à noite, foram acesas automaticamente. Ela pôde divisar o carrossel, silencioso no meio do círculo de grama verde-escura, e as fantásticas formas das árvores e arbustos em volta dele. Desejou saber como fazer para pô-lo em funcionamento. Eram os Gigantes que controlavam o carrossel. Se por algum acaso ele estivesse funcionando, ela teria preferido ficar no quarto e adoraria ouvir sua música. No entanto, ali, ela poderia estragar os tapetes. Na verdade, ela já havia iniciado a destruição da maioria deles.

Um espasmo atacou seus intestinos, mas ela resistiu. Depois, ela levantou-se, caminhou até o centro do aposento, baixou o short e urinou no Aubusson. Isso feito, ela ignorou o cheiro ácido de sua urina e tomou assento de novo. A lâmina de arte ficara um pouco cega pelo uso recente e suas mãos tremiam, mas ela encontrou a veia adequada no pulso esquerdo com pouco esforço. Deixou cair a

lâmina, apanhou a garrafa de vinho branco e sorveu um longo trago. O vinho vazou de sua boca e escorreu-lhe pelo queixo. Sua cabeça estava incrivelmente tonta; foi um trabalho para manter-se equilibrada na cadeira. Ela fechou os olhos e recostou-se. Respirou fundo e pensou que estava sentindo em algum lugar o cheiro de fumaça de cigarro.

- A festa de aniversário de alguém - sussurrou ela. - Parabéns para mim - cantou suave. - Parabéns pra você, querida Leyna... - fez uma pausa para respirar trêmula - ... nesta data querida.

Quis bater palmas para si mesma, mas seu braço esquerdo estava dormente e não respondia ao seu comando, enquanto o direito ficava cada vez mais fraco. Ela abriu os olhos para fixá-los no lustre que pendia do teto qual gigantesco bolo de aniversário.

Pensou que ele tivesse balançado, que as chamas de suas velas falsas tivessem oscilado, mas logo compreendeu que era sua própria visão. De alguma parte de seu cérebro vinham explosões negras para intrometer-se em sua vista. Ela ouviu alguma coisa que poderia ter sido uma torneira pingando, mas seu nariz, estranhamente apurado, disse-lhe que se tratava de um caldeirão de cobre quente. Ela pôde sentir o sangue respingando Miniaturas do Terror - Tabitha King

seus pés descalços. Com grande alívio, recordou-se que aquele não era o dia de seu aniversário.

No quarto do terceiro andar que havia sido seu, a cópia do quarto de dormir da rainha, incandesceram os farrapos de roupa em volta do fio desencapado. O cheiro de ozônio era forte no aposento. No fim, uma leve explosão, ocorrida no momento, em que a roupa sintética foi aquecida ao ponto de combustão pelo fio de eletricidade, provocou as chamas. Havia muitas coisas para serem queimadas; tratava-se de um quarto bem mobiliado. O fogo alimentou-se com as roupas e madeira, cola e tinta, verniz e resinas de madeira. Qual coisa viva, ele respirava o ar que penetrava através das muitas janelas altas e bem proporcionadas. Ardeu durante vinte minutos, antes que os detetores de fumaça da casa de bonecas dessem o alarme, e meia hora, antes que o sistema contra incêndios inundasse automaticamente o aposento.

Era um excelente sistema. O fogo foi rapidamente apagado e os sensores, ao não

detectarem mais fumaça ou calor, desligaram a água. Mesmo com o quarto sendo um miasma debaixo dos pés, que fedia a madeira e roupa carbonizadas e úmidas, mesmo com a Casa Branca de bonecas transformada em ruína encharcada e com o resto da premiada coleção de Dorothy Hardesty Douglas completamente estragado, pelo menos o apartamento e o resto do prédio estavam salvos. Ninguém morreria como conseqüência do incêndio, dentro ou fora da casa de bonecas que já não mais era completamente branca. Leyna morreu, como planejara, de perda de sangue.

Ninguém ouviu os alarmes de fumaça. Criada e senhora estavam ambas ausentes, em missões semelhantes. As paredes à prova de sons entre os apartamentos eram mais do que adequadas. A manhã teria de surgir para expor as obras da noite.

No dia seguinte, Dolly chegou às dez. O apartamento que sempre era quieto, apresentava uma quietude sobrenatural. Ela tremeu involuntariamente e, em seguida, livrou-se da súbita e inexplicável sombra que pairava sobre suas boas sensações. Não se tratava da sombra de alguma coisa de verdade, decidiu ela, era apenas o fantasma da cocaína. Era improvável que Ruta estivesse de pé trabalhando. Ela falara para Dolly na noite anterior que iria ver um novo namorado; sem dúvida nenhuma, estaria de ressaca.

Sem saber que Dolly não tomara o café da manhã fora, Ruta se penitenciaria por não ter estado à mão para servir a Dolly o desjejum.

Dolly, entediada com a vida sem Roger, havia ido a uma festa onde encontrou um ex-namorado, um produtor de discos francês. Armand levava a reboque um garoto bonito e uma coisa levara a outra. Tudo isso fez com que ela se sentisse uma campeã, a expressão que seu pai usava para a egolatria pós-coito. Como poderia imaginar que estava ficando velha? Ela estava apenas começando.

Consultando um espelho, achou que estava parecendo levemente dissipada. Roger chegaria em casa pela noite, mas não havia muito que fazer nesse dia. Poderia dormir o dia inteiro para recebê-lo com o rosto fresco e inocente. Mas primeiro teria de alimentar seu ratinho-boneca. Roger iria perceber os mínimos sinais de negligência. Poderia puni-la, recusando-lhe o uso do miniaturizador, ou recusando-se a fornecer-lhe mais algumas coisinhas.

Não houve nenhuma advertência. O quarto hermeticamente fechado onde ficava a casa de bonecas mantivera seus segredos afastados do resto do mundo, de Ruta, que, de qualquer modo, nunca era bem-vinda naquele santuário sagrado, da própria Dolly, até

que esta girou a chave e abriu o aposento. Ela olhou direto para a Casa Branca de bonecas. Por um instante, não percebeu nada. Depois, o cheiro de carvão úmido chegou-lhe às narinas para, em seguida, atingir-lhe o estômago.

Aproximando-se da casa como uma sonâmbula, ela escorregou em uma poça de água e deslocou a casa de bonecas e sua base. O carrossel estremeceu, sua caixa mecânica de música foi abalada e emitiu uma distorcida e estridente nota de protesto. Recuperando o equilíbrio, Dolly viu a parede leste e o Pórtico Sul carbonizados, onde uma mancha de ferrugem filtrava-se por baixo das portas, passando pelo chão do pórtico e chegando às escadarias. Entorpecida pela descrença, ela estendeu a mão à parede enegrecida pelo fogo. Seus dedos sujaram-se de fuligem; ela limpou-os com desgosto no vestido de festa.

Colocou um dedo na mancha do pórtico e olhou-a fixamente. A água dos extintores não a diluíra porque o telhado a cobrira. Mas não secara; agora o quarto estava úmido.

Estava mais escura do que quando fluíra sangue das veias de Leyna, claro, e havia um forte cheiro de morte.

Dolly só precisou inclinar-se um pouco e olhar para dentro. Leyna escolhera o local óbvio, o andar do meio. Estava caída na cadeira de balanço, como uma boneca abandonada por uma criança que foi chamada para jantar. A cadeira que se encontrava bem debaixo do lustre e de frente para as janelas estava dolorosamente fora de lugar.

Debaixo dela espalhava-se um horrível tapete cor de tijolo e a cadeira estava enlameada com a mesma substância.

A quantidade da coisa era grande demais, pensou Dolly, para um ser tão minúsculo como aquele.

Seu primeiro impulso foi o de esmagar aquele ratinho-boneca, de reduzir a frangalhos o diminuto cadáver, mas ela não teria forças para tocá-la.

- Boa maneira de se livrar - sussurrou ela - bela maneira mesmo. Fico contente por ter destruído você.

Os olhos de Leyna, que nada viam, estavam fixos em sua direção; ela não correspondeu àquele olhar. O pequeno corpo, flácido e branco, parecia agitar-se, como se estivesse transformando-se em espírito naquele mesmo instante. Mas isso era apenas a sensação das lágrimas nos olhos de Dolly, que lhe borravam a visão. Não eram lágrimas de tristeza, mas de raiva.

- Que aconteceu? - disse ele, quando ela mostrou-lhe o pequeno corpo dentro da cigarreira em forma de esquife. Sua voz saiu tão morta quanto a mulher bem pequenininha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

As mãos de Dolly tremiam quando ela pousou a caixa-esquife nas mãos dele. Ela apalpou freneticamente à procura do cigarro que pusera de lado alguns segundos antes.

- Não sei. Ela parecia estar bem. Comeu suas refeições.

Ele parecia não a estar escutando. Seus olhos percorriam febrilmente a Casa Branca de bonecas. Passou os dedos pela cortinas rasgadas, pelas cicatrizes dos móveis, as marcas de carvão, como se fosse um patologista realizando uma autópsia. Quando finalmente lançou um olhar para Dolly, seus olhos acusavam-na.

Ela nada disse em sua defesa, pensando que a melhor defesa era agir como se estivesse chocada e fosse inocente.

Sua mão encontrou o rosto dela num nevoeiro de irrealidade. Ela surpreendeu-se por ter doído. Dolly caiu para trás, contra o sofá. A voz dele golpeou-a com a mesma violência.

- Que merda aconteceu aqui?

- Não sei - ela disse num sufoco. - Acho que ela ficou maluca.

Ele deu-lhe as costas para encarar o cadáver.

- Eu mesma tive que colocá-la na caixa - ela disse aflita.

Ele desviou os olhos para a direção dela, mas pareceu não enxergá-la.

- Quando dei o carro para ela, ela tentou matar-se. Não pude impedi-a. Pois é, quando alguém quer morrer, acaba conseguindo.

Roger sentou-se na cadeira mais próxima com um movimento abrupto e cobriu os olhos.

- A culpa foi sua - explodiu Dolly. - Foi você que fez isso com ela. Você fez alguma coisa errada!

A queda de seus ombros e o rosto escondido exprimiam a secreta convicção dele. Agora Dolly podia ser gentil com ele. Ela andou para mais perto dele e afagou-lhe a nuca com a ponta dos dedos.

- Vamos fazer um belo funeral para ela - murmurou Dolly.

Ele suspirou desalentado.

- Ouça, querido - continuou Dolly - aprendemos um bocado de coisas. Da próxima vez vamos fazer melhor.

Não haveria nenhuma próxima vez, prometeu-se Roger, os olhos fixos na mulher bem pequenininha recentemente falecida em seu esquife de prata.

Dolly sentiu a recusa dele. Isso deixou-a um pouco chateada. Ela tinha de conseguir Miniaturas do Terror - Tabitha King

novos locatários para sua Casa Branca. Quando a casa estivesse reparada, os teria, de uma maneira ou de outra. Roger tinha de obtê-los para ela. Ela trataria de conseguir isso. Só que por enquanto era preciso esconder as coisas e acalmar a evidente dor que ele estava sentindo. Ele esqueceria tudo rapidamente, assegurou-se ela, como uma criança que perde o ratinho de estimação. Ela sabia como fazer para que ele esquecesse o próprio nome, ainda mais em se tratando de uma mulher bem pequenininha. Sabia como.

Os investigadores admitem estar aturdidos com o estranho desaparecimento da jornalista de televisão, Leyna Shaw. Após semanas de intensos esforços em

conjunto dos agentes da lei, não há

nenhum progresso visível no caso. Sem nenhum pedido de resgate autêntico para apoiar a teoria de que Leyna foi seqüestrada por dinheiro ou por terroristas políticos, o foco da investigação mudou-se para a vida privada da jornalista. At também existe uma dolorosa escassez de indícios. Sem filhos e separada do marido, o arquiteto Jeffrey Fairbourne, mas mantendo boas relações com ele, aparentemente a jornalista tinha poucos amigos mais próximos e nenhum relacionamento mais sério em sua vida, embora contasse com um amplo espectro de colegas do meio, burocratas do governo do alto escalão e políticos, inclusive Sua Excelência, o presidente Matt Johnson. Inevitavelmente, seu desaparecimento provocou boatos que foram negados por nada mais nada menos que uma pessoa que está a par dos acontecimentos, a mãe do presidente, a viúva Harriet Caithness Johnson, como sendo "fofocas. A moça e Matthew eram apenas bons amigos". O ex-marido tem su própria informação a esse respeito..- ele afirma que Leyna lhe disse que Sua Excelência havia feito mais de uma visita d meia-noite ao aconchegante apartamento dela perto do Potomac. Fairkurne planeja revelar suas suspeitas em um romance à clef, que nesse momento está sendo oferecido aos grandes editores.

6/6/80

- VI Perpetrações, VIP

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 12

A camioneta, inundada de pipocas e copos de papel que pingavam pegajosas e vermelhas poças de kool-aid no tapete, fedia a doce de morango artificial e a manteiga salgada. As crianças jaziam no assento traseiro, num mar de almofadas e colchas velhas.

Laurie roncava de leve; Zach estava perdido num profundo e inalcançável sono de criança pequena. O segundo desenho acabara naquele momento.

Nick e Lucy, abraçados em silêncio no banco da frente, não estavam assistindo. Lucy, a cabeça recostada no peito de Nick, murmurou:

- Eles estão dormindo?

- Humm.

- Isso é sim ou não?

- Humm.

Ela cutucou-lhe as costelas.

- Ei.

Nick sorriu.

- Puxa, quer dizer que é isso que é ser casado?

- Orgias de parede a parede de pipocas e kool-aid? Sim. Pelo menos, se você tem filhos e vive nos EUA. Não quero saber da outra metade do mundo, os que não têm filhos e não são americanos. Isso - ela abrangeu o interior do carro com um gesto rápido, como quem está pegando uma borboleta - é um universo fechado.

- Eu só estava pensando em termos de ir ao drive-in com as crianças em seus pijamas de verão, para namorarmos enquanto eles se distraíam.

- Não viemos com muita freqüência. Basta uma ou duas vezes por verão. De um verão para o outro, você esquece os estragos e a bagunça no carro. De qualquer modo, nunca antes eu trouxe alguém para namorar.

Ele enterrou o nariz nos cabelos dela e os dois lutaram durante algum tempo. Ela foi a primeira a recuar.

- Espere - ela deu uma risadinha.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Argh - ele gemeu zombando.

Ao olhar para os carros estacionados em fileiras curvas diante da tela, ele ficou pensativo.

- Fico contente por não ser dono desse lugar.

Lucy estava quieta, olhando para fora.

- Parece que está caindo aos pedaços, mas são sempre assim. Faz parte do ambiente, não é mesmo? Relaxamento de drive-in, não? - observou ela.

Nick sorriu.

- Sim. Mas acho que é obsoleto. A menos que alguém invente um automóvel que não use gasolina, ou que use muito pouca, os cinemas drive-in serão apenas uma nota ao pé

de página da longa lista de instituições americanas desaparecidas para sempre.

- Nunca pensei nisso.

Após algum tempo, ela pousou a mão sobre a dele.

- Agora estou me sentindo na maior baixa. Nunca penso no Futuro, com F maiúsculo. É

como se já tivesse muito que fazer pensando em como seguir adiante. Você acha que Laurie e Zach vão levar vidas muito diferentes das nossas?

- É difícil imaginar algo diferente. Se o ritmo do desenvolvimento tecnológico continuar assim, a vida deles será tão inimaginável para nós quanto a nossa teria sido para nossos avós. Se o avanço tecnológico parar, com toda probabilidade a vida será bem mais dura e desagradável do que a nossa. Diferente, claro.

Lucy estremeceu.

- Como poderíamos ser tão estúpidos.

Nick sorriu e abraçou-a para confortá-la.

- Não somos tão estúpidos assim. Aliás, somos espertos demais, para o nosso próprio bem. Meus ancestrais - não posso falar pelos seus - os proprietários rurais de sangue azul de parte da rainha mãe e os magarefes da classe alta que produziram meu pai, diriam que o respeito devido a Deus e o lugar da pessoa na sociedade, mais a devoção sincera ao trabalho duro são o melhor caminho para a sobrevivência e a prosperidade para qualquer ser humano, nesta vida e na outra.

- Jesus salva enquanto eu poupo meu dinheiro no First National Bank, não é

isso? -zombou Lucy.

- Exatamente. Nossa geração e, para ser justo, nossos pais, com essa atitude que você

demonstrou para com a religião e um certo cinismo com relação ao trabalho duro e seus frutos, pôs sua fé na tecnologia e na ciência. Mary Shelley nos advertiu sobre isso algum tempo atrás, mas nós não compreendemos sua mensagem, nem as outras ao longo do caminho. Nossa tecnologia é ao mesmo tempo a coisa mais perigosa do mundo e nossa salvação mais provável.

- Nunca ouvi você falar assim. Eu estava esperando que você fosse falar algo sobre arte.

Nick encolheu os ombros.

- Minha formação me deixou um pouco pessimista com relação à importância todo-poderosa da arte. E depois, você não pode comer arte, quando as colheitas fracassam.

- Isso me soa amargurado.

- Eu sei - Nick suspirou e puxou-a para mais perto. - Nós devíamos estar fazendo amor e não falando sobre o fim do mundo.

Lucy endireitou-se no assento e encarou-o.

- Que há de errado?

Ela era uma modelo sentada de pernas cruzadas entre o volante e o encosto do carro, pensou ele. À luz da tela, sua bermuda de linho e colete de xadrez vermelho pareciam púrpura escura. As corridas, os passeios de bicicleta e o trabalho de jardinagem deixaram-na bronzeada e magra. Seus cabelos, que estavam puxados para cima com esmero quando saíram deixando o pai dela em casa, haviam caído em seus ombros em forma de cachos e galhos. Ele estava preparado para olhar para ela a noite inteira.

Ela respondeu à própria pergunta:

- Estive pensando, de vez em quando nos momentos mais esquisitos, em Leyna Shaw.

Leyna era um assunto potencial para se queimar a língua. Nick decidiu adotar uma postura neutra.

- E mesmo?

- Que poderia ter acontecido com ela?

- Você sabe das possibilidades tão bem quanto eu - repreendeu ele gentilmente. Tudo que já foi lido na VIP e em todos os jornais, nos programas de notícias das redes de televisão. Seqüestro, assassinato, suicídio, fuga - enumerou ele - ou alguma combinação disso tudo.

- Sim - concordou Lucy. - Mas você a conhecia. O que você acha?

- Eu não era o melhor amigo dela - protestou Nick. - Conheci-a há algum tempo, sei de algumas coisas sobre ela. Mas não sei e não consigo imaginar o que possa ter Miniaturas do Terror - Tabitha King

acontecido com ela.

- Bem, que coisas você sabe? - ela estimulou-o.

- Conheci seu marido, Jeff Fairbourne, que é de uma antiga família endinheirada. Os Fairbournes são caracterizados pelos magníficos narizes latinos, pela completa insensibilidade para com o resto da raça humana e pela cobiça e olho-grande das pessoas realmente ricas. Além disso, a família vomita, do nível geral dos filisteus de olho-grande, pelo menos um cientista idiota por geração. Jeff é a aberração da última geração. Ele me disse que pretende ser a última geração, o fim.

- Cientista idiota?

- Houve mesmo alguns genuínos Fairbournes clássicos que eram cientistas idiotas. Jeff é marginal. Ele tem a extraordinária característica de compreender as propriedades dos números e datas, mas não consegue fazer troco. Ele trabalha, tem uma ou duas formações universitárias, etc. É arquiteto e suas obras são maravilhosas no papel, mas têm uma tendência ao desastre quando construídas.

Ou alguém percebe, assim que as fitas estão sendo cortadas, que a coisa tem uma aparência de bosta de cachorro empilhada numa altura de cinqüenta andares, ou então todos os vidros caem ao primeiro vento, ou então ele deixa os encanamentos do lado de fora. Já fez isso duas vezes.

Depois declara-se magnânimo.

Lucy deu uma risadinha.

- Divertido. E as pessoas o contratam?

- Claro. Ele é um Fairbourne. E os Fairboumes atraem o dinheiro como a comida estragada atrai as moscas.

- Quer dizer que esse é o marido dela. Mas estão separados.

- Quase depois de se casarem. Acho que foi uma espécie de casamento por interesse. A família de Jeff tinha de dissipar as suspeitas de que ele era homossexual e Leyna pôde atirar todo o dinheiro dos Fairbournes no rosto da mãe. Ela odeia a mãe.

- Por que não se divorciaram?

- Acho que porque gostaram do jeito que as coisas estavam. Simplesmente isso. Não há

nenhuma inimizade. Você viu as fotos de Jeff logo depois que ela desapareceu. Ele estava realmente angustiado. Foi um casamento bem insosso. mas ambos conseguiram o que queriam dele.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele continuou:

- Não consigo imaginar o suicídio, a menos que houvesse alguma coisa de errado com ela, alguma doença ou algo pelo estilo. Ela é exatamente o tipo de pessoa que iria Miniaturas do Terror - Tabitha King

preferir desligar a máquina do que ir até o fim em uma doença terminal. Não por falta de coragem ou com medo da dor, mas porque ela odeia a indignidade, a

degeneração, a dependência.

- Foi essa minha reação à idéia - disse Lucy. - Ela parecia... valente.

- E era. Aparentemente ela não foi seqüestrada, visto que não há nenhum bilhete confiável. Essa foi a possibilidade que me pareceu mais provável. Sabe, todo o dinheiro dos Fairbournes, mais a notoriedade dela como jornalista.

- Talvez ela tenha sido e alguma coisa deu errada. Então os seqüestradores a mataram.

Nick concordou.

- É uma possibilidade. Que talvez não seja nunca demonstrada.

- E que você acha de um assassinato puro e simples?

- Ela tinha alguns inimigos em altos escalões e uma porção de pessoas terra-a-terra que a odiavam. Mas ruão sei de ninguém que fosse contratar alguém para fazer o serviço, muito menos ele mesmo fazer.

- Mas alguém pode ter feito. Só que você não sabe, certo?

- Talvez. Mas ela não era a jornalista mais perigosa da cidade, com toda certeza.

- Então, que tal a teoria da fuga?

- Que eu saiba, não existe nenhum motivo para isso. Parecia que ela estava levando a vida muito bem. Queria ser a jornalista famosa da televisão, e conseguiu. Ela gostava disso. Estava casada com a profissão.

- Acho que alguma coisa terrível aconteceu com ela - disse Lucy com pesar. Seu rosto, à

luz da tela do cine, ostentava um ar de preocupação.

Após um breve silêncio, Nick concordou:

- Também acho.

Lucy apoiou-se no volante.

- Vamos pra casa.

- Voltando à minha pergunta original - brincou Nick tentando aliviar o humor - é isso que é estar casado? Levar as crianças para o drive-in, namorar um pouco e voltar para casa antes do fim do segundo filme, sem ao menos ter sucesso?

Ela girou a chave de ignição.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Vamos levar as crianças para dentro e colocá-las na cama...

- E desligar a tevê e levar seu pai para a cama? - interrompeu Nick.

- Isso mesmo - ela riu. - E depois vamos levar a motorista e seu passageiro para a cama.

Mas você terá de sair às cinco e meia.

Nick gemeu:

- Puxa, as coisas que tenho de fazer para ir para a cama.

- Posso deixar você em casa - ofereceu-se ela.

- Prefiro a primeira oferta - ele disse rapidamente.

- Tudo bem - disse ela em tom de voz amigável - só assim você compreende. Não quero que meus filhos acordem para ir encontrar a mamãezinha metida na cama com o velho Nick ou qualquer outra pessoa.

Ela balançou a cabeça.

- Você é uma mulher dura.

- O mundo é que é duro.

- Mas isso é hipócrita, Lucy. Você não é assim. Você é honesta demais para esse tipo de charada.

- Não, não é hipocrisia nenhuma - insistiu ela, deixando que o carro deslizasse

declive abaixo até a viela malfeita entre as filas. - Meus filhos são muito novos. Se tivessem quinze anos, eu me sentaria ao lado deles e diria, ouçam, vocês sabem o que é o sexo, não? Mamãe adora isso também. Ela tem um namorado e dorme com ele. Ela não é uma puta, não está dormindo com qualquer pessoa que peça ou que fique deitado o tempo suficiente para ela pular em cima. Ela gosta desse sujeito. O sexo faz parte do relacionamento dela com ele. Você não pode explicar isso para uma criança de sete anos. Tudo que ela vê é alguém se intrometendo entre ela e a mãe, que ou é um pai potencial, ou então um intruso completo.

- Não sei. Nunca estive na sua posição. Não tenho um filho de sete anos. E quando tinha sete anos, achava a coisa mais normal do mundo ter um pai tão velho quanto os avós dos meus amigos e um outro pai mais jovem que de vez em quando baixava vindo dos lugares mais exóticos como a costa do Maine. Isso não mudava o que eu sentia por minha mãe. Ela continuou sendo a mulher mais linda e maravilhosa do mundo. Nada que ela pudesse fazer, seria ruim.

- Eu tinha dezessete anos quando meus pais se separaram, mas o casamento já vinha mau havia anos, desde que me recordo por gente - disse Lucy. - Fiquei contente. Mas não havia ninguém mais metido no assunto. Apenas meu pai e sua garrafa de uísque, suas costas doentes e suas falhas; minha mãe e sua preciosa casa colonial restaurada. Os Miniaturas do Terror - Tabitha King

dois saíram do casamento com a mesma coisa que começaram.

- Acho que o mundo de cada pessoa é diferente - pigarreou Nick. Bem, agora que já

falamos de divórcio, podemos falar sobre o casamento?

Lucy desviou os olhos da estrada o tempo suficiente para lançar-lhe um sorriso.

- Fale comigo daqui a seis semanas. Quando voltarem as aulas.

Ele cruzou os braços no peito como que para abraçar-se.

- Mulher maravilhosa.

Ela riu.

Não havia lugar onde enterrá-la. Roger construiu um túmulo no lado ocidental do terreno, perto de um grupo de carvalhos. A caixa de prata que outrora havia sido uma divertida cigarreira e que agora guardava os restos de Leyna, foi assentada na gruta cercada de pedras e fechou-se o túmulo. Depois, empilhou-se terra por cima para cobrir as pedras e nela plantou-se um gramado. Na ausência de uma marca, Dolly permitiu que Roger instalasse um chafariz nas proximidades. Com isso, ele perdeu todo o interesse na Casa Branca de bonecas, argumentando que não tinha capacidade para consertá-la.

Dolly ficou furiosa com ele, mas não havia nada que pudesse fazer. Se o forçasse a repará-la, ele poderia deliberadamente fazer um trabalho malfeito, mais danificando do que consertando-a. Ela teve de contentar-se com a arrumação dos estragos causados na casa de bonecas de Joãozinho e Maria, que por sorte não havia sido submetida diretamente a nenhum extintor de incêndio, tendo sido apenas borrificada de leve. A casa de bonecas de vidro foi a mais fácil de ser arrumada; um pouco de líquido para limpar vidraças, algumas toalhas de papel, mais a paciência para fazer a coisa direito e ela voltou a fazer seus truques de luz.

Roger mergulhou no programa de aprimoramento físico oferecido pela sala de ginástica de Dolly. Parou de roubar cervejas, pizzas e bolinhos e mordiscava os crepes e medalhões de frutos do mar de Ruta como se fossem fígado e espinafre. Seus livros e aparelhos chegaram da Califórnia e, após arrumar o segundo quartinho do apartamento transformando-o em uma oficina, passou a ficar horas trabalhando em misteriosos ajustes do miniaturizador. Após instalar um cadeado na porta, passou a guardar a chave no bolso e a não permitir a entrada de nenhuma pessoa, nem mesmo de Dolly.

Dolly tentou seduzi-]o para arrancá-lo da tristeza. O instinto teatral que fazia sexo com um Roger mordaz rompeu os laços dos costumes e ultrapassou os filmes de segunda categoria. No início, ele mostrou-se um brilhante improvisador e, depois, abruptamente, levou-a para uma série de súbitas e silenciosas relações sexuais, ocasionalmente violentas, no decorrer das quais Roger estabeleceu-se no papel de dominador. Estavam engajados cada vez mais em um ritual de saque de seus corpos e espíritos.

A Casa Branca de bonecas e suas companheiras ficaram esquecidas por trás da porta Miniaturas do Terror - Tabitha King

fechada do quarto das casas de bonecas. A enorme casa de bonecas começou a feder a fungo e incêndio e Dolly mal conseguia suportar a entrada naquele lugar. Bastava que ela pensasse na ruína de seu orgulho e alegria para cair em uma depressão agitada. Era nesses momentos que precisava de Roger. O que ela solicitava a ele era sempre respondido da mesma maneira, na cama.

O verão da cidade a mantinha aprisionada no apartamento, nos automóveis com ar-condicionado ou nas lojas chiques. Buscando algum alívio, ela aferrou-se à idéia de ir embora, como se algum outro lugar do mundo fosse doce e verde. Seu lar fechou-se sobre ela, uma cápsula artificialmente refrigerada que flutuava sobre a cidade. Ela vivia tão acima do mundo normal que a cidade reduzia-se à escala de brinquedo. Ao descer de sua torre para reentrá-la, sentia a reversão do processo, à medida em que se reduzia e a cidade tornava-se maior, grande demais para poder se lidar com ela.

Dolly tomou a decisão de partir, de ficar fora, pelo menos durante algum tempo. Talvez quando despertasse de algum sonho mais agradável, sua casa de bonecas estivesse restaurada por algum passe de mágica. Ela deu instruções a Ruta para que nesse meio tempo os faxineiros limpassem o apartamento, com exceção do quarto da casa de bonecas, e que um decorador refisesse o quarto.

- Em púrpura - ela disse com ar sonhador.

Foi somente no caminho para o aeroporto que Roger, com o estojo do miniaturizador no colo, perguntou aonde estavam indo.

- Para a Inglaterra - disse ela com uma expressão distante, revirando a bolsa de mão à

procura de cigarro. - Pedi para você trazer seu passaporte, não pedi?

Ela não percebeu a sombra de prazer que passou rapidamente pelo rosto de Roger.

Foi um vôo convencional porque os aviões supersônicos estavam lotados. Roger não conseguiu dormir, de modo que comeu pacientemente tudo que as aeromoças lhe ofereciam, enquanto assistia ao filme. Era uma comédia, mas ele não conseguiu reunir forças para mais do que uma ou duas risadas forçadas. A melancolia familiar instalara-se nele, tão densa e pesada quanto a camada de nuvens que ele podia ver através das janelas do avião.

Ele olhou para Dolly, no assento ao seu lado. O sono era duro para com ela. As finas rugas tornaram-se de repente mais grossas, as pungentes manchinhas debaixo de seus olhos não apresentavam-se mais como uma romântica sugestão de experiência. Não, ela parecia uma coroa estragada de quarenta e cinco anos de idade, fodida de cima abaixo.

Em seu rosto estava a promessa de dez, quinze anos abaixo do limite. A velha em que se estava tornando, pensou Roger, bem parecida a um macaco velho, de péssimo temperamento. Na verdade, ela estava começando a parecer-se com seu velho marido.

Ele olhou para a tela do cinema sem nada ver. Se o avião tivesse caído naquele instante, se tivesse se rachado ao meio em pleno ar, ele teria passado seus últimos e preciosos segundos de vida pensando em Mike Hardesty, recordando o rosto do velho sacana. Foi Miniaturas do Terror - Tabitha King

um pensamento horroroso. Quanto mais tentava afastar a imagem, mais persistentemente esta se apresentava.

Ele fechou os olhos e forçou o recosto da cadeira para trás. Tinha de pensar na Inglaterra, onde nunca estivera antes. Aliás, nunca estivera fora do país, exceto em duas incursões de adolescente que fizera ao México. Ele odiara, achara tudo uma merda, nas duas vezes. Sua mãe concordara sabiamente e lhe dissera para encarar a coisa como uma lição. E ele encarara.

Mas a Inglaterra era diferente. Ela aprovaria essa ida dele à velha mãe-pátria para aprender um pouco de cultura. Os pensamentos em sua mãe baniram de sua cabeça os de Mike Hardesty. Roger prometeu-se em silêncio telefonar para ela de Londres. Ele faria um esforço para ser cuidadoso. Aos poucos, ela se acostumaria à nova vida dele.

A viagem a jato foi dura para ambos. Os primeiros três dias foram uma agonia de insônia, palavras cruzadas e sexo desastrado que não chegava a bom termo. Londres era o protótipo do frio e do ambiente cinzento, uma mudança bastante drástica do torpor úmido de Nova York, que acabou provocando um resfriado em Roger. Dolly fumava incessantemente e os olhos de Roger encheram-se de água junto com seu nariz, até que ele se mudou para o segundo quarto da suíte, sob o pretexto de que a queria poupar de seus germes. Ele também havia desenvolvido uma tosse irritante. Dolly não se sentiu infeliz por ter a cama só para si.

Após algum tempo, ela sentiu-se melhor e saiu, entediada com Roger que não fazia sexo e seu resfriado. Se o dia era longo, frio e solitário para Roger, não o era para ela.

Quando retornava, era seguida por ajudante carregado com suas compras. Como todos os outros empregados do hotel que Roger vira, esse era indiano; aliás, todo o pessoal parecia composto de uma outra raça asiática. Em quatro dias de Inglaterra, Roger quase não havia visto um anglo-saxão. Isso foi um choque.

A exposição de compras alegrou Dolly imediatamente. Ela encomendou uma refeição para os dois no quarto. Sentou-se na cama de Roger e comeram linguado à Dover e arroz de forno, enxaguados com xícaras de chá, mel e limão. Roger admirou as roupas que ela comprara e pensou com seus botões que as peças tinham a cara de algo que sua mãe usaria, embora fosse precisar de um número bem maior.

- Vamos sair de Londres - propôs Dolly. - Você deve ver um pouco mais da verdadeira Inglaterra.

- Hum - respondeu Roger sem expressar opinião alguma, embora não tivesse visto de Londres mais do que a visão que tivera dentro do táxi na viagem do aeroporto até o hotel com sua estrutura vitoriana, e a vista do Tâmisa que tinha na suíte. A coisa parecia ser bem real e se ela lhe dizia que aquilo era a Inglaterra, ele não tinha por que discordar.

No dia seguinte, tomaram um trem da estação Waterloo para Salisbury.

Não foi a diversão que Dolly imaginou, mas até que era bem confortável. Claro que a Miniaturas do Terror - Tabitha King

parte do conforto não podia durar para sempre. Era apenas sorte de Roger. Ela enfiou-os em um ônibus para Stonehenge, anunciando que queria ver as ruínas pré-históricas. O

ônibus conseguia manter a chuva do lado de fora, mas estava apinhado de turistas que queriam esgotar o dia chuvoso com um passeio educativo, e a atmosfera dentro logo tornou-se uma mistura irrespirável de fumaça de cigarro e ar viciado. Roger sentia-se como alguém que estivesse em um submarino indo a pique com uma tripulação que tivesse comido feijão durante várias semanas.

Após ficar na chuva em Stonehenge, tremendo, com o nariz pingando e tentando ver o que deveria ver naquele jardim de pedras de um gigante japonês, Roger reviu sua opinião sobre todo o passeio, a caminho de casa. Estava pronto para partir de volta à

entediante Londres não-inglesa, ou a qualquer parte que lhe oferecesse um abrigo contra a chuva e algo que lhe aquecesse o interior. Dolly florescia como cogumelos na umidade e andou a passos acelerados atrás dele, em direção ao ônibus, o qual se dirigiria a um certo lugar chamado Longleat. Pelo menos o ar do ônibus renovara-se enquanto os turistas perambulavam pela lama, tirando fotos que ficariam veladas por falta de iluminação adequada.

Longleat era um enorme e velho castelo militar que o guia chamou dèlar imponente".

Roger não pôde deixar de rir em silêncio ao ouvir isso, a expressão soou-lhe como

"mansão solar imponente". Isso fez com que Dolly lhe lançasse um daqueles olhares não-posso-levar-você-para-parte-alguma e Roger ficou carrancudo. Ele permitiu-se ser açoitado pelos bandos de turistas do ônibus que vagavam pelo local, tirando fotos que também sairiam manchadas, escuras e desfocadas. Roger fez o que achou ser a coisa mais sensata: comprou cartões-postais e um livro sobre o lugar para mandar para sua mãe. Com certeza ela ficaria tão impressionada com os selos quanto com as coisas sobre Longleat, lugar esse que qualquer pessoa, inclusive sua mãe, poderia ver que era irremediavelmente inabitável, mas pelo menos ela saberia que ele estivera pensando nela naquele vertiginoso momento de alegria, enquanto enchia galões e galões de lenços de papel encharcados de catarro, na velha e divertida Inglaterra.

Quando chegou a hora de voltar para o ônibus para retornar à estação de trem de Salisbury, Dolly arrastou-o para um lado. Roger só estava querendo estacionar seus ossos em um assento bem estofado e, talvez, tirar uma soneca. Era quase doloroso para ele continuar na garoa, sussurrando com Dolly. A dor parecia começar em seus dentes, com o frio, mas parava quando ela cravava as unhas em seus punhos, tão profundamente que tirava sangue.

- Vamos miniaturizar essa coisa - ela sussurrou, apontando para a maciça pilha de pedras de Longleat. As mãos de Roger moveram-se instintivamente para

agarrar o miniaturizador pendurado no peito, dentro de sua capa de chuva abotoada de modo grosseiro. Ele deu uma risadinha fraca.

Ela cravou-lhe as unhas mais fundo. Ele perguntou-se se ela estaria procurando alguma veia. A brincadeira já havia ido longe demais, decidiu ele.

- Que merda, você ficou maluca? - sussurrou ele em resposta. Então, liberou o pulso arrancando os dedos dela como quem arranca clipes de uma caixa de papelão, empurrou-a e subiu no ônibus. Deixou-se cair num assento junto de uma janela e que Miniaturas do Terror - Tabitha King

fossem à merda os bons modos que rezavam "damas primeiro, cavalheiros depois".

Rapidamente, ela sentou-se rígida ao seu lado, após deixar que um par de velhas senhoras com os mesmos terninhos verdes entrassem na sua frente. Com pesar, Roger percebeu que a janela ao seu lado era fria e úmida. A água cairia em cima dele durante todo o trajeto de volta à estação de Salisbury. E ela não iria falar com ele. Talvez isso fosse uma bênção.

- Você precisa ver gente - diagnosticou Dolly. Roger grunhiu lembrando-se da última prescrição dela à sua saúde, enquanto enrolava-se nos cobertores. Durante dois dias ele só saíra da cama para urinar. A súbita perspectiva de uma vida social não o excitou em nada.

Em sua recaída, Dolly decidiu que lhe serviria de enfermeira até trazer-lhe a saúde de volta. Fumando e falando o tempo todo, ela ficou em casa num pingue-pongue de um canto ao outro da suíte. Assim que Roger mergulhava em uma soneca, ela aparecia para arredondar o travesseiro, renovar seu copo de água, jogar revistas na mesinha-de-cabeceira, ou para perguntar se ele queria que ela ligasse a tevê. Se quisesse assistir televisão, ela queria mudar de canal para ele, ou fechar as cortinas para que ele pudesse tirar uma soneca. Ele acabou perguntando-se se a intenção dela era irritá-lo ao ponto de fazer com que ele recuperasse a saúde.

No fim, ele acabou fugindo para o banheiro em busca de um momento de paz. Não havia nada para se ler ali. Tudo havia sido mudado para o lado de sua cama. Ele não tinha cigarros e nenhuma vontade de fumar, ainda mais agora que a gripe lhe embotara o paladar e olfato. Mesmo com todas as torneiras abertas a sua volta, ele não foi capaz de urinar mais do que algumas gotinhas. No fim,

nada mais havia á fazer, exceto olhar-se no espelho. Sua barba estava em uma situação desesperadora. Ele nem a fizera, nem a deixara crescer. Deu uns tapinhas na barba com ar distante, pensando que se parecia com um pirata sanguinário. Sorrindo para o espelho, fez força para esboçar um ar cortês e mortal. Uma pena que seus dentes fossem tão bons. Uma falha, ou um brilho de ouro seriam um toque genial.

Tendo levantado da cama, foi incapaz de relaxar de novo. A cama pareceu-lhe muito desarrumada para esse fim e já não cheirava muito bem. Ele decidiu tomar um banho de chuveiro e vestir-se. Dolly inquietou-se para, depois, animar-se. Talvez ela também estivesse entediada. Ela correu para o telefone.

Ainda estava no telefone conversando animadamente com alguém de sotaque excessivamente afetado, quando ele sussurrou que estava indo até o barbeiro.

Quando retornou à suíte com a barba feita e perfumada, ela esperava por ele com um casaco de pele pendurado na cadeira em que estava aboletada, formando algo parecido com um trono.

- Vamos sair para um chá - anunciou ela fazendo cócegas no queixo dele. - Está bonito -disse, enquanto pegava sua bolsa. - Você vai gostar dela. Ela é uma velha amiga e bem gentil, quando não é uma puta perfeita.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

A velha amiga era realmente bem velha. Roger pensou ter deslizado para dentro de uma aberração do tempo. O chá foi servido em uma sala de estar de teto alto, onde uma lareira ardia tornando o lugar um verdadeiro inferno, embora lá fora, apesar de cinzento o dia, apresentasse uma agradável temperatura na casa dos vinte graus. As paredes de pedra do velho prédio em desintegração que estavam visitando provavelmente teria vários pés de espessura, especulou Roger. Seriam as responsáveis pelo frio úmido que fazia na sala.

Depois, talvez o frio impedisse que a velha apodrecesse. Teria uns oitenta e cinco anos.

E uma criada com cara de cavalo e gorro de abas brancas fazia todos os serviços. A empregada serviu o chá, já que a velha senhora era aparentemente velha demais para poder levantar a enorme chaleira de prata e Dolly estava ocupada demais em falar.

- Senhora Maggie - Dolly apresentou-a. - Weiler - pausa significativa. - Mãe de Nick.

Isso fez com que Roger estremecesse. Ela deve ter tido o bebê Nickie no último momento biológico possível. Ela era toda encolhida, como geralmente o são as senhoras velhas, não sendo maior do que Dolly, que era apenas uma coisinha minúscula. Mas seus olhos eram ardentes e brilhantes e ela não usava óculos. Estava vestida com uma longa e descorada toga da mesma era da decoração da sala. Roger não tinha muita segurança sobre esse tipo de coisa, mas achou que o aposento fora decorado pela última vez por volta dos anos vinte. Seus cabelos eram como os de passarinho, curtos e bem apertados no crânio de velha, com pequenos cachos sublinhando as faces maquiladas com ruge. O ruge era forte demais. O de sua mãe também o era; Roger pensou que talvez o tom de pele das senhoras mudasse com a idade e elas não percebessem isso. Ou talvez elas apenas não enxergassem o bastante para fazer a própria maquilagem.

O corte de sua roupa era bem baixo, não que houvesse alguma coisa para se olhar na velha senhora, a julgar-se por sua constituição de passarinho, mas ele não era grotesco.

Sua pele formava um fundo de pergaminho para o decote que estava usando, um pesado arranjo de pérolas, pedras que certamente seriam uma pequena fortuna em diamantes, contas vítreas de uma. curiosa tonalidade azul-prateada e adornos de ouro. Em suas orelhas pendiam versões abreviadas daquele desenho em rotação. Roger pensou que deviam ser desconfortavelmente pesados; entretanto, a senhora Maggie estava sentada perfeitamente erecta. Sua cabeça estava firme. Apenas suas mãos tremiam um pouco e, quando tremiam, os pesados anéis incrustados de gemas que adornavam cada dedo cintilavam e brilhavam. Seus pulsos eram surpreendentemente delgados e com aparência de jovem, não apresentando nenhum adorno.

A senhora Maggie e Dolly conversaram sobre pessoas, lugares e coisas que Roger não conhecia. A velha senhora tentou trazê-lo para a conversa e, de vez em quando, Dolly lhe lançava uma sobrancelha arqueada, mas a atenção dele voltava-se inevitavelmente para os doces em cima da mesa de chá. Nada havia que ele pudesse acrescentar à

conversa a não ser alguns ruídos educados e isso ela podia fazer muito bem de boca cheia.

A empregada entrava e saía com uma freqüência cada vez maior. Saltava regularmente de um pé ao outro. Roger não conseguia imaginar isso. Até que ele tirou seu lenço para Miniaturas do Terror - Tabitha King

assoar o nariz, coisa que foi muito bem comportada, de fato, e nesse momento captou o olhar de preocupação que a empregada lançou à patroa. As senhoras estavam absorvidas demais para perceber o gesto de Roger. Isso respondeu à pergunta mental dele: evidentemente a velha senhora era tão frágil quanto parecia. Um resfriado poderia ser desastroso. Dolly o informara que raramente a senhora Maggie recebia convidados. Até

mesmo a excitação por tomar chá com eles poderia ter sérias conseqüências.

A senhora Maggie notou a presença da inquieta criada e mandou-a embora, recordando-lhe que era hora da igreja. Poucos minutos depois, a empregada que, aparentemente, caíra para trás quando ouviu a senhora Maggie dizer "merda", pôde ser vista descendo a alameda com casaco e chapéu preto. Roger aguçou os sentidos na percepção daquela velha aristocrata; ela podia ser fisicamente frágil, mas tinha um punho de ferro.

Um pouco mais tarde, Dolly deu um beliscão forte no pulso de Roger, que quase caiu da cadeira quando ela disse:

- Roger, querido, você não podia tirar uma foto da senhora Maggie?

A velha senhora sorriu.

- Pode ser a última, hem, Dorothy? Bem, não sou vaidosa. Não me importo que o mundo veja a ruína em que me tornei. Você se senta do meu lado e nós duas sairemos juntas.

Roger agarrou o miniaturizador em seu estojo. De repente, estava suando aos borbotões.

Os doces que consumira giravam dentro de seu estômago. Teve vontade de enforcar o frágil pescoço de Dolly com as tiras do estojo. Que merda ela estaria pensando? Ao mesmo tempo em que manipulava o estojo, ele dava umas risadinhas.

- Sabe duma coisa? - confessou ele. - Não trouxe nenhum filme ruborizou-se.

Os olhos de Dolly lançaram faíscas em sua direção. O rosto da velha senhora caiu, como se fosse possível cair ainda mais do que já havia caído sob a influência da gravidade. Apesar das negativas, ela era vaidosa.

Roger estava triste. Ele a achara uma bela velha e ela fora simpática com ele. Mas Dolly estava estragando a coisa.

Pouco depois disso, eles partiram. Dolly prometeu ver de novo a senhora Maggie antes de ir embora de Londres. A solidão da velha senhora era bem patética.

No hotel, Dolly bateu a porta do quarto na cara dele, depois de recusar-se a falar com ele no caminho de volta. Aquilo era exasperante e Roger, de um modo que não lhe era muito típico, sentiu-se completamente arrasado. Encomendou então uma enorme refeição ao serviço de quarto e comeu até o último pedaço, embora a comida tivesse sido requentada e não apresentasse gosto algum. Em seguida, encomendou algumas cervejas, as quais tampouco estavam lá muito boas.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

No dia seguinte, Roger atendeu o telefonema da velha senhora porque Dolly havia saído cedo para passar o dia em um elegante clube de mulheres chamado Sanctuary. Ainda não estava falando com ele. A senhora Maggie não tinha os mesmos escrúpulos. Ele foi convidado a visitá-la mesmo que Dolly não pudesse comparecer.

- Traga alguns filmes dessa vez - ela lhe disse com sua voz adocicada de inglesa. E riu.

Foi uma risada maravilhosa. Roger pensou que antes ela devia ter sido um tremendo sucesso.

Para seu próprio espanto, Roger ouviu sua voz dizendo:

- Sim. Sim. Pode deixar que levarei.

- Mas vamos sair - propôs ela.

Estava aliviado. Compraria uma câmara de verdade e lhe tiraria algumas fotos. Nada poderia acontecer em um local público. Afinal de contas, ela era apenas uma outra velha solitária que exercia a mesma influência que sua mãe exercia

sobre ele. Ele queria sair e visitar o mundo de novo. Ainda era o mesmo filho de sua mãe e não via nenhum mal nisso. Sentia-se feliz por fazer-lhe um favor.

Ela chegou de táxi no hotel e os dois encontraram nas proximidades um lugar agradável e caro para almoçar, onde o maitre alvoroçou-se com a presença dela. A cada atenção dispensada, ela tornava-se mais nobre e graciosa. O maitre puxou Roger para um canto para perguntar quem era a grande dama e Roger lhe disse, mas era óbvio que o sujeito nunca antes havia ouvido aquele nome. Estava fazendo seu trabalho quando os encontrou na porta, impressionado com a evidente riqueza dela, que ainda ostentava o extraordinário colar no velho peito ossudo, embora tivesse trocado o vestido por um outro azul escuro.

Anunciando que tinha permissão para um copo de porto por dia, ela pôs-se a saboreá-lo, enquanto Roger bebia gim com tônica, uma renúncia de sua parte, mas ele havia desenvolvido uma antipatia pela cerveja inglesa. Dolly havia recomendado aquele coquetel algum tempo atrás, no processo incessante de reeducação de seus gostos. A bebida mostrou-se inofensiva, embora não sendo muito excitante, e ele encomendou uma outra.

Estava contente por ouvir as recordações da senhora Maggie, as quais eram divertidas na maior parte e não muito obscuras. Ele não tinha muito que lhe contar e ela parecia não estar esperando isso. A bóia estava algumas estrelas acima da do hotel, de modo que ele ignorou o leve sentimento de culpa que lhe surgia a cada garfada e comeu-a até

o fim. Com dois quilos a mais do que quando saiu de Nova York, estava começando a sentir-se ele mesmo de novo.

Roger tirou a foto dela no dique. Iria ser uma grande foto, memorável. Ela estava perfeita. As pessoas paravam para vê-los, enquanto ele arrumava a pose dela em um banco com flores brilhantes a um lado. Os transeuntes sorriam. A velha senhora respondia com um régio sorriso, feliz como uma criança em festa de aniversário.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Após colocá-la em um táxi, ele seguiu caminhando, fazendo finalmente seu passeio turístico por Londres. O dia fora encantador e ele saboreara o sol incomum do mesmo modo que ela saboreara o porto. Isso aquecera seus ossos.

Quando ele chegou ao hotel, Dolly estava sorrindo como um gato que pegou um ratinho. Excitada demais para brigar com ele, ou mostrar-lhe as unhas afiadas, ela lançou em cima dele as novidades.

- Sabe, querido, a senhora Maggie dará um jantar para nós amanhã à noite. Por causa de você. Ela disse que você é um garoto simpático.

Roger esboçou um sorriso débil, enquanto observava Dolly dançar saltitante no meio do quarto. Dissiparam-se suas esperanças de um fim rápido e indolor no caso da velha senhora. Seus pensamentos turvaram-se. Aquela maldita velha bruxa! E essa bruxa da Dorothy também! Duas mulheres corruptas, que nunca estavam satisfeitas com um pedaço dele. Estavam sempre querendo mais.

- O colar - meditava Dolly. - Aquele deslumbrante colar. É Lalique, Roger.

Simplesmente não tem preço. Eu gostaria muito de tê-lo, querido.

Roger ouvira isso no almoço da própria senhora Maggie. Nunca antes havia ouvido falar em Lalique e agora o nome transformara-se em pedra em volta de seu pescoço. Merda.

- Quantas outras pessoas estarão nesse forró? Você sabe muito bem que não é seguro usar o aparelho quando puderem fazer alguma relação entre nós e algo que tenha sido miniaturizado - protestou ele.

- Vinte pessoas. Algumas que conheço, mas todas são velhas amigas dela.

Roger franziu a testa.

- Muito pouco. Esqueça. Não vai dar certo.

Ele sentou-se e desatou os sapatos. Seus pés estavam doendo pela grande caminhada.

Mas era isso e estava acabado. Ele não faria a coisa.

Dolly olhou fixamente para ele.

- Eu quero!

Ele encolheu os ombros com desdém e tirou o pé direito do sapato.

- A senhora Maggie nunca o tira entre o café da manhã e a hora de ir para a cama, ela mesma me disse. Se quisermos a coisa, isso significa que teremos a velha também.

Você quer o colar tanto assim?

Talvez ele pudesse afasta-la dessa idéia. A velha senhora. Ela o fez pensarem sua mãe.

Mas podia ver Nick Weiler em seus traços, em seu comportamento. Era estranho isso de admirar na mãe as mesmas coisas que odiara no filho.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Dolly dera as costas para ele a fim de olhar o dique lá embaixo.

- Sim - disse ela. - Quero. Se ela viver, haverá alguém para morar na minha casa de bonecas. Se não... não me importo. Você deve pensar nisso. Você deve resolver esse problema.

Roger deixou cair o sapato que tinha na mão. O tapete abafou o baque do impacto. Ele cofiou a barba recém-crescida, pensando.

- Merda - murmurou.

A festinha estava grotesca, pelo menos segundo os padrões de Roger. Ele era a pessoa mais jovem presente. Ele imaginou que depois vinha Dolly e, a seguir, a criada, cujos cabelos cinzentos e veias varicosas situavam-na por volta dos cinqüenta e tantos anos.

Todos os outros estariam vivendo de aposentadoria se fossem americanos e não ingleses. Um bom número dessas pessoas não estava firme nas pernas; algumas andavam em cadeiras de rodas. Ele sentiu-se aliviado por não ver ninguém carregado de padiola. Inquieto, afligiu-se com a possibilidade de alguém ser levado numa maca antes do final da festa.

Muitos dos nomes eram vagamente conhecidos. Dolly pelo menos parecia conhecer um monte dessas pessoas. Mas ao olhar para as duas dúzias de rostos

arruinados dos que, sussurrara-lhe Dolly, haviam sido as locomotivas do mundo das artes cinqüenta anos atrás, Roger achou mais fácil imaginar que estava cercado por alguma antiga confederação. Isso poderia explicar a notável acumulação de anos, que chegava perto do milênio, somadas todas as idades. Roger teve uma visão deles, com olhos ardentes dançando nus com movimentos obscenos, beijando-se uns aos outros, duendes que eram, quando não demônios.

Sem nada ter a dizer a ninguém, Roger ficou tirando fotos, enquanto devorava tudo que lhe ofereciam para comer. Ao notar que Dolly lançava ávidos olhares ao colar da velha senhora, beliscou-a, deliciado por vingar-se. A velha também viu, ou pelo menos sentiu; suas mãos macilentas e manchadas procuraram instintivamente o colar, como se este fosse um modesto véu a lhe cobrir as partes íntimas. Os velhos olhos de obsidiana brilharam de raiva. Quando Roger sorriu carinhosamente para ela, a velha desviou-se, os lábios apertados e espertos. Suas costas eram tão erectas quanto as de Dolly. Ela até

que estava de pé, pensou Roger, os anos não a haviam derrubado.

Dolly e Roger estavam entre os primeiros a ir embora, deixando que os mais velhos continuassem a festa. A despedida da senhora Maggie foi fria, mas Dolly conseguiu beijar um rosto murcho e apertar a mão da velha. Roger fez uma rígida vênia e arrastou Dolly consigo. Ao sair fora do alcance dos ouvidos da velha, Dolly bufou. Roger silenciou-a. Às vezes ele era obrigado a pensar se ela conhecia a discrição.

Ao entrar no hotel, Dolly deixou a bolsa de mão cair no vestíbulo. Parecia estar bêbada.

Os empregados e hóspedes do hotel, que entravam e saíam, ficaram divertidos e trocaram sussurros. Dolly deixou-a cair de novo perto dos elevadores, sendo que dessa

vez conseguiu segurar a bolsa a meio caminho do chão. Entretanto, assim que entraram no quarto, ela ficou sóbria no mesmo instante e atirou-se na cama.

- Não posso esperar - anunciou ela.

- Esperar o quê?

Como resposta, ela atirou-lhe algumas almofadas. Ele desviou-se, abaixou a

cabeça e, finalmente, fechou-se no banheiro com o miniaturizador para inspecioná-lo.

Pouco depois, ele tornou a sair, vestido com um casaco desbotado e um chapéu que lhe ocultava o rosto. Saiu do hotel por uma porta lateral e andou alguns quarteirões para pegar um táxi, que deixou-o em uma hospedaria a meia milha da casa da velha senhora.

Enquanto caminhava pelas estreitas ruas desertas, pensou seriamente em não fazer a coisa. Não pensou que a velha pudesse sobreviver ,à coisa; pelo menos, se fizesse, teria mantido a promessa de dar a Dolly mais habitantes para sua casa de bonecas. Mas sabia que assim que Dolly tivesse o colar, iria querer alguém para usá-lo. Estava em suas mãos a possibilidade de sair da vida dela. Tinha dinheiro suficiente para voltar para casa. De volta à casa de sua mãe. Só que ele não queria voltar para lá.

Na esquina oposta à casa da senhora Maggie, ele parou, aparentemente perdido, procurando as placas da rua. No escuro, as pequenas e discretas placas colocadas nas paredes dos edifícios, com as quais os ingleses assinalavam as ruas, eram virtualmente ilegíveis. Aquele era um lugar e um momento calculados para fazer com que ele se sentisse desamparado. As tiras do estojo do miniaturizador vincavam-lhe o peito sob o casaco. Olhando para uma rua desconhecida e, depois, desviando a vista para a rua que acabara de percorrer, finalmente ele se virou para onde havia sido mandado e onde não queria chegar, a casa da senhora Maggie.

Estava escuro e quieto. A festa já havia acabado. Ele tocou a campainha e esperou.

A criada respondeu como ele havia esperado e, quando ele explicou que talvez tivesse deixado seu relógio no lavatório, ela abriu o portão e disse que o esperaria na porta. À

medida em que ele subia o caminho, as luzes iam sendo acesas na casa e ele a via, uma monstruosa silhueta de robe e rede de cabelo passando pelas janelas de estilo clássico romano. Ela estava mais sonolenta do que irritada e fechou a porta atrás dele com um longo suspiro.

Ele cruzou o saguão em direção aonde sabia estar localizado o lavatório.

Ela seguiu-o com passos pesados e insolentes, abraçando-se como quem está com frio, ou preocupada com que não se desfaça o nó do cinturão de seu robe.

- Ela está esgotada - ela disse. - Ficou contente com todas as atenções, mas espero que o senhor e a senhorita Dorothy se lembrem da idade dela. Ela se cansa muito facilmente.

Ele lançou-lhe um sorriso conspirador.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Oh, ela é mais resistente do que parece. Já durou esse tempo todo, não durou?

A criada reconheceu uma admiração genuína ao ouvir a frase. Hesitou um pouco, mas sorriu em resposta, revelando umas covinhas trêmulas.

- Deixe-me tirar uma foto sua - disse ele de repente, tirando o estojo que lhe pendia no pescoço de dentro das dobras do casaco aberto.

As mãos dela voaram para os cabelos cobertos pela rede, passaram por suas faces flácidas e voltaram ao velho robe.

- Oh, não - sussurrou ela. - Estou um verdadeiro cacareco.

- Sabe - sussurrou Roger - existem alguns homens que adoram as mulheres que acabaram de acordar.

- Oooh - ela perdeu a respiração. Não estava com muita certeza, mas achou que aquele belo fotógrafo, companheiro da senhorita Dorothy Hardesty estava falando de sexo com ela e corou da linha dos cabelos até o colarinho alto de sua camisola.

- Virgem Santíssima - disse no fim. Suas mãos abraçaram os gigantescos seios, ela recuou até a parede mais próxima e esperou pela sorte que o destino lhe reservava, como Santa Maria Goretti, a quem ela ofereceu uma rápida oração, mesmo que a jovem mártir fosse apenas uma venda de olhos.

Seu destino chegou rapidamente e não sem dor. Ela abriu bem os olhos como se fosse para ver Santa Maria Goretti e sua Visão Beata, enquanto caía no vale das sombras.

Estava mais feia do que machucada, pensou Roger baixando a vista para olhar para ela, enquanto cutucava-a com o pé. Ele sentiu-se estranhamente frívolo, aliviado. A decisão já estava tomada. Colocou-a em uma das caixas de fósforo de cozinha que levara em seu bolso e pôs-se a caminho do quarto da velha senhora.

Foi forçado a abrir uma porção de portas na enorme e velha mansão e a apertar uma grande quantidade de interruptores. Esperou que os vizinhos não notassem. Mas a vizinhança era bem estúpida, ele sabia disso pela própria velha, cheia de velhos e ricos que iam para a cama assim que escurecesse debaixo da mesa. Ela deve tê-lo escutado tenteando e, intuitivamente, baseada nos barulhos mais sutis, soube que não era Connie, sua criada de tantos anos.

Quando finalmente ele abriu a porta certa, ela estava sentada na cama olhando furiosa para ele. Acendera um pequeno abajur ao lado de sua cama e estava com

o telefone na mão. Ao vê-lo, deixou o fone cair. Ele ouviu o zumbido com um certo alívio. Ela deslizou para fora da cama e agarrou uma enorme caixa coberta de couro na mesinha-de-cabeceira. Foi ele quem se assustou com a presteza dela em um momento de inércia.

- Você não vai ter isso - gritou ela, estreitando nos seios flácidos a caixa não tão grande quanto um recipiente para guardar pão, mas quase desse tamanho. - Vi quando aquela menina malvada estava olhando para ele. Foi ela quem mandou você, não foi? Mandou Miniaturas do Terror - Tabitha King

você para me matar e roubar meu colar, não é?

- Por favor - disse Roger cortesmente. - Por favor.

Ela recuou alguns passos. Suas mãos ossudas enganchavam a caixa. De repente, a caixa caiu abrindo-se e as jóias rolaram como cascata pelas dobras de sua camisola de seda rosa, estatelando-se no tapete. Ela agarrou-as deixando-a cair. Roger viu que ela estava com o colar. Ela jogou a cabeça para trás e levantou o colar à altura da garganta.

- Por favor - disse Roger levantando o miniaturizador aos olhos. Ele a viu através do aparelho, viu o sorriso de triunfo nos lábios dela. Suas mãos desceram do pescoço, enquanto o colar continuou em seu lugar.

- Você terá de me matar para apanhá-lo! - gritou ela. - Mate-me para apanhá-lo. Ele é

meu! É tudo que tenho! É meu!

Ele apertou o obturador.

Não sobrou muita coisa da velha senhora. Ela pesava quarenta quilos, quando pesara quase cinqüenta como adulta. Era mais uma caveira com a cabeça. Tudo mais estava dessecado, ressecado, como que numa mumificação pré-morte. O choque provocara sua morte como uma semente de dente-de-leão morre ao vento. O colar, com um peso total de quilo e meio, estava fincado em sua escassa carne qual fóssil de samambaia em uma pedra recém nascida.

Ela estava bem quieta. Antes mesmo de agarrá-la, Roger já sabia que estava morta. Ele sentiu o estômago embrulhado e quis do fundo do peito ir embora

daquele lugar, daquele quarto antiquado de um palácio obsoleto. Teve vontade de estar em casa em Los Angeles, respirando a boa fumaça cinzenta e sentindo-se aquecido de novo. Mas conscientemente miniaturizou as jóias espalhadas pelo chão e depois recolheu-as.

Colocou-as no mesmo bolso que guardava as caixas com os restos da velha senhora e sua criada, deixando-as cair com baques surdos como se fossem punhados de grama.

Ele saiu, tomando cuidado para não tocar em nada e deixando a porta frontal bem aberta. Pelo menos estava seco o tempo, embora um pouco frio para uma noite de verão, e o ar estava mais fresco do que o empoeirado ar de museu da casa. Ele sentiu-se melhor no momento em que chegou a uma outra taverna, embora esta estivesse fechada, não lhe oferecendo portanto nenhum refúgio. Havia um telefone do lado de fora e ele usou-o para chamar um táxi, que levou-o a Piccadilly Circus, onde ele saltou e tomou um outro táxi. Ele trocou de táxi quatro vezes antes de saltar de um a um quarteirão do hotel. '

Acabara-se a parte mais transtornante da coisa. Foi necessário passar uma silenciosa meia hora no banheiro da suíte, tirando o colar de seu leito na carne da velha senhora.

Dolly emprestou-lhe um par de suas pinças e ficou observando toda a operação, dizendo-lhe vez por outra como proceder. Ele passou por duros momentos de concentração.

Antes do alvorecer, ele tornou a sair do hotel para caminhar algumas quadras pelo Miniaturas do Terror - Tabitha King

dique. O Tâmisa era o lugar certo, ele teve certeza, para acomodar um par de diminutos cadáveres. Como no filme de Alfred Hitchcock, Frenzy. E em todas as outras histórias de assassinato, em todos os outros filmes de suspense. Seu resfriado prometia um renascimento, deixando-lhe o peito cheio e pesado. Seu nariz pingava e ele sentia-se febril. Falta de comida, pensou com seus botões, essa maldita dieta, e como que para sublinhar o pensamento, ele inclinou-se sobre o lado da ponte e, depois de jogar os dois pequenos corpos, vomitou a janta da festa no rio Tâmisa.

Aqueles não eram os primeiros corpos a serem levados para o litoral do rio, eram apenas os menores. Uma mulher diminuta, despojada de sua camisola pela

corrente do rio, mas com a rede prendendo firmemente seus cabelos, foi arrastada implacavelmente no redemoinho das águas rasas. Uma outra menor, cujas mãos eram movidas pela água, como se ela estivesse acenando, ou tenteando. Uma família de ratos de rio arrebatou-as.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 13

A SENHORA DESAPARECE

Em um mistério digno da imaginação de uma Agatha Christie ou de Sir Alfred Hitchcock, a octogenária senhora Maggie Weiler, viúva de Lorde Blaise Weiler, outrora concubina do pintor Leighton Sartoris, e sua criada há doze anos, Constance, desapareceram da casa da senhora Weiler em Hampstead após uma festa que a idosa socialite deu em homenagem a Dorothy Hardesty Douglas, a filha de um ex- presidente, e um velho amigo.

O enigma começou no momento em que um vizinho notou a porta frontal da mansão Weiler. A porta estava aberta, a polícia foi chamada e encontrou uma caixa de jóias vazia no chão do quarto da senhora e o telefone de sua mesinha-de-cabeceira fora do gancho, os únicos indícios de uma luta. A única coisa que a polícia conseguiu fazer, foi teorizar que as duas mulheres, acordadas após se retirarem, foram raptadas ou assassinadas durante uma tentativa de roubo ou de seqüestro. A investigação, emperrada pela escassez de indícios, foi interrompida, já que nenhum pedido de resgate pôde ser autenticado no decorrer de uma semana.

Os convidados da festa, a primeira que a senhora Maggie deu em vários meses, não puderam informar nada de incomum em relação à

reunião ou à sua anfitriã. Como sempre, ela estava usando seu fabuloso colar Lalique e os brincos, presentes de casamento de seu falecido marido, que desapareceram após o aparente roubo.

Leighton Sartoris, ele também de idade avançada e que vive como uma espécie de eremita, foi impedido de sair de sua ilha santuário no Maine apenas por um telefonema de seu filho natural, Nicholas Weiler, diretor do Dalton Institute de Washington, que assegurou ao pai que nada havia a ser feito. Weiler, herdeiro agora da outra metade da propriedade do padrasto (ele recebera a metade dela

após a morte de Lorde Weiler) que sustentara sua mãe, voou para Londres imediatamente e encontrou a polícia de mãos amarradas. Ele informou que quando visitou a mãe algumas semanas antes de seu desaparecimento, encontrou-a gozando de boa saúde, considerando- se sua idade, e sem demonstrar maiores preocupações.

A filha do ex-presidente e seu companheiro apresentaram-se voluntariamente aos investigadores, mas aparentemente tinham pouca Miniaturas do Terror - Tabitha King

coisa a informar. Eles retiraram-se à sua suíte no Handsome Hotel antes de retornar abruptamente para os Estados Unidos, três dias após o crime. "Dolly" Douglas falou com os repórteres no Aeroporto Internacional Kennedy, em Nova York, afirmando que aquela experiência foi um "terrível choque".

11/7/80

- VI Perpetrações, VIP

- É uma pena que não haja ninguém para usar isso - disse Dolly, olhando com satisfação a pilha de gemas resplandecentes que tinha na mão. - Por enquanto.

Os lábios de Roger estreitaram-se. Dolly não viu isso. Estava admirando seu novo colar, enrolado em seu dedo qual pesado anel. Roger continuou desfazendo as malas.

Finalmente ele derrotara seu resfriado, embora este tivesse durado o tempo necessário para impressionar a polícia inglesa com sua invalidez temporária. Se ficou triste e carrancudo, Dolly não percebeu. Ela estava ocupada e, quando não se encontrava de público ostentando seu rosto perturbado, satisfazia-se com suas novas posses.

Antes de voltar para Manhattan, Roger comprara um par de recipientes para sal e pimenta com a imagem da rainha nos lados, para dar de presente à mãe. Ele declarou-os na alfândega, assim como a câmara alemã que comprara. Dolly tinha um batalhão de coisas para declarar: suéteres, roupas, porcelana, comida esnobe em pequenos potes de Fortnum and Mason's. E acabou pagando uma bela taxa. O que ela não declarou foi a aquisição das miniaturas e jóias. Como ela previra, as bagagens receberam apenas o mais casual dos olhares e sua pessoa não foi revistada.

Ela ignorou a redecoração que encomendara para o apartamento e foi direto ao quarto da casa de bonecas. A primeira visão de sua Casa Branca de bonecas fez com que ela prendesse a respiração e gemesse. Dolly virou-se desesperada para Roger que a observava com ar inexpressivo. Nenhuma simpatia ali. Ela passou amuada por ele e foi para o quarto. Atirou-se na cama e desvencilhou-se dos sapatos com pontapés.

Roger seguiu-a como um cachorrinho. Se ela chorasse, pensou, ele podia fugir para seu quarto. Mas ela não estava chorando, de modo que ele tentou ser sociável.

- Que bom estarem casa, não é?

Ela atirou o chapéu em cima dele.

- Uma merda! Olha só minha casa de bonecas!

Ele olhou através da porta.

- E daí? Parece do mesmo jeito que deixamos.

- Está uma grande merda, Roger! - gritou ela.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Eu sei.

O que ela queria que ele fizesse? Ou será que ela achava que aquela arca iria se curar num passe de mágica na ausência deles?

- Pare de olhar para mim! Faça alguma coisa - zangou-se ela.

Estava fixado o padrão para os próximos dias. Ela foi alternadamente rude ou, na melhor das hipóteses, indiferente, ou então mostrava tantas exigências sexuais que ele sentia-se como uma caixa de bombons nas mãos de uma gorducha compulsiva.

Enquanto Dolly assombrava o quarto da casa de bonecas, limpando esporadicamente os estragos da água e do incêndio ou, como ocorria com maior freqüência, apenas perambulando em volta dela e esquentando a cabeça, Roger a

evitava e à casa. A sala de ginástica tornou-se seu refúgio. Ali, ele estava fora do alcance dela. Seus suados espaços estavam a muitas portas de distância do quarto da casa de bonecas e sua terrível peça central. Ali, no ginásio, ele podia pensar e punir-se.

Não foi muita surpresa quando Dolly anunciou que Lucy Douglas era a única pessoa que poderia reparar a casa de bonecas. Quando Roger expressou dúvidas de que Lucy iria ser tão benevolente e que, além disso, Dolly não tinha nenhuma história para explicar os estragos, ela apenas zombou de suas precauções, advertindo-o de que quem não arrisca, não petisca.

Lucy assustou-se ao levantar a vista de sua bancada para ver não seu pai ou um de seus filhos lançando uma sombra sobre seu trabalho, mas sim sua ex-sogra. Dolly simplesmente transpôs a porta e abraçou-a.

Submetendo-se rígida e silenciosamente, Lucy não conseguia imaginar como podia protestar contra a ininterrupta falação de Dolly. Tudo que pôde fazer, foi olhar por cima dos ombros de Dolly para encontrar a inquietante mirada de Roger Tinker, que estava de pé junto ao vão da porta, as mãos enfiadas no bolso, como um menino que é

arrastado para uma reunião de adultos. De repente, Lucy teve certeza de que havia sido ele quem levara a lâmina que desaparecera de sua oficina, a mesma que fizera com que ela esquadrinhasse todos os cantos do local, preocupada, achando que uma das crianças a tivesse surrupiado. Aquilo era irracional, ela balançou a cabeça.

As crianças, alertadas pela visão da Mercedes de Dolly na estradinha, vieram logo atrás dela e o caos aumentou em proporção geométrica. Parecia que a vovó tinha algumas coisinhas no carro para seus queridinhos. Os presentes promíscuos haviam sido proibidos por Lucy quando as crianças ainda eram bebês e foram motivo de várias brigas de somenos importância entre as duas mulheres. E ali estava Dolly, fazendo isso de novo, sabendo que Lucy jamais explodiria na frente das crianças e que, desse modo, ficaria presa entre dois de seus princípios.

Transferindo o barulho e a confusão para a varanda dos fundos, Lucy serviu chá gelado, admirou o novo aeroplano de Zach e a nova boneca de Laurie, a parelha de camisetas que anunciavam que cada criança era "o anjinho da vovó" e um novo gravador acompanhado de uma série de fitas com música para criança. Ao

ver a carranca de Lucy Miniaturas do Terror - Tabitha King

quando disse para os filhos agradecerem à avó, Dolly ainda teve nervos para piscar. As mãos de Lucy coçaram em sua xícara de chá gelado, enquanto ela contemplava a coroa dos cabelos prateados de Dolly, mas no final venceu sua força de vontade.

Foi Roger quem estabeleceu as relações amigáveis, no momento em que Dolly permitiu-se ir admirar o canteiro de zínias de Zach e os girassóis de Laurie. Ele aceitou uma segunda xícara de chá gelado, mastigou ruidosamente um biscoito Ritz com uma fatia de banana, cortesia do pai de Lucy para a ocasião, e sorriu cortesmente por trás de seu pedaço de biscoito.

Depois de limpar a boca com um gole de chá, ele disse:

- Ela está terrivelmente embaraçada e não sabe como fazer para pedir desculpas.

Lucy bebericou o chá gelado e lançou um olhar para o pai que piscou para ela de sua cadeira de balanço de vime. Ela nada disse.

- Essa viagem para a Inglaterra foi para uma recuperação, para uma cura. Ela está

bebendo demais. Está passando por maus momentos. Está com muitos problemas. Está

ficando mais velha e tem medo disso. Acho que foi por isso que começou a transar comigo - Roger sorriu com modéstia. - E essa fascinação com as casas de bonecos. Um tipo de necessidade para encher sua vida. Não acho que ela queira ferir as pessoas. Não sabe lidar com os próprios sentimentos e acaba metendo-se em encrencas.

- Bosta! - disse Lucy. - Dolly sabe muito bem o que quer. Tenho certeza de que ela está

passando por um momento difícil. Mas se até agora ela ainda não aprendeu a pedir desculpas, já é tempo de aprender.

De repente, Roger começou a achar bem interessante o chá que sorvia. Suas axilas começaram a borrar-lhe a camisa. Dolly lhe dera instruções para ativar os

sentimentos de Lucy com relação ao vencido, à sua necessidade de ser justa. Ela estava sendo bem justa e ele não estava gostando de mentir.

- De qualquer modo - murmurou ele - ela precisa de você para trabalhar de novo na Casa Branca de bonecas. Houve um acidente, um incêndio, e o estrago foi de tal monta que só você pode consertar.

Isso fez com que Lucy se sentasse erecta. Após uma breve luta consigo mesma, a curiosidade venceu. De qualquer maneira, seu pai iria perguntar.

- O que aconteceu?

- Ela estava bêbada e fumava, o tipo de coisa que sempre tomo cuida. do, especialmente no quarto da casa de bonecas. Eu estava fora, visitando minha mãe - Roger olhou para Lucy, esperando encontrar em seu rosto sinais de que ela estava creditando-lhe pelo menos o amor de filho. Não havia nenhum sinal. Ela continuava sentada, ouvindo impassível. Ele continuou: - ela deixou uma guimba cair dentro da casa de bonecas sem perceber. Mais tarde encontrei o filtro. Os alarmes de fumaça tocaram, mas ela estava desmaiada, de modo que os extintores foram acionados e acabaram apagando o fogo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Mas os estragos causados já eram bem extensos e água completou o serviço. - Roger respirou fundo. Aquela havia sido uma longa mentira.

- Sabe, isso não parece típico dela - observou Lucy cuidadosamente. - Ser tão descuidada perto de uma coisa que significa tanto para ela.

- É isso que estou querendo dizer, ela está meio auto-destrutiva.

Lucy ouviu as vozes dos filhos e a voz estridente de Dolly. Ela estava inventando um interesse por flores, conversando com as crianças.

- Laurie, Laurie, não contrarie - sua voz modificou a rima. - Como seu jardim cresce?

Laurie deu uma risadinha, mas ela ria mesmo de tudo. Lucy pensou que sua sogra bem seria capaz de ferir as pessoas, que seria até capaz de gostar disso. Aquele sujeito esquisito, que mais se parecia com uma criança que cresceu

demais, com suas maneiras desajeitadas de boneca, estava querendo que ela sentisse pena de Dolly para estender a mão a urna mulher que tinha como prática tratá-la como empregada contratada. Ela gostaria de perguntar a Nick, talvez ele entendesse. Mas ele só voltaria de Londres à

noite.

Ela tomou uma decisão:

- Não penso assim - a própria voz soou-lhe frouxa e distante. Ela encontrou os olhos de cachorro chutado de Roger.

- Sinto muito - ele disse. - É uma pena. - Depois ele tornou a sorrir e ela perguntou-se se ele estaria realmente sentido.

Dolly veio pelo caminho do jardim com as crianças. Lucy enfrentou seu olhar. A ânsia nos olhos de Dolly transformou-se em raiva, qual nuvens que se concentram para formar uma tormenta.

Roger voltara a comer os biscoitos fazendo barulho. Parecia não perceber o embaraçoso silêncio que havia entre as duas mulheres.

O pai de Lucy rompeu o silêncio, pigarreando e dizendo para Dolly:

- Esse negócio com a mãe de Nick Weiler foi bem chocante, não foi?

A menção do caso dissipou parte da fúria de Dolly. Ela sorriu um sorriso tímido e disse:

- Sim, foi muito doloroso. Pobre querida.

O prato de biscoitos e fatias de banana estava vazio, o cântaro de chá gelado apresentava somente alguns fragmentos de gelo, fatias de limão e uma mancha das menores folhas de chá. Roger olhou para os restos do lanche com o mesmo ar de tristeza solene que Dolly esboçara para a recente tragédia da senhora Maggie Weiler.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

De repente, ele levantou-se.

- É melhor nós irmos andando.

Aliviada, Dolly exibiu-se, beijando as crianças e permitiu que a conduzissem até a porta, levando os buquês nos braços. Mandou que Roger dirigisse, decidida a ser majestosa, enquanto acenava para as crianças, agarrada aos fedidos cachos de flores infestadas de bichos.

Lucy sentiu-se levemente enojada. Seu pai deu-lhe uns tapinhas no ombro.

- Você fez a coisa certa - assegurou-lhe ele.

- Espero que sim.

Esperando ouvir Nick, Lucy assustou-se ao ouvir a voz de Dolly quando atendeu o telefone naquela noite.

- Lucy?

Lucy ficou tensa.

- Sim?

- Ouça, tenho sido uma burra, não é mesmo?

Lucy não soltou a língua.

- Estou pedindo desculpas, Lucy.

- Pois aceito - foi uma aceitação honesta de parte de Lucy, para não dizer fastidiosa. Era um alívio amarrar os laços da raiva e do ressentimento e preparar-se para tirá-los de sua vida.

Houve um momento de decente hesitação de parte de Dolly.

- Você vai trabalhar para mim de novo? Você é a única pessoa que pode fazer isso.

Lucy riu contra a própria vontade.

- Duvido disso, Dorothy.

Ela fez uma pausa. Como dizer a coisa de maneira educada sem antagonizar-se com Dolly, rompendo a trégua recente?

- Já estou comprometida com um monte de trabalho - disse num tom inseguro.

Dolly pressionou-a. - Dá para pelo menos você pensar no assunto? Isso serviria como Miniaturas do Terror - Tabitha King

saída, decidiu Lucy. Mais tarde poderia dizer não.

- Tudo bem. Vou pensar no assunto. Talvez eu possa localizar alguma outra pessoa para ajudar-lhe.

- Ótimo - Dolly pareceu gratificada, como se já soubesse que essa possibilidade era tudo que poderia obter. - Me diga uma coisa, você está muito ocupada nesse momento?

- Bem, estou sim - não, não posso começar agora mesmo.

- Nesse caso mandarei algumas fotos para você ter uma idéia.

- Tudo bem - afinal de contas, olhar as fotos não constituiria a assinatura de um contrato. E ela estava curiosa para ver o que Dolly havia feito.

- Quando você poderá me dar certeza?

- Logo. Dentro de duas semanas, no máximo três.

- Oh, muito obrigada, querida - Dolly tomou a 4esitar. - Você tem tido notícias de Nick?

- Olha, na verdade, quando o telefone tocou, pensei que fosse ele.

Dolly deu uma risadinha.

- Sinto muito, querida. Devo ter-lhe causado um desapontamento - ela ficou mais sóbria.

- No entanto, por favor, diga-lhe que fiquei desconcertada com o que ocorreu à mãe dele. Ele deve estar arrasado.

- Direi - assegurou-lhe Lucy, reprimindo a súbita vontade de cantar-lhe nos ouvidos uma velha canção: mentirosa, mentirosa, seu nariz vai crescer...

- Bem, nesse caso, não vou ficar ocupando sua linha por mais tempo. Agradeço-lhe de novo, doçura. Não suma - e Dolly desligou.

Pensativa, Lucy pôs o fone no gancho. Havia sempre uma enorme sensação de alívio quando a ex-sogra ia embora ou terminava um telefonema. Dolly era como areia movediça, ou uma fossa de piche, pensou Lucy, sempre tentando arrastá-la para o fundo.

- Ela disse obrigada? E estou pedindo desculpas? - Nick estava incrédulo.

- Disse.

- E você disse para ela se danar?

- Não exatamente.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Nick suspirou.

- Não faça. Quebre uma perna, fique grávida. Mas não faça. Por favor. Lucy rolou para o lado e deslizou para fora da cama de Nick. Sua camisola azul-marinho, enrugada na altura dos seios, desceu à medida em que ela inclinava-se para os lados. Nick estendeu o braço em sua direção; ela afastou-se dançando.

- Eu não vou fazer - ela disse alegremente.

Ele empilhou alguns travesseiros às suas costas, sentou-se na cama e disse:

- E o que é que você vai fazer?

- Vou beber um pouco de água gelada. Você quer?

- O que foi que aconteceu com o champanha para o romance? - zombou ele. - É... água gelada me soa muito bem.

Lucy afastou-se. Ele ouviu-a cantarolar e o abrir-e-fechar do congelador de sua geladeira. Seus dois gatos também devem ter escutado o barulho, pois

aproximaram-se silenciosamente, saltaram para cima da cama e enroscaram-se perto dele, pedindo-lhe que se afastasse daquela mulher. Era agradável ficar recostado ali, acariciando seus velhos animais de estimação e pensando na fita azul-marinho presa em cima dos seios de Lucy. Pensando que isso era tudo que faria ali; ela ia querer ir embora logo para estar em casa quando seus filhos despertassem.

Ela sentou-se ao lado dele. Ele segurou o copo de água com uma das mãos e deslizou a outra em volta da cintura dela.

- Voe comigo - sussurrou ele. - Vamos abandonar nossas obrigações e fazer umas loucuras.

Ela riu.

- Eu devia deixar você chocado ao ponto de ficar impotente. Devia dizer que sim. Então, você teria de abandonar seu verdadeiro amor, o Dalton.

- Sua gozadora duma figa - protestou ele, enquanto aninhava-a nos braços. - Eu amo você mais. Um pouquinho mais.

Nesse instante, com o nariz enterrado nos cabelos dela, a espinha de Nick foi inundada de água gelada, enquanto ela virava o copo devagarinho nas costas dele.

- Argh! - gritou ele, movendo-se para longe dela e derramando seu copo nos lençóis, chocando-se com a mão de Lucy, de modo que o resto de água no copo dela derramou-se sobre seus ombros e peito. Lucy saltou para longe dele e rolou pelo canto da cama dando risadinhas.

- Pelo amor de Deus, Lucy - ele falou ofegante - minha cama está empapada e desse Miniaturas do Terror - Tabitha King

jeito acho que vou mesmo ficar impotente para o resto da minha vida.

Ela tapou a boca e baixou as pálpebras, mas seus ombros ainda tremiam com a risada.

- Sua puta - queixou-se ele.

Ele arrancou uma coberta da cama e enrolou-a nos ombros como manto.

- Se eu morrer de pneumonia, a culpa é sua. Como é, você vai afastar-se ou não da sua oficina para fazer uma viagem comigo?

- Como assim?

- Preste atenção. Pare com essas risadinhas sacanas. Tenho de ir ver meu pai. Vai ser apenas até o Maine e não ao fim do mundo.

- Seu pai? - Lucy, repentinamente mais séria, sentou-se.

- É.

Lucy soluçou.

- Tive uma outra idéia, vou sozinho. Não estou muito seguro de que você esteja preparada para uma companhia civilizada.

- Ah, não, você não vai não. Não vou perder a chance de encontrar o maior pintor vivo do mundo. Mesmo que ele seja seu pai.

- Quer dizer que é assim que você me vê?

- Nossa, claro que não. Eu não sabia que vocês eram parentes, até que um dia Dolly me disse e, desde então, nós nos... ah, tomamos íntimos.

Tranqüilizado, Nick levantou-se sobre ela, com uma sobrancelha arqueada.

- E o que é que mereço?

- Seu sacana - respondeu Lucy. - Quando vamos?

- Você tem certeza que não vamos para o fim do mundo? - perguntou Lucy de pé, ao lado da bagagem empilhada. Laurie a puxava pela mão. - Sim, espere um minutinho, meu amor - ela prometeu.

Nick, carregando Zach no colo, piscou para ela.

- Tenha coragem. Encare isso como uma aventura.

Zach aplaudiu a idéia.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Quero fazer xixi - insistiu Laurie, ignorando, como sempre as mulheres fazem, o chamado à aventura.

Lucy olhou freneticamente pelo terminal dos vôos nacionais do aeroporto. Os viajantes aglomeravam-se em todas as direções do espaço simples do aeroporto. Ela nunca antes estivera ali.

- Você sabe onde fica? - perguntou a Nick.

Ele encolheu os ombros, saindo-se à francesa.

- Sei onde fica o dos homens. Talvez o das mulheres fique perto.

A bagagem foi controlada, eles dirigiram-se aos sanitários públicos e encontraram rapidamente o banheiro das mulheres no outro lado da porta.

- Ah, não - queixou-se Lucy, enquanto Laurie dançava pulando de um pé para o outro.

- Vou levar Zach para o banheiro dos homens. Encontro você no portão - Nick disse para Lucy, aproximando-se dela para sussurrar: - esse é um vôo romântico.

Lucy não pôde reprimir o riso. Pelo menos enquanto ele afastava-se com Zach trotando ao seu lado, ela tinha as costas largas dele para contemplar. Depois disso, nada mais havia que fazer a não ser tentar distrair Laurie da suas calcinhas úmidas e da histeria, enquanto a fila movia-se lentamente em direção ao banheiro de cheiro doentiamente doce.

O vôo triangular parou em Porland, cidade onde o pai de Lucy vivera antigamente, mas que Lucy nunca tinha visto. Parecia pequena em comparação com Washington, embora Lucy soubesse que Washington mal chegava a ser uma metrópole, e vista do ar, bem antiga com muitos tijolos vermelhos e um grande número de árvores. O cheiro do mar entrou no avião, enquanto alguns passageiros desembarcavam e outros subiam a bordo; Nick lhe disse que aquela era a baía de Casco, o corpo de água que o avião cruzara para aterrissar no pequeno aeroporto com suas pistas terrivelmente curtas.

O bom cheiro foi sendo deixado para trás, à medida em que voavam para o norte e para o interior, em direção ao aeroporto maior de Bangor. Ali, as pistas eram longas, lisas e pareciam novas. Estavam em construção, como também estava o Portland Jetport, mas o aeroporto parecia caro e próspero. Em contrapartida, a cidade de Bangor, vista do céu, era muito menor, mais construída nos bancos de um rio do que numa península que entrasse pelo mar, como era o caso de Portland. Enquanto Portland era puros tijolos vermelhos e árvores, Bangor, embora verde por causa do verão, tendia para as massas de concreto branco-acinzentado e o centro da cidade estava estranhamente vazio, uma escultura interessante, embora desumana, composta de prédios com vários andares brilhando ao sol e colagens irregulares dos estacionamentos.

Entretanto, ainda não era o momento de eles passearem; Bangor, uma estação intermediária. Nesse aeroporto, eles mudaram para um pequeno vôo charter, pilotado Miniaturas do Terror - Tabitha King

por uma mulher jovem com um agradável sotaque do Maine e com uma sombra de olhos espantosamente turquesa a completar-lhe o uniforme de jovem mulher de negócios composto de um blazer púrpura, saia imaculadamente branca e blusa listrada de turquesa e púrpura. O avião passou baixo por terras cada vez menos povoadas; as árvores não desapareceram, mas pareciam mais esparsas, mais raquíticas. A terra tornou-se plana, dividida em pântano, brejo de bagas azuis e água, enquanto os longos dedos do mar penetravam o interior. O aroma de sal pairava de novo no ar.

Aterrissaram novamente, em um minúsculo e insignificante aeroporto do mato. As crianças estavam cansadas e rabugentas; somente a promessa de um vôo de helicóptero foi capaz de adiar as lágrimas. O aparelho chegou alguns minutos após a aterrissagem do avião. As crianças ficaram ocupadas observando sua descida, até o momento de serem embarcadas.

Era impossível conversar com o barulho das hélices, de modo que todos ficaram observando a terra desaparecer. Em questão de minutos estavam voando sobre um infinito mar azul, dotado de barcos ocasionais, que iam desde veleiros de pesca, passando por botes de lagostas, até cargueiros e navios-tanques. De vez em quando uma ilha ressaltava um exaurido pedaço de rocha e fauna por entre as frias águas azuis. Lucy pensou que poderia recordar-se para sempre das novas perspectivas de seu planeta, que lhe apresentara aquele dia perfeito para o vôo. No início, os trabalhos do homem na superfície eram algo a se admirar, mas

depois foram diminuindo com o passar das horas e mudanças de avião, até que pareceu-lhe que a raça humana nada mais fazia que infestar, por tolerância ou indiferença, os pedaços de terra que reivindicara. E depois veio o mar, onde simplesmente não existiam marcas do homem, e ela estremeceu, sentindo-se pequena e vulnerável naquela barulhenta bolha mecânica que abria caminho num céu sem nuvens. Nick, sentado ao seu lado, sentiu-se estremecer. Então, esticou o braço para puxá-la para mais perto e aquecê-la com seu corpo. Atrás deles, as crianças adormeceram, indiferentes a tudo que acontecia, em cima e embaixo.

A ilha fazia parte de um arquipélago, sendo que a maior parte dele, gritou o piloto para eles, era pequena demais para suportar vida que necessitasse de mais coisas além das tartarugas marinhas e uma ampla variedade de pássaros. Era o topo de uma montanha em forma de anzol, que emergia do mar, como talvez cento e oitenta quilômetros quadrados de árvores raquíticas, areia e rochas. Nas dobras do cume rochoso, alguns vincos de terra diligentemente criados sustentavam um arremedo de floresta, os jardins de Sartoris e as campinas onde pastavam suas cabras e vacas. O estúdio e a casa de Sartoris, os únicos prédios além dos toscos abrigos para os animais, estavam aninhados em um desses vincos, no anzol da ilha, onde o mar aproximava-se de seu centro.

O helicóptero levou-os por cima da casa, de modo que sua forma, um falso quadrado, ficou claramente visível. O estúdio era um prédio com uma estranha forma de cunha de dois andares, com vidros que brilhavam ao norte e um teto de painéis solares para recolher o sol ao sul. De repente, Lucy viu-se contraída de curiosidade. Nick, ao perceber que seu rosto animara-se de admiração, deu uma gargalhada.

O helicóptero aterrisou em uma área a meio quilômetro da casa, que brilhava branca como velhos ossos na forte luz do sol. Uma mulher musculosa de idade indefinida foi de Miniaturas do Terror - Tabitha King

encontro a eles com um pônei e uma pequena charrete. Tinha sorrisos para Lucy e as crianças, mas seus pálidos olhos azuis instalados em um rosto longo e ossudo brilhavam de curiosidade. Ela esperou pacientemente que Nick terminasse de ajudar o piloto a retirar a bagagem e, em seguida, envolveu-o com seus longos braços, como se ele fosse um filho não visto havia muito tempo.

- Nicholas - saudou-o, dando-lhe tapinhas nas costas com seus enormes punhos.

Ele abraçou-a, balançando-a.

- Ma - ele cantou feliz. Ele soltou-a com cuidado. - Aqui. Ma, essa é Lucy Douglas.

Laurie. Zach. Apresento-lhes Ma Blood.

A pele de oliva da mulher ruborizou-se de prazer e excitação. Ela apertou a mão de Lucy, depois a das crianças, uma por uma, com gestos bem solenes.

- Contente, tenho certeza - disse dando uma risadinha.

Ela virou-se, agarrou uma mala em cada mão e empurrou-as para a charrete, embora Nick se lançasse em sua direção protestando.

- Ele - ela disse apontando por cima do ombro - tá lá fora ordenhando as cabras. Vai voltar para o chá. Daqui a pouco. Ele me disse onde instalar vocês.

Ela levantou as crianças na charrete, onde elas sentaram-se rindo por entre a pilha de malas.

- Vamos agora - Ma Blood estimulou-os.

Daria tempo, Nick assegurou para Lucy, para um rápido banho de mar após instalarem-se em seus aposentos. Era uma corrida curta das portas de vidro que abriam-se de seus quartos para a praia, passando por algumas dunas, até chegar ao mar. A água estava fria, mas as crianças pareciam não sentir isso. Lucy mergulhou, excitada com a flutuabilidade da água salgada e a força das ondas que a ergueram e mandaram de volta à areia.

Após ficar patinhando com as crianças durante algum tempo, Lucy agachou-se na praia enrolada em uma toalha grossa, enterrou as mãos na areia para senti-la e observou os filhos brincarem. Nick ficou com eles, brincando de tubarão e monstros marinhos, ensinando-lhes a abrir os olhos debaixo d'água. O velho falou por trás dela:

- Senhora Douglas? - identificou-a.

Ela estremeceu e virou-se para olhar para ele. O sol estava atrás do velho, seu rosto era escurecido por um enorme e bambo chapéu de palha. Mas o corpo

grande, coberto por um cafetã, irradiava uma força inesperada, sua voz, forte e ressonante e mais assustadora ainda por sua semelhança com a de Nick.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ela começara a levantar-se, com ele estendendo-lhe o braço para ajudá-la a pôr-se de pé.

A mão que ela agarrou era extraordinária, uma mão enorme, grande inclusive para o homem corpudo que a estendia. Os dedos eram tão grossos como charutos e achatavam-se nas pontas, formando cunhas calosas, de unhas quebradas. Manchas de fígado formavam arquipélagos nas costas ossudas, mas os punhos e antebraços, onde as mangas do cafetã estavam puxadas para trás, apresentavam músculos rígidos por baixo da pele envelhecida.

- Muito prazer em conhecê-lo - balbuciou Lucy.

Ele não lhe apertou a mão, apenas pressionou-a de leve. Sua mão assemelhava-se a papel ao toque, seca mas não fria, e tosca nos calos desiguais formados ao longo dos dedos.

Seu rosto, escurecido na sombra, parecia-se às fotos de duas décadas atrás que os jornais geralmente copiavam, o mais recente de seus rostos públicos. Máscaras em preto e branco, pensou ela, que mais disfarçavam do que revelavam. A luz por trás dele sublinhava seu pescoço de touro, a pesada musculatura que anunciava um tórax maciço e a leve inclinação para a frente, um pequeno sinal da idade. Lucy rememorou as fotos meio esquecidas, o trio de auto-retratos dos livros de sua escola de arte. O jovem Sartoris, e havia quanto tempo atrás ele tinha sido um jovem, um atleta, praticante de luta romana e cavaleiro, mas que, dizia-se, tinha um rosto incrivelmente feio. Ela não tinha uma impressão clara sobre com quem se parecia e, pela primeira vez, perguntou-se se as fotos haviam sido deliberadamente escurecidas, se os retratos conscientemente distorcidos. Examinando-o, ela procurava o Nick que haveria nele, mas via apenas sombras.

Ele olhou por cima dos ombros dela, para Nick e as crianças, que pulavam na rebentação.

- Há décadas que não aparecem crianças por aqui - disse Sartoris Lentamente. - Eu tinha me esquecido como eram fantásticas e maravilhosas. Achava que não havia mais gente no mundo com coragem suficiente para fazer filhos.

Lucy riu.

- Não se trata de coragem, mas agradeço-lhe de qualquer maneira. Eu era mais jovem nessa época. Acho que a palavra mais certa é imprudência.

Ela não pôde vê-lo rir, mas uma risada gutural emergiu das sombras do chapéu de palha.

Ele acenou para Nick, que naquele momento percebia que Lucy não estava mais sozinha na praia.

- E meu filho, foi a imprudência que a levou a ele?

Assustada com o leve desdém contido na voz de Sartoris, ela respondeu decidida

- Sinto muito, mas esse não é um problema seu.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Sartoris deu uma gargalhada nesse momento, expressando uma surpresa divertida no riso.

- Desejo-lhe sorte, Sra. Douglas.

Nick vinha patinhando em direção a eles, com Zach cavalgando em seus ombros.

Dançando ao lado deles, Laurie tentava molhar Zach com punhados de água, conseguindo apenas ensopar Nick. Zach, em seu poleiro invulnerável, esperneava e ria-se vitorioso.

Após as apresentações terem sido feitas, o velho fez um gesto em direção ao sol que, nesse momento, encontrava-se baixo no céu. De repente, os banhistas sentiram frio e acharam-se um pouco bobos por estarem ali fora, vestidos com sumárias roupas de banho. Lucy apressou as crianças pelo caminho em direção à casa. Atrás dela, a conversa entre pai e filho chegava-lhe na forma de ruídos e esguichos distantes. Quando virou-se para olhar na direção deles; pouco antes de entrar na casa, viu que ainda retardavam-se nas dunas, estavam cara a cara, fora do alcance de seus ouvidos. Nick estava curvado contra as leves brisas da noite que sopravam, as mãos enfiadas nos bolsos na jaqueta de praia de veludo, atirada sobre a pele molhada pela água do mar.

Havia uma certa solenidade de carregadores em um funeral na posição deles. Lucy podia apenas supor o que estaria se passando entre eles, talvez algo que dissesse respeito à senhora Maggie.

Ao levar as crianças para o chá no terraço, alguns minutos mais tarde, Lucy encontrou Sartoris aboletado em uma cadeira de vime de espaldar ornamentado, suas costas ainda voltadas para o sol. Nick ainda estava no banho, livrando-se da areia e do sal.

- Venham sentar-se ao meu lado - Sartoris dirigiu-se às crianças, dando tapinhas nas cadeiras de vime estofadas ao seu lado.

Elas o obedeceram tão prontamente que ele lançou um rápido e sarcástico olhar para Lucy. Depois disse:

- Gente bem educada, pelo que estou vendo.

Sem responder, Lucy tomou assento na cadeira oposta a ele. Tendo os filhos tão perto dela, Lucy não estava em condições de desculpar-se com ninguém por seus métodos.

- Sua mãe é muito dura? - Sartoris perguntou às crianças.

Zach concordou, claro. Sua atenção estava voltada para a mesa já posta com pratos de bolinhos e outras iguarias de aparência deliciosa, assim como com uma horrível chaleira de barro.

- Sim, senhor - concordou Laurie. - Todos os outros garotos dizem isso.

Lucy riu, sentindo-se um pouco desconfortável com essa prova de sua reputação na vizinhança.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- A senhora não poderia servir, Sra. Douglas? - perguntou Sartoris e, quando Lucy respondeu que sim com gesto de cabeça e adiantou-se para erguer a pesada chaleira, ele recostou-se na cadeira. - Minha mãe era muito rígida - ele disse para Laurie e Zach. - Ah, era mesmo.

Ele fez uma pausa para passar as xícaras de chá para as crianças e depois

prosseguiu:

- Ora, ela nunca deixava que eu pegasse todos os doces que quisesse na hora do chá. "Só

dois, Leighton", vivia dizendo, "pra não insultar o cozinheiro". E se eu pegasse mais, ela me trancava no quarto sem a janta.

Os olhos de Laurie estavam arregalados de simpatia. Zach lançava olhares nervosos para as guloseimas. Talvez lhe proibissem também de pegar mais do que dois.

- E agora que não tenho mãe nenhuma para me proibir essas coisas, tenho um médico que vive dizendo as mesmas frases. Ele me leva a acreditar que um pedaço decente desse bolo, esse de adorável chocolate, com nozes e cerejas na cobertura, poderia me jogar direto na sepultura.

Zach abriu a boca horrorizado.

- Mas talvez uma lasquinha só me deixasse doente. É possível até que me imunize, assim como pequenas doses de veneno imunizam as pessoas contra administrações supostamente fatais. A senhora não poderia cortar para mim um pedaço bem pequenininho, Sra. Douglas? E pedaços bem maiores para a senhorita Laurie e o senhor Zach.

- Encantada - disse Lucy. Sem dúvida nenhuma, a mãe de Sartoris devia estar sentindo-se derrotada na Grande Mesa de Chá do Céu.

- E permita-me escolher algo para a senhora. Todas as madeleines, menos o parlez-vous.

A Sra. Blood perde o tempo comigo. Acho que deve estar em êxtase por ter convidados que podem apreciar seus talentos.

As crianças, os rostos brilhando de alegria e com um pouco de alívio por verem dissipar-se num passe de mágica a limitação vagamente ameaçada, fizeram um coro de

"muito obrigado" e puseram-se a comer com sofreguidão.

- E você - perguntou o pintor para Lucy -, o que vai querer?

- Oh, apenas uma madeleine.

Ele levantou a cabeça num gesto de desdém.

- Não vá me dizer que sua mãe só permitia uma. Não? Está fazendo dieta? Esse é o país mais rico do mundo - criticou ele - e todas as mulheres passam fome. Todos esses ossos.

Sou levado a crer que fazer amor deve ser mesmo doloroso. Na certa deve ser uma coisa barulhenta, cheia de retintins, estalidos, como as castanholas.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy examinou sua xícara de chá e mentiu alegre:

- Na verdade, não estou. Estou tentando dar um bom exemplo.

O velho emitiu uma incrível gargalhada.

- Ouvi isso - disse Nick, chegando ao terraço. - Espero que não esteja tentando dar um exemplo bom demais. Em se tratando de comida, me sinto como um porco, e se for amor, bem, me sentirei solitário - ele curvou-se para dar um rápido beijo na testa dela. - Vou pegar três de cada coisa.

As faces de Lucy ficaram quentes, ela mordeu rapidamente sua madeleine. Agora seu prato estava completamente vazio. Com um gesto desafiador, ela pegou um croissant com chocolate.

- Ah, mon père - Nick disse para o pai - ela está agüentando suas maneiras astutas. - E

para Lucy: - ele gosta de acuar seus convidados para que eles achem que não podem comer, senão estarão cedendo à fanfarronice dele. Desse modo, ele fica com todos os doces. Isso sem falar na conversa sobre as mulheres muito magras. Minha mãe nunca pesou mais do que cinqüenta quilos, a não ser quando estava grávida, que engordou, o que seria, uns sete quilos. Nessa época nunca ouvi queixas sobre ossos barulhentos.

Seu pai grunhiu:

- Não existe explicação para o amor, não é?

Habilmente, Nick desviou a conversa para outros assuntos. Primeiro, provocou Sartoris para falar com as crianças sobre a ilha, sobre como foi viver ali e como viviam ali, de maneira quase auto-suficiente, ele e a Sra. Blood, que apareceu magicamente para renovar a chaleira e os pratos. Quando o velho pintor cansou-se, Nick contribuiu com histórias engraçadas que aconteceram no' Dalton.' As crianças, satisfeitas, davam risadinhas e brincavam de tomar chá. O velho, examinando-os em silêncio enquanto Nick falava, foi o primeiro a perceber o tédio deles.

- Estou muito cansado - anunciou Sartoris.

Nesse momento, Lucy notou as manchas azuladas embaixo dos olhos de Zach e a risada cansada de Laurie. De repente, ela também sentiu-se com os ossos pesando.

- A Sra. Blood e eu estamos acostumados a jantar bem tarde. Talvez vocês me desculpem por descansar um pouco antes de juntar-me ao grupo mais tarde. Sra.

Douglas, Ethelyn ficará contente em poder preparar uma leve refeição para seus filhos e sentar-se com eles, enquanto você e Nick jantam comigo mais tarde.

- Obrigada - disse Lucy e, apesar de seu cansaço tenso, sorriu.

O velho levantou-se com algum esforço e tocou-lhe a mão de leve antes de sair.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Foi uma boa apresentação - sussurrou Nick para as crianças. E os dois adultos levaram os pequenos para um descanso. Atrás deles, o último charco do pôr-do-sol escurecia-se e desaparecia com a luz.

Lucy teve consciência do olhar de aprovação de Nick ao sentar-se para jantar. Ela puxara os cabelos para trás e seus ombros estavam à mostra, cobertos apenas pela coloração do sol. Captando freqüentes olhares de Nick, não pôde deixar de sentir-se bem. Ele parecia incrível e irracionalmente feliz. A tensão que ela percebera nele por causa da mãe desaparecera exorcizada pela presença do pai,

por algum ritual particular de tristeza que ocorrera entre os dois homens na praia, pela presença dela e de seus filhos, era tudo que ela podia imaginar.

Estava orgulhosa dele. Nunca antes o vira tão inteligente e engraçado, entusiasmado pelo pavão-macho que havia dentro dele, pavoneando-se para ela, e aflito com o mudo criticismo de seu pai. Ele dera vida ao Dalton, expondo seu amor por ele. No rastro dos dilatados silêncios de Sartoris, ocorreu-lhe que Nick estava tentando convencer o pai do valor da obra de sua vida, de seu próprio valor.

Sartoris instalara-se na cabeceira da mesa, onde mal chegavam as difusas luzes do par de candelabros que iluminavam a sala. Vestido com um cafetã de capuz de linho tosco, ele estava com uma aparência monacal, o perfil oculto de Nick e Lucy.

- Sinto muito - disse ele no fim - por ser tão mau companheiro de jantar. Como Scrooge* , sou assolado por fantasmas. Quando se chega à minha idade, a gente descobre que a emoção que mais pesa é o remorso. Ou no caso de um pecado terrível, como é o meu, a culpa.

* Scrooge: personagem de Charles Dickens em "Conto de uma Noite de Natal".

Nick continuou em silêncio, comunicando-se com a toalha de mesa, ou com suas próprias culpas. Lucy esticou o braço num impulso e segurou a mão esquerda do velho.

- Achei que a tinha enterrado depois de tantos anos em que vivi afastado dela. Achei que podia viver aqui pintando meus borrões como um dente-de-leão em um pedaço de plástico. Quando soube que ela havia desaparecido, eu... tive consciência de que era apenas um molóide, um velho eremita sórdido com um coração de uva seca.

Nick tentou aproximar-se do pai, mas não encontrou nenhuma palavra que lhe pudesse servir de conforto. De modo que continuou ouvindo.

- Ela estava completamente sozinha naquela velha casa podre, sozinha durante anos.

Talvez tenha sido por isso que algum ladrão levou-a e matou-a... - ele brincava com a xícara de chá, ostentando uma expressão de dor - ... tenho certeza que está

morta, posso sentir isso, mas só espero que pudesse ter sentido a mesma coisa se ela tivesse morrido sozinha na cama.

Ele riu.

- Era linda quando tinha trinta anos. Nós fazíamos algumas brincadeiras horríveis, os Miniaturas do Terror - Tabitha King

dois. E quando ela chegou para me contar que ia se casar com um homem rico que seria gentil, generoso e fiel, achei que seria o fim. Mas não foi. Vim para cá e aqui fiquei por meses e meses, até que me senti atraído por ela de novo, como se houvesse alguma linha invisível que nos ligava, de coração a coração. Ela terminou a coisa, você sabe - ele parecia estar falando apenas com Nick - após seu nascimento. Tanta coisa por uns ossos barulhentos. No entanto, éramos amigos. Nunca brigamos ou nos odiamos. Apenas ficamos velhos e tudo, até mesmo o amor, tornou-se algo que não valia o esforço.

Durante anos, fomos apenas rumores nos diários de cada um. Devo estar ficando senil por ficar com o olho molhado e o nariz pingando por causa de uma mulher que não vejo desde, pelo amor de Deus, o funeral do seu padrasto - ele assoou o nariz com barulho no guardanapo da janta e murmurou: Ethelyn não vai gostar disso.

- Não há nada de senil para descobrir que você ainda tem sentimentos em relação a um velho amor - disse Lucy suavemente, olhando para Nick.

Ele estava brincando com a colher de café, a boca movendo-se para trás e para a frente num sorriso trêmulo que não mostrava os dentes.

- Espero que sim - disse Sartoris, o tom de voz um pouco mais alto e claro. - Basta de sentimentalismos bobos - ele levantou o copo de conhaque que ainda não havia tocado.

- A Maggie!

Solenes, Lucy e Nick juntaram-se a ele.

- E sabe duma coisa - continuou o velho, colocando o copo na mesa com um baque surdo - maldição se essa moça miserável, Dorothy Hardesty, não estava lá. Nunca soube que essa puta aparecesse com outra coisa que não fosse problema,

parece ave de mau agouro.

- Nesses dias - comentou Nick - ela estava acompanhada de um pequeno gnomo.

Lucy sorriu; sem compreender, Sartoris franziu a testa.

- Pobre moça, ela é sua sogra, não é? Só por isso você já merecia uma auréola. E você

trabalhou para ela. Aquela casa boba dela. Bem, não é que eu ache que seja mesmo boba. Tenho certeza que seu trabalho é tão valioso quanto o meu.

- Ha, ha, ha - Lucy riu descartando a afirmação.

- Não vou me meter nisso - disse Nick, esticando o braço para pegar o conhaque.

- Não pode, não é mesmo? Esse é o problema de se ser... - o velho franziu o nariz com um gesto de desgosto - ... administrador de museu. Não pode dar-se ao luxo de ofender ninguém. Puxa-saco dos doadores potenciais, parasita do público leigo e um tremendo crítico com suas modas fugazes. Isso não é trabalho de um homem honesto. Ou de uma mulher.

Nick encolheu os ombros com desdém. Pelo visto, aquela era uma velha discussão entre os dois.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Miniaturas que costumavam ser pequeninos retratos e outras coisas pelo estilo quando eu e a Terra ainda éramos jovens - observou Sartoris. Agora é um outro mundo.

Qualquer coisa e tudo em uma escala de um para cem, ou menos. Os próximos objetivos serio as pessoas de verdade.

- Receio que a arte ainda não tenha chegado a esse ponto - Lucy riu, pensando que o conhaque estivesse fazendo efeito em Sartoris. - Mas é um meio de vida e, como você

mesmo disse, um meio de vida honesto.

- Ah, sim - concordou o velho. - Vou lhe dizer uma coisa, querida, eu quase preferiria que meus quadrinhos e vasos fossem classificados como brinquedos, ao invés de irem parar nas ilustrações de livros e na decoração de interiores. Dissecações versadas de empastações e pinceladas e nervos óticos, pelo amor de Deus. Me dá dor de cabeça - ele suspirou. Suas enormes mãos repousaram sobre o tampo da mesa. No completo silêncio que se abateu sobre eles, Lucy percebeu o cansaço do velho.

Nick pareceu percebê-lo também.

- Não sei como você está, mon père, mas eu e minha senhora tivemos um longo dia e amanhã defrontaremos com nossas infatigáveis companhias, talvez no primeiro raio de sol.

- A melhor hora - Sartoris acenou em despedida. - Preciso ver Ethelyn antes de me retirar. Tenham um bom repouso.

Ele ficou sentado como uma estátua em um jardim, uma massa sombreada em uma cadeira de espaldar de cordas, olhando para o tampo branco da mesa de jantar. Algumas horas mais tarde, quando Lucy aproximou-se do nível da consciência na conclusão de algum ciclo de sonho, ela pensou ter ouvido os passos uniformes do velho no corredor, qual carpideira na procissão de um funeral.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 14

Ao despertar de novo, ela pensou que ele ainda estivesse ali, só que nesse momento ele era um gigante e estava correndo. Abrindo os olhos, ela descobriu que o quarto inundara-se com a luz do dia e o estrépito dos passos do gigante nada mais era que as batidas das hélices do helicóptero. Ao virar-se para Nick, descobriu que seu lado na cama estava vazio. Ele saiu do banheiro, de calças, mas ainda sem camisa e meias.

- Ah, merda - disse ela, sentando-se e agarrando o despertador de viagem em cima da mesinha-de-cabeceira.

- Puxa, então é assim que se cumprimenta um amor de verdade? - queixou-se ele.

Ela atirou as cobertas para o lado, deslizou para fora da cama, descalça e vestida apenas com a camisola de verão, e pôs-se a caminho do quarto contíguo que oficialmente dividia com os filhos. Suas camas estavam vazias e desarrumadas; seus pijamas, amarrotados sobre os travesseiros.

Nick seguira atrás dela, abotoando a camisa com dedos ainda lerdos de sono. Impelida pela convicção pânica de que os filhos estavam em perigo diante de gigantes, ela passou por ele e correu em direção à cozinha, ignorando a exclamação dele.

Zach e Laurie levantaram a vista para ela, quando Lucy escancarou a porta giratória da cozinha. Estavam sentados a uma mesa de cadeira de estilo antigo, a boca cheia de churros recém-preparados. Ethelyn Blood levantou a vista da massa de croissant que estava preparando em forma de meias luas em cima de uma chapa de forno, e sorriu. Ao compreender que Laurie e Zach, completamente vestidos e com os cabelos ainda brilhando da aplicação de um xampu, não apenas estavam a salvo, mas pelo visto também incólumes à sua ausência da cama, e que ainda estava de camisola, Lucy sentiu-se uma tola. Esboçando um sorriso inseguro, ela gritou:

- Bom dia! - tentando abafar o barulho das hélices do helicóptero.

Ethelyn sorriu, formando uma concha com as mãos a uma polegada dos ouvidos e revirando os olhos, exasperada com os estrondos. Nick gritou por trás de Lucy:

- Quem é esse aí?

A governanta encolheu os ombros e levantou a sobrancelha.

- Onde está Sartoris? - vociferou Nick.

Lucy afastou-se de Nick, já que seus gritos doíam-lhe nos ouvidos, enquanto Laurie e Miniaturas do Terror - Tabitha King

Zach arreganhavam um sorriso irônico com aquela conversa de mímicas dos adultos.

- Está lá em cima - gritou alegremente Ethelyn Blood.

Nick olhou de relance para Lucy. O mesmo pensamento desabrochou em suas

mentes quase no mesmo instante. Se a senhora Maggie havia sido uma vítima de um seqüestro mal elaborado, então Sartoris seria um alvo mais do que provável, vivendo como vivia num isolamento completo, tendo por companhia e proteção apenas uma mulher de meia-idade.

Nick precipitou-se pela cozinha e abriu a porta do quintal com um empurrão. O barulho do helicóptero cobriu o grito de surpresa de Ethelyn.

Ela deixou cair das mãos a massa em forma de caracol. Pôs as mãos na cadeira e perguntou perplexa:

- Ora, o que há? Ele está na praia, pintando como sempre - ela virou-se para as crianças.

- Bem, vocês devem comer todo o prato de churros, é melhor do que sobrar. E olha que eu estava gostando de ter alguém no café da manhã. Ele nunca toma o café. A única vez que alguém vem aqui, é quando o homem de museu da sua mãe aparece de visita. Ele puxou ao pai em muitas coisas, mas gostar de comer, isso ele gosta. Na maioria das vezes. Dessa vez ela lançou um olhar de tristeza para a massa amanteigada - ele está

com a cabeça em outra coisa, além dos gostosos docinhos de Ma Blood.

Zach e Laurie trocaram um rápido olhar e deram uma risadinha. Não apenas a comida era maravilhosa naquele lugar, havia também uma espécie de circo acontecendo ali.

O helicóptero aterrissou mais perto da casa do que quando os trouxe. Nick e Lucy precisaram apenas correr pelo jardim e atravessar o pomar, onde as macieiras curvavam-se como que lutando contra um furacão. A uma distância segura do pomar, o helicóptero começava a subir. Fora do redemoinho de suas hélices, dois homens curvaram-se sobre suas sacolas.

O helicóptero levantou vôo e afastou-se qual poderoso nadador em águas calmas.

Quando a turbulência de sua partida diminuiu, os passageiros puderam mostrar seu rosto. Subitamente fria e furiosa por ver sua ex-sogra naquele paraíso isolado, Lucy virou-se para Nick, que colocou o braço em volta (leia num gesto talvez protetor, talvez de posse.

Dolly gritou para eles, acenando:

- Queridos, isso não é maravilhoso?

Ao lado dela, Roger Tinker, que trazia no peito uma armadura de estojos de câmaras à

maneira dos turistas japoneses, olhou de boca frouxa para Lucy vestida com sua diáfana camisola.

Lucy esboçou um olhar de desafio e depois disse para Nick: Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Com licença - virou as costas para os visitantes inesperados e caminhou de volta calmamente pelo pomar. Nick seguiu-a com a vista, sorrindo e pensando: ha, ha, ha, criança. Dolly tocou-lhe o braço e disse em seus ouvidos:

- Nick, daqui a pouco você estará correndo atrás de Lucy na fonte. Você é mesmo filho de seu pai.

Nick ignorou a risadinha dela.

- O que você está fazendo aqui?

Ela acenou alegremente para a casa.

- Visitando meu caro amigo, seu querido père - e dando um tapinha no braço dele, sussurrou: - estou arrasada com o que aconteceu a sua mãe. Londres ficou amarga e feia. Tive de vir embora. Sinto não ter esperado por você.

Nick enfiou as mãos nos bolsos e arrastou os pés descalços na grama.

- Este não é um momento adequado para você vir aqui. Sartoris ficou muito abatido com o desaparecimento de mamãe.

- Mas você trouxe Lucy e meus bombons para cá - assinalou ela.

- Eles são da família - ele disse bruscamente.

Nesse momento, Dolly fez uma pausa.

- Ah, entendo - ela retirou o braço delicadamente, como se acabasse de perceber uma nota de "tinta fresca" pendurada no cotovelo dele. - Bem, querido, a cama é sua. E eu não gostaria de intrometer-me em sua... tristeza. Mas preciso ver Lucy. Trata-se de um assunto de negócios. ,

- Ela não fará a coisa - disse Nick secamente. Ele balançou a cabeça,, num gesto enigmático e caminhou com passos graves em direção à casa sem dizer nenhuma palavra a mais.

Dolly levantou a sobrancelha para Roger.

- Ele podia ter-se oferecido para ajudar com as bagagens. Bem, você pode conseguir, bastam duas delas... se puder caminhar com essa protuberância no bolso.

Roger arreganhou um sorriso irônico. Com o tempo mantendo-se quente e bonito, ele teria múltiplas oportunidades de paquerar Lucy Douglas. Pelo menos haveria algum lucro naquele passeio. Sua opinião pessoal era de que Dolly estava pressionando Lucy e que esta não era mulher de se pressionar. Talvez ele Pudesse participar de algum confronto direto, agindo como pára-choque. Seria gostoso servir de pára-choque para a suculenta Lucy.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Nick foi primeiro ao terraço e depois à praia procurando pelo pai. Encontrou o velho um pouco distante das portas do próprio quarto dele, que se abriam para o caminho que dava na praia. Estava sentado em uma cadeira de acampamento. Com uma das mãos segurava o pincel, enquanto a outra equilibrava-se na cadeira. Nick não olhou para a tela que estava no cavalete; sabia por experiências passadas que Sartoris não gostava que as pessoas espiassem seu progresso no trabalho. O filho ficou observando em silêncio enquanto o pai dava pinceladas na tela. Quinze minutos depois, o velho parou, levantou a cabeça sob o chapéu de palha e encarou Nick.

- É Dorothy Hardesty e seu companheiro.

O velho vociferou:

- Mas que merda essa puta está fazendo aqui?

Nick encolheu os ombros.

- Diz que quer falar com Lucy. Lucy me contou que Dolly quer que ela conserte a casa de bonecas. Houve um incêndio nela quando Dolly, na certa de porre, deixou um cigarro cair na casa. Você quer que eu a mande embora enquanto trabalha?

Sartoris ficou em silêncio. De repente, tirou um trapo da pintura do cós das calças largas e limpou o pincel.

- Bah! Não dá mais para me concentrar com essa vitrola tocando em meus ouvidos e o pensamento de que Dolly e esse vilão que você disse que ela trouxe consigo estão por aí, bisbilhotando minha casa e minha ilha.

Nick balançou a cabeça. Tinha medo dessa reação. O velho parecia perigosamente cansado.

- Deixa que lhe ajudo a arrumar suas coisas - ofereceu ele. Era inquietante que Sartoris, que normalmente não gostava que as pessoas mexessem em seu equipamento, permitisse com um gesto cansado.

Quando cruzaram a areia em direção ao terraço, Dolly estava instalada por lá, com uma xícara de café e um prato de churros recém-saídos do forno. A sra. Blood estava de guarda a seu lado, observando ansiosamente Sartoris que ia na direção deles. Roger estava sentado no outro canto, com a bagagem a seus pés.

A governanta acenou para Nick num gesto de olha, temos essa invasão por aqui, enquanto ele subia os degraus para o terraço.

- Onde está Lucy? - perguntou Nick.

- Se vestindo. Os garotos querem ir à praia - disse-lhe Ethelyn Blood. Com os braços cruzados sobre o peito, a mulher tinha um jeito de quem estava pronta e ansiosa por uma expulsão.

Dolly pôs-se de pé para cumprimentar Sartoris, gritando de mãos estendidas:

- Sartoris, que posso dizer? - sua voz saiu triste, os cílios batiam como que para

reprimir lágrimas.

De repente, Roger achou. a praia algo muito interessante. Não havia ninguém por lá

para ver a sombra de desgosto que, contra sua vontade, pairou em seu rosto.

- Dorothy - Sartoris apertou-lhe a mão rapidamente e recuou diante da aproximação dela que parecia querer abraçá-lo. - Que a traz aqui? - perguntou ao passar rapidamente por ela para ir olhar a mesa posta para um café da manhã ao ar livre.

Dorothy ficou em silêncio durante alguns segundos e, em seguida, investiu de novo:

- Maggie - sussurrou ela. E uma lágrima rolou por sua face. Depois, aprumou-se rapidamente, como quem recobra o controle. -. Desde que a vi, após o que aconteceu, não fui mais capaz de parar de pensar em você, no quanto você devia estar sofrendo.

Sartoris sentou-se pesadamente e esticou a mão para pegar um churro.

- Que coisa mais espantosa? Quer dizer que você pensou em mim?

- Claro. Maggie falou sobre você naquela mesma noite... - sua voz sumiu delicadamente.

O velho grunhiu:

- Comovente - ele partiu o churro ao meio e deu uma mordidinha num dos pedaços.

O rosto de Dolly ostentava uma expressão de quem estava sentindo algum fedor, mas era educada demais para dizer algo. Ela sentou-se, olhou para Nick e acenou. Ele estava chocado. Será que ela pensava que Sartoris era tão senil assim, ao ponto de ela poder zombar do velho na sua frente?

- Bem, se você não quiser falar do assunto, nós não falaremos - ela disse calmamente, enquanto esticava o braço para dar um tapinha na mão de Sartoris que descansava em cima da mesa.

Ele retirou a mão do alcance de Dolly e apontou para Roger.

- Quem é esse aí?

Roger pôs-se de pé e estendeu a mão.

- meu amigo, Roger Tinker - Dolly apresentou-o rapidamente.

O velho examinou Roger dos pés à cabeça e, em seguida, usou a mão livre para pegar uma xícara. Ethelyn Blood apressou-se em enchê-la.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Dolly lançou para Roger um olhar duro; ele deixou a mão cair dentro do bolso e retirou-se furtivamente para o canto, com as faces pegando fogo.

- Você não pode ficar aqui - disse Sartoris abruptamente, empurrando para o lado os restos do churro. - Muito gostoso - disse para a governanta. Ela ficou radiante.

- O helicóptero só vai voltar amanhã - protestou Dolly. - Por que não posso? Essa casa tem dezoito quartos, se não me engano.

- Mas nenhum para você. Não a convidei. E também não quero suas lágrimas de crocodilo. Telefone para o helicóptero e mande ele voltar imediatamente. Com toda certeza, nesse momento ele ainda está a meio caminho de Bar Harbor.

- Puxa, isso é incrivelmente rude de sua parte, Sartoris - repreendeu-o Dolly. E lançou um olhar de súplica para Nick. - Nick, não dá para você falar com ele? Você consegue lidar melhor com ele quando está assim.

O velho bufou, esforçando-se para pôr-se de pé. A Sra. Blood andou rapidamente para ficar ao seu lado, o rosto rígido numa expressão de raiva.

- Meu pai sabe o que faz - disse Nick suavemente.

Dolly desmoronou-se de uma vez.

- Muito bem. Será que o senhor faria a cortesia de me permitir falar com minha nora e meus netos?

- Isso, é claro, é problema dá Sra. Douglas - vociferou Sartoris.

- Bem? - Dolly desafiou Nick.

Nick cruzou os braços sobre o peito e bufou baixinho. Ele não estava em condições de interferir por menos que fosse nos assuntos de Lucy, e Dolly sabia disso.

- É melhor perguntar a Lucy - disse ele. - Mas, advirto-lhe, ela também é dona de sua cabeça.

Dolly sentou-se, vitoriosa pelo menos em um front.

- Vou ficar esperando por ela.

- Trarei um telefone para você - ofereceu Nick - enquanto estiver esperando. Ainda há

tempo para você pegar esse helicóptero.

Ele virou-se e foi para o quarto de Lucy. As camas estavam feitas; ela estava colocando pijamas bem dobrados debaixo dos travesseiros. Ela levantou a vista assim que Nick entrou. Ele olhou de soslaio com uma expressão de escárnio. Lucy riu.

- Telefonema urgente? - perguntou ela apontando para o aparelho nas mãos dele.

- Se afastar Dolly do nosso meio, acho que sim. Sartoris apontou-lhe a porta da rua. Mas ela ainda tem de chamar o táxi aéreo. Olha, vou te prevenir: ela quer falar contigo.

Retirando uma loção bronzeadora e óculos de sol de uma frasqueira para colocar nos bolsos grandes de seu traje de banho de uma peça, ela fez uma careta.

- Droga - disse.

E colocou na cabeça um enorme chapéu de palha.

- Tem uma outra coisa.

Ela levantou a cabeça e prestou atenção.

- Sartoris. Ele parece cansado. Estou um pouco preocupado.

Ela fez que sim com a cabeça.

- Se você acha que devemos ir para casa, por mim está muito bem. Na verdade, acho que dá para voltar para casa com as crianças por minha conta, se você achar que deve ficar.

- Não, não. Vamos todos ficar um pouco mais. Acho que Sartoris ficará bem se Dolly for embora. Ele parece que ficou feliz em ver você e as crianças.

Eles desceram o corredor de mãos dadas.

- Onde estão meus amiguinhos? - perguntou Nick.

- Na copa da Sra. Blood. Ela os pôs procurando baldes e colheres apropriadas para a praia.

Ao chegar ao terraço, viram que Sartoris e a governanta se haviam retirado. Nick achou que a Sra. Blood estava inquieta por causa do velho e, talvez, por enquanto isso fosse mesmo necessário.

Seguiu-se uma longa conversa com o aeroporto em Bar Harbor, interrompida pela estática que se intrometia na série de gritos discretos. O helicóptero estava a caminho de um outro serviço. Ele chegaria, salvo se houvesse qualquer mudança no tempo, às oito e trinta daquela noite.

Dolly desligou satisfeita. Essa demora significava que Sartoris teria de servir-lhe o almoço e que ela passaria a maior parte do dia à sua maneira. Roger encontrava-se meio adormecido na cadeira do canto e mexeu-se apenas para arrotar e apanhar um outro comprimido antiácido no bolso. Ele devorara os churros assim que ficaram à sua disposição, despejando goela abaixo a maior parte do café, enquanto Dolly encarava-o fixamente.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Após dizer olá, Lucy ficara andando de um lado para o outro durante a metade do telefonema e, em seguida, partiu para a praia com as crianças. Fizera um gesto de desculpa para Dolly; as crianças estavam agitadas e, com latas de gordura e colheres de sopa, prontas para fazer barulho.

Vendo que os problemas se solucionaram de maneira satisfatória, Nick desculpou-se e desapareceu na casa. Foi avisar ao papaizinho, pensou Dolly.

Ela livrou-se dos sapatos com pontapés e começou a tirar a bermuda.

Roger aplaudiu.

- Tira tudo - gritou ele.

Ela ignorou-o. Ele estava sendo deselegante como uma criança mimada, porque ela insistira que eles seguissem Lucy até ali e não era isso que ele queria. A última coisa que ela permitiria no mundo, seria deixar que ele zombasse dela.

- Vou atrás de Lucy. Lá na praia. Se você quiser vir, é melhor tirar os sapatos e meias e arregaçar as calças. E fique a distância. É um assunto particular. Entre mim e a senhorita Lucy.

- Ah - não havia muita coisa que Roger pudesse dizer.

Ele inclinou-se para desfazer o laço dos sapatos, perguntando-se se haveria alguma coisa na areia que pudesse ferir-lhe os pés. Aquele lugar era maravilhoso; sem dúvida nenhuma, tinha seus sórdidos segredos. Ficou chateado por ter gritado com Dolly. Se tivesse ficado de boca calada, talvez ela tivesse brincado com ele um pouco. Mais do que isso, seria preciso cair nas boas graças dela, para poder tirá-la daquela ilha sem que ela se metesse em encrencas. Ele enfiou as meias dentro dos sapatos e colocou-os junto à parede do terraço. Dolly já estava andando em direção às dunas. Ele pôs-se de pé e correu atrás dela.

- Lucy! - ela gritou. Ela arrastava os pés pela areia ainda úmida pela maré alta. - Zachary John! Laurie!

Lucy, que caminhava na praia a alguns metros de distância, virou-se e acenou. Lauri e Zach, alguns metros atrás dela, deixaram cair as latas e colheres e correram em direção da avó, gritando.

Lucy e Roger, de diferentes pontos favoráveis na praia, observaram Dolly acariciar, abraçar e conversar com uma criança de cada vez. Seus olhos encontraram-se durante um breve momento, que bastou para que ficassem espantados com a descrença que viram em seus olhos ante a exibição de amor de avó de Dolly. Roger ruborizou-se imediatamente e desviou a vista para o mar.

Aturdida, Lucy só conseguia olhar para ele.

Dolly levou as crianças de volta a Lucy e soltou-as; elas voaram para as latas e colheres e saíram fazendo barulho pela praia, inclinando-se de vez em quando para recolher pequenos e indistinguíveis objetos na areia e anunciando eufóricos cada descoberta.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy e Dolly foram atrás, caminhando bem mais devagar.

Ofegante, zombou do próprio esforço, dizendo:

- Não sei como você se arranja com eles.

O ar salgado estava revigorante, mas ela não estava vestida para brincadeiras na praia.

Ela também não poderia sentar-se na areia com sua túnica de linho branco colocado em cima de uma saia azul-marinho pregueada. Raramente ela dava esse passo falso de chegar em algum lugar com a roupa errada. Culpa de Roger, realmente, por ser uma pessoa desagradável e por distraí-la. Enquanto zombava de si mesma, ela puxava as dobras de sua saia.

- Dá para você imaginar? Vestida com isso em uma praia - ela examinou o traje de banho amarelo de Lucy. - Você teve a idéia certa. Está perfeita em você.

- Obrigada - disse Lucy. - Espero que você não se importe de ficar caminhando. Quero ficar perto das crianças enquanto procuram conchinhas.

- Não, de maneira alguma. Claro que não posso sentar-me.

Olharam para trás na direção de Roger que também perambulava pela praia. Ele também estava cutucando a areia à procura de algum tesouro, com uma longa vara curva que recolhera ao passar pelas dunas.

- Acha que devemos esperar? - pernguntou Lucy educadamente.

Dolly descartou Roger com uma gargalhada.

- Não, pelo amor de Deus. Roger pode divertir-se sozinho.

As duas mulheres seguiram andando. Laurie foi correndo mostrar-lhes o que havia recolhido. Como sempre, caminhando impassível enquanto o balde batia em suas perninhas, Zach prestava atenção ao que tinha à mão.

Quando Uurie tornou a sair de perto, Lucy disse:

- Devo admitir que fiquei supresa por vê-la hoje de manhã.

- Sim, eu percebi - Dolly fez uma pausa. - Seu pai me disse onde vocês estavam. Bem, de qualquer modo, eu tinha de dar minhas condolências a Sartoris.

- Você viu a mãe de Nick naquela noite, não viu? - Lucy estava levemente curiosa, mas dava crédito aos informes da polícia. Se eles diziam que Dolly nada sabia sobre o desaparecimento da senhora Maggie e sua criada, então era porque tinham sólidas razões para excluir qualquer envolvimento dela.

Dolly tornou a ostentar o rosto de funeral.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Foi traumatizante. Ela era uma velha antiga, você sabe. No verão depois que meu pai foi afastado da presidência, ela acolheu a mim e a minha mãe. Era uma velha meio bobinha, mas muito gentil. Passei um longo tempo com essa família, querida. É por isso que fico realmente contente por você e Nick estarem se dando tão bem. E agora ele vai receber todo o dinheiro da mãe. Bem, não que precise dele. Tenho pena daquele coar.

Ele era tudo que devia ser. E depois Sartoris pintou meu retrato. Eu ainda não tinha quinze anos, era só uma criança - havia um quê de orgulho na voz de Dolly. - Fiquei tão lisonjeada - ela sorriu para Lucy, como quem confessa uma pequena e divertida fraqueza. - Mas foi uma cosa torpe e marota. Uma brincadeira. Típica desse velho sacana. Você não vai gostar do que vou dizer, mas Nick tem também muita coisa do velho.

Perturbada em seu íntimo pela presença dos filhos, Lucy ficou chutando a areia.

- Sartoris sempre foi ruim. A vida prova que a idade não deixa ninguém mais doce, principalmente se, para começar, a pessoa é uma grande sacana. De

qualquer modo, ele definhou muito desde a última vez em que o vi. Ficou senil.

- Ele me parece bem. Um pouco amargurado - objetou Lucy.

- Touché. Você devia tê-lo visto no terraço enquanto você se vestia. Estava com mau humor. Você sabe que geralmente os velhos têm altos e baixos. Provavelmente quando você chegou ele estava numa fase de alto.

- Bem, você conhece ele há mais tempo do que eu. Vou me casar com Nick e não com o pai dele.

Dolly sorriu.

- Que bom para você, querida. Devo dizer que fiquei surpresa quando telefonei para sua casa, achando que teria de lutar para arrastá-la para fora da oficina, e seu pai me disse que você havia partido com Nick. Mas o amor sempre vence, não é mesmo? Fiquei surpresa por você ter trazido seus filhos. Isso deve limitá-la um pouco.

Lucy ruborizou-se. Tenteou o bolso em busca dos óculos de sol e, em seguida, colocou-os.

- Desculpe-me - disse suavemente - minha vida particular tem uma certa prioridade. Eu disse para você que iria ver os estragos e vou cumprir a palavra Acharei alguém que faca os consertos, se não puder fazê-los eu mesma. Pensei que você me conhecesse bem o suficiente para saber que sempre mantenho minha palavra. E que não gosto de ser pressionada.

A ameaça foi bem explícita para Dolly. Ela já se tinha defrontado com aquela muralha de pedra em seu relacionamento com Lucy.

- Oh, querida - lamentou-se ela olhando para o céu - será que eu disse alguma coisa errada? De novo?

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy parou abruptamente e inclinou-se para apanhar um pedaço de vidro polido pelo mar e pela areia. Ela levantou-o contra luz, parecendo distante de Dolly e da conversa.

- Sei que você acha que estou com ciúmes de você e Nick. Mas na verdade, não estou.

Um pouco preocupada, talvez. Detesto vê-la ferida. Nick é charmoso. Eu mesma sou testemunha disso, mas francamente, fora de seu gabarito. Mas você deve fazer o que acha que deve fazer, sei disso. Para provar que estou mesmo de fora e que não vou interferir, por que não me deixa levar as crianças de volta para Nova York, para que você e Nick tenham umas férias de verdade? Depois, quando for apanhá-las, poderá dar uma olhada na casa de bonecas.

Lucy olhou para Dolly como se ela também fosse um objeto encontrado nas areias da praia.

- Eles não são nenhum problema aqui. Sartoris gosta de tê-los a seu lado. Ele mesmo me disse isso. Mas de qualquer maneira, muito obrigada pela oferta.

Dolly protegeu os olhos com a mão e olhou para Roger na praia.

- A oferta está em aberto, seja o que você quiser, querida. - Ela fez uma pausa e disse em tom de lamento: - ah, se você pudesse vê-la, Lucy. Você ficaria doente. Eu fico doente só de pensar nela.

Lucy mudou de um pé para o outro, Se todas as outras palavras que Dolly dissera eram mentiras, ou algo que servia a seus interesses, aquilo pelo menos era verdade. Sua sogra estava realmente sentida pelo estado de sua Casa Branca de bonecas. A própria Lucy sentia-se mais do que curiosa; afinal de contas, era seu próprio trabalho, em grande parte, que havia sido destruído. Era angustiante para ela pensar nas horas e no trabalho que tivera na casa, na beleza de seu acabamento, tudo perdido. Tinha medo de que ficasse realmente doente se visse a casa.

Ela pensou com seus botões que o fato de Dolly interessar-se tanto por alguma coisa era um sinal positivo.. Até mesmo as crianças pareciam interessá-la apenas esporadicamente. Uma voz em seu íntimo disse-lhe que Dolly estava preocupada porque a coisa era dela e isso fazia com que se sentisse pequena. Ela havia julgado mal Nick, tentando fazer com que ele se ajustasse aos próprios padrões dela. A separação lhe havia ensinado, não que ela não pudesse passar sem ele, ela sabia que podia. O que ela aprendera foi o quanto ele acrescentava à sua vida, o campo de amizade e alegria mútuas, no qual a paixão podia acontecer despreocupadamente. Certamente, respondeu ela à voz interior, Lucy Novick

Douglas era bastante. velha e experiente para permitir que cada pessoa tivesse seu próprio universo, com suas próprias leis peculiares. O final desse debate íntimo foi que, novamente, ela concordou em fazer algo que realmente receava fazer, que não tinha a menor vontade de fazer.

- Tudo bem - ela, disse para Dolly - vou aparecer por lá para dar uma olhada na casa de bonecas. Logo.

- ótimo - Dolly pegou-lhe as duas mãos e apertou-as. - Você não sabe o que isso Miniaturas do Terror - Tabitha King

significa para mim. Por favor, quero que você pense na proposta que fiz de levar Zach e Laurie comigo.

Lucy recolheu as mãos e enfiou-as nos bolsos. Pôde sentir o pedacinho de vidro no canto do bolso onde o deixara cair. Era liso, frio, duro, uma coisa desamparada e incorrigível, consumida pelo mar.

As duas mulheres foram atrás das crianças. Lucy caminhou um pouco mais rápido para surpreendê-las.

- Olha, não vai levar muito tempo para avaliar os estragos - disse-lhe Dolly, apressando-se para emparelhar-se com ela.

Lucy fez que sim com a cabeça.

- Ouça, querida, vou sair do sol. Vamos falar mais tarde - disse Dolly.

Lucy observou a sogra virar-se e caminhar na direção da casa agora invisível atrás de uma ponta de praia. Ao passar por Roger, Dolly arrancou-o de sua perambulação pela praia. Ele parou um instante para acenar sua vara em direção a Lucy em um gesto amigável.

Fazia calor na praia nesse momento. Os lábios de Lucy, a),unha dos cabelos e as axilas estavam molhados de suor. As crianças estavam vestidas de short e camiseta para proteger-se contra o excesso de sol, mas chegara a hora de vestir a roupa de banho para esfriarem-se na água.

- Upa - gritou ela, chamando-as. Quando correram prontamente em sua direção, ela refletiu ironicamente que elas estavam mesmo bem crescidas.

No estômago de Nick Weiler ardia uma pequena bola ácida de preocupação. Ela não gostava de ter Dorothy por perto, especialmente por perto de Lucy. E isso deixava seu pai descontrolado. Nada mais podendo fazer para livrar a ilha da presença de Dolly, ou para impedir que as duas mulheres se encontrassem, ele decidiu ir dar uma olhada em Sartoris. Pôs-se a caminho do estúdio. Como toda a casa, o estúdio ostentava a desordem do trabalho de Sartoris. Um verdadeiro pesadelo do segurança de um museu, cheio de coisas espalhadas como muitas almofadas feitas à mão, ele pensou sem conseguir reprimir um sorriso.

O velho estava sentado em seu estúdio em uma mesa baixa e rústica, toda respingada com seus amarelos e vermelhos favoritos. Ele estava afundado em uma cadeira de espaldar alto, a cabeça caída sobre o peito maciço, o rosto coberto por um velho panamá. O zumbido da respiração do velho anunciou a Nick que ele estava dormindo o sono dos velhos, leve e frágil. Nick aboletouse em um sofá de molas de plástico e esperou.

Passou-se meia hora quase em silêncio completo, o agradável ritmo abafado do oceano lá fora pontuado por roncos e chiados ocasionais. Nick fechou os olhos, a melhor Miniaturas do Terror - Tabitha King

maneira para se respirar os cheiros do estúdio, o perfume de tinta e terebintina, fixador, carvão vegetal, uma dúzia de substâncias comuns que eram os elementos da mágica que seu pai executava sobre telas, papel, madeira ou gesso. O cheiro de sal do mar também era sacramental, um cheiro de liberdade, remissão, rituais derradeiros, pensou ele. Tudo isso trouxe-lhe à mente um outro dia, havia não muito tempo, pesado com um outro perfume, de rosas.

- Uf - o velho começou a despertar. Ele levantou a cabeça; por baixo do chapéu surgiu o brilho dos olhos de aço. - O que você quer?

- Nada de você - respondeu Nick prontamente.

- Não está querendo nem os meus borrões, hem?

- Bem, eu não os desprezaria. Mas posso esperar.

Sartoris deu uma gargalhada.

- Quer dizer que você os terá de qualquer maneira? Merda! É verdade. Não tenho ninguém mais a quem deixá-los.

- Você podia achar um museu que merecesse. E também existe a sua amada mãe-pátria.

- Hum - o pintor apontou para uma velha escrivaninha de escola, que era um depósito de trapos, latas de banha e outros entulhos. - Na gaveta inferior, Nicholas.

Entre pacotes empoeirados de cartas que fizeram o coração de antiquário de Nick bater mais rápido, uma garrafa nova de Wild Turkey. O tesouro de um biógrafo, pensou ele, transformado em ninho de ratos, além do que, claro, podia haver algo de sua mãe ali.

Ele retirou a garrafa e, lentamente, fechou a gaveta.

- Como fui condenado a não trabalhar hoje, acho que tenho direito a um consolo - Sartoris abriu a garrafa. - Não há nada em que se beber por aqui. Vamos ter de ficar trocando germes - ele hesitou com a garrafa nos lábios. - Considerando-se a companhia com que você anda, espero que você não esteja mijado.

Nick levantou as mão para mostrar que estavam limpas.

Sartoris deu uma gargalhada.

- De qualquer maneira, essa é uma garrafa virgem. Precisa ser dedicada. Aqui para a Sra. Lucy Douglas. Eu bebo primeiro.

Depois de um longo gole, ele passou a garrafa para Nick, que a ergueu solenemente e disse:

- Para a Sra. Lucy Douglas, eu bebo em segundo.

- Isso mesmo - bufou o velho. - É difícil acreditar que uma mulher sensível como ela Miniaturas do Terror - Tabitha King

fosse se casar com o pimpolho de Dolly Hardesty. Para vocês dois foi uma boa coisa que o idiota tenha passado desta para melhor.

- Bem, ela é suficientemente boba para casar-se também com seu pimpolho - Nick passou a garrafa para o pai.

- Ha, ha, ha, é verdade isso? Bem, esse aqui vai para vocês dois. A idade contra a beleza. - A garrafa tornou a fazer um barulho de borbulhas.

Nick tornou seu trago.

O velho deu o conselho pré-nupcial:

- Não deixe que ela tenha mais nada a ver com Dolly. Não é bom.

- Olha, tem o problema dos filhos dela serem netos de Dolly - assinalou Nick secamente.

- Cague e ande para isso. Talvez você deva reconsiderar o assunto.

- Bem, se dá para ela se virar com isso, eu também posso me virar.

Sartoris ostentou um sorriso de dúvida.

- Se é para você só ficar borrando a garrafa com suas impressões digitais, passe-a para cá. Mas trate de afastar Lucy dessa bruxa. Ela é uma boa moça, vai fazer de você um homem honesto, se puder colocá-lo de volta na trilha da história.

Nick observou o velho levantar a garrafa.

- Você nunca precisou de uma mulher para ser honesto.

- Ah, não. Nunca fui honesto, não em relação às mulheres.

- Nem mesmo com mamãe? - Em seguida, Nick ficou mais sóbrio. Desculpe. Foi crueldade minha.

O velho encolheu os ombros e passou-lhe a garrafa.

- Se tem alguém que sente muito com relação a esse assunto, sou eu. Maldição, mas sentir muito é perda de energia.

Nick sugou a garrafa durante um breve momento e admitiu:

- Fiquei chateado com a morte dela. Odeio pensar no que pode ter acontecido com ela, dor, terror.

- Sim, eu sei. Sinto nos meus ossos a morte dela, do mesmo jeito que todos os velhos devem sentir. Que mundo de merda, não é mesmo, meu garoto? Fósseis velhos como Miniaturas do Terror - Tabitha King

Maggie servindo de brinquedo para predadores.

Nick balançou a cabeça.

- Isso me faz pensar em Leyna Shaw. Ela também desapareceu de modo súbito.

- Leyna Shaw?

- Uma jornalista.

- Ah! Perdi o contato com a realidade. Já não conheço mais ninguém a não ser você - a garrafa de Wild Turkey de volta às mãos de Sartoris tremeu levemente. - E agora a sua mulher. Os garotinhos. Bem, já é alguma coisa.

- É fácil de acontecer isso. Perder o contato com os outros, quero dizer.

- Olha, quando eu leio os jornais, fico me perguntando se vivo no mesmo planeta com toda essa confusão, débeis mentais e malucos. Mas digo-lhe uma coisa, Nick, essa é a única vantagem de uma vida longa.

Nick teve de terminar seu trago antes de perguntar:

- Que isso? - O dia estava ficando excessivamente quente, pensou ele, e teria de parar de beber aquela coisa de merda antes que fosse tarde.

- Tudo começa a parecer a mesma coisa depois de algum tempo - disse Sartoris.

E devia mesmo ser assim. Os olhos do velho estavam começando a parecer um pouco vítreos. Nick perambulou com o olhar, admirando o estúdio cavernoso, cheio de luz.

- Lucy iria gostar disso aqui - observou ele, fazendo um círculo com a garrafa.

- Pode trazê-la aqui - Sartoris apalpou os bolsos e sacudiu uma pequena chave dourada para Nick. - A chave da vida - ele disse e riu.

Nick colocou-a no bolso.

- Você não esqueceu-se do afrodisíaco que é o estúdio de um pintor, não é mesmo?

- Bem - Sartoris zombou de si mesmo - um pouco.

Os dois riram.

- Quero que você separe meus quadros. Sabe, ocorreu-me que vou morrer num desses belos dias de verão.

Nick fez que sim com a cabeça.

- Tudo bem. Vou tratar de conseguir um tempinho no Dalton. Importa-se se eu trouxer Miniaturas do Terror - Tabitha King

um ajudante?

O velho arreganhou um sorriso.

- E ficar com essa chave? Enquanto estiver fazendo o trabalho, hem? Um dia desses, eu também gostaria de ver o que Lucy faz, esses microcosmos. Essa idéia da arte como brinquedo me deixa em transe. Olha, se a arte tiver de ter por trás alguma idéia, essa talvez seja a melhor.

- E esse é o homem que vive me enchendo porque não acho que a arte vai chegar a um fim com minha renúncia.

- Você disfarça a covardia em modéstia. Nunca perdoarei seu desperdício de talento.

Mudei de idéia. Vou deixar minhas pinturas para Lucy e seus filhos, com a prescrição de que seu maldito museu jamais ponha as mãos nelas - a garrafa de Wild Turkey dançava na luz enquanto a voz do pintor ia subindo de tom. Ele apontou para o filho. - E

a mim você não vai foder, não.

- Isso é verdade - zombou Nick. - É você que está sempre fodendo os outros, não é?

- Olha essa sua boca. Saiba que posso tomar de volta essa chave. Não quero nenhuma viúva bonita no meio de toda essa... - ele abarcou o estúdio com um gesto largo - ... arte.

- Que bosta! Você só quer alguém que espalhe um pouco de esperma sagrado, uma pitadinha de perfume sexual, nesse seu templo de merda. Coisa que você mesmo já não consegue fazer, não é?

- Acho - disse o velho com cuidado, olhando para o fundo da garrafa - que vou proibir em meu testamento que você escreva minha biografia.

Isso fez com que eles rissem de novo.

Quando Nick deixou Sartoris, o líquido da garrafa atingira a marca de um terço. O velho estava saindo para o almoço e, provavelmente, iria ficar fora o resto do dia. O pintor conseguiu ainda levantar a cabeça para lembrar a Nick de catalogar seus quadros. Essa era uma chance que ele não iria perder. Ele clarearia a cabeça com o almoço e tentaria, mesmo que de maneira tempestuosa, sobreviver àquela tarde.

A casa estava repleta de trabalhos de Sartoris. Mesmo que tivesse ficado mais lento com a idade, tivera tantos anos e, durante muito tempo, não havia vendido nada de importante. De modo que os pedaços e peças da obra de sua vida estavam espalhados pela casa e pelo estúdio. As longas paredes do corredor estavam cheias, cada quarto, cada sala de estar e tudo mais que fosse um pedaço de parede acomodavam uma tela.

Em alguns quartos, as pinturas estavam colocadas em molduras de armazenamento que Nick mandara através do Dalton.

Como Sartoris não apareceu para o almoço servido no terraço, Dolly assumiu a postura de anfitriã. Quis saber o que cada um iria fazer durante a tarde, como se fosse a Miniaturas do Terror - Tabitha King

conselheira do dia em um acampamento de verão. As respostas foram dadas por total falta de outros assuntos mais seguros.

Os filhos de Lucy ficariam dentro de casa para a sesta da tarde. Era evidente que precisavam dela; estavam muito barulhentos e rabugentos durante a refeição. Lucy disse que estava planejando uma caminhada para explorar a ilha. Ela olhou

esperançosa para Nick que mordiscava o almoço, mas ele balançou a cabeça.

- Vou trabalhar de tarde - foi tudo que ele disse.

Dolly ficou intrigada. Só conseguiu pensar em uma coisa na qual Nick pudesse estar trabalhando: assegurar-se da herança do velho. Depois que Lucy levou as crianças para o quarto, Dolly aproximou-se de Nick.

- Quanto ele vai dar para você? - ela perguntou com intimidade.

Nick revirou os olhos.

- Não tenho a menor idéia - mentiu alegremente.

- Que merda. Quem mais ele tem? E agora você vai ter uma família. Seu pai também é

humano. Por que ele. seria imune ao desejo normal de ver o filho casado, com alguns netos crescidos para levar o nome dele?

- É verdade, Dorothy, eu não sei mesmo. Como já tentei dizer-lhe antes, meu pai é dono de sua cabeça.

- Ótimo. Seja misterioso - Dolly fez beicinho.

Dedicado aos sanduíches de pepino, Roger aproveitou esse momento para arrotar.

Murmurou uma desculpa e foi em direção ao bolo de chocolate com nozes. Ele não tinha nada a dizer a Nick Weiler e esse nada era recíproco.

- Bem, e você, o que vai fazer? - Dolly perguntou a Roger, percebendo naquele momento que ele ainda estava por ali.

- Dar um passeio - disse ele com a boca cheia de bolo.

- Você precisa mesmo - censurou ela olhando para o prato dele. - Vou ver se tiro um cochilo.

- Você precisa disso - disse Roger secamente. E então levantou-se e foi embora, deixando uma Dolly atônita que o seguiu de boca aberta.

Foi um pequeno e bem transitório momento de vitória para Roger. Pouco depois ficou patente que havia sido um erro sair naquela excursão debaixo de um sol escaldante e com a barriga cheia de pepinos, limonada e bolo de chocolate. Com náuseas e uma leve dor de barriga, Roger trotou para uma parada no frio do pomar atrás da casa. Dali, Miniaturas do Terror - Tabitha King

poderia ver todas as possíveis entradas e saídas.

Na espera paciente, ele ficou consciente do peso extra da câmara e do miniaturizador que carregava no peito. Os estojos de couro contra a camisa de algodão pareciam condensar o suor como lâminas de ferro perto de um magneto. Suas meias de náilon estavam desconfortavelmente úmidas e quentes; ele aproveitou a oportunidade para tirá-las, depois colocou-as nos bolsos e desfrutou alguns minutos de frio relativo nos dedos dos pés. Roger estava amarrando os sapatos, quando localizou Lucy; ela decidira sair da casa pela porta de seu quarto e se dirigia para os montes atrás da casa, em um ângulo oblíquo a ele.

Ele pôs-se de pé e trotou para o esconderijo das árvores, na frente dela e paralelo à sua passagem. Ele esperava não perdê-la de vista, ficando mais alto do que ela. Lucy caminhava a um passo firme e constante; pouco depois, ele estava empapado de suor e seus pés ameaçavam estourar em bolhas a cada passo dado. Como ela não mostrasse nenhum sinal de que diminuiria a velocidade, ele ficou um pouco desesperado e decidiu abordá-la o mais rápido possível.

Seus caminhos cruzaram-se mais ou menos a uma hora da casa, em um morro de onde se tinha uma bela visão da ilha. Movendo-se através de arbustos cheios de espinhos e da vegetação rasteira, Roger não tinha tempo para apreciar a paisagem. Mas quando ele alcançou Lucy, ela estava arrebatada demais com a visão e assustou-se com a súbida saída dele dos arbustos.

Paralisada por alguns momentos pelo medo, ela apenas encarou-o fixamente, os olhos arregalados e a respiração presa.

Com os pés machucados, o estômago embrulhado, a cabeça doendo por causa do sol, o suor pingando pela barba recém-crescida, Roger sentiu-se angustiado por tê-la assustado. Ele deu um passo à frente, estendendo o braço para confortá-la num gesto instintivo, e ficou horrorizado quando ela recuou.

- Ei - protestou ele.

Ela deve ter percebido sua postura, encolhendo-se de medo dele, uma moça robusta, um palmo mais alta e que pesava mais do que ele, que perdera uns dez quilos com o regime de Dolly. Suas narinas alargaram-se como se ela fosse espirrar e, em seguida, Lucy riu.

- Desculpe-me - disse ela - você me assustou.

Roger arreganhou um sorriso.

- Você devia estar realmente enlevada com a paisagem. E eu fiz um barulho digno de uma tropa de elefantes andando pela floresta.

- Mas ela é mesmo muito barita - admitia Lucy, virando-se para olhar de novo.

Roger, que não olhara para trás pelo caminho nenhuma vez porque estava ocupado demais seguindo Lucy, olhou para baixo, para a ilha que jazia embaixo deles. Pode ver a Miniaturas do Terror - Tabitha King

curva do anzol e os prédios da casa e do estúdio de Sartoris, só que agora eles apareciam como simples formas esculturais contra o verde da terra. O mar azul batia na areia e nas rochas aparentemente a apenas alguns metros de distância. Roger começou a sentir-se enjoado de novo e já não se tratava mais do almoço. Incomodava-o verificar o quão pequena era a ilha e como era enorme o mar à sua volta. Ele queria, pensou, ver mais uma vez a curva da terra dentro de um enorme jato, e as altas torres de Manhattan. E

depois, recordou-se que Manhattan também era uma ilha, situada num canto desse mesmo enorme oceano. Estava querendo pensar nisso, mas Lucy abandonou a paisagem nesse momento, sentou-se num afloramento rochoso e sorriu para ele.

- Por que você roubou minha lâmina? - ela perguntou amigavelmente.

- Hum?

- Minha lâmina. Você surrupiou uma da minha oficina. Por quê? - Ela estava sendo meiga e paciente, como se estivesse perguntando a Zach por que ele havia cegado o pequeno Billy Cassidy.

Roger meteu a mão no bolso. Baixou os olhos para suas alpargatas, um rubor de

culpa esquentando suas faces, ele sabia o que devia contar para ela. Só era preciso achar as palavras certas.

- Ah - ele disse - aquela lâmina.

Lucy balançou a cabeça para encorajá-lo.

Roger deu uns passos á frente, deixou-6e cair na pedra perto dela e começou a desamarrar o cadarço das alpargatas.

- Olha, é uma história muito longa - disse ele, tentando parecer o mais casual possível, para não assustá-la logo - e eu receio que você não acredite em mim.

Lucy, assustada à medida em que ele se livrava das alpargatas e expunha suas bolhas ao ar livre, recuou um pouco, piscou e disse:

- Tente.

Roger respirou fundo, arreganhou os dedos do pé ao ar e continuou:

- Gozado. Foi por isso que eu segui você.

As narinas de Lucy tornaram a abrir-se. Roger gostou disso. Era bonito. Ele esperou que ela pudesse fazer aquilo de novo.

- Você me seguiu? - E também os olhos dela tornaram a arregalar-se de perplexidade.

Ele fez que sim com a cabeça.

- Eu tinha de preveni-la.

Ela moveu-se para alguns centímetros mais longe dele na pedra.

- O quê? - Sua voz tremeu como as folhas do álamo acima deles sopradas pelo vento do mar.

Roger deu um tapinha em um, dos estojos que tinha no peito.

- Olha, isso aqui é uma câmara. Trata-se de uma máquina comum, instantânea, que serve para se tirar fotos de festas de aniversário de criança e do monumento a Washington.

Lucy balançou a cabeça concordando.

- Mas essa aqui - ele deu um tapinha de leve na outra - não é.

- Ah - disse ela.

- Sabe, é a minha invenção. Eu chamo isso de miniaturizador.

Ela olhou fixamente para a coisa. Tinha a aparência de um estojo de máquina fotográfica, igual ao outro.

- Isso aqui miniaturiza as coisas.

- Ah - ela tomou a dizer, enrugando de leve a testa. - Tenho quase certeza que se trata do nome de uma cinta ortopédica.

- Como assim? - espantou-se Roger.

- Miniaturizador? Você não disse miniaturizador?

Ele balançou a cabeça num gesto ansioso.

- Hum. Já vi isso. É uma cinta ortopédica.

- Oh - Roger sentiu-se diminuído.

Lucy sentiu pena dele com seu rosto suado de beagle, coberto por uma penugem fina, e seus pés cobertos de chagas.

- Mas não é ? - perguntou ela, tentando trazê-lo de volta ao assunto. Seja o que Deus quiser. Ela inclinou-se para trás, preparada para ser paciente. Era agradável estar sentada ali, no topo de um morro, após um pouco de exercício, sentindo e cheirando a brisa do mar, e se a companhia era esquisita, bem, ela teria uma história para contar a Nick à noite, no meio dos lençóis amarrotados.

- Não - disse ele, livrando-se do desapontamento que sentiu por causa do aviltamento do nome que havia dado à coisa. Era mais importante contar para

Lucy o que tinha para Miniaturas do Terror - Tabitha King

contar.

- Durante a maior parte da minha vida, trabalhei para o governo. Neste projeto. Fui despedido há mais de um ano. O projeto foi engavetado por falta de dinheiro, sabe?

Acontece que eu tinha um alto cargo no projeto que pesquisava essa coisa. De modo que peguei o que pude descobrir, apliquei e inventei esse aparelho. O miniaturizador.

Seu toque orgulhoso hesitou sobre o estojo. O encanto daquele nome estava destruído.

Ele teria de descobrir um outro nome.

- É mesmo? - disse Lucy confiante.

- Bem, como você vê - ele encarou-a timidamente - essa é a parte mais difícil de se acreditar - ele tomou fôlego. - Isso faz as coisas ficarem pequenas.

Lucy balançou a cabeça educadamente, mas sem compreender nada.

- Oh.

- É verdade - insistiu ele. - Lembra-se de Leyna Shaw? E a Sra. Maggie Weiler e sua criada? Você nunca pensou que era bem estranho que Dolly e eu estivéssemos por perto quando elas desapareceram?

Lucy estava paralisada na rocha, os olhos fixos além de Roger, na ilha abaixo deles, diminuída pela distância.

- E o carrossel do Central Park? E as coisas do Museu Borough? Fui eu quem fiz - ele relacionou seus trabalhos. E retificou a afirmação: - Quer dizer, nós fizemos.

Nesse momento, Lucy desviou os olhos na direção dele, mas sem enxergar nada.

- As pessoas morreram. Leyna matou-se. Acho que ela não estava gostando de

ser pequena. Foi ela quem fez todos os estragos na Casa Branca de bonecas. E eu não queria que Dolly machucasse a velha, de modo que matei-a e à criada. Pus o aparelho com alta pressão.

Roger continuou com sua fala ininteligível. Era o mesmo que ficar ouvindo Zach confessar que havia torturado o gato ou batido na irmã.

- Pare - ela disse com voz sumida, levantando a mão.

Ele parou e encarou-a com olhos de passarinho que está esperando que ela o apanhe.

- Você está maluco - ela disse insipidamente.

Ele suspirou e examinou os estojos que trazia no peito. Houve um doloroso silêncio.

- Como você poderia fazer as pessoas ficarem pequenas? - a pergunta escapou dos lábios dela, furiosa. - Como?

Dolly lhe fizera a mesma pergunta, não com raiva, mas curiosa, e ele dissera-lhe que ela não poderia compreender. Ele teria que fazer com que essa mulher já hostil compreendesse de alguma forma. Compreender.

Ele fechou os olhos.

- Com espelhos - disse - para outras dimensões e de volta novamente. Olha, não dá para explicar melhor do que isso. - Frustrado, ele deu um soco na coxa. Havia tantas coisas mais, todas as modificações que mantinham vivos os seres vivos, que os reduziam exatamente ao tamanho que ele queria.

Ela desviou o olhar dele, passou as mãos pelos olhos como se estivesse cansada ou com dor de cabeça.

- Merda - ela disse.

- Eu sabia que você não ia acreditar - zangou-se Roger.

- Mas é uma coisa maluca - murmurou ela.

- Olha, é melhor que você acredite em mim - ele disse suavemente.

Ela levantou a cabeça.

- Como assim?

- Mantenha suas crianças longe de Dolly. Ela quer que alguém viva em sua casa de bonecas. E ela é maluca.

A mulher pôs-se de pé abruptamente e, penetrando o mato, dirigiu-se de volta à casa.

Pelo menos, pensou Roger com uma certa satisfação, ele conseguira acertar o botão do pânico dela. Talvez ela tivesse acreditado o bastante para salvar os filhos.

Ele deslizou pelo assento rochoso e agarrou as alpargatas. Lenta e dolorosamente, pôs-se no caminho atrás dela. Tinha um monte de coisas que pensar no caminho para baixo.

Se devia contar para Weiler ou um dos outros. Ele fez uma careta só de pensar no que Dolly podia fazer ou dizer, se soubesse que ele espalhara a coisa toda para Lucy Douglas, tal como era. Tinha de encontrar um novo nome para sua invenção.

Zumzpador? Comercial demais. Redutor? E, havia algumas possibilidades. A primeira coisa que faria quando chegasse na casa seria cair num canto e tirar uma soneca. Talvez o sono lhe revelasse um novo nome, uma nova resposta.

No fim da tarde, Dolly acordou-o com um tapa barulhento em sua nádega pelada. Ele abriu um olho e grunhiu. Houve o barulho de um zíper se abrindo, a queda de roupa no chão, o ruído da roupa sendo chutada para o lado, sons prometedores que o arrancaram do sono.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Seus pés estão com uma aparência de que foram comidos pelos ratos - observou ela.

- Hum? - Roger virou-se. - Oh. Sim. Estive andando com as meias erradas.

- Que, pena - a voz dela não soou muito simpática.

Ele levantou-se.

- O que você fez?

Dolly estava de calcinha e sutiã. Segurava nas mãos duas peças de um traje de banho.

Ela atirou-as na cama, aos seus pés, e levou as mãos às costas para abrir o sutiã.

- Segui Nick Weiler por aí. Me aborreci comigo mesma - ela deu uma risadinha.
- Ele estava querendo computar a sua herança.

Roger observou os seios dela saírem para fora do sutiã como dinheiro que esguicha de um papa-níquel. Algumas semanas antes, ele já estaria babando. Agora, tudo que conseguia era uma vaga tumescência, pensando no que poderia evocar a página central da Playboy.

Ela apanhou a parte de cima do traje de banho.

- Vamos nadar. Antes que nos joguem para fora desse pequeno paraíso.

Roger inclinou-se para trás e fechou os olhos. Sentia-se pesado. Sua mãe sempre dizia que a sesta da tarde era a pior coisa para uma pessoa. Além de não se descansar nada, a pessoa fica sempre se sentindo como se estivesse em câmara lenta. Os pés dele estavam coçando.

- Não - disse ele - acho que não vou.

Dolly parou de procurar a loção bronzeadora e encarou-o.

- Não seja desmancha-prazeres.

- Ai, meus pés estão puras bolhas. E essa água aí fora é salgada. Vai doer como fogo.

- Não seja criança. A água salgada é a melhor coisa para você colocar nos pés.

Ela terminou de enfiar numa bolsa de praia as coisas necessárias, colocou um chapéu de aba larga de linho branco e agarrou a saída de praia.

- Você vem? - perguntou.

Roger, estirado na cama de lençol branco, abriu os olhos apenas o tempo suficiente para olhar para Dolly.

- Não - disse ele calmamente - não conte comigo.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Os olhos cinzentos de Dolly ficaram frios. Ela bateu a porta com força ao sair.

Roger sorriu. Já era tempo de ela saber de quem era o dedo que controlava o botão do miniaturizador.

A longa tarde de verão passou. As crianças brincaram na areia e na água, sempre observadas por uma quieta e retraída Lucy. Dolly juntou-se a eles, brilhando o creme contra o sol. Após tentar atrair Lucy para uma conversa e ser rechaçada, ela sentou-se para observar avidamente as cambalhotas dos netos. Finalmente, o vento começou a soprar, prometendo o frio da noite, e as pessoas que tomavam banho de sol, construíam castelos e nadavam, retiraram-se para a casa, pensando em banhos quentes e comida.

Nick Weiler saiu sozinho do estúdio do pai. O velho refugiara-se em seu quarto no meio da tarde, acordado pela bisbilhotice de Dolly, enquanto Nick tentava trabalhar. Ela pareceu satisfeita depois de perturbar Sartoris e foi embora, de modo que Nick pôde fazer o que devia antes do fim da tarde.

Com a cabeça cansada, as costas e ombros doendo, ele caminhou até a praia. O dia estava terminando, a praia deserta, novamente senhora de seus domínios. A maré ainda não subira o bastante para destruir os castelos de areia das crianças, mas eles estavam dissolvendo-se, .perdendo a identidade. Continuavam por lá as pegadas, as impressões das sandálias de Lucy ainda podiam ser vistas por um olho arguto. Ele descobriu um lugar onde ela estivera sentada durante algum tempo; suas nádegas haviam formado um desenho abstrato na areia, que se parecia às asas de um anjo de neve. Não, pensou ele, parecia-se com uma mariposa de neve, caso existisse algo como isso. Sua cabeça estava muito confundida para pensar no assunto. O que ele sabia é que estava comovido pela

prova da presença dela.

Ele sentou-se e repousou a cabeça nos joelhos. Outrora ele estivera ansioso para levá-la para a cama, convencido de que após haver dormido com ela, Lucy passaria a ser como todas as outras mulheres de sua vida e se dissiparia aquele desejo terrível.

- Como você é bobo - ele murmurou sozinho.

Ele conseguia olhar para ela e ver as imperfeições de seu corpo e seu rosto. Conhecia as fraquezas dela, seu temperamento, seu perfeccionismo. E ela conhecia as particularidades dele; esse era o teste verdadeiro. Ainda assim, a amava, sabendo que ela conhecia todas as suas fraquezas. Adorava Lucy, era maluco por ela.

Eles iriam deixar a ilha e voltar para Washington. Os dias voltariam a ser como sempre; ele trabalharia no Dalton, o verão terminaria, um outro ano se aproximaria. Haveria a política, como sempre, as disputas insignificantes do pessoal, a eterna procura de fundos, aquisições, publicidade, preocupação com a segurança. Ele iria envelhecer.

Com um pouco de sorte e perseverança, poderia tornar-se uma pessoa bem poderosa.

Seu pai iria morrer um dia.

Mas ele ficaria com Lucy; juntos educariam os filhos dela e, um dia, ficariam reduzidos Miniaturas do Terror - Tabitha King

de novo a um apartamento na cidade, um par de gatos e só teriam um ao outro. Foi uma visão bem confortante e, ao mesmo tempo, assustadora; ele tinha medo de estar querendo muito isso, medo de perder. Pela primeira vez na vida, ele pensou sobre sua extinção eventual. Tinha medo de morrer. Isto Lucy lhe havia dado: algo a perder.

Os outros, com exceção de seu pai, já estavam à mesa quando ele chegou para ó jantar.

Ethelyn Blood deu-lhe um tapinha no ombro enquanto servia, perdoando-lhe pelo atraso tão facilmente quanto perdoara o passo falso da embriaguez de seu

pai.

- Hoje em dia ele só faz isso uma ou duas vezes por ano. Faz bem a ele ter uma válvula de escape. É difícil ser forte o tempo inteiro, completamente sozinho e envelhecendo. E

dessa vez - ela olhou fixamente para Dolly - ele foi provocado, Deus é testemunha.

As crianças, com o apetite aguçado pela longa e dura tarde de brincadeiras, atiraram-se sobre a lagosta cozida, camarões e salada da Sra. Blood, com concentração total. Dolly também desfrutou de sua comida e de sua própria conversa, que deve ter achado fascinante, pois bem chegou a perceber que ninguém mais à mesa tinha nada a dizer.

Com a aparência um pouco esverdeada, Roger só conseguia remexer em seu prato enquanto lançava olhares ansiosos para Lucy, que os evitava, examinando a toalha de mesa e a comida, enquanto comia mecanicamente e brincava com um pequeno pedaço de vidro polido pelo mar. Incomodado com Dolly que, ele tinha certeza, estava tremendamente contente por ter-se intrometido na tristeza de seu pai, e perturbado com seu próprio emocionalismo desconcertante, Nick Weiler só conseguia ouvir a tagarelice de Dolly protegido dentro de uma casca de irritação fria.

Dolly teve mais um triunfo. Quando a Sra. Blood estava servindo a sobremesa, o telefone tocou e os informou que, por causa de problemas mecânicos, o prometido helicóptero só iria aparecer com as primeiras luzes do dia. Quisesse ele ou não, Sartoris estava obrigado a hospedar Dolly e Roger naquela noite.

Quando as crianças consumiram a musse de chocolate, Lucy levantou-se e desculpou-se dizendo que iria levá-las para a cama.

- Vejo você mais tarde - disse suavemente para Nick.

E depois ladeou a cadeira de Roger passando a uma distância desnecessariamente grande, como se ele estivesse com alguma doença contagiosa. Ela lançou-lhe um olhar amedrontado e saiu apressada, deixando um Nick aturdido, um Roger subitamente e pela primeira vez envolvido com sua musse e uma Dolly que o examinava com o mesmo interesse de um gato diante de um buraco de rato.

- Não acredito nisso - disse Nick. Ele não podia ver muito bem o rosto dela. O terraço estava iluminado apenas por alguns castiçais; isto era romântico, mas literalmente não iluminava nada.

Ela nada disse durante alguns momentos. O único som era o tilintar do gelo em seu copo, enquanto ela mexia em seu drinque.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Eu também não acredito nisso. Esse cara está completamente biruta, cagado. Mas não vou fazer o trabalho. Eu contei isso para você. Disse isso pára ela também. Vou dar uma olhada e dizer quem ela deve contratar. E o que precisa ser feito. Não vou permitir que ela receba as crianças para nenhum tipo de visita. Não enquanto estiver com um porra-louca como esse por perto. Ele estava certo quando me preveniu, só que não sabia contra o quê ou contra quem estava me prevenindo.

- Mas me diga uma coisa, por que você precisa dar uma olhada no trabalho? O que foi que ela já fez por você que você tem sempre que estar prestando favores a ela? Diga para ela se foder com a casa. E fique bem longe dela e desse namorado maluco.

- Olha, já empenhei minha palavra - o tom de sua voz saiu monótono, porém obstinado.

Ela o estava advertindo a não pressioná-la.

Ele suspirou.

- Eu só gostaria que você não fosse a parte alguma acompanhada por ela. Isso é tudo.

E era mesmo. Ela já havia tomado a decisão. A mesma resistência que ela queria ter demonstrado para Dolly, ela despejou em cima de Nick. Sentia-se estúpida e grosseira e terrivelmente amedrontada, sentada ali, na penumbra quase total. As lágrimas brotaram em seus olhos. Ele deve ter percebido sua tristeza. Nick moveu-se para mais perto dela e beijou-lhe os cabelos.

- Eu te amo - ele disse.

Ela agarrou-se a ele.

Ficaram abraçados e quietos durante alguns minutos, até que chegou o momento em que ficou óbvio que as cadeiras eram desconfortáveis demais para eles continuarem ali e que ou continuavam, ou paravam. Ao ouvir risos abafados quando passava pela escura sala de, jantar que dava para o terraço, Ethelyn sorriu e dirigiu-se aos quartos para olhar os garotos. Depois disso, pensou ela, iria se recolher.

- Vamos para o estúdio - sussurrou Nick, tomando desnecessária a discrição da governanta.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Capítulo 15

- Tenho certeza que Lucy fugiu de você - disse Dolly.

- Não percebi.

- Não banque o inocente. Que foi que você fez, deu um beliscão na bunda dela, agarrou-lhe as tetas?

Roger corou num gesto serviçal.

- Você é mesmo impossível - repreendeu ela. - Eu vou ter de puni-lo, isso é o que vai acontecer.

Roger não queria ser punido. Sua cabeça estava doendo, seu estômago arrependia-se da janta e seus pés picavam ecoavam sem parar. Já era punição demais e, ainda por cima, auto-infligida, pensou ele.

- Deixa eu te amarrar - suplicou ela.

- Ohh - grunhiu ele. - Não sei.

Ela fez beicinho e socou-lhe as costas.

- Que droga, hoje você não esteve nada engraçado.

- Argh - protestou ele.

- Você já não me quer mais - lamentou-se ela, enquanto as lágrimas vazavam por baixo de seus cílios. - Você quer a Lucy.

Roger sentiu-se mal. Nunca antes a vira chorar.

- Não, não - disse para ela, mesmo sendo mentira. As vezes, uma boa mentira serve de lenço de papel. Claro que ele queria Lucy, tinha que ser maluco para não. gostar dela, só

que ela não o queria.

- Igualzinho a Nick - continuou Dolly fungando - indo atrás de moças mais novas.

Aquele não era o momento apropriado para lembrá-la de que ele não era igual a Nick Weiler, ele só tinha trinta e seis anos, e que Lucy também já não era nenhuma virgenzinha. Será que o ferido orgulho dela ficaria mais calmo ao saber que estava em uma guerra perdida com uma mulher que acabara de fazer trinta anos?

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ele segurou-a, simplesmente porque nada mais havia a fazer, e ela moveu-se de súbito contra ele, provocando-o antes mesmo que ele soubesse o que ela fazia. Deitar e desfrutar do que estava acontecendo pareceu-lhe o adequado ao momento.

Não deviam fazer barulho, ela lhe disse, enquanto amordaçava-o com uma calcinha, após tê-lo amarrado na cama de metal convenientemente antiga com cachecóis e uma meia-calça.

Isso durou um longo tempo. Os laços pareciam desnecessariamente apertados e a única coisa que conseguia lutando contra eles na agonia do combate era apertá-los ainda mais.

No final, ele desfaleceu.

Ele flutuou através de um ar denso e quente em direção à consciência, em uma escura teia de pânico. Lutando, ele esticou as ligaduras em volta dos pulsos e tornozelos, até

que a dor penetrante dissipasse sua raiva. Nada havia que ele pudesse fazer, a não ser continuar deitado, o mais quieto possível. Molhado de suor e desnudo, logo começou a sentir frio e, tremendo involuntariamente, tornou a despertar a dor de seus grilhões.

Após algum tempo, sua visão adaptou-se à penumbra; ele pode divisar Dolly, enrolada nas cobertas da cama, dormindo tranqüilamente num assento junto à janela. A mordaça em sua boca, absorvendo saliva e ameaçando constantemente sufocá-lo, mantinha-o em silêncio.

A noite inteira ele ficou cochilando e acordando, sendo sempre trazido de volta à

semiconsciência pelos súbitos estreitamentos dos grilhões quando seu corpo relaxava-se em cima deles. A luz do dia custou muito a chegar.

Ele voltou a si de novo com os sons de ducha que ela tomava no banheiro contíguo. Era mais fácil enumerar as partes de seu corpo que não doíam, davam picadas ou coçavam, do que relacionar seus danos. Seu pênis, tão abusado na noite anterior que ele chegara a pensar que nunca mais voltaria a funcionar, atestou seu poder de recuperação, ficando orgulhosamente duro. E este era o pior desconforto, porque seu pau não estava querendo saciar-se no sexo, mas dar uma mijada de dez minutos seguidos.

Dolly saiu do banho cantarolando. Riu ao ver aquele órgão inchado espreitando-a com seu olho cego e, ao passar por ele, deu-lhe uma chicotada com a toalha úmida.

Ignorando a contração de Roger, ela foi passar pó e creme em todo o corpo. Enfiou-se dentro de uma calcinha e sutiã, depois numa blusa de seda branca, calças de linho cinza e um plastrorn cor de malva.

Sentando-se para completar a obra de vaidade, ela pintou os olhos com sombras cor de malva e vinho e os lábios com batom vermelho vivo. Os cachos platinados foram escovados rapidamente, espalhou sobre eles generosamente o perfume Cristalle e jogou sobre os ombros a jaqueta que combinava com a calça.

Ela atirou suas coisas na frasqueira e sorriu para Roger.

- Como é, está sentindo cócegas, querido? - perguntou ela. - Acho que os pés e boca devem estar doendo. Olha, você me conta a verdade e eu o desamarro. Você contou para Lucy?

A cabeça dele balançou freneticamente. Sim.

Dolly franziu a testa.

- Que garoto mau. Merece ser punido. Isso que você fez foi muito, mas muito estúpido mesmo. Receio que terei de tirar de você esse seu brinquedo. Você não é uma pessoa muito responsável, não é mesmo?

Todo o corpo de Roger levantou-se contra o estorvo dos laços, conseguindo levantar a cama alguns centímetros do chão. Depois, a cama caiu com um baque surdo.

Bamboleando o miniaturizador na frente dele, Dolly tornou a gargalhar.

- Tsk, tsk. Que temperamento!

Ela calçou os sapatos.

- Já que você não está se sentindo bem, acho que é melhor que você fique por aqui um pouco mais, até esfriar a cabeça. Não se preocupe, esse velho sacana não é tão perverso assim que fosse jogar na praia uma pobre criatura como você, toda amarrada na cama.

O zumbido distante das hélices do helicóptero interrompeu a despedida dela. Ela soprou um beijo na direção de Roger e saiu porta afora, carregando a frasqueira é o estojo com o miniaturizador. Roger lutou uma vez mais contra os laços, tornando a levantar a cama do chão. Mas o baque surdo de sua queda foi eclipsado pela aproximação do helicóptero.

Dolly bateu na porta onde deveriam estar dormindo Lucy e as crianças. Ao abri-la, encontrou as crianças mexendo-se, despertadas pelo barulho do helicóptero, e a cama de Lucy vazia.

- Que menina desobediente, essa Lucy - Dolly sussurrou para si mesma, enquanto inclinava-se para abraçar as crianças.

- A vovó tem de ir agora. É o helicóptero dela que está chegando - ela disse.

Semi-sonolentas, as crianças esfregaram os olhos, bocejaram e recostaram-se nela.

- Quero tirar fotos de vocês, tudo bem?

Isso foi fácil. Abraçadas em cima da cama de Laurie, qual crianças perdidas dormindo em uma floresta, os filhos de l.ucy esperaram pacientemente que a avó tirasse as fotos, assim como ela já havia feito antes, dúzias de vezes. Ela estava tendo problemas com a câmara gozada, mas talvez ela fosse nova.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Maldição - ela disse, fazendo com que Laurie e Zach dessem risadinhas ao ouvir a avó

praguejar.

- Pronto - disse ela depois de algum tempo, enquanto o flash pipocava com um clarão vermelho ofuscante.

Os barulhentos passos do gigante invadiram o sono sem sonhos de Lucy. Dessa vez, ela sabia o que era isso e sentou-se na cama. Deslizou para fora da cama, onde Nick estava mexendo-se, tentando continuar dormindo mesmo com o barulho lá fora, agarrou um robe e saiu.

Dolly estava no saguão, agarrando a frasqueira do lado de fora da porta do quarto onde as crianças dormiam.

Um sorriso interrompeu a intensa concentração de sua expressão.

- Lucy, querida - disse ela, estendendo o braço para agarrar e apertar a mão de Lucy. - Acabei de beijar as crianças. Ainda estão dormindo. Espero que o barulho do aparelho não os acorde.

Lucy olhou todo o saguão à procura de Roger.

Dolly respondeu a pergunta que Lucy não formulara.

- Ele já saiu para ir encontrar o helicóptero. Ouça, acho melhor eu ir andando. Cuide-se, querida. Meu amor para Nick.

Lucy ficou ali alguns instantes, observando sua sogra desaparecer através da porta que dava para a cozinha. Fazia um pouco de frio e, mesmo vestida com o robe, ela começou a tremer. Abraçando-se para esquentar o corpo, ela retornou ao quarto de Nick pensando na criatura volátil que era sua sogra. Quase logo depois de casar-se, ela descobriu que desposara mais do que um jovem aviador; num passe de mágica, ela adquirira também a mãe dele como parte da transação. E ali estava ela, na casa do pai de Nick, pronta para repetir a coisa. Pelo menos, sabia-se que o velho era um pai que não interferia; dava para ela esperar que esse casamento não fosse um triângulo desde o começo. Exceto de parte de Nick, que estava levando seus filhos junto com ela.

Nick estava acordado o suficiente para ser virado e ter sussurrado nos ouvidos todos aqueles pensamentos interessantes. Ela quase podia ouvir-se dando risadas, enquanto o helicóptero levantava vôo, deixando a ilha. Mas somente alguns minutos mais tarde dissiparam-se os últimos ruídos fantasmagóricos. Nesse momento, os baques surdos começaram a ser ouvidos.

No terceiro baque, Nick parou de beijá-la e sentou-se na cama.

- Pelo amor de Deus, que é isso?

Um outro baque exausto. Do fundo do corredor. Do quarto de Dolly.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Ao escancarar a porta, Nick viu Roger Tinker todo amarrado na cama, como uma galinha pronta para ser desossada. Boquiaberto, estava aturdido demais para falar alguma coisa. Lucy correu pelo saguão atrás dele, olhou por cima de seus ombros e recuou, o rosto completamente vermelho.

Os baques misteriosos atraíram Ethelyn Blood, que apareceu de chinelos e rolinhos de cabelo.

- É o Sr. Tinker - disse Lucy - todo amarrado.

A governanta deu um tapinha no braço de Lucy, passou por ela e enfiou a cabeça dentro do quarto, onde Nick Weiler tentava desatar os nós das amarras de Roger.

Ela ofegou, girou nos calcanhares e passou por Lucy em direção à cozinha, murmurando:

- Santo Deus!

Ela atravessou a porta da cozinha e logo depois tomou a sair correndo, segurando uma faca de trinchar de aparência perigosa, enquanto Sartoris, vestido de pijama, abriu a porta do quarto e, com os olhos vermelhos, seguiu a aparentemente frenética governanta.

A faca cortou os cachecóis de seda e as meias de náilon fazendo muito barulho, como o das asas de um pássaro. Depois, Lucy ouviu Roger gritar de dor. Ela recostou-se na parede e cobriu os olhos, de modo que ouvia, mas não via o velho arrastando os pés em sua direção. Sua enorme mão caiu pesadamente no ombro dela e Lucy encarou-o, compreendendo pela primeira vez que ele a encarava sem máscara. E ele não era tão feio assim, mas sim angelicamente belo; inegavelmente era o pai de Nick, o mesmo rosto que um dia Nick teria.

Espantada, ela estendeu o braço para tocá-lo, para sentir a realidade da aveludada pele envelhecida. O barulho de soluços trouxe-a de volta à tristeza do quarto. Ethelyn Blood sempre carregando a fiel faca, saiu e bateu a porta atrás de si.

- Mantenha as crianças afastadas - ela disse para Lucy e, em seguida, dirigindo-se ao velho pintor: - Brincadeiras perversas, mas pelo menos a bruxa já saiu da ilha. Eu mesma vi pela janela do meu quarto quando ela subia no helicóptero.

Ao lembrar-se das crianças, Lucy desviou-se para o quarto delas pensando que se conseguiram dormir mesmo com o barulho do helicóptero, também poderiam ter tido a sorte de não assistir .à vileza que ocorrera na outra extremidade do corredor. As venezianas estavam corridas; o quarto, puras sombras, mas quieto demais, ela sabia disso, mesmo antes de adentrá-lo. As camas pequenas estavam vazias, os lençóis ainda amarrotados do sono, mas não já frios, ela sentiu ao passar a mão sobre eles. Não havia nenhum pijama apressadamente tirado; as roupas do dia que haviam sido arrumadas na noite anterior, continuavam dobradas com esmero em cima da escrivaninha. As sandálias ainda emparelhadas no mesmo lugar, junto à porta.

Onde estavam eles? Mecanicamente, ela caminhou de volta ao corredor.

A governanta que levava Sartoris de volta ao seu quarto de braços dados com ele, olhou para trás, ostentando no rosto a pergunta: ainda estão dormindo? E seu rosto ficou instantaneamente sombrio com a nova preocupação, ao perceber o desamparo do olhar de Lucy.

- Não estão aqui - disse Lucy, mas sua voz saiu tão baixa e chocada que Ethelyn Blood soltou o braço do velho e correu na direção dela.

Ele virou-se para olhar para elas.

- O que foi? - perguntou a governanta e, sem esperar pela resposta, passou por Lucy e foi olhar no quarto das crianças.

- Devem estar na cozinha, ou então brincando - disse ela perplexa, de pé no vão da porta. - Você não os ouviu?

Lucy balançou a cabeça.

As duas mulheres puseram-se em movimento ao mesmo tempo, tão rapidamente que Sartoris encostou-se na parede para sair da frente delas. Ele voltou suspirando para o quarto e começou a vestir-se.

Lucy e a governanta dividiram. a casa entre si, examinaram cada aposento, cada armário e cada possível esconderijo em apenas dez minutos. Em seguida, juntas, correram para o estúdio, gritando ansiosamente pelas crianças. E caminharam com respiração ofegante pela praia perto da casa e, para seu alívio, não descobriram nenhuma pegada em direção à água.

Ao retornarem para casa, encontraram Nick Weiler que, em meio àquele bafafá, conseguira vestir umas calças.

- Encontraram as crianças? - perguntou ele ansioso.

As mulheres não responderam, apenas olharam para ele.

Ele segurou o ombro de Ethelyn Blood.

- Meu pai disse que você viu Dolly indo embora. Ela estava sozinha?

A Sra. Blood balançou a cabeça.

- Sim.

Nick relutou em encarar os olhos amedrontados de Lucy.

- Tinker disse que ela levou o aparelho.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy gemeu. A governanta pousou o longo braço no ombro da outra mulher e estreitou-a num gesto de conforto.

- Que é isso? - perguntou ela.

- Tinker - disse Nick - contou ontem para Lucy que ele tinha um aparelho que ele e Dolly usavam para reduzir coisas... e pessoas. Ele preveniu-a para manter as crianças afastadas de Dolly.

A Sra. Blood arregalou os olhos.

- Nunca ouvi falar duma coisa como essa - ela disse ofegante.

- Ele me preveniu - disse Lucy com voz débil.

- Que é isso? - disse Sartoris por trás deles. - Mais alguma canalhice? Onde estão as crianças? Por que vocês não ás encontraram?

Nick contou para ele.

O velho, que nesse momento estava com seu panamá, ouviu tudo pacientemente, sentado no muro de pedra do terraço, e depois perguntou:

- Parece meio maluca essa história. Quero falar com esse Tinker. Enquanto isso, chamem a Guarda Costeira, o aeroporto, ou alguém que possa descobrir se essa mulher está com as crianças.

- Eu faço isso - disse Lucy correndo para o telefone.

- Ela está bem? - Sartoris perguntou a Nick.

- Deixem que ela faça alguma coisa - disse Ethelyn Blood. - Fará bem a ela. Lucy vai ficar bem. Vou preparar um café. Parece que vamos precisar disso.

Sartoris e Nick encontraram Roger Tinker sentado numa cadeira do quarto que ele dividira com Dolly. Ele vestira calça e camisa, mas esta estava para fora e abotoada errado. Estremecendo a cada momento, calçava meias nos pés inchados e empolados.

Levantou a cabeça na direção deles, os olhos insipidamente desinteressados, e voltou sua atenção para as meias.

- Prove - disse o velho calmamente.

Roger tornou a levantar a vista.

- Vocês encontraram os garotos? - perguntou o trêmulo Roger.

Sartoris olhou para Nick.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

- Não. Ainda não.

- Ela os pegou. E se vocês forem ver, ela estará viajando sozinha.

A frustração de Nick teve sua explosão:

- Seu filho da puta.

- Isso mesmo - concordou Roger. - Você tem umas tetinhas bonitas, más é melhor ir se vestir. Temos de pôr as mãos nessa puta antes que ela miniaturize Nova York ou qualquer outra coisa.

Sartoris bufou um protesto furioso, mas já era tarde; seu doce e racional filho agarrara Roger Tinker pela garganta e tentava estrangulá-lo. Foi Lucy quem, às custas do nariz de Nick, salvou Roger abrindo a porta do quarto para anunciar

- Chamei... - Nick desviou o olhar para ela o tempo suficiente para Roger jogar o braço para trás e dar um soco. O som do punho de Roger estourando o nariz de Nick interrompeu o recado de Lucy. Nick soltou Roger que caiu estatelado numa

cadeira, ofegando. Aturdido, Nick recuou também, levando a mão lentamente ao nariz.

Lucy prendeu a respiração; Nick virou-se para ela, abriu a boca e o sangue jorrou de seu nariz penetrando entre seus dedos. Ela gemeu; atrás dela, Sartoris soltava uma gargalhada abafada.

- Ethelyn! - gritou o velho.

A governanta apareceu correndo, compreendeu a situação com uma rápida passada de vista e saiu. Dessa vez ela voltou, não com uma faca, mas com uma bolsa de gelo.

Lucy levara Nick para a cama e acomodara sua cabeça nos travesseiros. Ele estremeceu quando ela aplicou-lhe o gelo e, depois, entregou-se à contemplação da própria dor.

- Bem, basta de loucuras - disse Sartoris. - O que você descobriu, Lucy?

- Telefonei para o aeroporto em Bar Harbor - disse Lucy, encarando o velho. - O

helicóptero ainda estava no ar, mas perto deles. Eles chamaram o aparelho pelo rádio.

Havia um passageiro adulto a bordo.

- Então? - disse o velho.

- Então eu contei a verdade para vocês - Roger deixou escapar a frase. Ele estava esforçando-se para calçar os sapatos. - E melhor que vocês consigam um outro helicóptero para cá.

- Farei isso - disse Ethelyn Blood.

- Será que devíamos procurar pela ilha? - Lucy perguntou a Sartoris.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Roger bufou.

Possuída por súbita vontade de estrangular o antigo namorado de Dolly com as

próprias mãos, Lucy apertou a bolsa de gelo comprimindo-a no rosto de Nick.

- Ai - disse ele.

- Perda de tempo - disse Sartoris. - Vamos deixar a Sra. Blood aqui e vamos atrás de Dolly. Se as crianças estiverem brincando de esconder no mato, ela estará aqui quando elas se cansarem. Mas acho que você deve encarar esse fato, Lucy: esse sujeito aí não está mentindo. Pode até ser maluco, mas não está mentindo.

Roger esforçou-se por parecer íntegro, mas foi perda de tempo. Lucy não conseguia encará-lo. De repente, ela pôs-se a chorar e foi Nick quem tentou ampará-la, ao mesmo tempo em que segurava o saco de gelo em seu nariz.

Eles emaranharam-se nas teias da logística. - Não existe um meio de um pequeno avião aterrissar aqui? - perguntou Roger.

Sartoris balançou a cabeça.

- Antes nós vínhamos de barco e, depois, após a guerra, de helicóptero. - O barco mais rápido levaria uma hora até o continente com o vento que está soprando hoje - disse a Sra. Blood e depois quinze minutos até o aeroporto e meia hora até o aeroporto maior de Bangor.

- Ela ainda poderia estar ali - assinalou Lucy. - Não vejo como ela poderia fazer o vôo das sete e quinze.

- Ela não precisava disso - disse Roger. - Pode ter alugado um avião particular, ou um carro, tanto em Bar Harbor, quanto em Bangor.

- Ou Portland. Ela poderia voar de Bar Harbor até Portland com um charter, ou de helicóptero. O vôo das sete e quinze que parte de Bangor pára em Portland, não pára?

Ela poderia pegá-lo ali.

- Ou com um avião particular, um avião com passagem reservada, ou uma vez tendo saído do Maine, de trem - objetou Sartoris. - Por que tentar agarrá-la na rota?

Roger concordou.

- É melhor ir direto a ela. Sabemos para onde está indo, certo?

- Portanto, tudo que temos a fazer - Lucy concluiu o pensamento - é irmos direto para Nova York.

- Sra. Blood - disse Sartoris - veja se pode colocar-nos no vôo que parte de Bangor às Miniaturas do Terror - Tabitha King

doze e cinqüenta e três. Vamos chegar ali, de barco se tiver de ser assim, ou de helicóptero se pudermos. Veja se tem algum helicóptero em Bangor que possa nos pegar aqui.

Havia. E à medida em que ele levantava vôo, Lucy viu a ilha ir diminuindo até

desaparecer no mar, com dois pensamentos na cabeça. Um deles, bem menos consistente, insistia que nada daquilo era verdade, sensato ou possível, mas esse pensamento diminuiu e desapareceu qual a ilha de Sartoris transformando-se num mais intenso, um mar de angústia e confusão, no qual a única coisa que ela conseguia fazer era lutar até o fim contra o afogamento.

- Os quatro - Sartoris, Nick Weiler, Roger Tinker e Lucy Douglas - viajaram de helicóptero, sentaram-se nos assentos da área de espera do aeroporto de Bangor e depois, tanto em terra como no ar, nos aviões comerciais, falando apenas o necessário, carregando seu segredo no bolso como se fosse um pedaço de vidro polido ou uma pedra, com a mesma aparência de todos os outros companheiros de viagem. Ao levantar vôo, o jato mostrou-lhes de novo o mundo além da ilha e, no início da tarde, deixou-os em La Guardia.

Pelo que Lucy pôde ver, o mundo continuava o mesmo. Só que ela não sabia onde seus filhos estavam, nem como estavam, e ela estava indo atrás deles seguindo as palavras de um louco. E se ele não estivesse louco, ela podia estar indo atrás de respostas que não queria ouvir.

O velho e seu filho, ambos com o rosto escondido sob chapéus de abas largas, pareceram sentir a mesma coisa; ambos assumiram instintivamente posições protetoras e pousaram as mãos sobre as dela no táxi que viajava para a cidade. Instalado no assento lateral, Roger só podia ficar olhando para eles, a menos que forçasse o pescoço para observar o tráfego; mas ele parecia notá-los apenas ocasionalmente.

Ele interrompeu o silêncio falando consigo mesmo:

- Eu não devia ter feito a coisa tão fácil assim.

- Isso mesmo - disse Sartoris - você não devia. Por que o fez?

O rosto de Roger ficou sombrio.

- Tinha de ser fácil. E era rápido. Tão simples que até um bobo podia usá-lo. Não era preciso tomar nenhum cuidado.

- Como uma Polaroid, qualquer um podia usá-lo, não? - inquiriu o pintor.

Roger torceu as mãos, nervoso.

- É. Qualquer um podia usá-lo.

- Ah - suspirou o velho.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Conhecido pelos guardas de segurança, Roger teve a entrada permitida ao arranha-céu de Dolly e, em seguida, entrou no apartamento com a chave que ela não se lembrara de tirar dele.

Ruta, a criada, apareceu com o som da entrada de pessoas, ofegou e tampou a boca com a mão.

- Está tudo bem, Ruta - disse Roger ao imaginar que Dolly teria dito a ela que o Sr.

Tinker não voltaria e que seu súbito reaparecimento poderia evocar na cabeça da criada visões de crimes passionais. - Voltei para apanhar algumas coisas minhas. Estou fazendo uma visita amigável. Trouxe alguns velhos amigos de Dolly. Você conhece a Sra. Douglas, o Sr. Weiler e esta é Leighton Sartoris, o pintor.

Ruta fez que sim com a cabeça. A nora da senhorita Dorothy, um de seus ex-namorados e um famoso pintor que inclusive já apareceu em VIR Talvez não acontecesse nada de terrível. Talvez os velhos amigos estivessem tentando esfriar aquele rompimento; não que ela se importasse muito que a senhorita

Dorothy se tivesse livrado daquele sujeito esquisito...

- Ela está nó quarto da casa de bonecas? - perguntou Roger.

- Hum, hum - a criada confirmou-lhe a suposição.

- Não se preocupe conosco. Só vamos entrar para vê-la alguns minutos.

Aproximam-se em silêncio da porta do quarto de bonecas. O som de Dolly cantarolando chegava-lhes aos ouvidos em rajadas esporádicas do outro lado da porta. Roger experimentou a maçaneta que moveu-se apenas um pouco. Ela deu um rápido sorriso para os outros e, pela primeira vez, Lucy percebeu o que Dolly podia ter visto nele. Mas não havia tempo para pensar nisso, pois Roger estava enfiando uma chave na fechadura e a girava devagarinho. Todos prenderam a respiração.

Ele abriu a porta.

Inclinada sobre a casa de bonecas de Joãozinho e Maria, Dolly levantou a vista e sorriu.

- Oi - disse ela alegre - estava esperando por vocês.

Ela adiantou-se, os braços esticados como que para abraçar Lucy. Lucy recuou e foi segurada por Nick que envolveu-a com os braços num gesto protetor. Dolly desistiu no meio do carrinho, juntando as mãos resignada, levantou a cabeça com um ar petulante para os visitantes e disse:

- Muito gentil terem vindo todos. Mas já que finalmente Lucy apareceu por aqui, quero que ela dê uma olhada na Casa Branca de bonecas.

Deu um passo para o lado, esticou a mão para beliscar o rosto de Roger e deu uma risadinha.

- Peguei você, não peguei, meu docinho?

Roger, que já havia inspecionado o quarto, sabia o que ela queria e onde encontrava-se o miniaturizador. Mas primeiro ele teria de pega-lo e esperou

poder distraí-la. Talvez mostrando a Lucy os estragos da casa de bonecas.

De boca seca e suando, Lucy queria gritar: onde estilo meus filhos? Mas os braços de Nick a impediam, até mesmo sua respiração uniforme parecia dizer a ela para ficar calma se quisesse obter a resposta de Dolly. Nesse momento, ela não conseguia preocupar-se com a casa de bonecas de Dolly, mas pelo visto teria de fingir. Era Dolly quem estava dando as cartas.

Nick soltou-a. Ela caminhou como autômata em direção à casa de bonecas, com medo de que aquela enorme e arruinada casa pudesse ser o lugar. Caminhando lentamente em volta da casa, percebeu que esta recebera uma nova base, grande o bastante para sustentar uni modelo em escala do terreno. Movida pela curiosidade, tocou a grama e recebeu um choque ao perceber que era de verdade. No jardim havia um carrossel; seus dedos percorreram sua decoração elaborada e detiveram-se. Nesse momento, ela pôde ver e sentir os estragos da água e do fogo.

Eram óbvios, mas não sérios; na maior parte, apenas uma questão de manchas de fumaça e fogo. Ela esfregou o dedo em uma mancha. O fogo começara em um quarto e, através da janela, sugara o oxigênio, como qualquer outro incêndio numa casa. Como qualquer outro incêndio. Ela removeu a parede e olhou o quarto onde o fogo se originara. Ali o cheiro era realmente desagradável. Ela passou os dedos pelos cortinados e notou de imediato os minúsculos cortes no tecido, os rasgos ao nível dos trilhos de fixação que também estavam inclinados, como se alguma força tivesse sido exercida neles para baixo.

Removeu uma outra parede e examinou o quarto azul. No tapete havia uma mancha parecida a uma poça de ferrugem, que o marcava qual nuvem solitária em um dia de sol.

Passou um dedo pelo chão em uma linha qual uma veia próxima da superfície da pele.

Ao levantar a mão, ela tremia.

Os outros observavam; Dolly com olhos arregalados e curiosos, Nick e Sartoris ansiosos, Roger admirado, impressionado com sua súbita postura profissional. Em seguida, ele observou como essa postura esfacelava-se.

Lucy levantou a vista para eles, pálida, começando a tremer. Nick Weiler

adiantou-se para apoiá-la.

- Acho que ela vai desmaiar - observou Roger.

O sururu não parecia tão satisfatório quanto ele esperava, pois somente o velho e Weiler estavam preocupados. Dolly, fria e distantemente divertida, observou a coisa com avidez, mas nada fez para ajudar. Mas Roger estava completamente imbuído de seu dever; aquele era o momento, a sua chance de tornar a pôr o dedo no Botão.

Ele soltou para a frente da casa de bonecas de vidro, onde estava camuflado o Miniaturas do Terror - Tabitha King

miniaturizador, como se fosse uma escultura abstrata de vidro e lâminas coloridas por entre os ângulos da terceira casa de bonecas de Dolly.

E ela antecipou-se a ele, colocando um pé para dar-lhe uma rasteira. Roger caiu com todo seu peso, gritando:

- Não! - e estatelou-se na casa de bonecas. Todos com exceção de Dolly observaram a cena horrorizados, enquanto as estruturas de vidro pareciam explodir dentro dele. De repente, caiu uma chuva de pedaços de vidro no aposento, pedaços tão grandes quanto granizo, lascas, fragmentos e pó de vidro. As mãos de Roger, riscadas de vermelho, arreganharam-se em busca do aparelho que caíra para a frente, longe dele. Mas Dolly agarrou-o, enfrentando corajosamente a tormenta de pedaços de vidro e as tentativas de Roger.

Ela recuou, focou a máquina e a coisa sumiu imediatamente. Todos sentiram como se um súbito hálito de morte os empurrasse para o lado em um aluvião de luzes vermelhas.

Lucy e Nick protegeram instintivamente os olhos. Sartoris foi o único a observar enquanto Roger, pintado com o próprio sangue que saía de dezenas de cortes superficiais, levantou as mãos em um fútil gesto de defesa. Ele pareceu desaparecer qual folha de papel que de repente pega fogo. O encolhimento foi tão rápido que era quase imperceptível ao olho. Durante alguns instantes, Roger contorceu-se entre os fragmentos de vidro; no instante seguinte, ele estava enroscado qual cogumelo gigante em cima de um retângulo rombóide do que antes havia sido parte do telhado da casa de bonecas.

Sartoris sentiu seu coração fraquejar e empreendeu uma luta titânica consigo mesmo, querendo que o músculo pulasse mais uma vez e depois outra e mais outra. Ele respirou fundo um ar que subitamente entrava gelado em seus pulmões, esfriando-o até a medula.

Com os olhos brilhando como um pedaço de vidro exposto à luz do dia, Dolly girou qual bailarina em caixa de música, a mão bem reta como o ponteiro de um relógio, mirando o aparelho em Sartoris, Nick e Lucy. Depois descansou.

- Menos duas casas de bonecas - anunciou ela. - Mas dá para você consertar a Casa Branca para mim, não dá?

Lucy, tremendo, encarou-a.

- Bem, pelo menos - murmurou Dolly - esta aqui está perfeita - ela dançou na ponta dos pés a alguns passos da casa de Joãozinho e Maria.

Pela primeira vez, todos olharam na direção daquela casa. Perto dela, as figuras de gesso de Joãozinho e Maria estavam descartadas na mesa que lhe servia de apoio.

Dentro, um garotinho agachado na gaiola, uma menininha, com uma corrente em volta do tornozelo, dormia no capacho da lareira, abandonada, ao que parecia, por pais desapiedados no cativeiro da bruxa malvada. E a luz captou lágrimas que rolavam pelo rosto do garoto.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

O velho foi possuído pela tristeza. Seu coração inchou sentindo-se abusado.

Dolly, extasiada com sua bruxaria e murmurando para as crianças, baixou a guarda.

Rosnando como uma fera, Lucy saiu do campo de visão de Dolly e desfechou-lhe um pontapé no joelho. Ao perder o equilíbrio, Dolly apertou o miniaturizador, mas não pôde impedir que o braço tentasse instintivamente recobrar o equilíbrio. Sua mão caiu pesadamente em cima do madeiramento, esmagando os nervos das costas de sua mão.

Gritando de dor, ela soltou o aparelho 4ue rolou e foi agarrado por Nick Weiler.

Rolando no chão agarrada a Lucy, Dolly segurou os cabelos da outra mulher tentando amparar-se. Ao compreender o que havia segurado, puxou com todas as suas forças.

Lucy gritou; suas unhas cravaram-se no rosto de Dolly.

Sartoris recuou. Não poderia interferir na briga, seu coração que recentemente fraquejara, procurava repouso. Doía até mesmo olhar para aquelas duas mulheres brigando na mais completa e mortal paixão. Fechar os olhos era pior, ele ainda conseguia ouvir o barulho da luta. Lentamente, ele caminhou em direção à casa de bonecas de Joãozinho e Maria, pensando em proteger as crianças.

Sentindo muita dor no nariz inchado, Nick olhava estupidamente para o aparelho que tinha nas mãos. Fosse o que fosse, ele não sabia como usá-lo. Segurava-o entre o indicador e o polegar, achando que a coisa era tremendamente daninha. Receava interpor-se no caminho das duas mulheres que brigavam usando dentes, unhas e cotovelos com selvagem abandono. Alguma parte masculina dele estava desanimada diante daquela violência feminina.

As duas quase igualavam-se em sua força. Já começando a cansar-se, tinham que pensar em seus movimentos. A selvageria, mais lenta, tornou-se também mais intensa. Sendo mais forte, Lucy empurrou Dolly contra a parede do quarto com janela. Estava determinada a bater a cabeça da sogra contra o vidro, usando o queixo de Dolly como alavanca. Enfurecida pelo desespero, Dolly procurou atingir a garganta de Lucy com seus dedos de unhas prateadas. O equilíbrio mudou abruptamente; Lucy começou a enfraquecer-se pela falta de oxigênio. Os olhos de Dolly saltavam para fora com o esforço.

Recuperando-se do transe, Nick Weiler deixou o miniaturizador cair no terreno do modelo da Casa Branca e andou em direção às mulheres.

Lucy fez um último e violento esforço. Num espasmo de resistência que parecia agita-la dos pés à cabeça, ela agarrou Dolly e atirou-a contra a janela. Um pedaço de vidro do tamanho de uma cabeça caiu silenciosamente. O nariz de Dolly começou a sangrar e, flácida, ela caiu em cima de Lucy.

O peso morto da mulher empurrou Lucy, no limite da exaustão, para trás. Ela começou a ajoelhar-se. Leighton Sartoris esquivou-se. Nick gritou sem muita vontade:

- Pare!

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Lucy investiu mais uma vez com toda sua força contra Dolly. O corpo flácido pareceu voar em direção à janela indo de encontro ao vidro, que partiu-se. Ela desapareceu.

Lucy girou e desabou nos braços de Nick Weiler. Foi Sartoris quem observou e testemunhou pela janela quebrada a queda do corpo de Dolly, que girava como uma boneca de trapo em câmara lenta. Dolly foi ficando cada vez menor, até perder o contorno, transformando-se numa figura negra que chocou-se contra o solo. Não houve nenhum barulho, nem grito. Ela chocou-se contra o solo e desintegrou-se. Sartoris fechou os olhos por um breve lapso de tempo e, em seguida, virou-se para os vivos.

Apesar da presença de Leighton Sartoris e de pelo menos três outras testemunhas, inclusive Ruta Lansky, sua criada, a ex-nora Lucy Douglas e Nicholas Weiler, diretor do Dalton Institute, os fatos sobre a morte de Dorothy Hardesty Douglas continuam estranhamente obscuros. O relato oficial proporcionado pela polícia sugere que a filha do ex-presidente, deprimida com a morte por afogamento de seus dois netos, tornou-se potencialmente suicida. Lucy Douglas, a mãe das crianças desaparecidas, sofreu numerosos cortes e escoriações e Weiler teve seu nariz quebrado ao tentar, sem sucesso, impedir o suicídio de Dorothy.

O dia da morte de Dolly começou na ilha da costa do Maine, onde Sartoris vive há décadas uma existência quase ermitã. Dorothy Hardesty Douglas, a viúva de seu filho, Lucy Douglas, os filhos desta, Laurie de sete anos e Zachary de quatro, Roger Tinker, um amigo da família, e Nicholas Weiler, filho natural de Sartoris, estavam visitando a ilha após o aparente seqüestro e possível assassinato de Maggie Weiler, mãe de Nicholas e concubina de Sartoris tempos atrás. Dolly Douglas saiu da ilha pela manhã. Um telefonema dado por Lucy Douglas para o aeroporto de Bar Harbor, perguntando se Dolly Douglas era a única passageira do helicóptero, sugere que quando se descobriu o desaparecimento das crianças, Lucy suspeitou que sua sogra poderia estar com elas. Ó fato de Sartoris, Lucy Douglas e Weiler, namorado de Lucy, terem seguido Dolly até

Manhattan. sustenta a hipótese de que acreditavam que ela poderia ter levado os netos.

Pontos confusos: por que só se começou uma busca às crianças por mar e ar após a morte de Dolly? E qual o paradeiro de Tinker, último namorado de Dolly, que pode estar ou não comprometido com esse desaparecimento? Um informe não confirmado sobre o desaparecimento de um escaler da casa de Sartoris forma a base de uma teoria: que Roger Tinker, com o conhecimento de Dolly e, possivelmente, a mando desta, pode ter tentado raptar as crianças para depois ir encontra-la em um lugar secreto combinado com antecedência e que o rapto terminou tragicamente nas águas notoriamente agitadas da costa da ilha. Se esta teoria estiver certa, então a perda dos netos e amante, pode ter sido a causa do suicídio Miniaturas do Terror - Tabitha King

da filha de Mike Hardesty, isso sem contar as graves acusações que vão desde seqüestro até assassinato (o homicídio não premeditado que ocorra durante o cometimento de um crime torna-se automaticamente homicídio em primeiro grau).

Mas é pouco provável que toda a verdade venha a ser conhecida um dia.

22/8/80

- VI Perpetrações

Eles voltaram para a ilha. Como sempre, foi impossível conversar-se com o barulho do helicóptero quando sobrevoavam o mar, mas deram-se as mãos quando a mancha negra no azul cresceu rápida e magicamente, transformando-se em um pedaço de terra. E

então puderam ver o velho e Ethelyn Blood esperando por eles com o pônei e a charrete.

Lucy estava bem mais magra, Sartoris notou enquanto ela caminhava abaixada para escapar das hélices. Ele segurou-a e beijou-a no rosto. Ela escondera os olhos sob óculos escuros, um gesto de cortesia para poupa-lo da dor. O velho espiou ansioso o filho por cima dos ombros dela. Nick fez um gesto com os ombros enquanto levantava a bagagem para a charrete.

Poucos minutos depois, estavam sentados no terraço desfrutando do silêncio

mútuo. O

dia estava agradavelmente quente, com o calor efémero de um sol de outono. Com uma certa cerimônia, Ethelyn Blood serviu chá quente temperado com laranja. O delicado aroma do chá misturava-se ao cheiro de maresia, dando-lhes um rico sentido do dia.

- Você contou a coisa toda para Lucy? - disse Sartoris colocando sua xícara em cima da mesa.

- Não - respondeu Nick estendendo o braço para segurar a mão de Lucy.

Fora o gesto convulsivo para alcançar a mão de Nick, Lucy estava sentada como uma pedra.

- Desculpe-me - começou o velho. Ela virou os olhos protegidos em direção a ele, mas Sartoris não pôde ter certeza se realmente ela o estava encarando. - As fofocas dos jornais, quero dizer, e ficar de boca calada durante tanto tempo.

Ela desviou os olhos para o mar.

- Você acreditaria na verdade se não tivesse visto com os próprios olhos?

- Não - disse ela em voz tão baixa que ele mal pôde ouvir.

- Claro que não. E Nicholas e eu achamos que haveria um grande espaço para o mau uso do aparelho.

Ela riu um sorriso amargo.

- Você estava em choque. A decisão foi minha de manter a coisa em segredo. Tirei as crianças e Tinker do apartamento, como Nicholas lhe contou, dentro de uma caixinha de jóias de Dolly. Ela era bem pequena a ponto de caber em meu bolso e, aparentemente, ninguém teve a idéia de revistar uma velha relíquia como eu. Não lhe dei nenhuma esperança, pois achava realmente que não iriam sobreviver. Pelo que Tinker lhe havia dito, a coisa matara Maggie e sua criada e também não podíamos ter certeza de que Dolly operara corretamente. Fomos capazes de convencer a polícia de que a morte de Dolly havia sido acidental, que

ela atacara você e você se defendeu. Eles chamaram isso de suicídio, poupando-se da ação legal contra você e de mais investigações. O fato de as crianças estarem desaparecidas, pesou a seu favor, acho. Claro que havia um grande buraco nessa história toda.

- A empregada - disse Lucy.

- Sim. Mulher estúpida. Ela havia visto Tinker. Felizmente ficou histérica e a polícia descontou a prova dela. Eu disse que havíamos chegado sem Tinker, apenas nós três. A fama tem seus lucros. Verificou-se depois que Roger Tinker tem uma mãe que escreveu uma série de cartas para a polícia. Uma coisa bem patética na minha opinião, mas a polícia achou-a divertida.

Lucy sorriu languidamente.

- Como seu pai está encarando a coisa?

- Ele acha que de tanto cheirar cola meu cérebro virou mingau. Encarregou Nick de minha guarda, achando que um homem acabaria tomando conta de mim.

- Ele suspeita muito pouco - murmurou Nick - de quem toma conta de quem.

- Vamos ter de falar sobre isso de novo? - disse Lucy com uma vozinha sumida.

Sartoris suspirou e deu-lhe um tapinha na mão.

- Não mais. Vamos até o meu estúdio.

Ela levantou-se tirando os óculos de sol. O rosto ainda apresentava hematomas e sombras púrpuras debaixo dos olhos.

- Quero vê-los - sussurrou ela.

Uma música de carrossel, nítida e tão distante que parecia vir de um outro mundo, chegou-lhe aos ouvidos antes que entrasse no estúdio.

A casa de bonecas já consertada de grande parte dos estragos do incêndio, estava situada em uma antiga caixa de areia que transformara-se em um jardim mais maravilhoso do que qualquer outra coisa que a casa tivera antes. O carrossel no meio de um labirinto de roseiras, framboesas e girassóis, girava seguidamente

diminuta música. As crianças montavam a cavalo, seus filhos, que não a viam, mas que continuaram brincando de cavaleiros e rainhas.

Lucy gritou uma vez, mas Sartoris calou-a puxando-a para o lado.

- Existem mais coisas que devem ser instaladas. O som de nossas vozes é alto demais para os ouvidos deles. Não contei para você porque você não perguntou. Tinker também está vivo, apesar de ter perdido muito sangue. Ele tem uma oficina na casa de bonecas e trabalha quase o tempo inteiro. Está tentando descobrir uma maneira de reverter o processo. Tivemos algumas conversas. Ele me deu instruções sobre o uso e conserto dessa coisas e me contou toda a verdade. Está tomando conta das crianças com a ajuda que eu e Ethelyn lhe damos.

As mãos de Lucy voaram para tapar a própria boca:

- Esse monstro!

Sartoris observou-a durante alguns instantes, como se quisesse memorizá-la. Em seguida, arrastou-se até a escrivaninha e retirou o miniaturizador da gaveta onde guardava o Wild Turkey.

- Por enquanto o processo é irreversível. Se alguém pode mudá-lo algum dia, esse alguém é esse homenzinho. Sim, ele é mesmo um tipo de monstro. Ele confessou que sabe muito pouca coisa acerca dos efeitos a longo prazo. Ele diz que é possível que vá

ter o tempo de vida de um camundongo, ou de qualquer outro pequeno roedor.

Lucy encarou-o calmamente.

- Por favor - disse.

Nick tornou a estender o braço em sua direção como para impedi-la. Ela deixou que ele a amparasse, beijou-lhe o rosto e livrou-se de seus braços. Ele tampou os olhos.

Depois que ela foi miniaturizada e colocada em uma cama da casa de bonecas

sob os cuidados de Roger Tinker, os dois homens ficaram observando os giros do carrossel durante algum tempo.

No fim, o filho virou-se para o pai e disse:

- Minha vez.

O velho hesitou.

- Nicholas, sou muito velho. Não sou mais o homem que era aos setenta e cinco. Duvido se tenho mais do que cinco anos de vida. Todos os dias sinto quanta coisa perdi, quanta coisa deixei passar. Quem tomaria conta de vocês? E deles?

- Ethelyn está aí mesmo. E o pai de Lucy. Ele vai, acreditar quando vir.

Miniaturas do Terror - Tabitha King

Sartoris desistiu. A coisa seria feita. Eles abraçaram-se.

- Adeus - sussurrou Nick. - Eu te amo. Lembre-se que não estou indo muito longe.

Estaremos mais perto do que estivemos durante esses anos. E não se preocupe conosco, nós sobreviveremos.

E eles sobreviveram.

* * *

Document Outline

- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××
- ××